

O Livro dos Segredos Volume 3

OSHO

AnDre
Advaita Samtusti
[a r z @terra.com.br](mailto:ar_z@terra.com.br)

Agradecimento a Ma Gyan Darshana por disponibilizar o ebook em espanhol

Capítulo 41

Métodos Tântricos para ser Consciente e não Julgar

Os Sutras

64 *Ao começo de um espirro, quando sentir pavor, em meio da ansiedade, sobre um abismo, em uma batalha, ao sentir uma curiosidade extrema, ao princípio da fome, ao final da fome, sei consciente ininterruptamente.*

65 *A pureza de outros ensinamentos é uma impureza para nós. Em realidade, não considere nada puro ou impuro.*

A vida é um paradoxo. Para ir perto tem que viajar muito longe, e o que já se conseguiu tem que voltar a obtê-lo. Nada se perde. O homem permanece natural, o homem permanece puro, o homem permanece inocente; é só que o esquece. A pureza não é alterada, a inocência não é destruída. Só há um profundo esquecimento.

O que terá que obter já o é. Em essência, não terá que obter nada novo. Só tem que descobrir, desvelar, abrir o que já está aí; daí tanto a dificuldade como a simplicidade do esforço espiritual; as duas coisas... É muito singelo se pode entender, mas é muito difícil porque tem que compreender o que esqueceste completamente, o que é tão óbvio que nunca toma consciência disso, o que é como sua respiração. Acontece continuamente, ininterruptamente, mas como acontece continuamente, ininterruptamente, não precisa ser consciente disso. Sua consciência não é necessária; não é um requisito básico. Pode esquecê-la ou pode recordá-la; é uma eleição.

Samsara e *nirvana*, o mundo e o estado liberado de consciência, não são duas coisas; só duas atitudes, só duas opções. Pode escolher qualquer das duas. Pode estar no mundo devido a certa atitude, e o mesmo mundo se volta o *nirvana*, o mesmo mundo se volta sorte absoluta, com apenas trocar de atitude. Segue sendo o mesmo, tudo permanece igual; só se requer uma mudança de enfoque, uma mudança de ênfase, uma mudança de opção. É fácil. Uma vez que tenha obtido a sorte absoluta, rirá-te disso. Uma vez que a conheça, não poderá compreender por que lhe estava perdendo isso, como lhe podia perder isso. Sempre esteve aí esperando a que a visse, e era tua.

Um buda ri. Tudo o que o alcança ri, porque todo isso parece ridículo. Estava procurando algo que nunca se perdeu. O esforço inteiro era absurdo. Mas isto acontece só quando o alcançaste, de modo que os que o alcançaram dizem que é muito simples. Mas os que não o alcançaram dizem que é o mais árduo, o mais difícil; em realidade, não simplesmente difícil, a não ser o mais impossível.

Estes métodos dos que falaremos são ditos por alguém que o alcançou...; recorda isto. Parecerão muito simples, e o são. Para nossas mentes, as coisas tão simples não podem ser atrativas, porque se estas técnicas são tão singelas e a morada está tão perto, se já estiver nela, se as técnicas forem tão simples e o lar está tão perto, parecerá-te ridículo a ti mesmo. Então por que lhe está perdendo isso? Em vez de sentir a ridicularia de seu próprio ego, pensará que uns métodos tão simples não podem ajudar.

Isso é uma falácia. Sua mente te dirá que estes métodos simples não podem servir para nada, que são tão simples que não podem obter nada. Para obter a existência divina, para obter o absoluto e o supremo, como vão usar se métodos tão simples? Como vão servir para algo? Seu ego dirá que não podem servir para nada.

Recorda outra coisa: o ego sempre está interessado em algo que é difícil, porque quando algo é difícil há um desafio, e se pode superar a dificuldade, seu ego se sentirá satisfeito. O ego nunca se sente atraído para nada que seja simples, nunca! Se quer lhe dar a seu ego um desafio, tem que urdir algo difícil. Se algo for simples, não há atração, porque, inclusive se pode conquistá-lo, não haverá satisfação para o ego. Para começar, não havia nada que conquistar; era muito simples... O ego pede dificuldades: alguns obstáculos que superar, algumas topos que conquistar. E quanto mais difícil seja o topo, mais a gosto se sentirá seu ego.

Como estas técnicas são tão simples, não terão nenhum atrativo para sua mente. Recorda: o que atrai ao ego não pode ser útil para seu crescimento espiritual. Só o que não tem atrativo para seu ego pode ser uma ajuda para a transformação. Mas isto é o que acontece: se algum professor disser que isto ou o outro é muito difícil, muito árduo, que só depois de vistas e vistas e vistas terão a possibilidade de algum vislumbre, seu ego se sentirá bem.

Estas técnicas são tão simples que agora mesmo, aqui e agora, isso é possível. Mas então não há contato com seu ego. Se disser que agora mesmo, aqui, neste mesmo momento pode obter tudo o que lhe é possível obter ao homem, que pode te voltar um buda ou um Cristo ou um Krishna neste mesmo momento, aqui e agora, sem perder um só instante, então não haverá contato com seu ego. Dirá: «Isto não é possível. Devo ir a alguma outra parte para buscá-lo». E estas técnicas são tão simples que pode obter tudo o que lhe é possível obter a consciencia humana no momento em que ditas obtê-lo.

Quando digo que estas técnicas são simples, quero dizer muitas coisas. Primeiro, a explosão espiritual não está causada por nada; não é um fenômeno causal. Se estivesse causada por algo, então seria necessário tempo, porque se requer tempo para que a causa tenha lugar. E se se requer tempo, então não pode ser, não pode acontecer neste mesmo momento. Então terá que esperar a manhã ou a outra vida. Será necessário o momento seguinte. Se algo for causal, então a causa tem que ter lugar, e então depois da causa virá o efeito, e não pode produzir o efeito agora mesmo sem a causa; necessitará-se tempo. Mas um sucesso espiritual não é um fenômeno causal. Já está nesse estado; só é necessário recordar. Não é um fenômeno causal.

É desta maneira: alguém te despertou de repente pela manhã e não pode reconhecer onde está. Por um momento pode que nem sequer reconheça quem é. Em um despertar repentino de um sonho profundo, pode que não seja capaz de reconhecer o lugar, a hora, mas em um momento o reconhecerá. quanto mais alerta ponha, mais reconhecerá quem é, onde está e o que aconteceu. Isto não é algo causal: só uma questão de alerta. Ao aumentar a alerta, reconhecerá.

Todas estas técnicas são para aumentar a alerta. Já é a pessoa que anseia ser, já está onde quer chegar. Já chegaste a casa. Em realidade, nunca saiu dela. Sempre estiveste ali, mas sonhando, dormido. Pode dormir aqui e logo pode sonhar, e em seu sonho pode ir a qualquer parte; pode ir ao inferno ou ao céu ou a qualquer parte.

observaste alguma vez que em qualquer lugar que esteja em seu sonho, uma coisa é segura?...: nunca está na habitação em que está dormido. observaste esse fato? Pode estar em qualquer parte, mas nunca estará na mesma habitação, ou no mesmo leito em que está. Como já está aí, não há necessidade de sonhar com isso. Sonhar significa que tem que sair de viagem.

Pode que esteja dormindo nesta habitação, mas nunca sonhará com esta habitação. Não há necessidade, já está aí. A mente deseja algo que não há, assim que a mente se vai. Pode que vá a Londres, a Nova Iorque, a Calcuta, aos Himalayas, ao Tíbet, a qualquer parte. Pode ir a qualquer parte, mas nunca estará aqui. Pode estar em qualquer parte, mas nunca aqui: e você está aqui.

Isto é o que acontece. Está sonhando. Sua existência divina está aqui; você é *isso*. Mas estiveste viajando muito tempo... E cada sonho cria uma nova seqüência de sonho. Cada sonho cria novos sonhos, e segue sonhando e sonhando e sonhando.

Todas estas técnicas são só para te pôr alerta, para que possa sair de seus sonhos e voltar para lugar em que sempre estiveste, ao estado que nunca perdeste. E não pode perdê-lo, é sua natureza: é *swabhav*. É seu próprio ser, assim que como vais perder o? Estas técnicas são só para ajudar a que seu alerta cresça mais, para ajudá-la a que se volte mais intensa. Com a intensidade da consciencia, tudo troca. quanto mais intensa é a consciencia, menor é a possibilidade de sonhar; volta-te mais e mais alerta do real. Quanto menos intensa é a consciencia, mais te perde em sonhos. De maneira que todo o fenômeno é que um estado mental não alerta é o mundo, e um estado mental alerta é o *nirvana*. Não alerta é o que parece ser. Alerta é o que é.

De modo que toda a questão é como transformar seu estado mental não alerta em um estado mental alerta, como voltar-se mais consciente, como deixar de dormir e sonhar. Por isso as técnicas podem resultar úteis. Inclusive um despertador pode ser útil: um mecanismo artificial, um despertador. Se o despertador ficar em marcha, pode te ajudar a sair de seu sonho. Mas também pode enganá-lo; pode inclusive sonhar com isso, e então todo se falsifica. Quando o despertador fica em marcha, pode sonhar, pode ter um sonho também sobre o despertador. Pode sonhar que entraste em um templo e os sinos estão soando. enganaste ao despertador. Poderia ter quebrado seu sonho, mas pode convertê-lo no sonho mesmo; pode fazê-lo parte de seu sonho.

Se pode fazê-lo parte de seu sonho, se pode ser absorvido no processo de sonhar, então não pode te ajudar. Pode sonhar algo, e então não parecerá um despertador. tornou-se outra coisa. entraste em um templo e os sinos estão... Já não há necessidade de despertar. converteste o despertador, o real, em um sonho, e um sonho não pode ser perturbado por outro sonho; só pode ser ajudado.

Estas técnicas são todas artificiais em certo modo. São só estratagemas para te ajudar a sair de seu estado de sonho, mas pode as fazer também parte de seu sonho. Então perde a oportunidade. Então *perde* a oportunidade! Tenta compreender isto, porque isto é muito básico. E uma vez compreendido, será útil; do contrário, pode seguir te enganando a ti mesmo.

Por exemplo, eu digo: «Dá um salto e tomada *Isso sannyas* é só um ardil. Sua velha identidade se rompe; seu nome de antes se volta como se pertencesse a outra pessoa. Pode olhar seu passado com mais desapego. Pode ser um observador. Está distante; criou-se uma distância. Dou-te um novo nome e roupa nova só para criar a distância. Mas você pode fazê-lo parte de seu sonho; então perderá toda a oportunidade. Pode pensar ainda do ponto de vista do velho: que o homem de antes, A, tomou *sannyas*. Sente: «*Eu* tomei *sannyas*». «Eu» sigo sendo o de antes. «Eu» troquei minha roupa, meu nome, mas «eu» sigo sendo o de antes, e o de antes continua. Agora este *sannyas* é só um pouco acrescentado ao de antes. Não é descontínuo, a não ser contínuo. Se for contínuo, se *você* tomaste *sannyas*, o de antes, se *você* trocasse que roupa e de nome, perdeste a oportunidade.

Você deve estar morto; já não deve ser o de antes. Deve sentir que o de antes morreu, que isto é uma nova entidade que nunca conheceu, que isto não é algo que cresceu que o de antes. Isto é descontínuo com o de antes. Então, o ardil terá ajudado. Então o despertador terá funcionado e a técnica é útil. Não está perdendo a oportunidade. Todas estas técnicas lhe dão a possibilidade de lhe perder isso ou das usar; depende. Mas, recorda bem, as técnicas são só técnicas. Se compreender o espírito, pode-te voltar alerta incluso sem nenhuma técnica.

Por exemplo, pode que o despertador não seja necessário. Aprofunda nisso. por que necessita um despertador? Se quer te levantar cedo, às três da manhã, por que necessita um despertador? No mais profundo de ti sabe que pode te enganar a ti mesmo, e no fundo sabe que se realmente quer te levantar às três, levantará às três e não é necessário nenhum relógio. Mas com o relógio, aparta a responsabilidade. Você já não será responsável. Agora, se algo for mau, o relógio é responsável. Agora pode dormir sem dificuldade. Agora está aí o relógio; pode dormir sem nenhuma perturbação.

Mas se realmente quer te levantar cedo às três, levantará-te cedo às três. Não é necessário nenhum relógio. Esta mesma intensidade para te levantar fará que aconteça. Esta vontade de te levantar às três pode ser tão intensa que é possível que não durma absolutamente, e não haverá necessidade de levantar-se; estará já acordado toda a noite. Mas para dormir bem é necessário o despertador. Então te pode ir dormir. Mas pode enganar. Quando o despertador fique em marcha, pode enganar; pode sonhar com isso.

Estas técnicas só são úteis porque sua intensidade é baixa. Se for realmente intenso, não há necessidade de nenhuma técnica; pode estar alerta. Mas sua intensidade não é tal. Inclusive com a técnica pode que comece a sonhar, e há muitas possibilidades. A primeira possibilidade é que não cria que técnicas tão simples possam ser de utilidade. Isto é o primeiro. Então não há contato. Em segundo lugar, pode que pense que é necessário um processo larguíssimo, que virá gradualmente. Mas há certas coisas que só acontecem súbitamente; nunca chegam gradualmente.

Isto me recorda que lhe pediram a Amacie Nasruddin que desse suas bênçãos a um dos filhos de seu vizinho por seu aniversário. Assim disse: «Filho, espero que vivas cento e vinte anos e três meses». A todo mundo sentiu saudades este «e três meses».

O filho perguntou: «Mas por que? Está bem cento e vinte anos. por que "e três meses"?».

Assim Amacie Nasruddin disse: «Não quisesse que morrera tão de repente. Só cento e vinte anos, e de repente morre? Não quisesse que murieses tão súbitamente; por isso "e três meses"».

Mas inclusive com «e três meses» morrerá súbitamente de todas formas. Quando for morrer, fará-o repentinamente. Toda morte é uma morte repentina. Nenhuma morte é gradual, porque ou está vivo ou está morto. Não há nenhum processo gradual. Em um momento está vivo e ao momento seguinte está morto. Não há processo temporário; a morte é súbita.

O *samadhi* também é súbito. A explosão espiritual também é súbita. É como a morte. É mais como a morte que como a vida; é repentina. Pode acontecer em qualquer momento. Se estiver preparado, estas técnicas podem ser úteis. Não o trarão gradualmente; em realidade, levarão-lhe gradualmente a estar preparado para o sucesso repentino. Recorda esta distinção: estão-lhe preparando para que aconteça o *samadhi* súbito.

Estas técnicas não são técnicas para o *samadhi*; são técnicas para te preparar, e então acontece o *samadhi*. Assim depende de ti como use estas técnicas. Mas não pense que é necessário um processo muito comprido, porque pode que isso seja só um truque. A mente diz que é necessário um processo muito comprido para que possa pospor. Pode dizer: «Farei-o amanhã ou depois de amanhã», e pode seguir pospondo para sempre. Uma mente que pospor segue sempre pospondo. Não é uma questão de se for fazer amanhã; só há uma questão, porque não o vais fazer hoje, isso é tudo. Amanhã será outra vez um hoje, e a mesma mente dirá: «Muito bem, o vou fazer amanhã».

E, recorda, nunca pospor para anos. Pospor para um dia, porque se pospor para anos não pode te enganar a ti mesmo. Diz: «É só questão de um dia. É só hoje quando

não vou fazer o; farei-o amanhã». E o intervalo é tão pequeno que nunca te parece que o está pospondo para sempre.

Amanhã nunca chega, sempre é hoje. E esta mente que pensa em função de amanhã, *sempre* pensará em função de amanhã. E nunca chega, nunca foi, nunca será. Quão único tem é este momento, assim não siga pospondo.

Agora entraremos nas técnicas.

64 Ao princípio de uma sensação forte, sei consciente.

Primeira técnica: *Ao começo de um espirro, quando sentir pavor, em meio da ansiedade, sobre um abismo, em uma batalha, ao sentir uma curiosidade extrema, ao princípio da fome, ao final da fome, sei consciente ininterruptamente.*

Parece tão singelo: ao começo de um espirro, quando sentir pavor, em meio da ansiedade ou antes da fome ou depois da fome, sei *consciente ininterruptamente*. Terá que compreender muitas coisas. Atos muito singelos, como espirrar, podem ser usados como ardis, porque independentemente de quão simples pareçam, são muito complexos, e o mecanismo interno é muito delicado. Sempre que sentir que chega um espirro, ponha alerta, e pode que o espirro não chegue absolutamente. Pode que simplesmente desapareça, porque um espirro é algo involuntário: inconsciente, não voluntário.

Não pode espirrar voluntariamente; não pode forçá-lo. Como vais poder? Que necessitado é o homem! Não pode forçar nem um simples espirro. Não importa como o tente, não pode produzi-lo. Um simples espirro..., um pouco tão pequeno, mas não pode forçá-lo. É involuntário; não é necessária a volição. Não acontece por causa de sua mente; é por causa de todo seu organismo, todo seu corpo.

E em segundo lugar, quando te põe alerta, quando está chegando o espirro -não pode fazer que venha, mas quando estiver chegando-, se puser alerta, pode que não venha, porque está acrescentando algo novo ao processo: a alerta. Pode que desapareça, mas quando o espirro desaparece e está alerta, há uma terceira coisa. Primeiro, um espirro é involuntário. Você acrescenta algo novo: a alerta. Quando chega a alerta, pode que o espirro não venha. Se realmente estiver alerta, não virá; pode que não aconteça absolutamente. Então acontece uma terceira coisa. A energia que ia ser liberada por meio do espirro, onde vai? Vai a seu alerta. de repente há um *flash*, um brilho. Volta-te mais alerta. A energia que ia ser jogada com o espirro vai a alerta. de repente te volta mais alerta.

Nesse *flash*, nesse brilho, inclusive a iluminação é possível. Por isso digo que estas questões são tão simples, parecem absurdas. Sua promessa parece ser excessiva. Com apenas espirrar, como vai se poder iluminar-se um? Mas espirrar não é só espirrar; está totalmente comprometido nisso. O que faz ou o que te acontece é uma implicação total. Observa de novo: sempre que acontece um espirro, está totalmente nele com todo seu corpo, toda sua mente. Não é só em seu nariz onde está acontecendo o espirro; cada fibra, cada célula de seu corpo está implicada nisso. Um sutil tremor, um sutil estremecimento percorre todo o corpo, e com ele todo o corpo se concentra. E quando o espirro aconteceu, todo o corpo se relaxa. Mas é difícil levar a alerta a isso. Se levar a alerta a isso, não acontecerá, e se acontece pode saber que não havia alerta. Por isso deveria estar alerta.

Ao *começo* de um espirro..., porque se já começou, não se pode fazer nada. A flecha saiu; já não pode trocar nada. O mecanismo começou. A energia está em caminho

de ser liberada; não a pode parar. Pode parar um espirro na metade? Como vais poder pará-lo na metade? Para quando estiver preparado, já aconteceu. Não pode pará-lo na metade.

Justo ao princípio, ponha alerta. No momento em que note a sensação de que está vindo, ponha alerta. Fecha os olhos e sei meditativo. Ponha toda sua consciência justo no ponto em que está sentindo a sensação de um espirro que se aproxima. Justo ao princípio, ponha alerta. O espirro desaparecerá, e a energia será transformada em mais alerta. E como no espirro está comprometido todo o corpo, está comprometido todo o mecanismo -é um mecanismo para liberar energia, e você está alerta neste momento-, não haverá mente, não haverá pensamento, nem meditação.

Em um espirro, o pensamento se detém.

Por isso a tanta gente gosta do rapé. Descarrega-lhes; suas mentes se sentem mais relaxadas porque, por um momento, o pensamento se detém. O rapé lhes dá um vislumbre de não pensar. Por meio do rapé, quando chega o espirro, são mentes, voltam-se corpos. A cabeça desaparece por um só momento, mas é uma sensação prazenteira.

Se te acostumar ao rapé, é muito difícil deixá-lo. É um hábito mais penetrante que fumar; fumar não é nada comparado com isso. Penetra mais profundamente, porque fumar é consciente e espirrar é inconsciente. Deixar o rapé é mais difícil que deixar de fumar. E fumar se pode trocar, podem-se encontrar substitutos, mas não há nenhum substituto para o rapé, porque, em realidade, espirrar é um fenômeno muito único no corpo.

A única outra coisa que pode comparar-se, e que foi comparada, é o ato sexual. Os que pensam em termos fisiológicos dizem que o ato sexual é como espirrar através do órgão sexual. E a similitude existe. Não é cem por cem correto, porque há muitas mais costuras implicadas no sexo, há coisas mais importantes implicadas nele. Mas ao princípio, justo ao princípio, a similitude existe.

arroja-se algo pelo nariz e se sente aliviado e se arroja algo pelo órgão sexual e se sente aliviado. E ambas as coisas são involuntárias. Não pode entrar no sexo a vontade. Se o tenta fracassará..., especialmente os homens, porque o órgão sexual do homem tem que fazer algo. É ativo. Não pode forçar seu ato, e se o tenta, então quanto mais o tente, mais impossível será. Pode acontecer, mas não pode fazer que aconteça. devido a isto, no Ocidente o sexo se tornou um problema. Neste meio século se desenvolveu no Ocidente o conhecimento de sexo, e todo mundo se tornou tão consciente dele que o ato sexual se está voltando mais, mais impossível.

Se estiver alerta, o sexo será impossível. Se um homem estiver alerta enquanto está fazendo o amor, quanto mais alerta esteja, mais difícil será. Não poderá ter uma ereção. Não pode ser forçada, e se a forçar, perderá-a. O mesmo método, a mesma técnica, pode-se usar no sexo. Justo ao princípio, quando notar a sensação de que vais ter uma ereção mas ainda não a tem, sente a vibração, ponha alerta. A vibração se perderá, e a mesma energia irá a alerta.

O tantra usou isto. Provou-o que muitas maneiras. Haverá uma bela mulher nua como objeto para a meditação, e o buscador, o meditador, sentará-se ante a mulher nua médio tendida perto de seu corpo, sua forma, suas proporções, esperando à primeira sensação no centro sexual. No momento em que chegue a sensação, fechará os olhos. Esquecerá-se da mulher. Fechará os olhos e se manterá alerta à sensação. Então a energia sexual está sendo transformada em alerta.

Lhe permite meditar com a mulher nua só até o ponto em que sintas a sensação. Então tem que fechar os olhos e entrar em sua própria sensação e ficar alerta ali, o mesmo que se faz ao espirrar. E por que acontece este *flash*? Porque a mente não está

aí. O básico é que se a mente não estiver aí e está alerta, terá um *satori*, terá o primeiro vislumbre do *samadhi*.

O pensamento é a barreira. De modo que se o pensamento desaparece, de uma maneira ou outra acontecerá. Mas o pensamento deve desaparecer; só então há alerta. O pensamento pode desaparecer inclusive enquanto dorme; o pensamento pode desaparecer quando te deprime; o pensamento pode desaparecer quando toma certas drogas. O pensamento desaparece, mas então não há alerta para ser consciente do fenômeno que está oculto atrás do pensamento. Assim, defino a meditação como consciencia sem pensamentos. Pode estar sem pensamentos e inconsciente; então não tem significado. Pode estar consciente com pensamentos; já o está.

Une estas duas coisas: consciencia e ausência de pensamentos. Quando se juntam, acontece a meditação, nasce a meditação. E pode provar com coisas muito pequenas, porque, em realidade, nada é pequeno. Inclusive um espirro é um fenômeno cósmico. Na existência, nada é grande e nada é pequeno. Inclusive um átomo diminuto pode destruir o mundo inteiro, e inclusive um espirro, um fenômeno muito atômico, pode transformar.

Assim não considere pequenas ou grandes as coisas. Não há nada pequeno e não há nada grande. Se tiver o olho penetrante, então são vitais costure muito pequenos. Entre os átomos há universos ocultos, e entre o universo e um átomo não pode dizer qual é grande e qual é pequeno. Inclusive um só átomo é um universo em si mesmo, e o maior universo não é nada a não ser átomos.

Assim não pense em términos de grande e pequeno. Prova-o. Não diga: «O que pode acontecer em um espirro? estive espirrando toda minha vida, e não aconteceu nada».

Introduz esta técnica: *Justo ao começo de um espirro, quando sentir pavor...*, quando tiver medo e chegue o medo, quando notar que chega o medo, toma consciencia e o medo desaparecerá. Com o estado de alerta não pode haver medo. Como vais ter medo quando está alerta? Só pode ter medo quando perde a alerta. Em realidade, um covarde não é uma pessoa que tem medo; um covarde é uma pessoa que está dormida, e um valente é uma pessoa que pode levar seu estado de alerta aos momentos de medo. De maneira que o medo desaparece.

No Japão, adestram a seus guerreiros para estar alerta. O adestramento básico é para estar alerta, e todo o resto é secundário: a habilidade com a espada, com o arco, tudo é secundário. sabe-se, diz-se do grande professor Zen Rinzai que nunca obteve - nunca obteve no arco e flecha dar no ponto correto, no branco certo. Sua flecha sempre errava; nunca chegava ao ponto certo. E lhe conhece como um dos arqueiros mais insignes, assim que a gente pergunta: «Como é que Rinzai é conhecido como um dos arqueiros mais insignes, quando alguma vez dava no branco e errava sempre o ponto? Sua flecha alguma vez dava no alvo, assim que como é que lhe conhece como um dos arqueiros mais sobressalentes?».

Os seguidores do Rinzai dizem: «Não é o fim, a não ser o princípio. Não nos interessa que a flecha chegue a seu fim; interessa-nos quando a flecha começa sua viagem. Interessa-nos Rinzai. Quando a flecha deixa o arco, ele está alerta; isso é tudo. Não é o resultado; isso é irrelevante».

Um homem era discípulo do Rinzai. Ele mesmo era um grande arqueiro, nunca falhava o branco, e acudiu ao Rinzai para aprender, assim que alguém disse: «A quem vai aprender? O não é um professor; nem sequer é um discípulo. É um fracassado, e você é um grande professor e vai ao Rinzai para aprender?».

Assim que o arqueiro disse: «Sim, porque eu tive êxito tecnicamente. Mas no referente a meu consciencia, sou um fracasso. Ele é tecnicamente um fracasso, mas no

que concerne a sua consciência é o arqueiro e o professor, porque quando a flecha sai, ele está alerta, e isso é o importante».

Este arqueiro que era um professor tecnicamente teve que aprender durante anos com o Rinzai, e todos os dias era cem por cem preciso com sua pontaria. Rinzai estava acostumado a dizer: «Não, não o faz bem. Tecnicamente, a flecha sai corretamente, mas você não está nisso; não está alerta. A soltas estando dormido».

No Japão estiveram adestrando a seus guerreiros primeiro para estar alerta, e todo o resto é secundário. Um guerreiro é valente se pode estar alerta. E se notou na Segunda guerra mundial que os guerreiros japoneses não têm par; sua valentia é incomparável. De onde lhes vem? Fisicamente não são tão fortes, mas o medo não pode entrar na consciência, no estado de alerta. Não têm medo, e quando chegar o medo provarão métodos Zen.

Este sutra diz: *Quando sentir pavor, em meio da ansiedade...* Quando se sentir ansioso, dominado pela ansiedade, prova-o. O que se pode fazer? O que faz normalmente quando está ansioso? O que faz? Trata de remediá-lo. Prova alternativas, e te coloca mais e mais nela. Criará uma confusão maior, porque a ansiedade não pode remediar-se por meio do pensamento. Não pode ser dissolvida pensando, porque o pensamento mesmo é um tipo de ansiedade. De modo que a ajudas a crescer mais. Pensando, não pode sair dela; colocará-te mais profundamente nela. Esta técnica diz que não faça nada com a ansiedade. Simplesmente estare alerta. Simplesmente estare alerta!

Contarei-te uma velha anedota sobre o Bokuju, outro professor Zen. Vivía sozinho em uma cova, totalmente sozinho, mas durante o dia, ou inclusive durante a noite, às vezes dizia em voz alta: «Bokuju» -seu próprio nome-, e logo dizia: «Sim, estou aqui». E não havia ninguém mais.

Então seus discípulos lhe perguntaram: «por que está chamando a "Bokuju", seu próprio nome, e logo diz: "Sim senhor, estou aqui"?».

Ele disse: «Sempre que começo a pensar, tenho que recordar estar alerta, assim digo meu próprio nome: "Bokuju". No momento em que digo "Bokuju" e digo "Sim senhor, estou aqui", o pensamento, a ansiedade, desaparece».

Depois, em seus últimos dias, durante dois ou três anos, nunca disse Bokuju seu nome, e nunca teve que replicar: «Sim senhor, estou aqui».

Os discípulos lhe perguntaram: «Professor, agora nunca faz isto».

Assim que ele disse: «Mas agora Bokuju sempre está aqui. *Sempre* está aqui, e não há necessidade. Antes estava acostumado a lhe jogar de menos. Às vezes a ansiedade se apoderava de mim, nublava-me completamente, e Bokuju não estava aqui. Assim tinha que recordar "Bokuju", e a ansiedade desaparecia...».

isto prova. É muito formoso. Prova seu nome. Quando sentir uma profunda ansiedade, simplesmente dava seu nome -não Bokuju ou qualquer nome, a não ser seu nome-, e logo responde: «Sim senhor, estou aqui», e nota a diferença. Já não haverá ansiedade. Ao menos por um só momento terá um espionista além das nuvens, e esse espionista pode fazer-se mais profundo. Uma vez que sabe que se puser alerta a ansiedade se vai, desaparece, chegaste a um conhecimento profundo de seu próprio ser e do mecanismo do funcionamento interno.

Sobre um abismo, em uma batalha, ao sentir uma curiosidade extrema, ao princípio da fome, ao final da fome, sei consciente ininterruptamente.

Pode usar algo. Tem fome: ponha alerta. O que faz quando sente fome? O que aconteceu? Quando sente fome nunca o vê como algo que te está acontecendo. Volta-te a fome. Sente: «Eu estou faminto». A sensação real é que «eu sou fome», mas você *não* é fome; só é consciente dela. É algo que está acontecendo no confine. Você é o centro, tomaste consciência disso. É um objeto. Você segue sendo o sujeito, é uma testemunha.

Você não é a fome; a fome te está acontecendo a ti. Estava aí quando não havia fome e seguirá aí quando a fome se foi. De maneira que a fome é um acidente; acontece-te.

te volte alerta; então não te identificará com isso. Se sentir fome, te volte alerta de que tem fome. Olha-o, percebe-o, confronta-o. O que acontecerá? quanto mais alerta te volte, mais longe sentirá a fome; quanto menos alerta, mais perto. Se não estar alerta, exatamente no centro sentirá: «Sou fome». Se puser alerta, desfaz-te da fome. A fome está aí, você está aqui. A fome é um objeto, você é um observador.

O jejum foi usado só devido a isto, por esta técnica. O jejum em si é imprestável. Se não estar fazendo esta técnica com a fome, jejuar é uma tolice: simplesmente uma tolice, inútil. Mahavira estava acostumada jejuar com esta técnica, e os jainas estiveram usando simplesmente o jejum, sem esta técnica. Então é uma tolice. Tão somente é destrutivo, e não pode ajudar absolutamente. Pode ter fome durante meses e estar identificado com a fome, sentindo «eu estou faminto». É inútil, daninho. Não há necessidade de jejuar. Pode senti-lo todos os dias, mas há problemas. Por isso jejuar pode ser útil.

Normalmente, abarrotamo-nos de comida antes de ter fome. No mundo moderno não é necessário ter fome. Tem uma hora fixada para suas comidas, e as come. Nunca pergunta se o corpo sente fome ou não; a uma hora fixada toma suas comidas. A fome não se sente. Pode que diga: «Não, quando é a uma tenho Essa fome pode ser uma fome falsa; sente-o porque é a uma, sua hora. Algum dia pode fazer um truque. Ihe diga a sua mulher ou a seu marido que troque o relógio. São as doze, e o relógio mostrará que é a uma. Sentirá fome. Ou leva já uma hora de jejum: são dois em ponto, e o relógio mostra a uma; então sentirá fome. Olha ao relógio e sente fome. Isto é artificial, falso, não é real.

Assim é que jejuar pode ser útil. Se jejumás, então durante dois ou três dias sentirá uma fome falsa. Só depois do terceiro ou quarto dia sentirá fome real; seu corpo pedirá, não a mente.

Quando o corpo pede, é real. E quando é real e te põe alerta, volta-te totalmente distinto de seu corpo. A fome é um problema corporal. Uma vez que pode sentir que a fome é diferente de ti e é uma testemunha disso, há transcendido o corpo.

Mas pode usar algo; estes são só exemplos. Esta técnica se pode usar de muitas formas; pode idear sua própria forma. Mas insiste em uma coisa: se o está provando com a fome, então continua ao menos três meses com a fome. Só então lhe desidentificarás um dia de seu corpo. Não troque de objeto cada dia, porque com esta técnica é necessária uma profundización.

Assim escolhe algo durante três meses. Persevera com isso, aplica a técnica, segue trabalhando com ela, e recorda sempre estar alerta ao princípio. No meio será muito difícil, porque uma vez que se sente a identidade de que *você* está faminto, não pode trocá-lo. Pode fazer uma mudança mental. Pode dizer: «Não, eu não sou a fome, sou Isso observador é falso. Isto é a mente falando, isto não é uma experiência que se sinta. Tenta ser consciente ao princípio, e recorda: não tem que dizer que «eu não sou a fome». Assim é como a mente pode enganar. Pode dizer: «Há fome, mas eu não sou a fome. Não sou o corpo, sou o *Brahma*». Não tem que dizer nada. Tudo o que diga será falso, porque você é falso.

Este salmodiar que «eu não sou o corpo» não ajudará. Segue dizendo «eu não sou o corpo» porque «sabe» que *é* o corpo. Se realmente souber que não é o corpo, para que serve estar dizendo «eu não sou o corpo»? Não serve para nada; parecerá uma estupidez. Sei consciente, e então perceberá que «eu não sou o corpo». Isto não será um pensamento, a não ser uma experiência. Isto não o sentirá na cabeça, a não ser em todo seu ser. Notará a distância: que o corpo está longe, que «eu sou absolutamente

diferente». E não há sequer uma possibilidade de mesclar ambos. Não se pode. O corpo é o corpo; é matéria, e você é consciencia. Podem viver juntos, mas nunca se mesclam. Não podem mesclar-se.

65 Não julgue.

Segunda técnica: *A pureza de outros ensinamentos é uma impureza para nós. Em realidade, não considere nada puro ou impuro.*

Este é uma das mensagens básicas do tantra. É muito difícil concebê-lo, porque é absolutamente não-ético, não-moral. Não direi que é imoral porque ao tantra não lhe concerne a moralidade ou a imoralidade. O tantra diz que isso é irrelevante. Esta mensagem é para te ajudar a crescer além da pureza e a impureza; em realidade, além da divisão, além da dicotomia, da dualidade. O tantra diz que a existência é não-dual, é uma, e todas as distinções são feitas pelo homem: todas as distinções, recorda. As distinções em si são criadas pelo homem. Bom-mau, puro-impuro, moral-imoral, virtude-pecado: todos estes conceitos são criados pelo homem. São atitudes do homem; não são reais. O que é impuro e o que é puro? Depende de sua interpretação. O que é imoral e o que é moral? Depende de sua interpretação.

Nietzsche disse em alguma parte que toda moralidade é interpretação. De modo que algo pode ser moral neste país e imoral no país vizinho, algo pode ser moral para um maometano e imoral para um hindu, moral para um cristão e imoral para um jaina. Ou algo pode inclusive ser moral para a velha geração e imoral para a nova geração. Depende; é uma atitude. Basicamente, é uma ficção. O fato é simplesmente o fato. O fato direto é simplesmente o fato; não é nem moral nem imoral, nem puro nem impuro.

Imagina a Terra sem seres humanos. O que será então puro e o que será impuro? Tudo será: simplesmente será. Nada será puro e nada será impuro, nada será bom e nada será mau. Com o homem entra a mente. A mente divide. Diz: «isto bom e «isso» é mau. Esta divisão não cria uma divisão no mundo; esta divisão cria também uma divisão no que divide. Se dividir também é dividido nessa divisão, e não pode transcender sua divisão interna a menos que deixe as divisões externas. Tudo o que lhe faz mundo, tem-lhe feito isso também a ti mesmo.

Naropa, um dos professores mais importantes de siddha ioga, diz: «Um centímetro de divisão e se separam o inferno e o céu»..., um centímetro de divisão! Mas seguimos dividindo; seguimos pondo etiquetas, condenando, justificando. Olhe o fato direto da existência e não ponha etiquetas. Só então podem ser compreendidas os ensinamentos do tantra. Não diga bom ou mau; não leve sua mente ao feito. No momento em que leva sua mente ao feito, criaste uma ficção. Já não é um fato: é sua projeção.

Este sutra diz: *A pureza de outros ensinamentos é uma impureza para nós. Em realidade, não considere nada puro ou impuro.*

A pureza de outros ensinamentos é uma impureza para nós... O tantra diz: «O que é muito puro para outros ensinamentos, uma virtude, é um pecado para nós, porque seu conceito da pureza devida para eles, algo se volta impuro».

Se chamas santo a um homem, criaste ao pecador. Agora terá que condenar a alguém em alguma parte, porque o santo não pode existir sem o pecador. E observa agora o absurdo de nossos esforços: seguimos tratando de destruir aos pecadores, e concebemos e confiamos em um mundo onde não haverá pecadores; só Santos. Isto é um disparate, porque os Santos não podem existir sem pecadores. São o outro lado da mesma moeda. Não pode destruir um lado da moeda; existirão os dois. Os pecadores e os Santos são ambos parte inerente de uma só coisa. Se acabar com os pecadores, os

Santos desaparecerão do mundo. Mas não te assuste; deixa que desapareçam, porque não resultaram ser de nenhum valor.

Os pecadores e os Santos formam parte de uma interpretação, de uma atitude ante o mundo, em que um diz: «isto é bom e isso é mau». E não pode dizer que «isto é bom» a menos que diga que «isto é mau». O mau é necessário para definir o bom. De modo que o bom depende do mau, sua virtude depende do pecado, e seu Santos são impossíveis; não podem existir sem os pecadores. Assim têm que estar agradecidos aos pecadores; não podem existir sem eles. Em relação com eles, em comparação com eles, não importa o muito que condenem aos pecadores; são parte inerente do mesmo fenômeno. Os pecadores só podem desaparecer do mundo quando desaparecerem os Santos: não antes disso; e o pecado não existirá quando não houver nenhum conceito da virtude.

O tantra diz que o fato é real e a interpretação é irreal. Não interprete. *Em realidade, não considere nada puro ou impuro.* por que? Porque a pureza e a impureza são *nossas* atitudes impostas à realidade. isto prova. Esta técnica é árdua, não é simples..., porque estamos tão orientados ao pensamento dual, apoiados, enraizados no pensamento dual, que nem sequer somos conscientes de nossas condenações e justificações. Se alguém começar a fumar aqui, pode que não o haja sentido conscientemente, mas condenaste. No mais íntimo de ti, condenaste. Pode que tenha condenado com seu olhar, ou pode que tenha condenado sem olhar. Pode que não tenha cuidadoso a essa pessoa, e a condenaste.

Isto vai ser difícil, porque o hábito está tão enraizado. Segue -com seus gestos, sua maneira de te sentar, de estar de pé-, segue condenando, justificando, nem sequer consciente do que está fazendo. Quando sorri a uma pessoa ou quando não sorri a uma pessoa, quando olha a alguém ou não lhe olha, simplesmente o ignora, o que está fazendo? Está impondo suas atitudes. Diz que algo é bonito; então terá que condenar algo como feio. E esta atitude dual está te dividindo a ti simultaneamente, de maneira que haverá duas pessoas dentro de ti.

Se disser que alguém está zangado e a ira é má, o que fará quando você esteja zangado? Dirá que isto é mau; então haverá problemas, porque diz que «isto é mau; esta ira em mim é malote». Então começaste a te dividir a ti mesmo em duas pessoas: uma pessoa má, uma pessoa maligna dentro, e uma pessoa boa, um santo. É obvio, identificará-te com o santo interno, de modo que o diabo, Satanás, o mal que há dentro de ti, será condenado. Está dividido em dois. Agora haverá uma luta, um conflito constante. Agora não pode ser um indivíduo; será uma multidão, uma casa dividida contra si mesmo. Já não haverá paz, não haverá silêncio. Só sentirá tensões e angústia. Isto é o que está sentindo, mas não sabe por que.

Uma pessoa dividida não pode ter paz. Como vai ter a? Onde vais pôr a seu diabo? Tem que aniquilá-lo, e é *você*; não pode aniquilá-lo. Não é dois. A realidade é uma, mas por causa de sua atitude divisora dividiste a realidade externa. Agora, como consequência, o interno também está dividido..., de maneira que todo mundo está lutando consigo mesmo. É como se estivesse lutando contra uma mão

-fazendo combater a mão direita contra a mão esquerda-, e a energia é uma. Em minha mão direita e minha mão esquerda, sou um; estou fluindo em ambas. Mas posso enfrentar a uma contra a outra, minha mão direita contra minha mão esquerda, e posso criar um conflito, uma luta artificial. Às vezes posso me enganar a mim mesmo com que a mão direita ganhou, e agora a esquerda tem cansado. Mas isto é uma falácia, porque sei que estou nas duas, e em qualquer momento posso levantar a esquerda e fazer cair a direita. Estou em ambas; ambas as mãos são minhas.

De modo que não importa quanto pense que elevaste a seu santo e esmagado ao diabo; tem que saber que em qualquer momento se podem trocar as posições, e o santo cairá e o diabo estará acima. Isso produz medo, insegurança, porque sabe que nada é seguro. Sabe que é tão amoroso neste momento e esmagaste a seu ódio, mas tem medo, porque em qualquer momento o ódio pode elevar-se e o amor será esmagado. E pode acontecer em qualquer momento, porque dentro de ti estão os dois.

O tantra diz: não divida, não esteja dividido; só então será vitorioso. Como não estar dividido? Não condene, não diga «isto» é bom e «isso» é mau. Retira todas as concepções da pureza e a impureza. Olhe o mundo, mas não diga o que é. Sei ignorante, não seja muito sábio. Não ponha etiquetas, permanece em silêncio, sem condenar, sem justificar. Se pode permanecer em silêncio com respeito ao mundo, com o tempo este silêncio penetrará em seu interior. E se não haver divisão externamente, a divisão desaparecerá da consciencia interna, porque ambas só *podem* existir juntas.

Mas isto é perigoso para a sociedade. Por isso foi reprimido o tantra. Isto é perigoso! Nada é imoral, nada é moral; nada é puro, nada é impuro. As coisas são o que são. Um tântrico autêntico não dirá que um ladrão é mau; dirá que é um ladrão; isso é tudo. E ao usar a palavra «ladrão» não há nenhuma condenação em sua mente.

Este «ladrão» é simplesmente um fato, não uma condenação. Se alguém disser que «aqui há um homem que é um grande santo», ele dirá: «Muito bem! Ele é um santo e esse homem é um ladrão», igual a isto é uma rosa e isso não é uma rosa, esta árvore é alta e essa árvore é baixo, a noite é escura e o dia é luminoso, mas sem comparação.

Mas isto é perigoso. A sociedade não pode existir sem condenar uma coisa e sem valorar a outra...; a sociedade não pode existir! A sociedade existe pela dualidade. Por isso foi reprimido o tantra. Foi considerado anti-social, mas não o é. Não o é! Mas essa atitude mesma de não-dualidade é transcendental. Não é anti-social, a não ser transcendental; está além da sociedade.

isto prova. Entra no mundo sem valor só com feitos naturais: alguém é isto, alguém é isso. E então, com o tempo, sentirá uma divisão dentro de ti. Suas polaridades se juntam seu «bom» e seu «mau» se unirão. Fundirão-se um, e você te voltará uma unidade. Não haverá nada considerado puro, nada considerado impuro. Nasce a realidade.

A pureza de outros ensinamentos é uma impureza para nós: o tantra diz que «o que é lícito para outros é venenoso para nós». Por exemplo, há ensinamentos que se apóiam na não-violência. Dizem que a violência é má, a não-violência é boa. O tantra diz que a não-violência é a não-violência, a violência é a violência nada é bom e nada é mau.

Há ensinamentos que estão apoiadas no celibato, *brahmacharya*. Dizem que o *brahmachari*: é bom, o sexo é mau. O tantra diz que sexo é o sexo, o *brahmacharya* é o *brahmacharya*. Um homem é um *brahmachari* e outro não. Mas estes são simples feitos, não implicam nenhum julgamento de valor. E o tantra nunca dirá que, *brahmachari* é bom, o celibatário é bom, e o que pratica o sexo é mau. O tantra não dirá isso. O tantra aceita as coisas como são. E por que? Para criar uma unidade dentro de ti.

Esta é uma técnica para criar uma unidade dentro de ti, para ter dentro uma existência total, não dividida, sem conflito, não enfrentada. Só então é possível o silêncio. Alguém que está tratando de ir a algum sitio contra algo nunca pode ter paz. Como vai ter a? E alguém que está dividido dentro de si mesmo, lutando consigo mesmo, como a vencer? É impossível. É os dois, assim que quem vai vencer? Ninguém vai vencer, e estará muito confuso, porque dissipará sua energia lutando innescessariamente. Esta é uma técnica para criar uma unidade dentro de ti. Deixa que desapareçam os vales; não julgue.

Jesus diz em alguma parte: «Não julgue, e não será julgado». Mas isto foi impossível de compreender para os judeus, porque toda a concepção judia está centrada na moralidade: «Isto é bom e isso não é bom». Jesus, com seu ensino: «Não julgue», está falando do ponto de vista do tantra. Se foi assassinado, crucificado, foi por causa disto. Tinha uma atitude tântrica: «Não julgue».

Assim não diga que uma prostituta é má... Quem sabe? E não diga que um puritano é bom... Quem sabe? E em última instância, ambos formam parte de um mesmo jogo. apóiam-se o um no outro, em uma existência mútua. De maneira que Jesus diz: «Não julgue». E isto é o que significa este sutra: «Não julgue, e não será julgado».

Se não julgar, se não adotar nenhum enfoque moral, se simplesmente observar os fatos como são, sem interpretá-los com arrumo a ti mesmo, então não pode ser julgado. Transforma-te completamente. Já não há necessidade de que você seja julgado por nenhum poder divino: não há necessidade! Você mesmo te tornaste divino; você mesmo te tornaste Deus. Sei uma testemunha, não um juiz.

Capítulo 42

Alerta com o Tantra

Perguntas

Não cria uma vida imoral obstáculos na meditação?

Parece-lhe mal a um tântrico que alguém siga certas leis de vida, as chamando morais?

Se nada for impuro, então como pode ser impura o ensino de outros?

Volta para a fonte um desejo emocional não expresso e proporciona mais energia à pessoa?

Não é uma repressão fazer um esforço para evitar a repressão ou o desenfreamento?

Primeira pergunta:

Não é certo que uma vida imoral cria obstáculos na meditação?

O que é a meditação? Não é seu caráter, não é o que faz. É o que é. Não é o caráter; é a consciencia que leva a tudo o que faz. A ação é irrelevante. A questão é se a está fazendo conscientemente ou não, já seja moral ou imoral. Está alerta? Se estiver alerta, a meditação acontece. Se não estar alerta, vive dormido.

Pode ser moral estando completamente dormido; não há problema. Mas bem, é melhor ser moral se quer estar completamente dormido, porque então a sociedade não te incomodará. Então ninguém estará contra ti. Pode dormir comodamente. A sociedade te ajudará.

Pode ser moral sem ser meditativo, mas a imoralidade estará sempre detrás de ti. Seguirá-te como uma sombra, e sua moralidade será superficial, porque sua moralidade só pode ser imposta de fora quando está dormido. Só pode ser aparente, falsa, uma fachada, não pode converter-se em seu ser. Voltará-te moral externamente, mas internamente seguirá sendo imoral. E quanto mais moral te volte externamente, mais imoral será por dentro: na mesma proporção, porque sua moralidade está abocada a não

ser outra coisa que uma profunda repressão. Não pode fazer outra coisa enquanto esteja dormido; só pode reprimir.

E com esta moralidade te voltará também falso. Não será uma pessoa, a não ser simplesmente um «personagem»: uma entidade falsa. A desdita te seguirá, e em consequência estará ao bordo da explosão: explosão de tudo o que reprimiste. Está-te esperando. E se for realmente honesto em ser moral enquanto está dormido, voltará-te louco. Só uma pessoa desonesta pode seguir sendo moral sem voltar-se louca. Isso é o que significa a hipocrisia. Os hipócritas presumem de que são morais, mas não o são, e encontram maneiras e meios para ser imorais, permanecendo constantemente morais na superfície ou fingindo ser morais. Só assim pode permanecer cordato; do contrário te voltará louco.

Esta suposta moralidade só deixa duas alternativas. Se for honesto, voltará-te louco; se for desonesto, voltará-te um hipócrita. De modo que os que são preparados, ardilosos, são hipócritas. Os que são singelos, inocentes, e são vítimas de semelhantes ensinamentos, voltam-se loucos.

Enquanto esteja dormido, não te pode acontecer a moralidade autêntica. E o que significa «a moralidade autêntica»? Algo que é um florescimento espontâneo de seu ser, não um pouco imposto desde fora. E a moralidade autêntica não está em oposição com a imoralidade; uma moralidade autêntica é simplesmente uma ausência de imoralidade, não está em oposição. Por exemplo, podem-lhe ensinar a amar a seu próximo, a amar a todo mundo, a ser amoroso. pode-se voltar uma atitude moral, mas o ódio segue dentro. Força a ti mesmo a ser amoroso, e um amor forçado não lhes pode satisfazer nem a ti nem à pessoa a que amas. Ninguém pode satisfazer-se com este amor falso.

É como a água falsa. Não pode saciar a sede de ninguém. Há ódio, e o ódio está tratando de manifestar-se. E um amor falso não pode ser um obstáculo real para ele. Mas bem, o ódio penetrará no amor falso e inclusive o envenenará, e seu amor se voltará só um tipo de ódio. É muito arteiro e ardiloso.

Uma moralidade autêntica acontece a uma pessoa que entrou profundamente em si mesmo; e quanto mais profundo entra, mais amoroso te volta. Não é um pouco imposto em contra do ódio; não é algo antagônico ao ódio. quanto mais profundo entra, mais amor emana de ti. Não tem nada que ver com o ódio, absolutamente; não tem nenhuma relação com o ódio. No momento em que chega a seu centro, é amoroso sem nenhuma imposição moral. Pode que nem sequer seja consciente de que é amoroso. Como vais ser consciente? Este amor será tão natural como a respiração, como sua sombra que te segue. Simplesmente será amoroso.

O tantra ensina a viagem interior. A moralidade acontecerá, mas isso não será uma consequência, não será uma condição prévia. O tantra diz que não te enrede em conceitos morais e imorais. São externos. Melhor, vê para dentro. De modo que as técnicas são para ir para dentro. E não se preocupe pelo moral e o imoral, o puro e o impuro; não entre em distinções. Simplesmente entra em ti. Esquece o externo: o mundo externo, a sociedade e tudo o que a sociedade te ensinou. Tudo o que insígnia a sociedade está exposto a ser dualístico, está exposto a ser repressiva, está exposto a estar em conflito dentro de ti. E se houver conflito, não pode entrar em ti.

Assim esquece o conflito e esquece tudo o que cria conflito. Simplesmente entra em ti. quanto mais profundo vá, mais moral te voltará, mas essa moralidade não será a moralidade da sociedade. Será moral sem ser moral: sem ser consciente de que é moral, porque não há nada oposto a isso dentro de ti. Simplesmente ama porque se sente ditoso quando ama. É uma sorte em si mesmo. Não tem fim; não é necessário nenhum resultado. Não é que vás entrar no reino de Deus se amas. Não é um trato. A moralidade

que insígnia a sociedade e que pregam as supostas religiões é um trato: «Faz isto e conseguirá isso. Se não fazer isto, não conseguirá isso. Inclusive será castigado». É um trato.

A moralidade tântrica não é um trato, a não ser algo que acontece. quanto mais profundo vai, mais começa a viver no momento. Dá-te conta de que o amor é sorte. Não é um passo, uma condição, um trato para obter outra coisa; é suficiente em si mesmo. Amas porque se sente ditoso amando. Não está fazendo nada por seu próximo; não está agradando a ninguém. É um prazer ser amoroso. É bom para ti aqui e agora mesmo. Não há céu ou inferno futuros. Amar cria o céu agora mesmo, e o reino de Deus entra em ti. E isto acontece com todas as virtudes; florescem espontaneamente.

Agora observa a pergunta: *Não é certo que uma vida imoral cria obstáculos na meditação?* Em realidade, a verdade é o contrário. Uma vida meditativa cria obstáculos na vida imoral. A vida imoral não pode criar, nenhum obstáculo. «Vida imoral» dá a entender que não é meditativo, nada mais; está profundamente dormido. Por isso te está fazendo mal a ti mesmo.

Para o tantra, o básico é a meditação, a alerta, a consciencia. Não há nada mais básico que isso. Quando alguém é imoral, isso mostra que não está alerta. É só um sintoma. A vida imoral é só um sintoma de que não está alerta. O que faz o ensino corrente? Os professores correntes lhe dirão que seja moral a este homem dormido que é imoral. Pode que troque da imoralidade à moralidade, mas segue dormindo.

De modo que se desperdiça todo o esforço, porque a enfermidade real não era a imoralidade; a imoralidade era só um sintoma. A enfermidade era a falta de alerta, a ausência de meditação. Por isso era imoral. Pode convertê-lo à moralidade. Pode criar medo, e só pode assustar à pessoa que está dormida; do contrário não pode criar medo. Pode criar medo ao inferno e pode criar um afã de lucro pelo céu. Estas duas coisas só são possíveis quando está dormido. Se não estar dormido, não pode ser ameaçado e não pode ser motivado com o lucro. Estas duas coisas só são significativas para a mente que está dormida.

De modo que cria o medo ao castigo, e uma pessoa passará da imoralidade à moralidade; mas o fará devido ao medo. Cria um afã de lucro, e então passará da imoralidade à moralidade; mas o fará devido ao desejo, à avareza, ao incentivo do ganho. A avareza e o medo formam parte da mente dormida. A pessoa permanece dormida; não trocou nada básico.

Essa pessoa lhe vem bem à sociedade; isso está bem. Para a sociedade, a pessoa imoral é um problema, mas a pessoa moral não é um problema. De maneira que a sociedade resolveu seus próprios problemas, mas o homem segue dormido. Para si mesmo, nada se resolveu; agora é mais conveniente para a sociedade. Antes era inconveniente. Trata de observar o fato: uma pessoa imoral é inconveniente para a sociedade, mas é conveniente para si mesmo. Uma pessoa moral se volta conveniente para a sociedade, mas se volta inconveniente para si mesmo.

De modo que só passa que a moeda se volta do reverso. Por isso as pessoas imorais parecem mais felizes e alegres, e uma pessoa moral está séria, triste, curvada. A pessoa imoral está lutando com a sociedade, e a pessoa moral está lutando consigo mesma. A pessoa imoral só se sente preocupada porque sempre existe o medo de que a pilhem. Tem medo de que a agarrem, mas está desfrutando. Se ninguém a apanhar, se não haver medo a que lhe pilhem, sente-se bem.

A pessoa moral está apanhada em uma luta consigo mesma. Não está nada bem consigo mesma; só está bem com a sociedade. A moralidade é um lubrificante, ajuda-te a te relacionar facilmente com outros. Mas então te relaciona com dificuldade contigo

mesmo. A dificuldade permanece, já seja com a sociedade ou contigo mesmo. Só quando acordadas te abandona a dificuldade.

O tantra se ocupa da enfermidade básica, não dos sintomas. A moralidade tira os sintomas. De modo que o tantra diz que não se preocupe por conceitos morais ou imorais. Isso não significa que o tantra diga que te volte imoral. Como vai dizer o tantra que te volte imoral, quando nem sequer pode te dizer que te volte moral? O tantra diz que todo isso é irrelevante: não fale de moralidade e imoralidade; vete à raiz. Pode ser moral ou imoral, mas isso é só o sintoma. Vete à raiz! A raiz é que está dormido, profundamente dormido.

Como romper esta pauta de dormir? Como ser consciente e como não voltar a dormir uma e outra vez? Disso é do que se ocupa o tantra; e uma vez que ponha alerta, seu caráter trocará. Mas isso é uma consequência. O tantra diz que não precisa preocupar-se por isso; é uma consequência. Acontece inevitavelmente, de modo que não precisa preocupar-se por isso. Não tem que produzi-lo; acontecerá. Simplesmente, te volte mais e

mais alerta, e será menos e menos imoral. Mas esta moralidade que te acontecerá não é forçada; não é algo que você tem feito por sua parte. Simplesmente trata de estar alerta, e acontece.

Como vai ser violento um homem que está alerta? Como vai sentir ódio ou ira um homem que está alerta? Pode parecer paradoxal, mas é assim. Alguém que está dormido não pode estar sem ódio. É impossível. Só pode fingir que não tem ira, que não tem ódio. Só pode fingir que tem amor, compaixão, amabilidade, simpatia. São todos fingimentos. Justo o contrário acontece a quem despertou. Se for necessária a ira, só pode simular. Não pode estar zangado; só pode simular! Se for necessária a ira –e às vezes é necessária–, só pode simular. Não pode sentir, mas se for necessário pode simular que está triste. Agora estas coisas são impossíveis.

Agora o amor é natural como antes o era o ódio. Antes o amor era uma simulação. Agora o ódio só pode ser uma simulação..., se for necessário. Jesus, ao lutar com os cambistas no grande templo, estava simulando. Não pode estar zangado, mas escolheu simular. Não pode estar realmente zangado. Não pode estar zangado, mas pode usar a ira..., igual a você usa o amor e não pode amar.

Você usa o amor com certos propósitos. Seu amor é só para conseguir algo; nunca é simplesmente amor. Pode que esteja tratando de conseguir dinheiro, pode que esteja tratando de conseguir sexo, pode que esteja tratando de conseguir algo: satisfação do ego, uma vitória, a sensação de que é poderoso. Pode que esteja tratando de conseguir qualquer outra coisa, mas nunca é amor.

Um buda pode estar zangado se pensar que isso vai ajudar. devido a seu amor, pode que às vezes esteja zangado, mas isso é só uma simulação e só engana aos parvos. Os que sabem, simplesmente rirão. Segundo a meditação se vai fazendo mais profunda, diz o tantra, começa a trocar. E é formoso quando te acontece a mudança. Se você o «fizer», nunca pode ser algo muito profundo, porque fazer está só na superfície. Assim que o tantra diz: deixa que aconteça do ser, do mesmo centro. Deixa que flua do centro à periferia; não o force da periferia ao centro. Isso é impossível.

O tantra não dirá moral ou imoral. O único é que, se está dormido, trata de trocá-lo. te permita estar cada vez mais alerta, esteja onde esteja. «Se for imoral», diz o tantra, «está bem. Não nos concerne sua imoralidade, concerne-nos que esteja dormido e como transformar isto em alerta. Não lute com a imoralidade. Simplesmente trata de transformar seu dormir».

Se for moral, está bem. O tantra não vai dizer te que te volte imoral e logo o tente, o imoral não tem nenhuma necessidade de transformar-se em uma pessoa moral, nem a

pessoa moral tem que transformar-se em imoral para entrar em meditação. Quão único precisam é trocar a qualidade de seu consciencia. De modo que, seja o que seja, um pecador ou um santo, para o tantra não há distinção. Se está dormido, então prova estas técnicas para estar alerta. E não trate de trocar os sintomas. O pecador está doente o suposto santo também está doente, porque os dois estão dormidos.

A enfermidade é o dormir, não seu caráter. O caráter é tão somente um subproduto. E o que faça enquanto siga dormido não produzirá nenhuma mudança básica. Só uma coisa pode te trocar, criar uma mutação, e é a alerta. A questão como voltar-se mais e mais alerta. De modo que, faça o que faça, converte-o em um objeto do alerta. Se fizer um ato imoral, faz-o meditativamente. Não passará muito tempo antes de que o ato se dissolva por si mesmo e desapareça. Então não poderá fazê-lo..., não porque tenha criado uma couraça contra ele, mas sim porque agora está mais alerta. E como vais fazer algo que requer que esteja dormido? Não pode fazê-lo.

Compreende bem esta distinção básica entre o tantra e o que ensinam outros. O tantra é mais científico. Vai à raiz mesma do problema, transforma-te do ser mesmo, não da capa externa de seu caráter, da moralidade e a imoralidade, dos atos e as obras. Tudo o que faz está só na periferia; o que é nunca está na periferia. A qualidade do ato, não o ato mesmo, é importante para o tantra.

Por exemplo, um açougueiro acudiu ao Nan Yin. Era um açougueiro e Nan Yin era um monge budista que acreditava na não-violência. A profissão do homem era violenta. Passava o dia matando animais. Mas quando o açougueiro veio ao Nan Yin, perguntou-lhe: «O que devo fazer? Minha profissão é violenta. Assim devo deixar minha primeiro profissão e só então posso ser um homem novo, ou há alguma outra maneira?».

Nan Yin disse: «Não nos concerne o que faça. Concerne-nos o que é. Assim continua fazendo o que considere oportuno, mas estate mais alerta. Enquanto esteja matando, permanece alerta, meditativo, e segue fazendo o que esteja fazendo. Não nos concerne».

Os seguidores do Nan Yin se turvaram, porque aqui havia uma pessoa que era um seguidor da Buda, que acreditava na não-violência, permitindo continuar a um açougueiro. Um discípulo disse: «Isto não está bem. E nunca esperávamos que uma pessoa como você permitiria a um açougueiro seguir sendo um açougueiro. E quando te perguntou, deveria-lhe haver dito que o deixasse. Ele mesmo estava disposto».

Está escrito que Nan Yin disse: «pode-se trocar a profissão do açougueiro facilmente; ele mesmo estava disposto. Mas dessa forma não se pode trocar a qualidade de seu consciencia. Seguirá, sendo um açougueiro».

Pode que se volte um santo, mas a qualidade da mente seguirá sendo a de um açougueiro. Isso será um engano para outros e também para si mesmo. Observa a seu supostos Santos. Muitos deles seguem sendo açougueiros. A qualidade, a atitude, a violência, a maneira mesma em que lhe olham é condenatória, violenta. Você é um pecador e eles são Santos. Quando lhe vêem, olham-lhe de tal maneira que está condenado, é arrojado ao inferno.

Nan Yin disse: «De modo que não é bom trocar sua vida externa; é melhor levar uma qualidade nova a sua mente. E é bom lhe deixar que siga sendo açougueiro, porque lhe perturba sua matança e sua violência. Se se fizer um santo, seguirá sendo um açougueiro, mas então não lhe perturbará. Seu ego se fortalecerá. De modo que isto é bom. Perturba-lhe que haja violência, e ao menos tomou consciencia disto: de que isso não é bom.

Está disposto a trocar, mas a mera disposição a trocar não ajudará. Terá que desenvolver uma nova qualidade da mente. Lhe deixem meditar».

depois de um ano, o homem voltou. tornou-se um homem diferente. Ainda matava, mas ele tinha trocado apesar de que a ação seguia sendo a mesma. Voltou para o Nan Yin e disse: «Agora sou um homem distinto. meditei e meditou e meditado, e toda minha vida se tornou uma meditação, porque me disse que medite no que seja que esteja fazendo. Estou matando animais, mas estou todo o dia meditando. O que me diz agora que faça?».

Assim é que Nan Yin disse: «Já não venha para mim. Permite que seu consciencia te marque o caminho. Não precisa vir para mim».

Assim que o açougueiro disse: «Agora, só se você me diz que continue com a profissão fingirei estar nela. Mas no que a mim respeita, já não estou nela. Assim, se me permitir isso, não vou voltar. Mas se me diz que vá, está bem. Irei e simularei, e continuarei».

É assim como, quando sua qualidade troca, quando troca a qualidade de seu consciencia, volta-te uma pessoa completamente distinta. E ao tantra lhe concerne você, não o que faz.

Segunda pergunta:

Se a gente seguir certas leis de vida e as chamamos morais, parecerá-lhe isto mal a um tântrico?

Ao tantra nada lhe parece mau, mas isto não é o problema. Ao tantra não lhe parece mal absolutamente nada; o tantra não é condenatório em nenhuma forma. Não se ocupa de te dizer: «Faz isto», ou «Não faça isso». Se se sentir bem, se se sentir feliz seguindo certos princípios, então segue-os.

Mas seguir certos princípios nunca pode te levar a felicidade, porque não vais trocar por meio de princípios e pelo fato de segui-los. Seguirá sendo o mesmo.

Os princípios sempre são emprestados, os ideais sempre são emprestados. Deu-lhe isso outra pessoa. Não são teus; não resultaram que sua própria experiência. Não têm raízes. Deram-lhe isso a sociedade, a religião em que nasceste, os professores que te tocou ter perto. Pode-os seguir e pode te forçar a ti mesmo a aceitá-los, mas então será uma pessoa morta, não viva. Pode que crie uma certa paz em torno de ti, mas será a paz do cemitério: morta. Pode que seja menos vulnerável às confusões, que esteja mais encerrado em ti mesmo devido aos princípios, mas então te voltará cada vez menos sensível e menos vivo. De modo que os supostos homens de princípios sempre estão mortos.

Observa-os: parecem silenciosos, sossegados, em paz, em calma, mas sempre há algo mortício em torno deles. O aura da morte está sempre presente. Não pode sentir o festejo da vida em torno deles, a festividade de estar vivo, a celebração de estar vivo. Nunca pode sentir isso a seu redor. criaram uma couraça em torno deles, uma couraça de segurança. Nada pode entrar neles. Os muros de seus princípios e seu caráter o param tudo, mas então estão depois dos muros, presos, e eles são seus próprios prisioneiros. Se escolher isto, o tantra não tem nenhuma objeção. É livre de escolher uma vida que não é uma vida absolutamente.

Uma vez, Amacie Nasruddin visitou um cemitério, e viu um precioso mausoléu de mármore. Inscrito nele estava o nome «Rothschild». Se conta que Amacie disse: «Estraga! Ahhhh! Isto é o que eu chamo vida. Isto é o que eu chamo viver: um belo mausoléu de mármore». Mas, independentemente de quão belo seja, não é vida. É mármore -belo, rico-, mas não é vida. Pode fazer de sua vida um mausoléu mediante os

princípios, os ideais, as imposições, mas então estará morto, embora menos vulnerável, porque a morte não é vulnerável.

A morte é uma segurança; a vida sempre é insegura. A uma pessoa viva pode acontecer algo; a uma pessoa morta não pode acontecer nada. Está segura. Não há futuro, não

Há possibilidade de mudança. Aconteceu-lhe o último a morte. Já não pode acontecer nada.

As personalidades com princípios são personalidades mortas. O tantra não está interessada nelas. O tantra não tem nenhuma objeção: se sentir bem estando morto, é sua eleição. Pode-te suicidar, e isto é um suicídio. Mas o tantra é para os que querem estar mais vivos, a verdade, o supremo, não é a morte, a não ser a vida.

Recorda isto: o supremo não é a morte. É vida: mais vida. Jesus há dito: «Vida abundante, vida infinita».

De modo que estando morto nunca pode alcançar o supremo. Se for vida, e «vida abundante», então estando morto nunca entrará em contato com isso. Só estando mais vivo, mais vulnerável, mais sensível, com menos princípios, mais alerta, alcançará-o. por que andamos busca de princípios? Pode que não tenha observado o porquê. É porque com princípios não precisa estar alerta. Não precisa estar alerta! Se viver por meio de princípios, não precisa estar alerta.

Supón que faço um princípio da não-violência e logo me atengo a ele, ou faço um princípio ser sincero e me atengo a ele; então se cria um hábito. Acredito o hábito de ser sincero, de dizer sempre a verdade. volta-se um hábito mecânico já não é necessário estar alerta. Não posso dizer mentiras porque um princípio, um hábito, cria sempre uma barreira. A sociedade depende de princípios, de inculcar e educar aos meninos com princípios. Então se voltam realmente incapazes de ser de outra maneira. Se uma pessoa se voltar incapaz, está morta.

Sua verdade só pode estar viva se chegar por meio da alerta, não por meio de um princípio.

Tem que estar alerta a cada momento para ser verdadeiro. A verdade não é um princípio; é algo que nasce de seu alerta. A não-violência não é um princípio; se estiver alerta não pode ser violento. Mas isso é difícil e árduo. Terá que te transformar totalmente. É fácil criar uma vida com arrumo a princípios, regras e normas. Então não precisa preocupar-se. Não precisa preocupar-se por estar mais alerta e consciente; pode seguir os princípios.

Então é como um trem correndo pelas vias. Essas vias são seus princípios. Não tem medo, porque não pode errar o caminho. Em realidade, não tem nenhum caminho; só tem trilhos mecânicos sobre os que anda seu trem. Chegará ao destino; não precisa ter medo. Estará dormido e o trem chegará. Está correndo por caminhos mortos; não estão vivos.

Mas o tantra diz que a vida não é assim, mas sim é mais como um rio. Não está transcorrendo sobre trilhos de ferro, sobre vias; em realidade, é como um rio. O caminho nem sequer foi esboçado de antemão. Conforme flui o rio, cria-se o caminho. Conforme se move o rio, cria-se o caminho. O rio chegará ao mar, e assim é como deveria ser a vida se compreender o tantra.

A vida é como um rio. Não há um caminho esboçado de antemão; não há mapas que lhe possam dar para que os siga. Simplesmente tem que estar vivo e alerta, e então em qualquer lugar que te leve a vida, vai com total confiança nela. O tantra é confiança: confiança na força vital. Deixa que te leve, não a force. te entregue a ela e permite que te leve por volta do mar. Simplesmente estate alerta; isso é tudo. Enquanto a vida te leva por volta do mar, estate alerta para não te perder nada.

É muito importante recordar que o tantra não está simplesmente interessado no fim; está também interessado nos meios. Está interessado também no caminho, não só no destino. Se estiver alerta, inclusive esta vida pode ser uma sorte. O momento mesmo do rio é uma sorte em si mesmo. Passar pelos vales, entre as rochas, cair das montanhas, entrar no desconhecido é em si mesmo uma sorte.

Estate alerta também aqui, porque o oceano, o supremo, não pode ser só algo que acontece ao final. Não pode sê-lo. É um crescimento. O rio está «crescendo» para ser o mar. Não está simplesmente indo unir-se ao mar; está «crescendo», para ser o mar, e isto só é possível mediante experiências abundantes, experiências estando alerta, avançando, confiando. Assim é como o tantra considera a busca, a busca humana. É óbvio, é perigoso. Se os rios pudessem fluir por caminhos predeterminados, haveria menos perigo, menos enganos. Mas se perderia toda a beleza de estar vivo.

Assim não seja um seguidor de princípios. Sei um criador de mais e mais consciência. Esses princípios lhe acontecerão, mas nunca se sentirá detento neles.

Terceira pergunta:

O segundo sutra de ontem diz: «A pureza de outros ensinamentos é uma impureza para nós. Em realidade, não considere nada puro ou impuro». Se nada for impuro, então como podem ser impuras as doutrinas de outros?

Em realidade, nada é impuro, mas o ensino de que algo é puro e algo é impuro tem que ser descartada. Só nesse sentido diz o sutra: «A pureza de outros ensinamentos é uma impureza para nós». Nada é puro e nada é impuro, mas se alguém insinua que algo é puro e algo é impuro, o tantra diz que isto tem que ser descartado. Só neste sentido diz o sutra que «a pureza de outros ensinamentos é uma impureza para nós». É só um descarte. Só está dizendo que não faça nenhuma distinção, que permaneça inocente.

Mas olhe a complexidade da vida. Se disser que permaneça inocente, e se então você tenta a inocência, essa inocência não será inocente.

Como vai ser o? Se a tentaste», tornou-se uma coisa calculada. Então não pode ser inocente. Se a tentar, não pode sê-lo! Assim que o que terá que fazer? Simplesmente descarta essas coisas que criam astúcia. Não tente criar inocência; não pode. Simplesmente descarta o que cria astúcia em sua mente. Isto é negativo. Quando tiver descartado as raízes causadoras da astúcia, a inocência te terá acontecido.

Nada é puro ou impuro. Mas o que terá que fazer então? Sua mente está repleta de distinções: «Isto é puro e isso é impuro». Assim que o tantra diz: «Para nós esta é a única impureza. Esta memória cheia de conceitos da pureza e a impureza é a única impureza. Se pode descartá-la, tornaste-te puro».

Este sutra também é significativo em outro sentido. Há ensinamentos com regras fixas. Por exemplo, os ensinamentos cristãos católicos ou os ensinamentos jainas na Índia estão contra o sexo; dizem que o sexo é impuro, feio, pecado. O tantra diz que nada é feio, nada é impuro, nada é pecado. Inclusive o sexo pode converter-se em um caminho: inclusive o sexo pode converter-se em um caminho para a salvação. Depende de ti. Não é o sexo, a não ser você quem determina sua qualidade.

Inclusive a oração se pode voltar um pecado; e o sexo pode converter-se em uma virtude. Depende de ti. O valor não está no objeto, o valor o põe você. Considera-o -este fenômeno- de outro modo. O tantra diz que inclusive o sexo pode converter-se em salvação, mas então entra no sexo sem idéias de pureza e impureza, bom e mau, moralidade e imoralidade. Entra no sexo como pura energia, só energia. Entra nessa energia como se estivesse entrando no desconhecido. Não durma, estate alerta! Quando

o sexo te leve a raiz mesma de seu ser, estate alerta. Não durma pelo caminho. Estate alerta e experimenta-o tudo, o que seja que esteja acontecendo: a relaxação que chega, a tensão que acontece, o topo que chega, e o vale ao que volta a ser arrojado.

Seu ego se dissolve por um momento; faz-te um com sua amada ou com seu casal. Por um momento, os dois não estão aí. Os corpos são dois, mas no mais profundo há uma comunhão e se tornaram um. Estate alerta! Não te perca este momento dormindo. Estate alerta, vê o que está acontecendo. Esta unidade é o que estava oculto no ato sexual. O sexo era só a medula externa. Este é agora o significado, o ponto central. Isto é o que estava desejando, isto é o que estava ansiando.

Isto é o que se buscava: esta unidade, esta dissolução do ego, esta sensação de ser um, este êxtase de não ter tensão, este êxtase de relaxação. Este era o sentido, o objetivo, e isto é o que estava procurando através desta mulher, através desse homem. Estava procurando e procurando mas nenhuma mulher podia satisfazê-lo, nenhum homem o podia dar.

Só mediante uma profunda consciencia tântrica desaparece completamente o ato sexual e se revela um profundo êxtase. De modo que o tantra te diz: se pode levar meditação a seu amor, a seu sexo, o sexo é transformado. De modo que o tantra não diz que isto é puro ou isso é impuro... e se quer usar a velha terminologia da pureza e a impureza, então direi que para o tantra estar dormido é impuro, a alerta é pura, e todo o resto é simplesmente insignificante.

Quarta pergunta:

Se um estado de ânimo ou desejo emocional se volta estimulante para nós, e se não o expressamos externamente, volta necessariamente esta energia à fonte e dá mais energia e frescor à pessoa?

Não necessariamente! Mas se for consciente, então é assim, necessariamente. Qualquer energia, *qualquer* energia, necessita raízes para mover-se, e nenhuma energia pode ser destruída. A energia é indestrutível. Só pode transformar-se em formas diferentes; nunca se pode voltar nada. De modo que quando trata de suprimir ou de reprimir qualquer energia, está fazendo uma absoluta tolice contigo mesmo. A energia não pode ser suprimida; só pode ser transformada. Uma energia reprimida se voltará um câncer. Se sentir ira, há disponíveis duas rotas correntes: ou a expressas ou a reprime. Se a expressas, então se volta uma cadeia, porque então cria ira na outra pessoa e a expressará..., e isto não tem fim. Então você a expressará, e pode continuar durante anos. Continua! Assim é como está vivendo todo mundo. Segue e segue.

Os que sabem profundamente dizem que segue e segue também durante vistas, durante vistas e vistas. estiveste zangado com uma pessoa em sua vida passada, e ainda nesta vida está repetindo a mesma pauta com a mesma pessoa. Não é consciente; é felizmente inconsciente. Assim é bom se pensar que está acontecendo algo novo. O noventa e nove por cento das vezes não está acontecendo nada novo; velhas pautas se estão repetindo uma e outra vez.

Às vezes, de repente vê um estranho e te zanga. Ele não tem feito nada - nem sequer lhe conhece-, mas se sente deprimido ou zangado ou violento, ou simplesmente quer escapar desta pessoa. Sente-se mau. por que? É alguma velha pauta. A energia nunca morre, permanece, de modo que se a expressas, está caindo em uma cadeia eterna. Algum dia terá que sair dela. E todo o assunto é inútil, é um esbanjamento. Não inicie a cadeia.

Logo a outra alternativa habitual é reprimi-la, e quando a reprime está criando uma ferida dentro de ti. Isso será um sofrimento. Isso criará problemas. E a ira seguirá sendo reprimida, e te converterá em um vulcão de ira.

De maneira que pode ser que neste momento não esteja expressando sua ira, mas agora toda sua personalidade se voltará irascível. Não haverá erupções, ninguém te verá dando uma surra a alguém e sendo violento, mas agora toda sua personalidade se voltará irascível, porque tanta ira dentro de te envenena. Agora, faça o que faça, a parte colérica está presente. Inclusive quando está amando a alguém, a parte zangada está presente em tudo. Se está comendo, a parte irascível estará presente. Será violento com sua comida, não será amoroso. Se está abrindo uma porta, a parte zangada estará presente. Será violento com a porta.

Um dia, pela manhã, Amacie Nasruddin passava por uma rua profirindo juramentos e dizendo muito furiosamente: «O diabo tomará posse de seu espírito e lhe sairão beterrabas na tripa»..., e seguia sem parar desta maneira.

Um homem lhe olhou e disse: «Amacie, a quem está amaldiçoando tanto, e tão cedo?».

Amacie disse: «A quem? Não sei. Mas não se preocupe, alguém aparecerá cedo ou tarde».

Se estiver cheio de ira, acontece isto: está esperando, e cedo ou tarde aparecerá alguém. Está ardendo por dentro, esperando algum objeto, algum meio, alguém que te ajude a te desafogar. Então toda sua personalidade se volta irascível ou violenta ou sexual. Pode reprimir o sexo, e então o sexo reprimido se converte em toda sua personalidade. Então, em qualquer lugar que olhe verá sexo, em tudo o que toque verá sexo; tudo o que faça será um ato sexual. Pode reprimir o sexo muito facilmente; não é difícil. Mas então o sexo se pulverizará em ti por toda parte. Cada uma de suas fibras, cada uma de suas células se voltará sexual.

Observa aos celibatários. Suas mentes se voltam totalmente sexuais; sonham com o sexo, lutam com o sexo, fantasiavam constantemente com o sexo. Estão obcecados. O que poderia ter sido natural se há voltado pervertido. Se o expressas, cria uma cadeia; se o reprimir, cria uma ferida, e nenhuma das duas coisas é boa. Assim é que o tantra diz que faça o que faça -por exemplo, se está zangado, quando sentir que chega a ira- sei consciente ininterruptamente. Não a reprima e não a expressos. Faz uma terceira coisa; toma a terceira alternativa: sei consciente de repente de que chega a ira. Esta consciencia transforma a energia que se está movendo como ira em uma energia diferente. A mesma energia que chamamos ira se converte em compaixão. Por meio da alerta se produz a transmutação.

A mesma energia que chamamos sexo se volta *brahmacharya*, espiritualidade, mediante a consciencia. A alerta é a alquimia. Com ela, tudo troca. Prova-o, e saberá. Quando leva alerta a consciencia, a qualquer estado de ânimo, qualquer sensação, qualquer energia, troca de natureza e qualidade. Não volta a ser a mesma, e se abre uma nova rota. Não volta para mesmo sítio no que estava, de onde veio; não vai para fora. O movimento horizontal se deteve. Com a alerta se volta vertical, vai para cima. Essa é uma dimensão diferente. Um carro de bois se move horizontalmente; um avião se move verticalmente, para cima.

Eu gostaria de te contar uma parábola. Um faquir, um sufí, estava acostumado a contar que um grande rei deu de presente a um amigo um avião, um aeroplano muito pequeno. O amigo tinha ouvido falar dos aviões, mas nunca tinha visto um. Só conhecia os carros de bois, assim pensou que isto era um novo artefato: um novo tipo de carro de bois. Usou seus dois bois para levar o avião a casa, e logo usou o avião como um carro de bois. Estava muito contente. É obvio, o pequeno aeroplano servia como carro de

bois. Mas logo, com o tempo, simplesmente por curiosidade, começou a estudá-lo. Então chegou a compreender que os bois não eram necessários. Tinha um motor e era capaz de andar por si mesmo, assim que lhe jogou combustível e o usou como um automóvel.

Mas logo, com o tempo, precaveu-se das asas, e pensou: «Para que as tem?». E lhe pareceu que o homem que tinha engenhado esta máquina deveu ter sido muito inteligente, um gênio; portanto, não pôde ter acrescentado nada innescessariamente. As asas indicavam que a máquina também podia voar. Assim que o tentou. Então o avião se voltou o que realmente era; voltou-se vertical.

Você está usando a mente que tem como carro de bois. A mesma mente pode voltar um automóvel; então não serão necessários os bois. Tem um mecanismo próprio, mas também então se moverá horizontalmente. Entretanto, a mesma mente tem asas. Não a observaste, por isso não sabe que tem asas. i Pode voar! Pode elevar-se! E uma vez que se eleva, uma vez que suas energias começam a elevar-se, o mundo inteiro é diferente. Suas velhas perguntas simplesmente caem e seus velhos problemas já não existe porque agora te está movendo horizontalmente.

Todos esses problemas existiam porque te estava movendo horizontalmente. Os problemas de um carro de bois não são problemas para o avião. O caminho não era bom, assim havia o problema. O caminho estava bloqueado, assim havia um problema. Isto já não é um problema porque o caminho não se usa absolutamente. Que esteja bloqueado ou não, que seja bom ou não, é irrelevante.

Os ensinamentos morais são ensinamentos de carro de bois; o ensinamento do tantra é vertical. É por isso que todos esses problemas são irrelevantes para o tantra. A energia que chama sexo, avareza ou o que seja, move-se horizontalmente. Uma vez que leva seu alerta a ela, há in traduzido uma nova dimensão. Com apenas esta alerta, vai para cima.

por que? Observa o fato: quando está alerta, sempre está sobre o fato. Ponha alerta de algo, e sempre está em cima do fato. O fato está debaixo, abaixo, e você está olhando de acima, de um topo. Sempre que observaste algo, elevaste-te, e a coisa permaneceu abaixo. Se esta atenção for realmente autêntica e pode ser consciente ininterruptamente, então a energia que se movia horizontalmente como ira, como sexo, entrará nesta nova dimensão.

Aproximará-se de ti, à testemunha. Então começaste a voar. E durante vistas e vistas estiveste usando como um carro de bois o mecanismo que está criado para voar, criando problemas innescessariamente porque não sabia o que é possível para ti.

Quinta pergunta:

Disse que um não deveria nem reprimir nem dar-se à ira, mas sim deveria permanecer passivamente alerta e meditativo. Obviamente, requererá-se um tipo de esforço interno para evitar a repressão ou o desenfreado, mas então não é isto também uma forma de repressão?

Não! É um esforço, mas não «uma forma de repressão». Não todo esforço é repressão. Há três tipos de esforços. A gente é o esforço que é expressão. Quando expressas sua ira, é um esforço. Logo, o segundo tipo de esforço se dá quando reprime. Quando expressas o que está fazendo, está forçando sua energia a sair para a pessoa, o objeto; está expelindo sua energia, o outro é o objetivo. A energia vai ao outro; é um esforço. Quando reprime, devolve a energia à fonte original, a seu próprio coração. A forças a voltar. É um esforço, mas a direção é diferente. Na expressão, afasta-se de ti; na repressão, volta para ti.

O terceiro, a alerta, a alerta passiva, também é um esforço, mas a dimensão é diferente. A energia vai para cima. Ao princípio é um esforço. Quando digo passivamente alerta, ao princípio incluso a passividade está abocada a ser um esforço. Só com o tempo, conforme vá familiarizando com ela, deixará de ser um esforço. E quando não é um esforço, volta-se mais passiva; e quanto mais passiva, mais magnética: atrai a energia para cima.

Mas ao princípio todo será um esforço, assim não seja vítima das palavras. Isso cria problemas. Os místicos sempre estiveram falando da ausência de esforço; dizem que não faça nenhum esforço. Mas ao princípio, inclusive isto será um esforço. Quando dizemos que não faça esforços, só queremos dizer que não force o esforço. Deixa que chegue com a consciencia. Se o forçar, ficará tenso. Se ficar tenso, a ira não pode elevar-se. A tensão é horizontal; só uma mente sem tensão pode estar por cima, sobrevoando como uma nuvem.

Olhe as nuvens flutuando sem esforço. Introduz sua observação como uma nuvem que frota. Ao princípio será um esforço, mas recorda só que deixará de sê-lo. Estará-a impulsionando e deixando que aconteça mais e mais.

Isto é difícil, porque a linguagem cria a dificuldade. Se te disser que te relaxe, o que fará? Fará um tipo de esforço. Mas então te digo que não faça nenhum esforço, porque se fizer qualquer esforço, isso criará tensão e não poderá te relaxar.

Digo-te simplesmente que te relaxe. Então estará muito confuso, e perguntará: «Então, o que quer dizer? Se não ter que fazer nenhum esforço, então o que se supõe que tenho que fazer?».

Não tem que fazer nada, mas ao princípio esse não fazer nada será como fazer algo. Assim direi: «Muito bem! Faz um pouco de esforço, mas recorda que logo terá que deixar o esforço. Usa-o como arranque ao princípio. Não entende "não-fazer"; só entende fazer. Assim usa a linguagem de fazer e da ação. Começa, mas usa o esforço só como arranque. E recorda: quanto antes o deixe, melhor».

ouvi que quando Amaciar Nasruddin se fez muito velho, caiu vítima da insônia, não podia dormir. Provou-o tudo -banhos quentes, pílulas, sedativos, xaropes-, mas tudo resultou inútil. Não serve para nada. E os filhos estavam perturbados, porque Amacie não dormia, e não deixava dormir a ninguém na casa. De modo que a noite inteira se tornou um pesadelo para toda a família.

Procuraram desesperadamente algum método, alguma medicina que ajudasse a dormir a Amacie, porque a família inteira se estava voltando louca. Assim finalmente trouxeram para um hipnotizador. Os filhos chegaram muito contentes e lhe disseram ao velho Amacie: «Já não precisa preocupar-se, papai. Este homem é milagroso. Produz o sonho em uns minutos. Conhece a magia do sonho, assim não se preocupe. Já não há medo, e dormirá».

O hipnotizador lhe mostrou um relógio com cadeia ao Nasruddin, e disse: «Só um poquito de fé bastará para o milagre. Necessita um pouco de confiança em mim.. Confia em mim, e dormirá profundamente como um bebê. Olhe este relógio».

Começou a mover o relógio à esquerda e à direita. Nasruddin o olhava, e o hipnotizador dizia: «Esquerda-derecha, esquerda-derecha. Seus olhos se estão começando a sentir cansados, cansados, cansados. Está-te dormindo, dormindo, dormindo, dormindo».

Todo mundo está contente, feliz. Os olhos de Amacie se fecharam, sua cabeça caiu, e dormiu profundamente como um pequeno bebê. Tinha uma respiração muito rítmica. O hipnotizador cobrou seus honorários, e ficou o dedo nos lábios, para indicar aos filhos que não terei que perturbá-lo. Logo saiu às escondidas. No momento em que esteve fora, Amacie abriu um olho e disse: «iEse louco! foi-se já?».

Estava fazendo um esforço para relaxar-se, assim que se relaxou «como um bebê». Tinha começado a respirar ritmicamente e fechou os olhos, mas todo isso era um esforço. Estava ajudando ao hipnotizador. Pensou que estava ajudando ao hipnotizador... mas era um esforço por sua parte, assim não aconteceu nada. Não podia acontecer nada. Está acordado. Se tivesse podido ser simplesmente

passivo, se tivesse podido ouvir o que lhe dizia, olhar o que lhe mostrava, teria acontecido o sonho. Não era necessário nenhum esforço por sua parte; tão somente era necessária a aceitação passiva. Mas para ti, inclusive levar sua mente à aceitação passiva requererá esforço ao princípio.

Assim não tenha medo ao esforço. Começa com esforço, e recorda que logo terá que deixar o esforço e que tem que ir mais à frente do esforço. Só quando tiver ido mais à frente do esforço se passivo, e essa consciencia passiva produz o milagre.

Com consciencia passiva já não há mente. Pela primeira vez se revela seu centro interno de ser, há uma razão para isso. O esforço é necessário para tudo o que terá que fazer no mundo, quer fazer algo no mundo, algo, é necessário o esforço. Mas se quer fazer algo no interior, não é necessário nenhum esforço. Só é necessária a relaxação. Aí, não fazer é a arte, igual a fazer é a arte no exterior, em mundo externo.

Esta alerta passiva é a chave. Mas não te perturbe com a linguagem. Começa com esforço. Tenha presente que tem que deixá-lo, e segue deixando-o. Inclusive deixá-lo será um esforço; mas chega o momento em que *todo* se foi. Então você está aí, simplesmente aí sem fazer nada: só está sendo. Este «ser» é o *samadhi*, e tudo o que merece a pena saber-se, o que merece a pena se ter, o que merece a pena ser, acontece-te nesse estado.

Capítulo 43

Encontrar o que Não Troca Mediante o Cambiante

Os Sutras

66 *Sei o mesmo não-mesmo com o amigo e o estranho, em a honra e na desonra.*

67 *Este é o âmbito da mudança, mudança, mudança. Mediante a mudança, consome a mudança.*

Northrope diz alguma parte que a mente ocidental esteve procurando continuamente o componente teórico da existência, o vínculo causal de como acontecem as coisas, qual é a causa, como se pode controlar o efeito, como pode o homem manipular a natureza. E a mente oriental, diz Northrope, esteve em uma aventura diferente. Sua busca foi para encontrar o componente estético da realidade; não o teórico, a não ser o estético.

A mente oriental não esteve muito ocupada na busca para saber como manipular a natureza, mas sim esteve interessada em como ser uma com a natureza; não em como conquistá-la, a não ser em como estar em uma amizade profunda, uma participação profunda com ela. A mente ocidental esteve em conflito, em uma luta; a mente oriental esteve em uma relação mística, amorosa. Não sei se Northrope estará de acordo comigo ou não, mas eu acredito que a ciência é um ódio, uma relação de ódio com a natureza; daí a conflito, a luta, o afã de conquista, a linguagem da vitória.

A religião é uma relação de amor; daí que não haja conflito, que não haja luta. Dito de outra forma, a ciência é uma atitude masculina, e a religião, uma atitude feminina. A ciência é agressiva, a religião é receptiva. A mente oriental é religiosa. Ou, se me permitirem isso, direi que onde há uma mente religiosa, é oriental. A mente científica é ocidental. Dá igual a um homem nasça no Oriente ou no Ocidente. Estou usando Oriente e Ocidente como duas atitudes, dois enfoques, não como duas denominações geográficas. Pode ter nascido no Ocidente, mas pode que não encaixe ali; pode que seja oriental por completo. Pode ter nascido no Oriente, mas pode que não encaixe; pode que seja científico, pode que seu enfoque seja matemático, intelectual.

O tantra é absolutamente oriental. É uma maneira de formar parte da realidade: uma maneira de ser um com ela, de dissolver as linhas divisórias, de entrar em uma área indiferenciada. A mente diferencia, cria linhas divisórias, definições, porque a mente não pode funcionar sem definições, sem linhas divisórias. quanto mais precisas as linhas divisórias, melhor é a possibilidade de que funcione a mente. De modo que a mente o curta, divide-o, o trocea todo.

A religião é uma dissolução das linhas divisórias para entrar no indiferenciado, onde não há definições, onde nada tem limites, onde tudo entra em todo o resto, onde tudo é todo o resto. Não pode cortar, não pode trocear a existência. As conseqüências terão que ser diferentes em cada enfoque. Com o enfoque científico, dividindo, troceando, só pode chegar a partículas, átomos mortos, porque a vida é algo que não se pode cortar em divisões. E no momento em que a curtas, já não existe. É como se alguém vai estudar uma sinfonia analisando cada nota individual. Cada nota individual forma parte da sinfonia, mas não é a sinfonia. A sinfonia se cria com muitas notas que se dissolvem as umas nas outras. Não pode estudar uma sinfonia analisando notas.

Eu não posso te estudar analisando suas partes; não é só uma soma de partes, é mais que isso. Quando divide e curtas e analisa, a vida desaparece; só ficam partes mortas. Por isso a ciência nunca será capaz de saber o que é a vida, e tudo o que se saiba por meio da ciência será sobre a morte -a matéria-, nunca será sobre a vida. Pode que a ciência chegue a ser capaz de manipular a vida, de conhecer as partes, as partes mortas. Pode que seja capaz de manipular a vida, mas, mesmo assim, a *vida* não se conhece, nem sequer é tocada. A vida permanece incognoscible para a ciência. Devido ao método mesmo de sua tecnologia, sua metodologia, devido ao enfoque mesmo, a vida não pode conhecer-se mediante ela.

Por isso a ciência segue negando, negando tudo o que não seja matéria. Seu enfoque mesmo proscree qualquer contato com o que é a vida. e também acontece o inverso: se entrar profundamente na religião, começará a negar a matéria. Shankara diz que a matéria é ilusão, não existe; simplesmente parece existir. Todo o enfoque oriental foi negar o mundo, a matéria, algo material. por que? A ciência segue negando a vida, o divino, a consciencia. As experiências religiosas profundas seguem negando a matéria, tudo o que é material. por que? Devido ao enfoque mesmo. Se miras a vida sem diferenciação, a matéria desaparece. A matéria é vida dividida, diferenciada. Matéria significa vida definida, analisada em partes.

De modo que, é obvio, se miras a vida indiferenciadamente e te volta parte dela, em uma participação profunda, se te fizer um com a existência como dois amantes se fazem um, a matéria desaparece. Por isso diz Shankara que a matéria é uma ilusão. Se participar da consciencia, é-o. Mas Marx diz que a consciencia é só um subproduto, que não é substancial; uma função da matéria. Se dividir a vida então a consciencia desaparece, dissolveria-se. Então só existe a matéria.

O que estou tentando te dizer é que a existência é uma. Se a considerar mediante a análise, aparece como material, morta. Se a considerar mediante a participação, aparece

vida, como divina, como consciencia. Se a considerar mediante a ciência, não há nenhuma possibilidade de que te aconteça nenhuma sorte, porque com a matéria morta a sorte é impossível. Como muito, pode ser só ilusória. Só com uma participação profunda é possível a sorte.

O tantra é uma técnica de amor. O esforço para te fazer um com a existência. De maneira que terá que perder muitas coisas antes de entrar. Terá que perder sua pauta hábito de analisar as coisas; terá que perder a pauta arraigada de lutar, de pensar em função de conquista.

Quando Hillary chegou ao topo mais alta dos Himalayas, o Everest, todo mundo ocidental se referiu a isso como uma conquista: a conquista do Everest. Só em um monastério Zen no Japão em um periódico mural, apareceu: «feito-se amizade com o Everest»...; ino que foi conquista. Esta é a diferença: «feito-se amizade com o Everest»; agora a humanidade cercou amizade com ele. O Everest permitiu que Hillary chegue a ele. Não foi uma conquista. A palavra minha «conquista» é vulgar, violenta. Pensar em função de conquistar reflete agressividade. O Everest conheceu ao Hillary, deu-lhe a bem-vinda, e a humanidade cercou amizade; agora se tendido uma ponte. Agora não somos desconhecidos. Um de nós foi recebido pelo Everest. Agora o Everest se há voltado parte da consciencia humana. tendeu-se uma ponte.

Então o assunto se volta totalmente diferente. Depende de como o olhe. Recorda isto antes de que nos internemos nas técnicas. Recorda isto: o tantra é um esforço amoroso para a existência. Por isso o tantra usou tanto o sexo: porque é uma técnica de amor. Não é só amor entre o homem e a mulher; é amor entre você e a existência, e pela primeira vez a existência se volta significativa para ti através de uma mulher. Se for uma mulher, então a existência se volta pela primeira vez significativa para ti através de um homem.

Por isso o sexo foi tão tratado e usado pelo tantra. Imagine a ti mesmo absolutamente assexual: como se todo o sexo tivesse sido extraído de ti o dia em que nasceu. Imagina todo o sexo foi extraído completamente de ti o dia em que nasceu. Não poderá amar; não poderá sentir nenhuma afinidade com ninguém. Será-te difícil sair de ti mesmo. Permanecerá encerrado, não poderá te aproximar, sair a te encontrar com alguém. Será algo morto na existência, fechado por toda parte.

O sexo é seu esforço por tomar contato com o exterior. Sai de ti mesmo; outra pessoa se volta o centro. Deixa atrás seu ego, sai dele para entrar em contato com alguém. Se realmente quer entrar em contato, terá que te entregar, e se a outra pessoa também quer entrar em contato contigo, também terá que sair. Observa o milagre do amor, o que acontece. Você vai à outra pessoa e a outra pessoa vai a ti. Ele entra em ti e você entra nele ou nela. trocates que lugar. Agora ele ou ela se volta sua alma e você te volta a sua. Isto é uma participação. Agora lhes estão encontrando. Agora lhes tornastes um círculo. Este é o primeiro encontro no que não está encerrado no ego. Este encontro se pode converter em um trampolim para um encontro maior com o universo, com a existência, com a realidade.

O tantra não está apoiado no intelecto, a não ser no coração. Não é um esforço intelectual, a não ser um esforço sensível. Recorda isto, porque isso te ajudará a compreender as técnicas. Agora entraremos nas técnicas.

66 Sei consciente do que nunca troca em ti.

Primeira técnica: *Sei o mesmo não-mesmo com o amigo e o estranho, na honra e na desonra.*

Sei o mesmo não-mesmo: esta é a base. O que está acontecendo em ti? Estão acontecendo duas coisas. Algo em ti permanece continuamente o mesmo; nunca troca. Pode que não o tenha observado, pode que não o tenha descoberto ainda, mas se observar, dará-te conta de que algo dentro de ti permanece constantemente igual. devido a essa igualdade, pode ter uma identidade. devido a essa igualdade, sente-se centrado; do contrário, será um caos. Diz: «Minha infância». O que ficou agora dela? *Quem* diz: «Minha infância»? Quem é este «meu», «mim», «eu»?

Não permaneceu nada de sua infância. Se lhe mostrarem pela primeira vez as fotos de sua infância, não poderá as reconhecer. Tudo trocou. Seu corpo já não é o mesmo; nenhuma só célula segue sendo a mesma. Os fisiologistas dizem que o corpo é um fluxo; é como um rio. A cada momento estão morrendo muitas células e estão nascendo muitas novas. Em sete anos, seu corpo terá trocado completamente. De modo que se for viver setenta anos, seu corpo se renovou dez vezes completamente.

A cada momento está trocando seu corpo, e também sua mente. Não pode reconhecer uma fotografia de sua infância, e se fosse possível te dar uma fotografia de sua mente, da mente de sua infância, resultaria-te impossível reconhecê-la. Sua mente é inclusive mais um fluxo que seu corpo. Tudo troca a cada momento. Nada permanece o mesmo sequer um só momento. Pela manhã foi distinto no que se refere a sua mente. De noite é uma pessoa totalmente diferente.

Quando alguém devia ver a Buda, antes de que a pessoa se fora, despedisse-se dele, Buda estava acostumada dizer: «Recorda, o homem que veio para ver-me não é o homem que retorna. Agora é totalmente diferente. Sua mente trocou». É obvio, te reunir com a Buda trocará sua mente, para bem ou para mau, mas não pode ser o mesmo.

Veio aqui com uma mente diferente; irá com uma mente diferente. Algo trocou. Algo novo foi acrescentado, algo foi eliminado. E inclusive se não estar te reunindo com ninguém, se está permanecendo sozinho, tampouco então pode seguir sendo o mesmo. O rio está movendo-se em todo momento.

Heráclito há dito: «Não pode entrar duas vezes no mesmo rio». O mesmo pode dizer-se sobre o homem: não pode voltar a te encontrar com o mesmo homem... Impossível! E devido a este fato, e devido a que o ignoramos, a vida se converte em sofrimento: porque segue esperando que o outro seja o mesmo. Casa-te com uma garota e esperas que seja a mesma. Não pode sê-lo! Solteira, era distinta; casada, é completamente distinta. Um amante é uma coisa, um marido é algo totalmente diferente. Não pode esperar encontrar a seu amante em seu marido. Isso é impossível. Um amante é um amante; um marido é um marido. No momento em que um amante se volta um marido, tudo trocou. Mas você segue esperando. Isso cria sofrimento: sofrimento desnecessário. Se podemos aceitar o fato de que a mente segue movendo-se e trocando continuamente, escaparemos de muitíssimos sofrimentos sem nenhum custo. Quão único precisa é a simples consciencia de que a mente troca.

Alguém te ama, e então segue esperando amor. Mas ao momento seguinte te odeia; então te perturba: não devido a seu ódio, a não ser só devido a sua expectativa. Essa pessoa trocou. Está viva, assim tem que trocar. Mas se pode ver a realidade tal como é, não te perturbará. A pessoa que amava faz um momento pode odiar um momento depois, mas espera! Um momento depois estará amando outra vez. Assim não tenha luta, tenha paciência. E se a outra pessoa também pode ver esta pauta cambiante, não estará lutando contra as pautas cambiantes. Trocam; isso é natural.

De modo que se miras seu corpo, trocar tráficos de compreender sua mente, troca. Nunca é igual. Nada é o mesmo sequer em dois momentos consecutivos. Sua personalidade prossegue, é um fluxo. Se isto for tudo e não há nada que siga sendo o mesmo continuamente, eternamente, temporalmente, então quem recordará isto era

«minha infância»? A infância trocou -o corpo trocou, a mente trocou, então quem se lembra? Então quem sabe sobre a infância e sobre a juventude e sobre velhice? Quem sabe?

Este que sabe deve seguir sendo o mesmo, esta testemunha deve seguir sendo o mesmo. pode-se ter uma perspectiva da testemunha. A testemunha de dizer: «Isto foi minha infância, isto foi minha juventude, isto foi minha velhice. Neste este momento amado, e neste momento o amor, transformado em ódio». Esta consciencia que observa, este que sabe, é sempre o mesmo.

De maneira que tem dois âmbitos ou dimensões existindo juntos em ti. É ambos, cambiante que sempre está trocando e o invariável que permanece sempre sem trocar.

Toma consciencia destes dois âmbitos, então esta técnica será útil: *Sei o mesmo não-mesmo, réisto corda: Sei o mesmo não-mesmo*. Terá ser «não-mesmo» na periferia, mas no interior permanece o mesmo.

Recorda o que é o mesmo. Recordar é suficiente; não precisa fazer nada mais.

Não troca. Não pode trocá-lo, mas não esquecê-lo. Pode estar tão absorto, tão obcecado com o mundo cambiante que te rodeia com corpo, com sua mente- que pode que te afaste completamente do centro. O centro é eclipsado pelo fluxo cambiante..., e, se por acaso esquece há problemas: que o que é constante, o mesmo é difícil de recordar, porque a mudança cria problemas.

Por exemplo, se houver um ruído constante a seu redor, não será consciente dele. Se um relógio na parede segue tiquetaqueando, tictac, todo o dia, nunca é consciente dele. Mas se se de repente, dará-te conta imediatamente. Se algo for constantemente o mesmo, não há necessidade de fixar-se. Quando algo troca, a mente tem que fixar-se. Cria uma fissura, e a pauta vibra. Estava-o ouvindo continuamente, assim não havia necessidade de ouvi-lo. Estava aí, tornou-se parte do entorno. Mas se agora o relógio se de repente, dará-te conta. Seu consciencia irá de repente à fissura.

É como se te cai um dente: a língua vai continuamente ao sítio. Quando o dente estava ali, a língua nunca tentou tocá-lo. Agora não está o dente -só há um buraco- e durante todo o dia, independentemente como o tente, não pode evitá-lo: a língua vai ao buraco. por que? Porque há algo que falta e o entorno trocou. Há algo novo.

Sempre que há algo novo te volta consciente..., por muitas razões. É uma medida de segurança. É necessário para sua vida, para sobreviver. Quando algo troca, tem que te voltar consciente. Pode que seja perigoso. Tem que emprestar atenção, e tem que voltar a te adaptar à nova situação que surgiu. Mas se tudo é tal como era, não há necessidade. Não precisa ser consciente. E este mesmo elemento em ti, que os hindus chamaram *atma*, a alma, esteve aí sempre desde o começo, se é que houve um princípio. E vai estar até o final, se é que vai haver um final. foi eternamente o mesmo, assim que como vais ser consciente dele?

Como é tão permanentemente o mesmo, tão eternamente o mesmo, lhe está perdendo isso. Fixa-te no corpo, fixa-te na mente porque estão trocando. E como te fixa neles, começa a pensar que é eles. Só os conhece eles; identifica-te.

Todo o esforço espiritual é para encontrar o mesmo em meio do não-mesmo: para encontrar o eterno no cambiante, para encontrar o que sempre é o mesmo. Esse é seu centro, e se pode recordar esse centro, só então será fácil esta técnica; ou se pode fazer esta técnica, recordar se voltará fácil. Pode ir desde ambos os lados.

Prova esta técnica. A técnica é *ser o mesmo não-mesmo com o amigo e o estranho*. Com o amigo e com o inimigo, ou com o estranho, sei «o mesmo não-mesmo». O que significa isto? Parece contraditório. Em certo modo terá que trocar, porque se se aproxima de ti seu amigo, terá que te levar com ele de maneira diferente, e se se aproxima de ti um estranho, terá que te levar com ele de maneira diferente. Como

vais levar te com um estranho como se já lhe conhecesse? Não pode. Haverá uma diferença; entretanto, no mais profundo permanece o mesmo. A atitude deve seguir sendo a mesma, mas o comportamento será «não-mesmo».

Não pode te levar com uma pessoa desconhecida, como se já a conhecesse. Como vais poder? Como muito pode fingir, mas os fingimentos não servirão. Haverá uma diferença.

Não há necessidade de fingir com um amigo que é seu amigo. Com um estranho, inclusive se tenta atuar como se fora um amigo, será um fingimento: algo novo. Não pode ser o mesmo; o nomismo será necessário. No que concerne a sua conduta, será diferente, mas no que concerne a seu consciencia pode ser o mesmo. Pode olhar ao amigo como ao estranho.

É difícil. Pode que tenha ouvido: «Olhe ao estranho como se fora um amigo», mas isso não é possível se não ser possível o que estou dizendo. Primeiro olhe a seu amigo como a um estranho; só então pode olhar ao estranho como ao amigo. Estão correlacionados.

olhaste alguma vez a seus amigos como se fossem estranhos? Se não o tiver feito, então não olhaste absolutamente. Olhe a sua mulher: conhece-a realmente? Pode que tenha vivido com ela vinte anos ou inclusive mais, e quanto mais viva com ela, major é a possibilidade de que siga esquecendo que é uma estranha..., e segue sendo uma estranha. Independentemente de quanto a ame, isso não trocará nada.

Em realidade, se a amas mais, mais estranha parecerá, porque quanto mais ama, mais profundo vai e mais sabe que ela é como um rio, movendo-se, trocando, viva, diferente em cada momento. Se não olhar profundamente, se simplesmente lhe atienes a que é sua mulher, que se chama tal ou qual, então escolheste um fragmento em particular, e segue pensando que sua esposa é esse fragmento. E cada vez que ela tem que trocar, tem que ocultar suas mudanças. Pode que não esteja de um humor carinhoso, mas tem que fingir porque você espera amor de sua esposa.

Então todo se volta falso. Não lhe permite trocar; não lhe permite ser ela mesma. Então algo está sendo forçado. Então toda a relação morre. quanto mais ame, mais perceberá a pauta cambiante. Então em cada momento é um estranho. Não pode predizer; não pode dizer como vai se comportar seu marido amanhã pela manhã. Só pode predizer se tiver um marido morto; então pode predizer. As predições só são possíveis a respeito de coisas, nunca a respeito de pessoas. Se alguma pessoa for previsível, tenha muito claro que está morta; morreu. Sua vida é falsa, de modo que se pode predizer. Não há nada previsível a respeito das pessoas devido à mudança.

Olhe a seu amigo como a um estranho; é-o! Não tenha medo. Temos medo aos estranhos, assim seguimos esquecendo que inclusive um amigo é um estranho. Se miras também ao estranho que há em seu amigo, nunca te frustrará, porque não pode esperar nada de um estranho. Com seus amigos o dá tudo por descontado; assim há expectativas e logo frustrações: porque ninguém pode satisfazer suas expectativas, ninguém está aqui para satisfazer suas expectativas. Todo mundo está aqui para satisfazer suas próprias expectativas; ninguém está aqui para te satisfazer a ti. Todo mundo está aqui para satisfazer-se a si mesmo, mas você espera que outros lhe satisfaçam e outros esperam que você lhes satisfaça . Então há conflito, violência, luta e sofrimento.

Segue recordando sempre ao estranho. Não o esqueça; inclusive seu amigo mais íntimo é um estranho: tão distante de ti como é possível. Se te acontecer esta percepção, este conhecimento, então pode olhar ao estranho e encontrar também nele a um amigo. Se um amigo pode ser um estranho, então um estranho pode ser um amigo. Olhe a um estranho: não sabe sua língua, não é de seu país, não pertence a sua religião, não é de sua mesma cor. Você é branco e ele é negro, ou você é negro e ele é branco. Não lhes

podem comunicar por meio da linguagem; não pertencem à mesma igreja. De modo que não há terreno comum no referente à nação, a religião, a raça ou a cor: não há terreno comum! É um estranho totalmente. Mas lhe olhe aos olhos, e tem a mesma humanidade: esse é o terreno comum; e a mesma vida: esse é o terreno comum; e a mesma existência: essa é a raiz de que sejam amigos.

Pode que não entenda sua língua, mas lhe pode entender a ele. Inclusive o silêncio pode ser comunicativo. Com apenas lhe olhar aos olhos profundamente, ficará revelado o amigo. E se sabe olhar, então nem sequer um inimigo pode te enganar. Pode ver o amigo nele. Não pode provar que não é seu amigo. Independentemente de quão distante esteja, está perto de ti, porque pertence à mesma corrente existencial, ao mesmo rio que ele. Pertencem à mesma Terra de ser.

Se acontecer isto, então nem sequer uma árvore está longe de ti, então nem sequer uma pedra está longe de ti. Uma pedra é realmente uma estranha. Não há nenhum terreno comum, nenhuma possibilidade de comunicação..., mas tem a mesma existência. A pedra também existe, a pedra também participa do ser. Está aqui, também ocupa um espaço, também existe no tempo. O Sol também sai para ela, como sai para ti. Um dia não existia, igual a você, e um dia você morrerá e ela também morrerá. A pedra desaparecerá. Encontramo-nos na existência. O encontro é a amizade. Diferenciamo-nos na personalidade, diferenciamo-nos na manifestação; na essência somos um.

Nas manifestações são estranhos, de modo que à margem de quão próximos estejamos, permanecemos longe. Podem-lhes sentar juntos, podem lhes abraçar, mas não há nenhuma possibilidade de que lhes aproximem mais. Por isso respeita à personalidade cambiante, nunca são o mesmo. Nunca são similares; sempre são estranhos. Não lhes podem encontrar aí, porque antes de que lhes possam encontrar, já trocastes. Não há nenhuma possibilidade de encontro. Por isso concerne aos corpos e às mentes, não pode haver nenhum encontro, porque antes de que lhes possam encontrar, já não são os mesmos.

Observaste-o alguma vez? Sente amor por alguém: um arrebatamento muito profundo. Está cheio dele, e no momento em que diz: «Amo-te», desapareceu. Observaste-o? Pode que já não esteja aí, pode que seja só uma lembrança. Estava aí, mas já não está. O fato mesmo de que o asseverasse, de que o fizesse manifesto, fez que entre no âmbito da mudança. Quando o sentiu, pode que estivesse no profundo da essência, mas quando o faz sair, está-o levando a âmbito do tempo e o espaço; está entrando no rio. Quando diz: «Amo-te», para então pode que tenha desaparecido por completo. É muito difícil, mas se observar, volta-se um fato. Então pode olhar. No amigo está o estranho, e no estranho, o amigo. Então pode seguir sendo *o mesmo não-mesmo*. Troca periféricamente; segue sendo o mesmo na essência, no centro.

Na honra e na desonra... A quem se honra e a quem se desonra? A ti? Nunca! Só ao que é cambiante, e isso não é você. Alguém te honra; se considerar que te está honrando *a ti*, estará em dificuldades. Está honrando a uma manifestação concreta em ti, não a ti. Como vai conhecer te ti? Nem sequer você te conhece ti mesmo. Ele honra uma manifestação específica; honra algo que entrou em sua personalidade cambiante. É amável, carinhoso; ele o honra. Mas esta amabilidade e este carinho estão só na periferia. Ao momento seguinte não será carinhoso; pode que esteja cheio de ódio. Pode que não haja flores, só espinhos. Pode que não seja tão feliz. Pode que esteja triste, deprimido. Pode que seja cruel, que esteja cheio de ira. Então te desonrará. Logo voltará a manifestação amorosa. Outros não entram em contato contigo, a não ser com suas manifestações.

Recorda isto: não lhe estão honrando nem desonrando *a ti*. Não podem fazer nenhuma das duas coisas porque não lhe conhecem; não podem te conhecer. Se nem

sequer você for consciente de ti mesmo, como vão ser o eles? Eles têm suas próprias fórmulas, têm suas teorias, têm suas medidas e critérios. Têm suas pedras de toque e dizem: «Se um homem for tal e qual, honraremos-lhe, e se um homem é tal e qual, desonraremos-lhe». De modo que atuam conforme a seus critérios, e você nunca está perto de suas pedras de toque; só suas manifestações.

Podem te chamar pecador um dia e santo outro. Podem te chamar santo hoje, e ao dia seguinte pode que estejam contra ti, que lhe matem a pedradas. O que está passando? Entram em contato com sua periferia, nunca entram em contato contigo. Recorda isto: que o que seja que estejam dizendo não é sobre ti. Você permanece mais à frente; você permanece fora. Suas condenações, suas avaliações, tudo o que fazem não tem que ver realmente contigo, a não ser só com suas manifestações no tempo.

Contarei-te uma anedota Zen. Um jovem monge vivia perto do Kioto. Era jovem e bonito, e toda a cidade estava contente. Honravam-lhe. Pensavam que era um grande santo. Então, um dia todo se investiu. Uma garota ficou grávida, e disse a seus pais que este monge era o responsável. Assim que toda a cidade ficou contra ele. Foram e lhe queimaram a casa. Era pela manhã, e era uma manhã muito fria, uma manhã de inverno, e lhe atiraram o menino à monge.

O pai da garota lhe disse: «Este é seu filho, assim assume a responsabilidade».

O monge simplesmente disse: «É isso assim?». E então o menino começou a chorar, assim que o monge se esqueceu da multidão e começou a cuidar de menino.

A multidão foi e destruiu sua casa, queimou-a. Então o menino tinha fome e o monge não tinha dinheiro, assim começou a mendigar na cidade para o menino. Quem ia dar algo agora? Fazia só uns momentos era um grande santo, e agora é um grande pecador. Quem ia dar algo agora? Em qualquer lugar que o tentou, deram-lhe com a porta nos narizes. Condenaram-lhe completamente.

Então chegou à mesma casa, à casa da garota. A garota estava muito afligida, e então ouviu chorar e gritar ao menino, e o monge estava parado aí dizendo: «Não me dêem, sou um pecador. Mas o menino não é um pecador; podem-lhe dar leite a este menino». Então a garota confessou que, para ocultar ao autêntico pai, havia dito o nome do monge. Ele era absolutamente inocente.

De modo que toda a cidade voltou a girar. Caíram a seus pés, começaram a lhe pedir perdão. E chegou o pai da garota, agarrou ao menino com olhos chorosos, caindo as lágrimas, e disse: «Mas por que não o disse antes? por que não negou pela manhã? O menino não é teu».

conta-se que o monge disse: «É isso assim?». Pela manhã havia dito: «É isso assim? Este menino é meu?». E pela tarde disse: «É isso assim? Este menino não é meu?».

Assim é como terá que aplicar este sutra na vida. Na honra e na desonra, deve permanecer *o mesmo não-mesmo*. O centro mais íntimo deve seguir sendo o mesmo, aconteça o que acontecer na periferia. A periferia trocará, mas você não deve trocar. E porque é dois, a periferia e o centro, por isso se usaram termos opostos, contraditórios: *Sei o mesmo não-mesmo...* E pode aplicar esta técnica a todos os opostos: no amor e no ódio, na pobreza e na riqueza no bem-estar e no mal-estar, ou em algo, permanece *o mesmo não-mesmo*.

Tenha claro que a mudança só lhe está acontecendo a sua periferia. Não te pode acontecer a ti; isso é impossível. De modo que pode permanecer desapegado, e esse desapego não é forçado. Simplesmente sabe que é assim. Isto não é um desapego forçado isto não é um esforço por sua parte para te manter desapegado. Se *tenta* permanecer desapegado ainda está na periferia; não conhecestes o centro. O centro é

desapegado; sempre foi assim. É transcendental. É sempre o mais à frente. Tudo o que acontece abaixo nunca acontece a ele.

isto prova em situações opostas. Segue sentindo algo em ti que é o mesmo. Quando alguém te esteja insultando, te centre no ponto no que simplesmente está lhe escutando -não fazendo nada, não reagindo-, simplesmente escutando; está te insultando. E logo alguém te está elogiando. Simplesmente escuta. Insulto-alabanza honra-desonra: simplesmente escuta. Sua periferia se alterará. Olha-a também; não a troque. Olha-a; permanece no profundo de seu centro, olhar daí. Terá um desapego que não é forçado, que é espontâneo, que é natural.

E uma vez que tenha a percepção do desapego natural, nada pode te alterar. Permanecerá silencioso. Independentemente do que acontecer o mundo, permanecerá inalterado. Inclusive se alguém te está matando, só afetará ao corpo: não a ti. Você permanecerá mais à frente. Este «permanecer mais à frente» te leva a existência, ao que é sorte, eterno, ao que é verdadeiro, que é sempre, ao que é imortal, à vida mesma. Pode chamá-lo Deus ou pode escolher seu próprio término. Pode chamá-lo *nirvana*, como quer, mas a não ser que vá da periferia ao centro e a não ser que tome consciência do eterno em ti, não te aconteceu a religião, nem te aconteceu a vida. Lhe está perdendo isso; simplesmente lhe está perdendo isso tudo. Isso é possível: perder o êxtase de viver.

Shankara diz: «chamo *sannyasin* ao homem que sabe o que está trocando e o que é invariável, que sabe o que se está movendo e o que é imóvel». Isto, na filosofia a Índia, conhece-se como discernimento: *vivek*. Discernir entre estes dois, o âmbito da mudança e o âmbito do invariável: isto se chama *vivek*, discernimento, consciência.

Este sutra pode usar-se muito, muito profundamente e muito facilmente com algo que esteja fazendo. Tem fome? Recorda os dois âmbitos. A fome só pode senti-lo-a periferia, porque a periferia necessita comida, necessita combustível. Você não necessita comida, você não necessita nenhum combustível, mas o corpo os necessita. Recorda, quando acontece a fome, está-lhe acontecendo à periferia; você é tão somente o que sabe. Se você não existisse, não se saberia. Se não existisse o corpo, não aconteceria. Com sua ausência, só faltará o conhecimento, porque o corpo não pode saber. O corpo pode o ter, mas não pode sabê-lo. Você sabe; você não pode o ter.

Assim não diga nunca que «eu estou faminto». Dava sempre por dentro: «Eu sei que meu corpo está faminto». Ponha a ênfase em que sabe. Então há discernimento. Está-te fazendo velho; não diga nunca: «Eu me estou fazendo velho». Dava simplesmente: «Meu corpo se está fazendo velho». Então, no momento da morte saberá também: «Eu não estou morrendo; meu corpo está morrendo. Eu estou trocando de corpo, só trocando de casa». Se este discernimento se fizer mais profundo, um dia, de repente, acontecerá a iluminação.

67 Recorda que tudo troca.

Segundo sutra: *Este é o âmbito da mudança, mudança, mudança. Mediante a mudança, consome a mudança.*

O primeiro que terá que compreender é que tudo o que conhece é mudança; à exceção de ti, que conhece, tudo é mudança. Viu algo que não seja mudança? Todo este mundo é um fenômeno de mudança. Inclusive os Himalayas estão trocando. Dizem -os cientistas que se ocupam deles- que estão crescendo; estes Himalayas são os Montes mais jovens do mundo; em realidade, são como um menino; ainda estão crescendo, ainda não se tem feito amadurecidos, não alcançaram o ponto no que algo começa a declinar. Ainda estão elevando-se.

Se os comparar com o Vindhyaçal, outro monte, são só meninos. Vindhyaçal é um dos mais velhos, e alguns dizem que é o monte mais velho do mundo. É tão velho que está diminuindo, vindo a menos. esteve diminuindo durante séculos: morrendo, na velhice. De modo que inclusive o Himalaya, que parece tão estável, invariável, imóvel, está trocando. É só um rio de pedras. As pedras são o mesmo; elas também são como rios, flutuando. Comparativamente tudo está trocando. Algumas costure parecem mais cambiantes, algumas costure parecem menos cambiantes, mas isso é só relativo.

Nada que possa conhecer é invariável. Recorda o que digo: nada que possa conhecer é invariável. Nada é invariável exceto o que conhece. Mas esse está sempre detrás. Sempre «conhece»; nunca é conhecido realmente. Nunca pode voltar o objeto; sempre é o sujeito. Independentemente do que faça ou conheça, sempre está detrás. Não pode conhecê-lo. Quando digo isto, não te turve. Quando digo que não pode conhecê-lo, quero dizer que não pode conhecê-lo como um objeto. Posso te olhar, mas como vou olhar me a mim mesmo da mesma maneira? É impossível, porque para ter uma relação de conhecimento são necessárias duas coisas: que conhece e o conhecido.

De maneira que quando lhe Miro, você é o conhecido e eu sou o que conhece, e o conhecimento pode existir como ponte. Mas onde fazer a ponte, quando me Miro mesmo, quando estou tratando de me conhecer mim mesmo? Estou só eu, sozinho, totalmente sozinho. Falta a outra borda, assim que onde criar a ponte? Como me conhecer mim mesmo?

De modo que o autoconocimiento é um processo negativo. Não pode te conhecer ti mesmo diretamente; simplesmente pode *ir* eliminando objetos de conhecimento. Segue eliminando objetos de conhecimento. Quando não há nenhum objeto de conhecimento, quando não pode conhecer nada, quando não há nada a não ser o vazio, a vacuidade -e isto é a meditação: eliminar todos os objetos de conhecimento-, então chega um momento em que há consciencia, mas não há nada do que ser consciente; há conhecimento, mas não há nada que conhecer. A energia simples, pura do conhecimento permanece e não fica nada que possa ser conhecido. Não há nenhum objeto.

Nesse estado em que não há nada que conhecer, diz-se que te conhece ti mesmo em certo sentido. Mas esse *conhecimento* é totalmente diferente de qualquer outro conhecimento. É enganoso usar a mesma palavra para ambos. houve místicos que hão dito que o autoconocimiento é contraditório, que o término mesmo é contraditório. O conhecimento é sempre do outro; o conhecimento da gente mesmo é impossível. Mas quando não há outro, acontece algo. Pode chamá-lo autoconocimiento, mas a palavra é enganosa.

Assim é que tudo o que conhece é mudança. Em todas partes, inclusive estas paredes estão trocando constantemente. Agora os físicos respaldam isto. Inclusive a parede que parece tão fixa, invariável, está trocando a cada momento. Há um grande fluxo em marcha. Cada átomo se está movendo, cada elétron se está movendo. Tudo se está movendo rapidamente, e o movimento é tão rápido que não pode detectá-lo. Por isso a parede parece permanente. Pela manhã era assim, pela tarde era assim e amanhã será assim. A miras como se fora a mesma, mas não o é. Seus olhos não são capazes de detectar um movimento tão grande.

Há um ventilador: Se o ventilador se mover muito rapidamente, não poderá ver o espaço; parecerá um círculo. Não se pode ver o espaço porque o movimento é rápido, e se o movimento é tão rápido, não verá absolutamente que o ventilador se está movendo. Não será capaz de detectar o movimento. O ventilador parecerá imóvel; nem sequer poderá tocá-lo. Estará imóvel, e sua mão nem sequer poderá entrar nos espaços, porque sua mão não pode mover-se tão rapidamente para entrar nos interstícios. antes de que entre, terá chegado outra folha do ventilador. antes de que entre, terá chegado outra

folha mais. Tocar a folha, e o movimento será tão rápido que parecerá que o ventilador está imóvel. Assim é que as coisas que estão imóveis se estão movendo muito rapidamente: por isso há a aparência de que estão estacionárias.

Este sutra diz que tudo é mudança: *Este é o âmbito da mudança...* Toda a filosofia da Buda se assenta sobre este sutra. Buda diz que tudo é um fluxo, cambiante, impermanente, e que alguém deveria saber isto. A ênfase da Buda recai muitíssimo neste ponto; todo seu ponto de vista se apóia nisto. Ele diz: «Mudança, mudança, mudança: recorda isto continuamente». por que? Se pode recordar a mudança, acontecerá o desapego. Como vais estar apegado quando tudo está trocando?

Miras um rosto; é muito belo. Quando olha um rosto que é muito belo, tem a sensação de que isto vai permanecer. Compreende-o profundamente. Nunca espere que isto vá permanecer. Mas se souber que está trocando rapidamente, e que é belo neste momento e pode que seja feio ao seguinte, como vais sentir nenhum apego? É impossível. Olhe um corpo: está vivo; ao momento seguinte estará morto. Tudo é vão, se perceber a mudança.

Buda deixou seu palácio, sua família -sua bela esposa, seu filho-, e quando alguém lhe perguntou por que, disse: «Onde não há nada permanente, do que serve? O menino morrerá». E o menino nasceu a noite que Buda se foi. Fazia só umas poucas horas que tinha nascido. Buda foi à habitação de sua esposa para jogar um último olhar. Sua mulher estava de costas à porta. Tinha em seus braços ao menino dormido. Buda queria despedir-se, mas resistiu. Disse: «Do que serve?».

Houve um momento em sua mente em que um pensamento relampejou: «O menino só tem um dia, uma poucas horas, e devo olhá-lo.» Mas então disse: «Do que serve? Tudo está trocando. O menino nasceu este dia, e ao dia seguinte morrerá. E um dia antes não estava aqui. Agora esta aqui, e um dia voltará para não estar. Assim do que serve? Tudo está trocando». Se foi; voltou as costas e se foi.

Quando alguém lhe perguntou: «por que abandonou todo isso?», ele disse: «Estou em busca do que nunca troca, porque se me apego ao que troca, haverá frustração. Se aferrar ao que está trocando, sou um estúpido, porque trocará, não permanecerá igual. Então me sentirei frustrado. Assim estou em busca do que nunca troca. Se houver algo que nunca troca, só então tem algum valor e sentido a vida. Do contrário, tudo é vão». Ele apoiou tudo seu ensino na mudança.

Este sutra é belo. Este sutra diz: *Mediante a mudança, consome a mudança*. Buda nunca diria a segunda parte. A segunda parte é basicamente tântrica. Buda dirá que tudo é mudança; percebe-o, e então não aferrará a isso. E quando não aferra a isso, com o tempo, deixando tudo o que troca, cairá em ti mesmo ao centro no que não há mudança. Simplesmente segue eliminando a mudança, e chegará ao imóvel, ao centro: o centro da roda. Por isso Buda escolheu a roda como símbolo de sua religião: porque a roda se move, mas o centro sobre o que se move permanece imóvel. De modo que o *sansara* -o mundo se move como uma roda. Sua personalidade se move como uma roda, e sua essência mais íntima segue sendo o centro sobre o que se move a roda. Permanece imóvel.

Buda dirá que a vida é mudança. Estará de acordo com a primeira parte. O seguinte -a segunda parte- é tipicamente tântrico: *Mediante a mudança, consome a mudança*. O tantra diz que não deixe o que está trocando; entra nisso. Não te afeire, mas entra. por que ter medo? Entra nisso, experimenta-o. Deixa que aconteça, e entra nisso. Consume-o mediante isso mesmo. Não tenha medo, não te escape. Aonde escapará? Como vais poder escapar? Em todas partes há mudança. O tantra diz que todas as partes são mudança. Aonde escapará? Onde pode ir?

Em qualquer lugar que vá haverá mudança. Toda fuga é inútil, assim não trate de escapar. O que fazer então? Não te afeire. Vive a mudança, sei a mudança. Não crie nenhuma luta com ele. te mova com ele. O rio está fluindo; você flui com ele. Nem sequer nade; deixa que o rio te leve. Não lute com ele, não esbanje sua energia lutando com ele; simplesmente, te relaxe. Deixe ir e te mova com o *rio*.

O que acontecerá? Se pode te mover com um rio sem nenhum conflito, sem nenhuma direção própria, se a direção do rio for sua direção, de repente tomará consciência de que não é o rio. Tomará consciência de que não é o rio! Percebe-o. Algum dia prova-o em um rio. Vê ali, te relaxe, e deixa que o rio te leve. Não lute; te volte o rio. de repente perceberá que o rio te rodeia por toda parte, mas você não é o rio.

Ao lutar pode que esqueça isto. É por isso que o tantra diz: *Mediante a mudança, consome a mudança*. Não lute. Não há necessidade, porque a mudança não pode entrar em ti. Assim não tenha medo. Vive no mundo. Não tenha medo, porque o mundo não pode entrar em ti. Vive-o. Não escolha, este caminho ou esse.

Há dois tipos de gente: alguém se aferrará ao mundo da mudança e o outro escapará. Mas o tantra diz que é mudança, de modo que aferrar-se é inútil, e escapar, também. Do que serve? Buda diz: «Do que serve permanecer no mundo da mudança?». O tantra diz: «Do que serve escapar dele?».

Ambas as coisas são inúteis. Melhor, permite que aconteça. Não está envolto nisso. Está acontecendo; você nem sequer é necessário para isso. Não estava e o mundo estava trocando, e não estará e o mundo seguirá trocando, assim por que fazer tanto dramalhão?

Consome a mudança mediante a mudança. Esta é uma mensagem muito profunda. Consome a ira mediante a ira, consome o sexo mediante o sexo, consome a avareza mediante a avareza, consome o *sansara* mediante o *sansara*. Não lute com isso, manten depravado, porque a luta cria tensões e a luta cria ansiedade, angústia, e te alterará innescessariamente. Deixa que o mundo seja como é.

Há dois tipos de pessoas. Um tipo é o das pessoas que não pode deixar que o mundo seja como é. Lhes chama revolucionários. Trocarão-o, lutarão por trocá-lo. Destruirão sua própria vida trocando-o, e já está trocando. Eles não são necessários, eles tão somente se consumirão a si mesmos. Queimarão-se trocando o mundo, e já está trocando. Em realidade, não é necessária nenhuma revolução. O mundo é uma revolução; está trocando.

Pode que te pergunte por que a Índia não produziu grandes revolucionários. É devido a esta percepção de que tudo está já trocando.

Por que te está perturbando para trocá-lo? Nem pode trocá-lo, nem pode deter a mudança.

Está trocando. por que te extenuar?

Um tipo de personalidade trata sempre de trocar o mundo. Aos olhos da religião, é um neurótico. Em realidade, tem medo de olhar-se a si mesmo, de modo que segue e se obceca com o mundo. Terá que trocar o estado, terá que trocar o governo, a sociedade, a estrutura, a economia, terá que trocá-lo tudo, e morrerá, e nunca terá um momento de êxtase no que pôde saber quem era, e o mundo continuará e a roda seguirá movendo-se. Viu a muitos revolucionários, e segue movendo-se. Nem pode parar nem pode acelerar a mudança.

Esta é a atitude de um místico: os místicos dizem que não há necessidade de trocar o mundo. Mas há também dois tipos de místicos. A gente diz que não é necessário trocar o mundo, mas sim necessário trocar-se a gente mesmo. Ele também acredita em trocar: não em trocar o mundo, a não ser a si mesmo.

Mas o tantra diz que não há necessidade de trocar a ninguém: nem ao mundo nem a ti mesmo. Esse é o núcleo mais profundo do misticismo. Não precisa trocar o mundo e não precisa te trocar a ti mesmo. Só tem que saber que tudo está trocando e flutuar na mudança e te relaxar na mudança.

E no momento em que não há nenhum esforço para produzir nenhuma mudança, pode relaxar totalmente; porque se houver esforço não pode te relaxar. Então haverá tensão, porque no futuro vai acontecer algo valioso: o mundo vai trocar. O mundo vai se voltar comunista, ou vai vir o paraíso terrestre, ou alguma utopia no futuro, vais entrar no reino de Deus, ou em *moksha*. Em alguma parte do paraíso, os anjos estão esperando para te dar a bem-vinda..., mas «em alguma parte» é o futuro. Com esta atitude estará tenso.

O tantra diz que o esqueça. O mundo já está trocando e você também está trocando. A mudança é a existência, assim não se preocupe por isso. Já está acontecendo sem ti; você não é necessário. Simplesmente flutua nele sem ansiedade pelo futuro, e de repente, no meio da mudança tomará consciência de um centro dentro de ti que nunca troca, que permaneceu sempre como é: o mesmo.

por que acontece isto? Porque se está depravado então o fundo cambiante te proporciona o contraste, e por meio dele pode perceber o que não troca. Se está fazendo qualquer esforço por trocar o mundo ou a ti mesmo, não pode olhar o pequeno centro imóvel que há dentro de ti. Está tão obcecado com a mudança que não é capaz de olhar o que é a realidade.

A mudança está por toda parte. A mudança se volta o fundo, o contraste, e está depravado. De modo que não há futuro em sua mente: não há pensamentos sobre o futuro. Está aqui agora; este momento é tudo. Tudo está trocando, e de repente toma consciência de um ponto dentro de ti que nunca trocou. *Mediante a mudança, consome a mudança*. Isto é o que quer dizer *Mediante a mudança, consome a mudança*.

Não lute. Mediante a morte, te volte imortal; mediante a morte, deixa que mora a morte. Não lute com ela. A atitude tântrica é difícil de conceber, porque nossas mentes querem fazer algo, e isto é um não-fazer. É tão somente relaxar-se, não fazer, mas isto é um dos segredos mais ocultos. Se pode perceber isto, não precisa preocupar-se por nada mais. Esta só técnica lhe pode dar isso tudo.

Então não necessita nada, porque há chegando a conhecer o segredo de que mediante a mudança, a mudança se pode consumir, e mediante a morte, a morte se pode consumir, e mediante o sexo, o sexo se pode consumir, e mediante a ira, a ira se pode consumir. Agora chegaste a conhecer o segredo de que mediante o veneno, o veneno se pode consumir.

Capítulo 44

Secretos de Amor e Liberação

Perguntas

por que o homem moderno se tornou incapaz de amar?

Para perceber o centro, devem cessar os movimentos periféricos?

Não é difícil dissolver a mudança mediante a mudança sem ansiedade e decepção?

Qual é a atitude do tantra com respeito à moderna vida urbana de tensões e esgotamentos?

Primeira pergunta:

Em referência a sua afirmação de que o tantra é uma técnica de amor, !por favor, explica por que o homem e a mulher modernos se tornaram incapazes de amar.

O amor é espontâneo. Não pode ser controlado. Não pode «fazer» o amor; não pode fazer nada com respeito a ele. E quanto mais faça, mais lhe perderá isso. Tem que deixar que aconteça. Você não é necessário para isso. Sua presença é o obstáculo. quanto mais ausente esteja, melhor. Quando você não está, o amor acontece. devido a sua incapacidade de estar ausentes, o homem e a mulher modernos se tornaram incapazes de amar. Só são capazes de fazer coisas. Toda a mente moderna se apóia em fazer. Algo que possa fazer-se, o homem moderno pode fazê-la mais eficientemente que qualquer homem que tenha existido. Algo que pode fazer-se, fazemo-la mais eficientemente. Somos o século mais eficiente; convertemo-lo tudo em tecnologia, em um problema de como «fazê-lo». desenvolvemos uma dimensão, que é a dimensão do fazer, mas ao desenvolver esta dimensão perdemos muito.

Ao perder o ser, aprendemos a fazer coisas, de modo que o que se pode fazer o fazemos melhor que ninguém, melhor que nenhuma sociedade que existiu na Terra. Mas quando chega a questão do amor, surge um problema, porque não podemos amar. E isto não é assim só com o amor; tornamo-nos incapazes de tudo o que não pode fazer-se.

Por exemplo, a meditação: tornamo-nos incapazes dela; não pode fazer-se. Ou o jogo: tornamo-nos incapazes dele; não pode fazer-se. Ou a alegria, a felicidade: tornamo-nos incapazes delas porque não se podem fazer. Não são atos; não pode manipulá-los. Pelo contrário, tem que deixar ir. Então te acontece a alegria, então chega a ti a felicidade, então entra em ti o amor, então o amor toma posse de ti. E devido a esta posse, assustamo-nos.

O homem moderno, a mente moderna, quer possui-lo tudo e não ser poseída por nada. O homem moderno quer ser o amo de tudo, e só se pode ser o amo de coisas, não de sucessos. Pode ser o amo de uma casa, pode ser o amo de um aparelho mecânico; não pode ser o amo de nada que esteja vivo. A vida não pode ser dominada; não pode possui-la. Pelo contrário, tem que ser poseído por ela. Só então há contato com ela.

O amor é vida, e é maior que você. Não pode possui-lo. Queria repeti-lo: o amor é maior que você; não pode possui-lo. Só pode te deixar ser poseído por ele; não pode ser controlado. O ego moderno quer controlá-lo tudo, e te assusta do que não pode controlar. Atemoriza-te, fecha a porta. Fecha completamente essa dimensão porque surge o medo. Não terá o controle. Com o amor não pode ter o controle, e toda a tendência que conduziu a este século foi controlar. Por todo mundo, e especialmente no Ocidente, a tendência é aprender a controlar a natureza, controlá-lo tudo, controlar as energias.

O homem deve fazer o amo; e te tornaste o amo; é obvio, só das coisas que é possível possuir, e paralelamente estiveste desenvolvendo uma incapacidade para as coisas que não podem ser poseídas. Pode possuir dinheiro; não pode possuir amor. E devido a isto estivemos convertendo-o tudo em uma coisa. Segue inclusive convertendo às pessoas em coisas, porque então pode as possuir. Se amas a uma pessoa, não é o amo; ninguém é o amo. Duas pessoas se amam mutuamente, e nenhuma é o amo, nem o amante nem a amada. Mas bem, o amor é o amo e ambos os som poseídos por uma força maior que eles mesmos, abrangidos por uma força maior: um ciclone. Se tentam

possuir o um ao outro, errarão. Então podem possuir o um ao outro. Então o amante se converterá no marido e a amada se converterá na esposa. Então podem possuir, mas um marido é uma coisa e uma esposa é uma coisa. Não são pessoas. Pode possuí-los. São entidades mortas, etiquetas legais: não estão vivos.

Seguimos convertendo às pessoas em coisas só para as possuir, e então nos sentimos frustrados: porque queremos possuir à pessoa e a pessoa não pode ser poseída. Quando possuí a uma pessoa, já não é uma pessoa; é uma coisa morta, e não pode te satisfazer com uma coisa morta. Observa esta contradição: só pode te satisfazer com pessoas, nunca com coisas, mas sua mente deseja posses..., de modo que as converte em coisas. Então não pode estar satisfeito. Então se afiança a frustração.

A posesividade, a atitude de possuir, matou a capacidade de amar. Não pense do ponto de vista da posse. Mas bem, pensa do ponto de vista de ser poseído. Isso é o que significa a entrega: ser poseído, te deixar ser poseído por algo maior que você. Então não terá o controle. Então uma força maior se apropriará de ti. Então a direção não será tua. Então não pode escolher o objetivo. Então o futuro é desconhecido; já não pode estar seguro. te movendo com uma força maior que você, está inseguro, assustado.

Se está assustado e inseguro, é melhor não mover-se com grandes forças. Simplesmente opero com forças mais baixas que você; então pode ter o controle, e pode decidir o objetivo de antemão. Então alcançará o objetivo, mas não tirará nada com isso. Simplesmente terá esbanjado sua vida.

O segredo do amor e o segredo da oração, o segredo de algo que pode te encher é a entrega: a capacidade de ser poseído. O problema com o amor existe porque esta capacidade não está presente. Há também outras razões, mas esta é a base. A primeira razão é pôr muito ênfase no intelecto, a razão. De modo que o homem está desequilibrado. Sua cabeça cresceu e seu coração ficou absolutamente desatendido. E o amor não é uma capacidade do intelecto. Tem um centro diferente; tem um foco, uma fonte diferente. Está em seu coração, está em sua capacidade de sentir; não é um raciocínio. Mas toda a educação moderna consiste em raciocínio, lógica, intelecto, mente. Do coração nem sequer se fala. Em realidade, nega-se; é só uma ficção poética.

Não o é! É uma realidade! Considera o desta maneira: se um menino é educado desde o começo sem nenhum adestramento da mente ou o raciocínio, sem nenhum adestramento intelectual, terá um intelecto? Não pode!

deram-se casos semelhantes. Algo aconteceu e os lobos criaram um menino humano. Faz só dez anos, encontrou-se a um menino em um bosque. Tinham-no criado os lobos. Tinha quatorze anos. Nem sequer podia sustentar-se sobre as duas pernas; corria a quatro patas. Não podia dizer nenhuma palavra; bramava como um lobo. Era um lobo em todos os aspectos, e tinha quatorze anos. Os que o encontraram o chamaram RAM. Ao menino lhe custou seis meses aprender o nome. Morreu em menos de um ano; e os psicólogos que trabalhavam com ele suspeitam que morreu devido a um esforço excessivo do intelecto. Este forçamento, este adestramento para fazer que se sustentara com as duas pernas, este adestramento da memória para fazer que recordasse o nome, o esforço por lhe voltar um ser humano, matou-lhe.

Era robusto de saúde quando o encontraram: mais são que o que está nunca nenhum ser humano. Era como um animal. Mas este adestramento lhe matou. fizeram-se todos os esforços para que se lhe perguntava «Como te chama?», fora capaz de dizer «RAM». Este era todo seu intelecto. depois de seis meses de adestramento -castigo- constante, criando um afã de lucro nele, a única prova que o menino podia dar de seu intelecto era isto: era capaz de dizer «RAM». O que aconteceu? Se alguém de Marte se deu procuração deste menino, pensaria que a humanidade não tem mente, intelecto, razão.

O mesmo lhe aconteceu ao coração. Sem adestramento é como se não existisse. foi completamente desatendido, de modo que toda sua energia vital foi forçada para a cabeça, não para o coração, e o amor é uma função do centro do coração. Por isso o homem moderno se tornou incapaz de amar: o homem moderno se tornou incapaz do coração. Ele calcula, e o amor não é um cálculo. Sabe aritmética, e o amor não é aritmética. Pensa em função da lógica, e o amor é ilógico. Tenta sempre racionalizá-lo tudo. À margem do que esteja fazendo, a razão deve sustentá-lo, e o amor não é sustentado pela razão.

Em realidade, quando te apaixonas despreza completamente sua razão. Por isso se diz que o homem «sucumbe», «cai» no amor. De onde cai? Cai da cabeça ao coração. Usamos este término de condenação: «sucumbir ao amor», «cair no amor», porque a cabeça, a razão, não pode contemplá-lo sem condená-lo. É uma queda.

É o amor realmente uma queda ou uma ascensão? Volta-te mais com ele ou te volta menos? Expande-te ou te contrai? Com o amor te volta mais! Tem mais consciencia, tem mais percepção, tem mais sensação, tem mais sensibilidade. Está mais vivo, mas uma coisa é menos: há menos raciocínio. Não pode analisá-lo por lógica; é cego. Por isso concerne à razão, é cego. O coração tem sua própria razão -isso é outra coisa-, e o coração tem olhos próprios, mas isso é outra coisa. Os olhos da razão não estão aí, de modo que a razão diz que é uma queda; tem cansado.

A não ser que o centro do coração comece a funcionar de novo, o homem não será capaz de amar, e toda a desdita da vida moderna se deve a que, a menos que ame, não pode encontrar nenhum sentido em sua vida. A vida parece carecer de sentido. O amor lhe dá sentido; o amor é elúnico sentido. A não ser que seja capaz de amar, não terá sentido, e sentirá que está existindo sem nenhum sentido, em vão, e o suicídio se voltará atrativo. Então quererá te matar a ti mesmo, acabar contigo, terminar, porque do que serve existir?

Existir meramente não pode ser tolerado. A existência deve ter um sentido; do contrário, do que serve? por que seguir te prolongando innecesariamente? Para que seguir repetindo a mesma pauta todos os dias? te levantar e fazer o mesmo, e voltar a dormir e ao dia seguinte a mesma pauta: para que?

Tem-no feito até agora, e o que aconteceu? e o fará a menos que chegue a morte e te *libere* de seu corpo. Assim do que serve? O amor dá sentido. Não é que mediante o amor se produza algum resultado ou algum objetivo, não! Mediante o amor, cada momento se volta valioso em si mesmo. Então nunca pergunta isto. Se alguém perguntar qual é o sentido da vida, tenha muito claro que não tem amor. Sempre que alguém pergunta qual é o sentido da vida, está-o perguntando porque não pôde florescer em uma experiência de amor. Quando alguém está apaixonado, nunca pergunta qual é o sentido da vida. Conhece o sentido; não há necessidade de perguntar. iConoce o sentido! Aí está o sentido: o amor é o sentido da vida.

E mediante o amor é possível a oração, porque a oração é também uma relação de amor; não entre dois indivíduos, a não ser entre um indivíduo e a existência mesma. Então toda a existência se volta sua amada ou amante. Mas só mediante a experiência do amor é possível que alcance a oração ou a meditação, e o êxtase supremo é como o amor. Por isso diz Jesus que «Deus é amor», não que «Deus ama».

Os cristãos estiveram interpretando o desta forma: que Deus é bondoso, amoroso. Esse não é o significado. Jesus diz que Deus é amor. Simplesmente equipasse a Deus com o amor. Pode dizer «amor» ou pode dizer «Deus»; ambas as coisas significam o mesmo. Deus não ama; Deus é o amor mesmo. Se pode amar, entraste no divino. E quando seu amor cresce até uma infinitud tal que não tem que ver com ninguém em particular -mas bem, converteu-se em um fenômeno difuso; quando não há amante para

ti, mas bem, toda a existência, tudo o que existe, tornou-se o amante ou amado-, então se converteu em oração.

E o tantra é um método de amor. Assim que o primeiro é como amar, e o segundo é como acrescentar o amor para que o amor se converta em oração. Mas terá que começar com o amor. E não lhe tenha medo ao amor, porque o medo revela que lhe tem medo ao coração. A cabeça é ardilosa; o coração é inocente. Com a cabeça se sente protegido; com o coração te volta vulnerável, aberto. Pode acontecer algo.

Por isso nos fechamos. Há medo: se for vulnerável, pode-te acontecer algo; alguém pode te enganar. Com a mente, ninguém pode te enganar; você pode enganar a outros. Mas eu te digo que esteja disposto a ser enganado, mas não feche o coração. te esteja disposto a que lhe enganem, mas não feche o coração! Essa vulnerabilidade a ser enganado tem valor, porque não perderá nada com ela. E se estiver disposto a ser enganado imensamente, só então pode acreditar no coração. Se for calculador, ardiloso, preparado, muito preparado, então te perderá o coração. E o homem moderno é tão educado, tão sofisticado, tão preparado..., que se tornou incapaz de amar.

As mulheres não eram assim, mas estão seguindo rapidamente ao homem moderno, estão copiando rapidamente ao homem moderno. cedo ou tarde, voltarão-se igual ao homem, ou pode inclusive que lhe ultrapassem. Agora elas também se estão voltando incapazes porque agora está presente a mesma tendência à cabeça, o mesmo esforço por ser ardilosas e listas. Podem formar um «Movimento de Liberação da Mulher» ou algo pelo estilo, mas isso não se centra no coração. É tão somente uma cópia da mesma estupidez que o homem esteve fazendo consigo mesmo. Pode ir ao outro extremo, mas se reagir, inclusive em sua reação está seguindo.

Há uma grande crise. É difícil agora evitar que as mulheres de todo o mundo copiem ao homem e sua tolice, porque o homem parece ter muito êxito. Tem êxito em certo sentido; feito-se o amo das coisas. Agora possui o mundo inteiro. Agora lhe parece que conquistou a natureza, e «o triunfo triunfa; nada trunfa como o triunfo».

Agora as mulheres consideram que o homem triunfou e se feito o amo, assim devem lhe copiar. Mas observa também aquilo no que o homem fracassou completamente. perdeu o coração; não pode amar. A razão só não é suficiente, e a razão em posição de mando é perigosa. O coração deve estar por cima da razão, porque a razão é só um instrumento e o coração é você. Ao coração terá que lhe permitir que use a razão, não à inversa. Mas isso é o que estiveste fazendo. À cabeça lhe permite dominar; em sua dominação, a cabeça matou ao coração.

E, em terceiro lugar, terá que recordar uma coisa mais no referente a por que o homem moderno se tornou incapaz de amar. O amor é basicamente um tipo de loucura, um tipo de participação profunda com a natureza, um tipo de dissolução do ego. É primário. Nasce do amor; cada uma das células de seu corpo é uma célula de amor. Sua energia mesma, sua energia vital, é uma energia de amor: Existe nela, mas não há ego nessa energia. Não pode perceber o «Eu». Essa energia é inconsciente, e quando entra no amor, *você* te volta inconsciente. Só um fragmento de sua mente é consciente, e nesse fragmento da mente existe o ego.

A mente tem três capas. Primeiro está o inconsciente: quando está profundamente dormido sem sonhos, está nele. O menino no útero de sua mãe é absolutamente inconsciente, é tão somente parte da mãe. O menino não é consciente de que «estou separado»; simplesmente forma parte da mãe. Não há separação, não há existência definida. Está indiferenciado da mãe e da existência mesma. Não há medo, porque o medo só surge quando toma consciencia de ti mesmo. O menino está totalmente a gosto; é inconsciente.

E a segunda capa é a da consciencia. É um fragmento muito pequeno. Uma décima parte do inconsciente se tornou consciente em ti mediante o adestramento, a educação, a sociedade, a família. Era necessário para a sobrevivência, de modo que uma parte de ti se tornou consciente. Mas essa parte também se cansa muito em breve; por isso precisa dormir. Ao dormir volta a ser o menino no útero. retrocedeste; já não estás o consciente. feito-se parte do inconsciente. Por isso dormir é tão refrescante. Pela manhã se sente vivo de novo, renovado, porque voltaste para útero da mãe.

Pode que não tenha observado isto... Observa a alguém que esteja profundamente dormido. Mais ou menos, estará na mesma postura em que estava no útero de sua mãe. E se pode estar na postura adequada, dormirá mais facilmente. Se notas qualquer dificuldade para dormir, sente o útero de sua mãe, como se estivesse nele. Imagine o e adota a postura em que teria estado no útero de sua mãe. Nessa postura dormirá profundamente. Necessita a mesma calidez; do contrário se perturbará seu dormir. Necessita a mesma calidez que havia no útero de sua mãe.

Por isso é boa o leite quente. Se beber um pouco de leite quente antes de ir a dormir, isso será bom, porque isso te faz de novo um menino. O leite é comida de meninos, e se estiver quente está de novo no peito de sua mãe. O leite quente é bom para dormir só por esta razão: retrocede à infância, volta a ser um menino. Dormir renova. por que? Porque a mente consciente se cansa. É só uma parte, e o tudo é inconsciente. Tem que voltar para tudo para revivificar-se. Volta a ressuscitar. Por isso pela manhã se sente bem e a manhã parece tão bonita: não só porque a manhã é bonita, mas sim porque tem de novo os olhos de um menino. A tarde não é tão bonita. O mundo é o mesmo, mas você tornaste a perder esses olhos inocentes. E a noite se volta feia porque está cansado.

viveste muito no consciente. Este consciente tem ao ego como centro. Estes são os dois estados ordinários que conhecemos. O terceiro estado, que é do que se ocupam o tantra e o ioga, é o supraconsciente. «Supraconsciente» significa que todo seu inconsciente se tornou consciente. No inconsciente não há ego; é total. No supraconsciente, tampouco há ego; é total. Mas entre os dois, a mente consciente tem um centro: o ego.

Este ego é o problema, este ego cria problemas. Não pode te apaixonar, porque então terá que te voltar inconsciente, tão inconsciente como quando estás dormido. Ou se quer te elevar à oração, tem que te voltar totalmente consciente, como um Buda ou como uma Meera. De modo que o amor se volta impossível, a oração se volta impossível.

O ego cria a barreira. Não pode te perder a ti mesmo, e o amor é perder-se, dispersar-se, dissolver-se, fundir-se. Se te fundir no inconsciente, é amor; se te fundir no supraconsciente, é oração; mas ambas as coisas são uma fusão. Assim, o que terá que fazer? Recorda isto: não pode fazer nada a respeito. Permite que se perceba muito profundamente: não pode fazer nada respeito ao amor, em relação à oração. Sua mente consciente é impotente; não pode fazer nada. Tem que perder-se, terá que pôr a de lado. E então recorda a entrega: quando quiser ir além de ti mesmo, entrega-a é o caminho, tanto no amor como na oração.

Sempre que desejar ir mais à frente, a alguma parte em que não estás, então a entrega, o deixar-se ir, é o caminho. Deixa que te aconteça algo; não manipule. E uma vez que saiba como permitir, começarão a acontecer muitas coisas. Pode que nem sequer seja consciente do que é possível para ti, da grande, tremenda, energia que fechaste dentro de ti e que pode explorar e voltar-se então um êxtase. Sua vida inteira se encherá de consciencia, luz e sorte, mas não sabe. É como se todo átomo fora uma

bomba atômica: se explorar um átomo, libera-se uma energia tremenda. E todo átomo é uma bomba atômica. Se explorar em amor ou oração, libera-se uma energia tremenda.

Mas tem que explorar e te perder a ti mesmo. A semente tem que perder-se a si mesmo; só então nasce a árvore. E se a semente resiste e diz: «Não, devo sobreviver», então a semente pode sobreviver, mas a árvore nunca nascerá. E a não ser que nasça a árvore, a semente se sentirá frustrada, porque a árvore é o sentido. A semente se sentirá frustrada!. A semente só pode sentir-se cheia quando a árvore está florescendo. Mas então a semente tem que perder a si mesmo, morrer.

O homem moderno se tornou incapaz de amar porque se tornou incapaz de morrer. Não pode morrer a nada. aferra-se à vida; não pode morrer a nada.

Em inglês antigo, faz trezentos ou quatro centenas anos, esta era uma expressão usual. O amante lhe dizia à amada: «Quero morrer em ti. Esta era uma expressão de amor. is formoso «Quero morrer em ti». O amor é uma morte: morte do ego. Só então nasce seu ser real, o homem moderno lhe tem muitíssimo medo à morte. Em todos os aspectos, entrega-a é morte, o amor é morte, e também a vida é uma morte contínua. Se tiver medo, perderá-te a vida mesma.

Estate disposto a morrer em qualquer momento. Morre ao passado, morre ao futuro, e morre no momento presente. Não te aferre e não resista. Não faça nenhum esforço pela vida, e terá vida abundante. A vida te acontecerá se estiver disposto a morrer. Isto parece paradoxal, mas esta é a Lei. Jesus diz que quem está disposto a perder ganhará, e quem se aferre, perderá-o tudo.

Segunda pergunta:

Disse a outra noite que a periferia sempre está trocando, enquanto que o centro mais íntimo está eternamente imóvel. Para perceber o centro, é necessário que afastamento o movimento periférico? Pode acontecer isto? Como e quando?

Não o entendeste. Toda a questão era não fazer nenhum esforço para trocar a periferia. Deixa que a periferia seja como é. E não pode trocá-la. É a natureza da periferia mover-se e trocar. Não pode voltá-la estática. A natureza é um fluxo. É assim; não pode voltá-la estática. E não perca o tempo e a oportunidade da vida tratando de voltá-la estática. Conhece-a como mudança. Sei testemunha dela, e chegará a perceber o centro mais íntimo que não é mudança. O mundo é mudança, sua personalidade é mudança, seu cuerpo-mente é mudança, mas você não; você não é a mudança. Do que serve lutar com a mudança? Não há necessidade!

O tantra diz que, por favor, reinstale-te em seu centro, que seja consciente do centro que está imóvel, e permita que a existência inteira se mova. Não é uma perturbação absolutamente. Só se volta uma perturbação se aferrar a ela ou se tráficos de fazer que seja imóvel. Então está caindo em esforços absurdos, tolos. Não terão êxito; fracassará. Tenha muito claro que a vida é uma mudança, mas em alguma parte dentro desta mudança há também um centro imóvel. Simplesmente toma consciencia dele. Essa consciencia mesma é suficiente para te liberar. Essa sensação mesma de que «sou invariável» libera. Essa é a verdade. Conhece-a, e é diferente.

Não lute com sombras! E a vida inteira é uma sombra, porque a mudança não é mais que uma sombra. O que é invariável é o real; o cambiante é o irreal. Assim não pergunte se a mudança e movimento periférico deve ser forçado a cessar para perceber o centro. Não é necessário, e não pode forçá-lo. Não pode cessar! O mundo segue; só que não seguirá em ti. Você pode permanecer no mundo, e não é necessário que o mundo

esteja em ti. O mundo não é a perturbação. Quando te envolve nele, quando te volta a mudança, quando te parece que te tornaste a mudança, então cria problemas.

Os problemas não os cria a periferia cambiante. Cria-os a identificação de que «eu sou esta mudança». Te há posto doente; a enfermidade não é realmente a perturbação. Quando sente que «*Eu* me hei posto doente», isso é uma perturbação. Se pode ser uma testemunha dessa enfermidade, se pode sentir que essa enfermidade está acontecendo em alguma parte da periferia

-que não te está acontecendo a ti; está-lhe acontecendo a outro e você é só a testemunha- então pode acontecer também a morte e você será só uma testemunha.

Alejandro estava voltando da Índia. Alguns amigos lhe tinham pedido que, ao voltar, trouxesse um sannyasin da Índia. Disseram: «Quando vier com posses conquistadas, não se esqueça: traz também um sannyasin. Queremos ver o que é um sannyasin: que tipo de homem renuncia ao mundo. Queremos saber o que acontece a alguém que renunciou a todos seus desejos, que tipo de sorte acontece a alguém que abandona todo desejo, sede ou desejo de futuro, de posses e coisas».

Justo no último momento, Alejandro se lembrou. Na última cidade pela que ia deixar a Índia para voltar para seu país, disse a seus soldados que fossem encontrar um sannyasin. Foram à cidade, e perguntaram a um ancião da cidade. Ele disse: «Sim, há um sannyasin, um grande sannyasin, mas será difícil. Será difícil lhe persuadir para que vá com o Alejandro a Atenas».

Mas os soldados eram soldados, assim disseram: «Não se preocupe por isso. Podemos obrigar a qualquer. nos diga onde está. Sabemos como lhe obrigar, assim não há necessidade de persuadir. Se Alejandro disser inclusive à cidade inteira que lhe siga, terão que lhe seguir, assim que o que é um só sannyasin?».

Mas o ancião riu, e os soldados não o entenderam, porque nunca se toparam com um sannyasin. Chegaram ao sannyasin. Estava nu à beira de um rio, e lhe disseram: «Alejandro ordena que tem que vir conosco. Ocuparemos de tudo, e não haverá nenhuma moléstia para ti; será o hóspede real. Mas tem que vir conosco a Atenas».

O sannyasin riu e disse: «A seu Alejandro resultará muito difícil me levar com ele. Nenhuma força deste mundo pode me forçar a lhe seguir. Não serão capazes de compreendê-lo, mas é melhor que tragam para seu Alejandro».

Alejandro estava molesto. sentiu-se insultado, mas quis ver este homem. Chegou com a espada desembainhada e disse: «Se disser que não, perderá a vida imediatamente. Cortarei-te a cabeça». O sannyasin se chamava -conforme se relata nos arquivos do Alejandro- Dandamesh.

O sannyasin riu e disse: «Chega um pouco tarde. Já não pode me matar porque já me matei eu. Chega um pouco tarde. Pode-me cortar a cabeça, mas não pode me cortar a mim, porque me tornei uma testemunha. Assim quando esta cabeça caia ao chão, você a verá cair e eu também a verei cair. Mas não pode me cortar a mim; nem sequer pode me tocar. Assim não perca o tempo, pode cortar! Eleva a espada e me corte a cabeça».

Alejandro não pôde matar a esse homem. Era impossível porque era inútil. Esse homem estava tão além da morte que era impossível lhe matar. Só lhe podem matar se te aferra à vida. Esse aferrar-se à pauta cambiante faz mortal. Se não te aferrar, é como sempre foste: imortal. A imortalidade é seu direito de nascimento; sempre a tiveste. Volta-te mortal só se te aferrar. De modo que não é questão; não há necessidade de forçar à periferia cambiante a que seja estática. Não há necessidade, e *não pode* fazê-la estática. Seguirá, a roda seguirá. Quão único pode fazer é saber que não é a roda. É o eixo, não a roda.

Terceira pergunta:

Sendo o homem como é, não lhe resultará difícil dissolver a mudança mediante a mudança, o sexo mediante o sexo, etc., sem apegos e sua conseqüentes ansiedade e decepção?

O homem tal como é *pode* fazer isto, e isto se sugere *só* para o homem tal como é. O tantra é uma medicina para *vós*: para os que estão doentes. Assim não pense que não é para ti. É para ti e pode fazê-lo, mas terá que compreender o que significa quando diz que existe possibilidade de cair em apegos, e que então virão as conseqüências e a frustração. Não compreendeu. «Consome a mudança mediante troco» significa que, inclusive se houver apego, lute com ele. Estate apegado, mas sei também testemunha.

Deixa que exista o apego; não lute com ele, o tantra é um processo sem luta. *ino* lute! Vence a frustração, é obvio, assim estate frustrado. Mas sei também uma testemunha. Estava apegado foi uma testemunha. Agora chegou a frustração, sabe muito bem que tinha que chegar. Agora está frustrado, mas sei uma testemunha. Então, mediante o apego, consome-se o apego, e mediante a frustração, consome-se a frustração.

Prova isto quando se sentir desventurado. Se desventurado; não lute com isso. isto prova, é estupendo. Quando houver desdita e se sinta desventurado, fecha os olhos e sei desventurado. O que pode fazer agora? É desventurado, assim que se desventurado. Agora sei totalmente desventurado. Tão logo tomará consciencia da desdita. E se tenta trocá-la, nunca tomará consciencia, porque seu esforço, sua energia, sua consciencia, estão dirigidos para a mudança, para como trocar esta desdita. Então começa a pensar como chegou, e o que fazer agora para trocá-la. Então te está perdendo uma experiência muito formosa: a desdita mesma.

Agora está pensando nas causas e está pensando nas conseqüências e está pensando em, o método para esquecer-la, para transcenderla, e te está perdendo a desdita mesma, e a desdita está aí e isso pode ser liberador. Não faça nada. Não analise como apareceu a desdita; não pense em que conseqüências virão. Virão, assim já as verá logo. Não há pressa. Sei desventurado, simplesmente desventurado, e não trate de trocá-lo.

isto prova: vê quantos minutos pode permanecer desventurado. Começará a rir de todo isso, todo o assunto te parecerá estúpido, porque se for totalmente desventurado, de repente seu centro está além da desdita. Esse centro nunca pode ser desventurado, isso é impossível! Se permanecer com a desdita, a desdita se volta o fundo, e seu centro, que nunca pode ser desventurado, sobrepõe-se de repente, e então é desventurado e não é desventurado: o «mesmo não-mesmo». Agora está consumindo a desdita mediante a desdita. Isto é o que quer dizer. Não está fazendo nada; simplesmente está consumindo a desdita mediante a desdita. A desdita desaparecerá como desaparecem as nuvens, e o céu se abrirá e te estará rendo, e não tem feito nada. E não pode fazer nada; tudo o que possa fazer criará mais confusão e mais desdita.

Quem criou esta desdita? Você, e agora está tentando trocá-la. Piorará. Você é o criador da desdita. Você a criou, você é a fonte, e agora a fonte mesma o está tentando. O que pode fazer? Agora o paciente se está tratando a si mesmo, e ele criou todo o assunto. Agora está pensando na cirurgia. Isto é suicida. Não faça nada. O interior é muito profundo. tentaste tantas vezes parar a desdita, parar a depressão, parar isto e aquilo e não aconteceu nada. Agora prova isto: não faça nada; deixa que a desdita esteja aí em sua totalidade: Deixa que aconteça em toda sua intensidade, e permanece sem fazer nada.

Simplesmente estate com ela e vê o que acontece.

A vida é mudança. Inclusive os Himalayas estão trocando, de modo que sua desdita não pode ser invariável. Trocará por si só, e verá que está trocando: que está desaparecendo e se está indo, e se sentirá aliviado, e não tem feito nada.

Uma vez que conhece o segredo, pode consumir algo mediante ela mesma, mas o segredo é estar silenciosamente sem fazer nada. Há ira, assim sei, simplesmente *sei*. Não faça nada. Se pode fazer tudo isto, este não-fazer, se simplesmente pode estar aí - presente, presenciando, mas sem fazer nenhum esforço por trocar nada, permitindo que as coisas sigam seu próprio caminho-, consumirá algo. *Pode* consumir algo.

Última pergunta:

O tantra diz que não lute ou nade, mas sim te deixe levar e flutue no rio da vida. Mas a experiência mostra que a moderna vida urbana de velocidade e tecnologia pesada cria tensões constantes e esgotamentos físicos e mentais. Qual será a atitude do tantra com respeito a isto? Não é bom evitar os esgotamentos desnecessários?

A vida sempre foi assim, moderna ou primitiva. Há tensões, há ansiedades. Os objetos trocam, mas o *homem* segue sendo o mesmo. Faz dois mil anos conduzia um carro de bois, agora conduz um carro, mas o condutor segue sendo o mesmo. O carro de bois trocou -as coisas são diferentes agora, está conduzindo um carro-, mas o condutor permanece igual. Estava ansioso por seu carro, tenso por seu carro; agora está ansioso e tenso por seu carro. Os objetos trocam, mas a mente segue igual.

Assim não pense que tem tanta ansiedade devido à vida moderna. É devido a ti, não à vida moderna, e estará ansioso em qualquer parte, em qualquer tipo de civilização. Vete a um povo a passar uns dias -dois ou três dias- e se sentirá bem por algum tempo, porque inclusive as enfermidades necessitam um reajuste. Mas em três dias te terá adaptado ao povo, e então começarão a chegar as ansiedades, sentirá outra vez perturbações. As causas já não serão as mesmas, mas você é o mesmo.

Às vezes acontece que pode que esteja alterado devido ao tráfico e ao ruído da cidade, e pode que diga que não pode dormir de noite porque há tanto tráfico e ruído. Então vete a um povo, e não poderá dormir porque não há tráfico nem ruído. Terá que voltar porque o povo te parece morto, insípido: porque não há vida.

A gente segue me falando de semelhantes sensações. Disse a um amigo que fora a Cachemira, ao Pahalgam. Voltou e disse que ali a vida é insossa, que não há vida. Pode desfrutar de um ou dois dias os vales e os Montes, e logo alguém se aborrece. Tinha estado me dizendo aqui que a vida urbana lhe punha dos nervos, e agora dizia que esses Montes eram aborrecidos e que começou a desejar voltar para casa.

Você é o problema; Cachemira não ajudará absolutamente. Não é Bombay o que te perturba, ou Londres ou Nova Iorque; ieres *você!* E não é que Londres te tenha criado: você criou Londres. Não é o tráfico e o ruído e a pressa louca: você criou isso; você e outros como você. Olhe! A causa está dentro de ti. Não é que esteja tenso devido ao ruído. Há ruído porque está tenso, e não pode viver sem ele. Por isso existe. Necessita-o, não pode viver sem ele. E nos povos a gente está sofrendo. Querem ir a Bombay ou a Nova Iorque ou a Londres, e no momento em que têm a oportunidade, saem correndo. E estive escutando a gente que segue falando da formosa vida do campo, mas nunca vão se viver ali. *Nunca* vão se viver ali; simplesmente falam disso.

Quem lhe impede isso? por que não vai? Vete ao bosque... Quem lhe impede isso? Você não gostará, não pode te gostar de. Agora mesmo você gostará durante uns poucos dias porque é uma mudança, e logo? Logo te aborrecerá. Parecerá-te insípido, e quererá escapar dali.

Esta vida urbana a criou sua mente louca. Não te está voltando louco devido a estas cidades; estas cidades se construíram devido a sua mente louca. foram construídas para ti e por ti, e existem para ti. E a não ser que esta memore louca troque, estas cidades não podem desaparecer; terão que permanecer. São seu subproduto.

Recorda uma coisa: sempre que te pareça que algo está mau, primeiro encontra a causa em ti mesmo. Não vá a nenhuma parte. Noventa e nove vezes de cada cem, encontrará a causa dentro de ti mesmo. E se encontrar a causa dentro de ti noventa e nove vezes de cada cem, a centésima causa desaparecerá por si só.

Você é a causa de tudo o que te está acontecendo. *Você é a causa*, e o mundo é só espelho. Mas é consolador encontrar sempre causa em outra parte. Então nunca se sente culpado, nunca se sente autocondenado. Sempre pode dizer que a causa está aí, e amem que esta causa troque, «Como vou trocar eu?». Pode te amparar nisso; isto é um truque. De modo que sua mente sempre vai projetando causas em alguma outra parte. A esposa está alterada devido ao marido; a mãe está alterada devido aos filhos, e os filhos estão alterados devido ao pai. Todo mundo está alterado devido algum outro, e todo mundo pensa que a causa existe fora.

Amacie Nasruddjn passava por uma rua. Era entardecer, e descidia a escuridão. De repente se deu conta de que a rua estava vazia, sem tráfico e se assustou. Um grupo de gente vinha para ele, tinha estado lendo a respeito dos *dacoits*, ladrões, assassinos. Assim criou medo, começou a tremer. Pensou, projetou, que agora vinham estes assassinos e *dacoits*, e lhe foram matar, assim que como escapar deles? Olhou por toda parte.

Havia um cemitério, assim saltou a taipa do cemitério. Havia uma tumba lista para alguém assim pensou que estaria bem estar morto nessa tumba. Pareceria-lhes que estava morto, e assim seria desnecessário que lhe assassinassem.

De modo que Amacie se tornou a terra. O grupo era simplesmente um cortejo nupcial, mas viram este homem tremendo e saltando. Então se assustaram e se perguntaram o que acontecia quem era este homem. Pensaram: «Parece que está tramando algo. escondeu-se aí». Assim é que todo o cortejo se deteve, e saltaram a taipa. Amacie se assustou ainda mais. Então se aproximaram e lhe perguntaram: «O que está fazendo aqui? por que está aqui nesta tumba?».

Assim Amacie disse: «Estão-me fazendo uma pergunta muito difícil. Eu estou aqui devido a vós, e vós estão aqui devido a mim».

E isto está acontecendo em todas partes. Você está alterado devido a outra pessoa; ela está alterada devido a ti. E o está criando tudo a seu redor, projetando, e logo te assustando, te atemorizando, e fazendo esforços por te defender. E então há desdita e frustração e conflito e depressão e luta.

Todo isso é estúpido, e o seguirá sendo a menos que troque de atitude. E trata sempre de encontrar primeiro a causa dentro de ti. Como vai alterar te o ruído do tráfico? Como? Se estiver contra ele, perturbará-te. Se tiver a atitude de que perturba, perturbará. Mas se o aceita, se deixar que aconteça sem nenhuma reação, então pode que inclusive comece a desfrutá-lo. Tem sua própria melodia, sua própria música. Não a ouviste, mas isso não significa que não tenha sua própria música. Algum dia te esqueça de ti mesmo e escuta o ruído do tráfico. Simplesmente escuta, e não introduza suas atitudes de que isto é perturbador, de que isto não é bom. Não introduza suas atitudes; simplesmente escuta a melodia! Ao princípio parecerá caótico. Isso também é devido à mente. Se te relaxar totalmente, cedo ou tarde tudo encaixará em uma totalidade gaita e inclusive o ruído do tráfico se converterá em música. Pode desfrutá-la e pode dançar ao som de sua melodia. Depende de ti.

Nada perturba, a menos que pense que perturba. Por exemplo, direi-te que muitas coisas perturbaram à humanidade porque havia um certo conceito de que perturbam. Quando o conceito troca, as coisas seguem sendo as mesmas, mas não perturbam. Por exemplo, a masturbação perturbava ao mundo inteiro. Faz só meio século, o mundo inteiro se perturbava pela masturbação. Todo professor, todo pai, toda mãe se perturbava, e se perturbava a todos os meninos. E no grande mundo ignorante, a perturbação ainda continua. E então os fisiologistas e os psicólogos descobriram que a masturbação não pode perturbar a ninguém: é natural, e não tem nada de mau. Não tem absolutamente nada de mau, mas o antigo ensino era que se te voltar louco, era devido à masturbação.

Tudo foi rebaixado, reduzido à masturbação. E, mais ou menos, todos os meninos o estavam fazendo, todo menino o estava fazendo, de modo que todo menino agarrou medo. Estava-o fazendo, e tinha medo de que agora ia se voltar louco, inferior, louco, excêntrico, doente, e sua vida se esbanjaria. Mas não podia resistir. Tinha que fazê-lo, e estas idéias entraram na mente e tiveram seus efeitos. Afetaram-lhe, e muitos se voltaram loucos, muitos permaneceram inferiores, muitos permaneceram estúpidos devido a isso, e não havia nenhuma relação absolutamente.

A ciência moderna, a investigação moderna diz que, mas bem, a masturbação é sã.

A ciência médica diz que é boa, porque um menino aos treze ou quatorze anos ou uma garota aos doze ou treze anos se voltam sexualmente amadurecidos. Se se deixasse à natureza, teriam que casar-se imediatamente. Estão preparados para reproduzir, mas a civilização impõe por necessidade que permaneçam sem casar-se ao menos dez anos, ou inclusive mais. Mas a medicina diz que dos quatorze aos vinte, essa etapa de seis anos, dá-se a maior potencializa sexual. Um menino nunca volta a ser tão potente como então. A energia está em eferlescência; o corpo inteiro está preparado para irromper no sexo. Mas a sociedade diz que não, que não se deveria permitir que se mova a energia. Entretanto, a energia está movendo-se e o menino não pode fazer nada, e algo que vá fazer terá efeitos devido à filosofia que lhe rodeia. Parecerá-lhe que está fazendo algo mau, sentirá-se culpado, e essa culpa lhe seguirá como uma sombra. E se produzirão muitas enfermidades devido à idéia, não devido ao ato.

A medicina diz que a masturbação é sã, porque o menino se libera de energia desnecessária. Do contrário, essa energia desnecessária criaria problemas; de modo que é sã. Agora, particularmente nos Estados Unidos e Inglaterra e outros países ocidentais desenvolvidos que sabem muito mais de fisiologia, a masturbação está sendo propagada. Agora há filmes sobre como masturbar-se para lhes ensinar aos meninos, e cedo ou tarde todo professor ensinará a masturbar-se corretamente. Dizem que é sã, e agora os que pensam que é sã se sentem muito sãs com ela. Eu não acredito que seja nenhuma das duas coisas: não é nem sã nem insana. A idéia é o que conta.

Se for sã e se expande o conceito, voltará-se sã. Agora no Ocidente não só dizem que a masturbação nunca afetou negativamente a inteligência de ninguém, mas também quanta maior inteligência haja, mais masturbação haverá. De modo que um menino que se esteja masturbando mais terá um quociente de inteligência mais alto que o menino que não se masturbe. E têm razões para dizer isto, porque, para um menino, inclusive descobrir a masturbação, é um signo de inteligência: está encontrando um modo.

A sociedade fechou a porta do matrimônio, e a natureza está forçando a energia. O menino inteligente encontrará um modo e o não inteligente ficará bloqueado, não será capaz de encontrar um modo. Agora os estudiosos mostram que os meninos que se masturbam são mais inteligentes. Se se estender esta idéia, e está abocada a estender-se, cedo ou tarde o mundo inteiro terá esta idéia. Então a masturbação será sã, e sentirá um bem-estar com ela.

Agora todo pai tem medo, porque sabe o que fez quando era jovem. Quando seu filho chega à mesma idade, o pai se assusta e começa a espreitar para ver o que está fazendo o menino. Tem medo, e se lhe pilha ao menino, castigará-lhe. Mas os novos conhecimentos dizem que não castigue a menino, não! Melhor, insígnia o. Se não se está masturbando, então vete ao médico a ver qual é e problema. Se este conhecimento se estender bem então acontecerá isto.

Mas ambas as som posicione. *iAmbas* são posições! E quando algum menino se masturba, é muito sugestionable nesse momento: porque quando a energia sexual está sendo liberada, o menino se volta vulnerável, aberto, flexível, e sua mente está em silêncio. Qualquer idéia que lhe meta nesse momento terá seus efeitos; de modo que se lhe diz: «Te vais pôr doente por isso», sentirá-se doente. Se lhe disser: «Te vais sentir são por isso», sentirá-se são. Se lhe disser: «Ficará estúpido toda sua vida se fizer isto», ficará feito um zopenco. Se lhe disser: «Este é um bom signo de inteligência», pode que desenvolva um quociente intelectual mais alto. Simplesmente lhe está sugiriendo algo em um momento muito vulnerável. O que pense começará a acontecer.

conta-se que Buda disse que todo pensamento se voltará real, assim sei consciente. Se pensar que o ruído do tráfico te perturba, perturbará-te está preparado para tal perturbação. Se pensar que a vida de família é uma atadura, será uma atadura para ti: está em disposição para isto. Se pensar que a pobreza te ajudará a te liberar, ajudará-te. Em última instância, é você quem está criando um mundo em torno de ti, e algo que pensa se volta a atmosfera, o entorno, e você existe nele. O tantra diz que recorde esta casualidade está sempre dentro de ti. E se souber isto, então não causará nada. Se souber isto, não causará nada para ti mesmo. E quando alguém não está causando nada, está liberado. Então não é desventurado nem ditoso. A sorte é sua criação e a desdita também é sua criação. Pode transformar sua desdita em sorte porque é sua criação.

O liberado, o iluminado, em realidade não é nem desventurado nem ditoso, porque deixou que causar nada em torno de si. Simplesmente *é!* Por isso Buda não diz nunca que um iluminado é ditoso. Sempre que alguém lhe perguntava: «nos diga algo sobre alguém que foi mais à frente: se estiver em um estado de sorte perfeita», Buda ria e dizia: «Não pergunte. Só posso te dizer isto, que não é desventurado. Não te posso dizer nada mais. Não é desventurado; isso é tudo o que posso dizer».

Por que tanta insistência no negativo? Porque Buda sabe. Quando chegaste ou seja que você foi a causa de sua desdita, então sabe muito bem que a sorte também a causava você. Então a gente deixa de causar nada. Isso é o que é o *nirvana*: uma cessação de causar nada em torno de ti. Se pode entendê-lo, só isto é a sorte. Não há desdita e não há sorte, porque se houver sorte então há desdita; ainda está causando algo. E se pode causar sorte, então pode causar desdita, e te aborrecerá também da sorte.

Quanto a pode suportar..., quanto? pensaste alguma vez nisso? As vinte e quatro horas ditoso: será capaz de suportá-lo? Aborrecerá-te, e seguirá procurando professores que lhe ensinem a ser desventurado de novo. Se o mundo se voltar ditoso, não posso conceber que não haverá professores. Haverá professores, porque então a gente necessitará a desdita. Será necessário alguém para lhes dizer como voltar a ser desventurados, só para variar. Logo pode voltar para sua sorte, e a sentirá mais, porque só então a pode sentir mais, quando a sentiste falta de.

*i*Habrã professores! Agora estão ensinando a voltar-se ditoso; então ensinarão a voltar-se desventurado, a experimentar o inferno. Uma pequena mudança será útil, são.

Mas você é a causa, e te iluminará no momento em que tenha sabido que o mundo no que está vivendo foi causado por ti. Quando não o causar, terá desaparecido. O tráfico seguirá, haverá ruído, e tudo será como era, mas você não estará porque terá desaparecido com a causa.

Capítulo 45

Permanecer com o Real

Os Sutras

68 *Igual a uma galinha cuida seus pintinhos, cuida você maternalmente certas coisas que saiba, certas ações, na realidade.*

69 *Como na verdade, a atadura e a liberdade são relativas, estas palavras são só para os que lhes aterra o universo. Este universo é um reflexo das mentes. De igual forma que vê muitos sóis na água a partir de um só sol, vê assim a atadura e a liberação.*

Perguntaste a alguém: «Qual é o problema? Quais são as raízes para que o homem se possa solucionar e o homem possa fazer esforços para saber quem é?». por que não deveria saber sem nenhum esforço? por que deveria haver algum problema? É, sabe que é, assim por que não pode saber quem é? Onde te equivoca? É consciente. É consciente de que é consciente. Tem vida; está vivo. por que não tem consciencia de quem é? O que se converteu na barreira? O que te impede este autoconhecimento básico? Se pode compreender a barreira, a barreira pode ser dissolvida muito facilmente.

De modo que a verdadeira questão não é como conhecer-se a gente mesmo. A verdadeira questão é saber como não te está conhecendo ti mesmo, como te está perdendo uma realidade tão óbvia, uma verdade tão básica que está tão perto de ti, como segue sem ver. Deve ter criado um dispositivo; do contrário é difícil escapar da gente mesmo. Deve ter criado muros; em algum sentido, deve estar te enganando a ti mesmo.

Assim que qual é esse truque de escapar de ti mesmo, de não conhecer-se a gente mesmo? A não ser compreende esse truque, nada do que faça ajudará, porque o truque permanece, e segue perguntando como conhecer-se a gente mesmo, como conhecer a verdade, como conhecer a realidade, e conseqüentemente segue ajudando à barreira. Segue criando-a também, de modo que nada do que faça ajudará.

Em realidade, não se necessita nada positivo para conhecer-se a gente mesmo; só algo negativo. Em certo modo, só tem que ruir a barreira que você mesmo construíste, e no momento em que não haja essa barreira, conhecerá-te. O conhecimento acontece quando não há barreira; não se pode fazer nenhum esforço positivo por ele. Só tem que ser consciente de como lhe está perdendo isso.

De maneira que terá que compreender várias coisas com relação a como lhe está perdendo isso. Uma: vive em seus sonhos, e então os sonhos se convertem em barreiras. A realidade não é um sonho. Existe, rodeia-te por toda parte. Dentro e fora, existe -não lhe pode perder isso-, mas está sonhando. Então entra em uma dimensão diferente que não é uma realidade. Então segue entrando em um mundo de sonhos. Então os sonhos se voltam como nuvens em torno de ti, e criam a barreira. A não ser que a mente deixe de sonhar, não se pode conhecer a verdade. E quando vê através dos sonhos, a realidade se distorce, e seus olhos se enchem de sonhos, e seus ouvidos se enchem de sonhos, e suas mãos se enchem de sonhos.

De modo que tudo o que toucas, toca-o através dos sonhos, e tudo o que vê, vê-o através de sonhos, e tudo o que ouve, ouve-o através dos sonhos, e o distorce tudo. Tudo o que te chega, chega-te através de sonhos, e o trocam tudo, tingem-no tudo. devido à mente que sonha, está-te perdendo a realidade externa e a realidade interna:

Segue encontrado formas e médios para chegar à realidade, mas também isso o estará tentando mediante sua mente que sonha.

De maneira que pode ter sonhos religiosos -pode ter sonhos sobre a realidade, sobre a verdade, sobre Deus, sobre Cristo e Buda-, mas também isso será sonhar. Terá que deixar de sonhar; sonhar não se pode usar para conhecer a realidade.

A que me refiro ao dizer «sonhar»? Está ouvindo agora mesmo, mas há um sonho, e esse sonho está interpretando constantemente o que se diz. Não me está ouvindo; está-te ouvindo ti mesmo, porque está interpretando simultaneamente, ou não? Está pensando no que se está dizendo: Que necessidade tem que pensar? Simplesmente ouça, não pense, porque se pensar não pode ouvir, e se segue pensando e ouvindo, então o único que ouve é seu próprio ruído. Não é o que se está dizendo. Deixa de pensar; deixa que a passagem do ouvido esteja livre de pensamentos. Então ouvirá o que se está dizendo.

Quando estiver olhando uma flor, deixa de sonhar. Não deixe que seus olhos estejam cheios de pensamentos e sonhos do passado e o futuro, pelo que sabe sobre as flores. Nem sequer diga que «esta flor é formosa», porque então te está perdendo a realidade. Estas palavras se voltarão uma barreira. Diz: «Esta flor é formosa», e entraram as palavras: a realidade é interpretada por meio das palavras. Não deixe que as palavras se acumulem em torno de ti. Olhe diretamente, ouça diretamente e touca diretamente.

Quando tocar a alguém, simplesmente toca; não diga que a pele é bonita, suave. Então está errando, entraste em um sonho. O que a pele é, é-o aqui agora. Toca-a e deixa que a pele te seja revelada. Miras uma cara bonita. Olha-a, e deixa que a cara entre em si mesmo. Não a interprete, não diga nada. Não introduza sua mente passada.

O primeiro: os sonhos são criados pela mente passada. É a mente passada que se move continuamente em torno de ti. Não deixe que entre o passado e não deixe que entre o futuro. No momento em que vê uma cara bonita, um corpo que passa, imediatamente surge o desejo. Quer possuir. Vê uma flor bonita e quer arrancá-la. Então te foste. A flor está aqui, mas te foste ao desejo, ao futuro. Já não está aqui.

De modo que, ou está no passado que não existe, ou está no futuro que ainda não chegou, e te está perdendo o que existe agora mesmo.

De modo que isto é o primeiro que terá que recordar: não se deveria deixar que as palavras existam entre você e a realidade. Com menos palavras, menos barreiras; sem palavra, não há barreiras, então olha a realidade diretamente; é cara a cara imediatamente. As palavras o destroem tudo porque trocam o significado.

Estive lendo a biografia de alguém. A escritora estava descrevendo um dia justo depois levantar-se. A mulher escreve que «um dia, pela manhã, abri os olhos». Então, imediatamente, diz: «Mas não é correto dizer que eu abri os olhos. "Eu" não fiz nada. Os olhos se abriram por si mesmos». Troca a frase e diz: «Não, não é bem dizer que abri os olhos. Eu não fiz nada. Não houve nenhum esforço por minha parte; não foi uma ação absolutamente». Logo escreve: «Os olhos se abriram por si mesmos». Mas então lhe parece que isto é muito absurdo, porque são seus olhos, assim que como vão abrir se por si só? de modo que o que fazer?

A linguagem nunca diz o que é. Se diz «Abri os olhos», é uma mentira. Se disser: «O olhos se abriram por si só», também é um mentira, porque os olhos são só fragmentos. Não podem abrir-se por si só. Todo o organismo está envolto. E algo que digamos é assim. Se for às sociedades aborígenes na Índia, há muitas tribos aborígenes-comprovará que têm uma estrutura lingüística diferente. Sua estrutura lingüística é mais básica e mais real, mas não podem criar muita poesia. Sua estrutura lingüística não pode ser útil para sonhar.

Se está chovendo, nós dizemos: «Está chovendo». Eles perguntam: «O que quer dizer? Quem está chovendo?». Eles têm simplesmente a palavra chuva. O que quer dizer com que «está chovendo»? Quem ou o que está chovendo? Eles dizem só «chuva». A chuva é a realidade, mas nós vamos acrescentando coisas; e quantas mais palavras se acrescentam, mais perdidos estamos, mais longe, mais distantes da realidade.

Buda estava acostumada dizer: «Quando diz que "Um homem está andando", o que quer dizer? Onde está o homem? Quão único há é o caminhar. O que quer dizer com "o homem"?». Quando dizemos: «Um homem está andando», parece que há algo como um homem e algo como andar: duas coisas somadas. Buda diz que só há caminhar.

Quando diz: «O rio está fluindo», o que quer dizer? Só há um fluir, e esse fluir é o rio. O caminhar é o homem, o ver é o homem, estar de pé e estar sentado é o homem. Se eliminar tudo isto -caminhar, estar sentado, estar de pé, pensar, sonhar-, ficará um homem? Não ficará um homem. Mas a linguagem cria um mundo diferente, e ao entrar constantemente nas palavras, seguimos nos afastando.

Assim que o primeiro que terá que recordar é como não dar ocasião às palavras innecessariamente. Quando há necessidade, pode as usar, mas quando não há necessidade, permanece vazio, permanece não verbal, *mauna*, permanece silencioso. Não há necessidade de estar constantemente verbalizando costume.

Em segundo lugar, não projete. Não verbalices, não projete. Olhe o que existe. Não acrescente coisas e logo olhe. Vê uma cara. Quando diz: «É bela», está pondo algo nela, ou se disser: «É feia», também está pondo algo nela. Uma cara é uma cara. A beleza e a fealdade são suas interpretações. Não existem, porque a mesma cara pode ser bela para um e feia para outro, e para um terceiro pode que não seja nenhuma das duas coisas. Pode que lhe resulte indiferente; pode que nem a olhe..., a mesma cara. A cara é simplesmente uma cara. Não ponha coisas nela; não projete. Suas projeções são seus sonhos, e se projetar, errará. E isto está acontecendo diariamente.

Vê que uma cara é bela; então se cria o desejo. O desejo não é por essa cara ou esse corpo; é por sua própria interpretação, sua própria projeção. A pessoa que existe, a pessoa real, foi usada como tela, e projetaste a ti mesmo e então terá que haver desilusão, porque a cara real não pode ser colocada à força na irrealidade por sua projeção. cedo ou tarde, a projeção terá que ser abandonada, e surgirá a cara real, e então te parecerá que lhe enganaram. Dirá: «O que passou a esta cara? Esta cara era tão bela e esta pessoa era tão bonita, e agora todo se tornou feio». Está interpretando outra vez. A pessoa segue sendo o que é, mas suas interpretações e projeções continuam, e nunca deixa que a energia se imponha.

Lembrança que um dia um vizinho lhe perguntou a Amacie Nasruddin se lhe podia emprestar seu cavalo um par de horas. Amacie disse: «Daria-te gostosamente meu cavalo, mas minha mulher saiu com o cavalo e estarão fora todo o dia». Justo nesse momento, ouviu-se chegar do estábulo o relinchar do cavalo, assim que o homem olhou a Amacie Nasruddin. Nasruddin disse: «Muito bem, a quem lhe crie: a mim ou ao cavalo? E, além disso, o cavalo é um mentiroso notório. A quem lhe crie?».

Criamos um mundo falacioso a nossas redor devido a nossas projeções, mas se a realidade se manifesta e o cavalo relincha no estábulo, perguntamos: «A quem lhe crie?». Sempre nos acreditam em nós mesmos, não à realidade que segue manifestando-se. está-se manifestando em todo momento, mas seguimos impondo nossas ilusões. Por isso todo homem se sente desiludido ao final. Não é devido à realidade. Todo homem e toda mulher se sentem desiludidos ao final, como se a vida inteira tivesse sido um desperdício. Mas já não pode fazer nada, não pode desfazê-la. O tempo já não está de

sua parte. O tempo fluiu e a morte está perto e está desiludido, e agora a oportunidade está perdida.

por que se sente todo mundo desiludido? Não só os que não têm êxito na vida, mas também os que triunfam na vida também se sentem igual. Está bem se os que não tiverem êxito se sentem desiludidos, mas inclusive os que triunfam se sentem assim. Os Napoleões e os Hitlers e os Alejandros, eles também se sentem desiludidos. A vida inteira foi um desperdício. por que? Está a causa realmente na realidade, ou está a causa nos sonhos que esteve projetando? E logo não pôde projetá-los e a realidade se impôs, e a fim de contas a realidade ganha e você é derrotado. Só pode ganhar se não estar projetando.

Assim recorda o segundo: olhe diretamente as coisas como são. Não projete, não interprete, não imponha sua mente sobre as coisas. Permite que a realidade se manifeste, seja o que seja. Isto sempre é bom, e independentemente de quão belos sejam seus sonhos, são maus, porque está exposto a uma viagem de desilusão. E quanto antes te desiluda, melhor. Mas uma vez que se vai uma ilusão, imediatamente começa a criar outra para substituí-la.

Permite que haja um intervalo. Entre duas desilusões, permite que haja um intervalo. Deixa que haja um intervalo para que possa ver-se a realidade. Isto é muito árduo: olhar a realidade tal como é. Pode que não se ajuste a seus desejos. Não há necessidade de que se ajuste a seus desejos. Mas então tem que viver com a realidade, tem que viver nela..., e *está* nela! É melhor aceitar a realidade que seguir te enganando a ti mesmo, e não é consciente de como segue projetando. Alguém diz algo, e você entende outra coisa. E bases as coisas no que entende; logo constrói um castelo de naipes com isso, cria um palácio de naipes. Nunca se disse isso! quis dizer outra coisa!

Vê sempre o que há. Não te apresse. É melhor não entender algo que entendê-lo mau. É melhor permanecer ignorante conscientemente que pensar que sabe. Considera suas relações -com seu marido, sua mulher, seu amigo, seu professor, seu professor, seu servente-, olhe! Todo mundo está pensando a sua maneira, interpretando ao outro, e não há encontro, não há comunicação. Então estão lutando, em conflito constante. O conflito não é entre duas pessoas, o conflito é entre imagens falsas. Permanece alerta para não ter nenhuma imagem falsa de ninguém. Permanece com o real; não importa quão duro seja, não importa o árduo e deixa que seja, inclusive se às vezes parece impossível. Mas uma vez que conheça a beleza de permanecer com o real, nunca será uma vítima de sonhar.

E em terceiro lugar, por que sonha? É um sucedâneo. Sonhar é um sucedâneo. Se não poder conseguir o que deseja na realidade, então começa a sonhar. Por exemplo, se tiver jejuado todo o dia, de noite sonhará. Sonhará com comida que te convida um grande imperador, ou algo pelo estilo. Estará comendo e comendo e comendo em seus sonhos. Esteve jejuando todo o dia, e agora de noite está comendo. Se for repressivo sexualmente, então seus sonhos se voltarão sexuais. Por meio de seus sonhos se pode saber que está reprimindo durante o dia. Seu jejum de dia ficará evidenciado por seus sonhos. Os sonhos são sucedâneos, e os psicólogos dizem que o homem tal como é lhe resultará difícil viver sem sonhos. E têm razão em certo sentido. Tal como é o homem, será-lhe difícil viver sem sonhos, mas se quiser uma transformação, então terá que viver sem sonhos. por que se criam os sonhos? devido a seus desejos. Os desejos insatisfeitos se voltam sonhos.

Estuda seus desejos; sei consciente e observa-os. quanto mais os observe, mais desaparecerão, então não criará redes na mente, e não entrará em seu próprio mundo privado. Os sonhos não se podem compartilhar; nem sequer dois amigos íntimos podem compartilhar seus sonhos. Não pode convidar a ninguém a seus sonhos. por que? Você e

seu amante não podem estar no mesmo sonho. Seu sonho é teu; o sonho de outro é do outro. São privados. A realidade não é tão privada; só a loucura é privada. A realidade é universal, pode compartilhá-la; não pode compartilhar os sonhos. São sua loucura privada: ficções. Assim que o que fazer?

Durante o dia, a gente pode viver tão totalmente que não fique nada pendente. Se está comendo, come totalmente. Desfruta-o tão totalmente que não necessite nenhum sonho de noite. Se está amando a alguém, ama tão totalmente que o amor não entre em seus sonhos. Tudo o que faça durante o dia, faz-o tão totalmente que não fique nada pendente na mente, nada incompleto que tenha que ser completado em sonhos. isto prova, e em uns poucos seus meses dormir terá uma qualidade diferente. Cada vez sonhará menos, e dormirá cada vez mais profundamente. E quando houver menos sonhos de noite, haverá menos projeções durante o dia, porque, em realidade, continua dormindo e seu sonho continua. Com os olhos fechados durante a noite e com os olhos abertos durante o dia, continua. por dentro segue o caudal.

Em qualquer momento, fecha os olhos e espera, e verá que o filme tornou; o sonho está em marcha. Sempre está aí, te esperando. É como as estrelas durante o dia. Não desapareceram, mas só devido à luz do Sol não pode as ver. Estão aí esperando, e quando o Sol fique, começarão a aparecer.

Seus sonhos são exatamente assim: movem-se dentro de ti inclusive quando está acordado. Estão esperando. Fecha os olhos, e começam a funcionar. Quando tiver menos sonhos de noite, durante o dia terá uma qualidade diferente de estar acordado. Se sua noite trocar, seu dia troca; se seu dormir troca, sua vigília troca. Estará mais alerta. Com menos sonhos operando por dentro, estará menos dormido. Olhará mais diretamente.

De modo que não deixe nada pendente, isso é uma coisa. E independentemente do que esteja fazendo, permanece no ato. Não vá a nenhuma outra parte. Se te está tomando banho, permanece aí. te esqueça do mundo inteiro. Agora esta ducha é todo o universo. Tudo cessou; o mundo desapareceu. Só existe você e a ducha. Permanece aí. te mova com cada ato tão totalmente que nem fique atrás nem te adiante; está com o ato. Os sonhos desaparecerão, e sonhando menos será mais capaz de penetrar na realidade.

68 Não tenha esperança.

Agora a técnica. A técnica se ocupa disto. *Igual a uma galinha cuida seus pintinhos, cuida você maternalmente certas coisas que saiba, certas ações, na realidade.*

O término chave é *na realidade*. Você também cuida maternalmente muitas costure, mas em sonhos..., não na realidade. Você também está fazendo muitas coisas, mas em um sonho..., não na realidade. Não cuide maternalmente os sonhos, não ajude a que os sonhos cresçam mais em ti; não dê sua energia aos sonhos. te retire de todos os sonhos. Será difícil, porque investiste tanto em seus sonhos. Se de repente te retirar totalmente dos sonhos, parecerá-te que te está afundando e morrendo, porque viveste sempre em um sonho atrasado. Nunca estiveste aqui e agora; sempre estiveste em alguma outra parte. estiveste esperando, com esperança.

ouviste a parábola grega da caixa da Pandora? Para vingar certa ação feita a um homem, enviaram- uma caixa a Pandora, e a caixa tinha todas as enfermidades que agora estão estendidas na humanidade. Antes não o estavam, e quando se abriu a caixa, as enfermidades ficaram soltas. Pandora, assustada detrás ver as enfermidades, fechou a caixa. Só ficou uma enfermidade, que era a esperança; de outra forma, o homem se teria

dissipado: todas estas enfermidades lhe teriam matado, mas devido à esperança, continuou.

por que está vivendo? Perguntaste-o alguma vez? Não há nada pelo que viver aqui e agora. Só há esperança. Leva uma caixa da Pandora. por que está vivendo agora mesmo? por que te levanta cada manhã? por que volta a começar outro dia..., uma e outra vez? por que esta repetição? Qual é a razão? Não pode encontrar nenhuma razão agora mesmo pela que está vivendo, e se encontrar algo, será algo futuro: uma esperança de que algo vai acontecer...; algum dia, «algo» vai acontecer. Não sabe quando chegará esse dia; nem sequer sabe o que é o que vai acontecer..., mas algum dia «algo vai acontecer», e assim segue te prolongando a ti mesmo, segue carregando contigo.

O homem vive só na esperança, e isto não é vida, porque esperança significa sonho. A não ser que vivas aqui e agora, não está vivo. É um peso morto, e esse manhã que encherá todas suas esperanças nunca vai chegar. Quando chegar a morte, só então te dará conta de que já não há amanhã, e já não pode postergar. Então se sentirá decepcionado, enganado, mas ninguém te enganou; você é o responsável por toda a confusão.

Tenta viver no momento, no presente, e não albergue esperanças, independentemente de qual seja sua natureza. Pode que sejam mundanas, pode que sejam do outro mundo; dá igual. Pode que sejam religiosas -em alguma parte no futuro, no outro mundo, no céu, no *nirvana*, depois da morte-, mas isso dá no mesmo. Não tenha esperanças. Inclusive se sentir um sutil desespero, permanece aqui. Não vá do momento daqui e agora. Não vá! Padece-o, mas não permita que entre a esperança.

Através da esperança entram os sonhos. Não tenha esperança. Se na vida não há esperança, não tenha esperança. Aceita-o, mas não afeire a nenhum acontecimento futuro. Então, de repente, haverá uma mudança. Uma vez que permanece no momento presente, os sonhos se param; porque então não podem surgir. retirou-se a fonte. Você coopera com eles, cuida-os maternalmente; por isso surgem. Não coopere com eles, nem os cuide maternalmente.

Este sutra diz *cuida maternalmente certas coisas que saiba*. por que certas coisas que saiba? Você também cuida, mas cuida certas teorias, não costure que sabe; certas escrituras, não costure que sabe; certas hipótese, sistemas, filosofias, visões do mundo..., mas nunca certas coisas que sabe. Este sutra diz que te desfaça disso. A escrituras, as teorias... são inúteis. Tenha sua própria experiência, que é real, suas próprias coisas que sabe, e as cuide maternalmente. À margem de quão corriqueiro seja, uma coisa real que sabe é algo. Pode apoiar sua vida nela. Independentemente de quais sejam, pensa sempre em conhecimentos reais, particulares, que *você* tenha sabido.

soubeste algo? Sabe muitas coisas, mas todas são emprestadas. Alguém lhe há isso dito, alguém lhe deu isso. Os professores, os pais, a sociedade, condicionaram sua mente. «Sabe» a respeito de Deus, «sabe» sobre o amor, «sabe» a respeito da meditação. Em realidade não sabe nada! Não saboreaste nada; tudo isto é emprestado. Outro o saboreou, o gosto não é teu. Alguém o viu, mas você tem olhos e não os usaste. Outro o experimentou -um Buda o experimentou, um Jesus o experimentou- e você segue tomando emprestados seus conhecimentos. São falsos! Para ti, são inúteis. São mais perigosos que a ignorância, porque a ignorância é teu e o conhecimento é emprestado.

É melhor ser ignorante; pelo menos a ignorância é tua. É autêntica, é real, sincera e honesta! Não siga com conhecimentos emprestados. Do contrário, esquecerá que é ignorante, e permanecerá ignorante.

Este sutra diz... *cuida maternalmente certas coisas que saiba*. Tenta sempre saber algo de uma forma que seja fresca, direta, imediata. Não cria em ninguém. Sua crença te

extraviará. Confia em ti mesmo; se não poder confiar em ti mesmo, como vais poder confiar em outra pessoa?

Sariputta foi a Buda e lhe disse: «vim a acreditar em ti. vim! me ajude a ter fé em ti».

Está escrito que Buda disse: «Se não crie em ti mesmo, como vais acreditar em mim? Assim te esqueça de mim. Primeiro tenha confiança em ti mesmo, acredita em ti mesmo. Só então pode ter confiança em outra pessoa».

Assim recorda isto: não pode confiar em ninguém se nem sequer confiar em ti. A primeira confiança sempre está dentro. Só então pode fluir, só então pode transbordar-se; pode chegar a outros. Mas como vais confiar se não saber nada? Como vais confiar em ti mesmo se não ter nenhuma experiência? Tenta confiar em ti mesmo. Não pense que esta experiência de olhar através dos olhos de outro é só com o absoluto. É também com as experiências correntes. Mas faz que sejam as tuas próprias. Ajudarão-lhe a crescer, farão-lhe maturar, porão-lhe em maturação.

Isto é realmente estranho: olha com os olhos de outros, vive com as vidas de outros. Diz que uma rosa é bela. Em realidade, é sua percepção ou só um ensino que se estendeu a seu redor que diz que uma rosa é bela? É isto algo que você sabe? Soubeste-o você? Diz que essa luz de lua é boa, bela. É algo que você sabe, ou é só o que os poetas cantaram sobre ela e está repetindo-o? Se for como um louro, não pode viver sua vida autenticamente. Sempre que afirmar algo e sempre que dizer algo, primeiro comprova dentro se for seu conhecimento e sua experiência.

Deshaz de tudo o que não é teu -não serve para nada- e valora e cuida maternalmente tudo o que é teu, porque só isso mediante crescerá. *Cuida maternalmente certas coisas que saiba, certas ações, na realidade.* Recorda sempre «na realidade». Faz algo. Fez algo alguma vez, ou simplesmente estiveste seguindo a outros, simplesmente obedecendo ordens? «Ama a sua mulher»: a amaste realmente? Ou está só cumprindo uma obrigação porque lhe hão dito, porque lhe ensinaram: Ama a sua mulher, ou ama a sua mãe, ama a seu pai, ama a seu irmão..., IDE modo que está amando e está obedecendo! amaste *você* realmente alguma vez quando estava aí? deu-se o caso alguma vez de que não estava sortindo efeito nenhum ensino e não estava obedecendo a ninguém? estiveste alguma vez autenticamente apaixonado? Pode te enganar a ti mesmo; pode dizer: «Sim!» Mas te certifique antes de dizer nada. Se tivesse amado, teria-te transformado; o ato específico do amor te teria trocado. Mas não te trocou porque seu amor é falso. E a vida inteira se tornou falsa. Segue fazendo coisas que não são as tuas próprias. Faz o que seja teu próprio, e cuida-o maternalmente.

Buda é bom, mas não pode lhe seguir. Jesus é bom, belo, mas não pode lhe seguir. E se lhes segue, voltará-te feio. Será uma cópia. Será falso, e não será aceito pela existência. Nada falso é aceito. Ama a Buda, ama ao Jesus, mas não seja suas réplicas. Não imite. Deixa sempre que seu próprio ser vá a sua maneira. Um dia te voltará como Buda, mas o caminho será basicamente o teu próprio. Um dia te voltará um Jesus, mas terá ido por uma rota diferente, terá experiente coisas diferentes. Uma coisa é segura: seja qual seja a rota e seja qual seja a experiência, deve ser autêntica, real, e a tua própria. Então um dia chegará. Mediante a falsidade não pode chegar à verdade; a falsidade conduzirá a mais falsidade.

Faz algo, recordando bem que é você quem o está fazendo sem seguir a ninguém. Então, inclusive um ato muito pequeno, simplesmente um sorriso, pode voltar uma fonte de *satori*, uma fonte de *samadhi*, de consciencia cósmica. Volta para casa e sorri a seus filhos. Esse sorriso é falso; está fingindo. Está sorrindo porque esperam um sorriso. É um sorriso grafite. Quão único estão sorrindo são os lábios. Estão sendo manipulados; o sorriso é mecânica. E pode te acostumar tanto a isto que pode que se

esqueça completamente de como sorrir. Pode que te ria, mas pode que a risada não provenha de seu centro.

Recorda sempre: à margem do que esteja fazendo, observa se seu centro está envolto nisso ou não, porque se não estar envolto, é melhor não fazê-lo. Não o faça! Ninguém te está obrigando a fazer nada. Não o faça! Conserva sua energia para o momento em que te aconteça algo real; então faz-o. Não sorria; conserva a energia. O sorriso chegará, e então te trocará completamente. Então será total. Então todas as células de seu corpo sorrirão. Então será uma explosão: nada pintado.

E os meninos sabem; não pode lhes enganar. No momento em que pode lhes enganar, já não são meninos. Sabem quando é falsa seu sorriso. Podem detectá-lo; qualquer que seja real o detectará. Suas lágrimas são falsas, seu sorriso é falso. São atos pequenos, mas está constituído de atos pequenos. De modo que não pense em fazer algo grande..., que então fará isto. Se for falso nas coisas pequenas, sempre será falso.

É fácil ser falso nas coisas grandes. Se for falso nas coisas pequenas, é muito fácil ser falso nas coisas grandes, porque as coisas grandes sempre são para a galeria. São para que as vejam outros, de maneira que pode ser falso muito facilmente.

Pode ser um santo se a santidade é respeitada. Então, está exposto ao público: é só um objeto do exposição. Pode ser um santo porque isso é respeitado e satisfaz ao ego, mas tudo será falso. Pensa um momento: se uma sociedade trocar suas atitudes, como aconteceu na União Soviética ou na China, os Santos desaparecem imediatamente..., porque não lhes tem respeito.

Recordo a um de meus amigos, um *bhikku* budista que foi à Rússia soviética na época do Stalin. Disse-me que sempre que alguém lhe dava a mão, de repente essa pessoa se contraía e dizia: «Tem mãos de burguês». Tinha as mãos muito bonitas. Como era *bhikku*, nunca tinha feito nada era um mendigo, um mendigo régio, de modo que nunca tinha trabalhado. Suas mãos eram muito suaves, belas, femininas. Na Índia, sempre que alguém lhe tocava as mãos, dizia: “Que bonitas!”. Na Rússia, sempre que alguém lhe tocava as mãos se tornava atrás, e seus olhos se enchiam de condenação dizia: «Assim tem mãos de burguês, mãos de explorador». Voltou, e me disse: «Senti-me tão condenado que desejei ser um trabalhador».

Os Santos desapareceram que a Rússia porque já não há respeito. Toda a santidade que havia era só para a galeria; era algo exposto, pintado. Agora só podem existir Santos reais na Rússia. Para os irreais não há possibilidade, porque agora terá que lutar para ser um santo, e toda a sociedade estará contra ti. Na Índia, a forma mais fácil de sobreviver e de existir é ser um santo. Todo mundo te respeita. Pode ser falso, e a falsidade é rentável.

Recorda isto: da manhã mesma, quando abrir os olhos, tenta ser real e autêntico. Não faça nada que seja falso. Só durante sete dias segue recordando. Não faça nada que seja falso. Independentemente do que se perca, deixa que se perca. O que perca, perde-o. Mas permanece real, e em sete dias sentirá uma vida nova dentro de ti. As capas mortas se romperão e chegará a ti uma nova corrente viva. Sentirá-se vivo de novo pela primeira vez: uma ressurreição.

Cuida maternalmente certas ações..., cuida maternalmente certas coisas que saiba..., na realidade..., não em um sonho. Faz o que você goste de fazer mas pensa: está-o fazendo você realmente, ou é sua mãe quem o faz através de ti, ou seu pai quem o faz através de ti? Porque ainda estão operando dentro de ti pessoas mortas, pais mortos, sociedades, antigas gerações desaparecidas faz muito. criaram condicionamentos tais que segue lhes agradando; e eles estavam agradando a seus pais e mães mortos, e você está agradando a seus pais e mães mortos, e ninguém está agradado. Como vais agradar a alguém que está morto? Mas os mortos estão vivendo através de ti.

Observa sempre quando estiver fazendo algo se for seu pai quem o está fazendo através de ti ou se o está fazendo você. Quando te zanga, é sua ira ou é a maneira em que estava acostumado a zangar-se seu pai? Simplesmente está imitando. Vi pautas mantendo-se, sendo repetidas. Se te casar, seu matrimônio vai ser em linhas gerais como o de seu pai e o de sua mãe. Você atuará como seu pai, sua mulher atuará como sua mãe, e voltarão a criar a mesma confusão. Quando te zangar, observa: é você ou outra pessoa? Quando amar, recorda, é você ou outra pessoa? Quando disser algo, recorda, está falando você ou seu professor? Quando fizer um gesto, recorda, é teu ou há outra pessoa presente em sua mão? Será difícil, mas isto é *sadhana*. Isto é o que significa o empenho espiritual.

E deixa todas as falsidades. Pode que sintas um certo embotamento por agora, porque todas as falsidades cessarão e o real demorará um tempo em chegar e impor-se. Haverá um período de intervalo, e não te assuste e não te atemorize. cedo ou tarde, seus eus falsos cessarão, as máscaras cessarão, e seu rosto real sairá à luz. Só mediante o rosto real pode encontrar a Deus. Por isso diz este sutra: *Igual a uma galinha cuida de seus pintinhos, cuida você maternalmente certas coisas que saiba, certas ações, na realidade.*

69 Vê além da atadura e a liberdade.

Segundo sutra: *Como, na verdade, a atadura e a liberdade são relativas, estas palavras são só para os que lhes aterram o universo. Este universo é um reflexo das mentes. De igual forma que vê muitos sóis na água a partir de um só sol, vê assim a atadura e a liberação.*

Esta é uma técnica muito profunda, uma das mais profundas, e só mente muito excepcionais a tentaram. O Zen se apóia nesta técnica. Esta técnica está dizendo algo muito difícil: difícil de compreender, não difícil de experimentar. Mas primeiro é necessária a compreensão.

Este sutra diz que o mundo e o *nirvana* não são duas coisas, a não ser uma; que o céu e o inferno não são duas coisas, a não ser uma; e que a atadura e a liberação não são duas coisas, a não ser uma. É difícil porque só podemos conceber algo facilmente se estiver em termos de pólos opostos.

Dizemos que o mundo é uma atadura assim que como escapar deste mundo e liberar-se? Então a liberação é algo que é oposto, que não é atadura. Mas este sutra diz que ambas as coisas são a mesma -a liberação e a atadura- e que a não ser que te libere de ambas, não está liberado. A atadura é uma escravidão, e a liberação, também.

Tenta compreender isto. Olhe a uma pessoa que esteja tratando de ir além da atadura. O que está fazendo? vai de casa, abandona a sua família, abandona as riquezas, abandona as coisas do mundo, abandona a sociedade para escapar das ataduras, dos grilhões do mundo. Então se cria novos grilhões. Esses grilhões são negativos.

Vi a um santo que não pode tocar o dinheiro. É respeitado; tem que ser respeitado pelos que andam como loucos depois do dinheiro. Ele se foi ao extremo oposto. Se lhe puser dinheiro na mão, atira-o como se fora algum veneno ou como se lhe tivesse posto um escorpião. Atirará-o e se assustará. Um sutil tremor percorre seu corpo.

O que está acontecendo? esteve lutando com o dinheiro. Deve ter sido um homem avaro: muita avareza. Só assim pode ir-se a este extremo. Pode que tenha estado muito obcecado com o dinheiro. Ainda está obcecado, mas agora na direção inversa. Entretanto, a obsessão ainda segue aí.

Vi a um sannyasin que não pode olhar um rosto de mulher. assusta-se. Sempre olhe para baixo; nunca levanta o olhar se estiver presente alguma mulher. Qual é o problema? Deve ter sido muito sexual, deve ter estado obcecado com o sexo. Ainda está obcecado, mas antes perseguia a esta ou aquela mulher, e agora está fugindo das mulheres..., .desta e aquela. Mas ainda segue obcecado com as mulheres. Esteja as perseguindo ou fugindo delas, sua obsessão permanece. Pensa que agora se liberou das mulheres, mas isto é uma nova atadura. Não pode te liberar por reação. Aquilo do que esteja em contra te atará negativamente; não pode escapar disso. Se alguém estiver em contra do mundo e a favor da liberação, não pode liberar-se; permanecerá no mundo. A atitude de estar em contra é uma atadura.

Este sutra é muito profundo. Diz: *Como, na verdade, a atadura e a liberdade são relativas...* Não são opostas, a não ser relativas. O que é a liberdade? Diz: «O que não é atadura». E o que é a atadura? Diz: «O que não é liberdade». Pode as definir usando a outra. São como o calor e o frio; não são opostas. O que é o calor e o que é o frio? São só diferentes graus do mesmo fenômeno - graus de temperatura-, mas o fenômeno é o mesmo, e são relativos. Se houver água fria em um balde e água quente em outro, e coloca as mãos em ambos -uma mão na água quente e a outra na fria-, o que sentirá? Uma diferença de graus.

E se primeiro te esfria ambas as mãos em gelo e logo coloca as duas mãos na água quente e na fria, o que acontecerá? Também agora sentirá uma diferença. Sua mão fria agora sentirá mais calor que antes na água quente. E se sua outra mão se esfriou, se estiver muito mais fria que a água fria, então essa água agora parecerá quente; não a perceberá como fria. É relativo. Só há graus de diferença, mas o fenômeno é o mesmo.

O tantra diz que a atadura e a liberação *sansara* e *moksha*, não são duas coisas, a não ser um fenômeno relativo do mesmo. De modo que o tantra é único. O tantra diz que não só tem que te liberar da atadura; tem que te liberar também de *moksha*. A não ser que te libere de ambos não está liberado.

Assim não trate de estar contra nada porque irá a algo que lhe pertence. Parece oposto, mas não o é. Não vá do sexo ao *brahmacharya*. Se está tentando acontecer do sexo ao *brahmacharya*, seu *brahmacharya* não será outra coisa que sexualidade. Não vá da avareza a não-avareza, porque essa não-avareza será também uma avareza sutil. Por isso, se uma tradição pregar a não-avareza, dá-te o estímulo de alguma ganho com isso.

Estive ficando em casa de um santo que dizia a seus seguidores: «Se abandonarem a avareza, conseguirão muitas coisas no outro mundo. iSi abandonam a avareza, conseguirão muitas coisas no outro mundo!». Os que são avaros, ambiciosos do outro mundo, serão influídos por isso. Pode que se motivem, e estarão dispostos a deixar muitas coisas para poder ganhar. Mas o estímulo de ganhar permanece; do contrário, como vai passar um homem avaro a não-avareza? Deve haver algum incentivo que satisfaz profundamente sua avareza.

Assim não crie pólos opostos. Todos os opostos estão relacionados; são graus do mesmo fenômeno. Se tomadas consciencia disto, dirá que ambos os pólos são o mesmo. Se pode perceber isto, que ambos os pólos são o mesmo, e se esta percepção se faz profunda, liberará-te de ambos. Então não está nem a favor do *sansara* nem do *moksha*. Em realidade, não está pedindo nada; deixaste que pedir. Nessa parada, está liberado. Nessa percepção de que tudo é o mesmo, o futuro terá cessado. Onde pode ir agora? O sexo e o *brahmacharya* são o mesmo, assim que onde há algo ao que ir? E se a avareza e a não-avareza são o mesmo, e a violência e a não-violência são o mesmo, onde terá que ir?

Não há nenhuma parte a que ir. Então o movimento cessa; não há futuro. Não pode desejar nada porque todos os desejos serão o mesmo; só haverá uma diferença de

graus. O que pode desejar? Às vezes lhe pergunto às pessoas -quando vêm para mim, pergunto-lhes-: «Que desejas realmente?». Seu desejo se apóia neles tal como são. Se forem avaros, desejam o estado de não-avareza; se forem sexuais, se estão obcecados com o *sexo*, desejam o *brahmacharya*, como transcender o *sexo*, porque são desventurados com o *sexo*.

Mas este desejo de *brahmacharya* está apoiado, enraizado, em sua sexualidade. Perguntam: «Como escapar deste mundo?». O mundo é muito para eles; estão muito curvados e estão aferrando-se muito: porque o mundo não pode te curvar a menos que afeire a ele. A carga está em sua cabeça: não devido à carga, a não ser devido a ti; você a está levando. E estão carregando com o mundo inteiro; então se curvam. E nesta experiência de desdita surge um novo desejo do oposto, de modo que então começam a desejar o oposto.

Andavam depois do dinheiro, assim agora andam depois da meditação. Andavam atrás de algo deste mundo; agora andam atrás de algo desse mundo. Mas o andar atrás de algo continua, e esse andar atrás de algo é o problema. O objeto é irrelevante. O desejo é o problema. O que deseje é irrelevante. Seu desejo..., isso é o problema, e segue trocando de objeto. Hoje deseja A, amanhã desejas B, e pensa que está trocando. Logo, depois de amanhã deseja C, e pensa que está transformado. Mas você é o mesmo. Desejou A, desejou B, desejou C. E A-B-C não são você. Seu desejo: isso é você, e isso segue igual. Deseja atadura. E então te frustra, farta-te; então deseja liberação. Desejas. E o desejo é a atadura.

De modo que não pode desejar a liberação. O desejo é atadura, assim não pode desejar a liberação. Quando cessa o desejo, há liberação. Por isso diz este sutra: *Na verdade, a atadura e a liberdade são relativas*. Assim não te obceque com o oposto.

Estas palavras são só para quem lhes aterra o universo. Estas palavras de atadura e liberdade são para aqueles aos que lhes aterra o universo.

Este universo é um reflexo das mentes. Tudo o que vê neste universo é um reflexo. Se parecer uma atadura, isso significa que é seu reflexo. Se parecer uma liberação, também é seu reflexo.

De igual forma que vê muitos sóis na água a partir de um só Sol, vê assim a atadura e a liberação. Sai o Sol. E há muitos atoleiros -sujos e puros, grandes e pequenos, bonitos e feios-, e um só sol se reflete em muitos atoleiros. Alguém que vá contando os reflexos, pensará que há muitíssimos sóis. Quem não olhe os reflexos a não ser a realidade, verá um. O mundo, tal como o olha, reflete-te. Se for sexual, o mundo inteiro parece sexual; se for um ladrão, o mundo inteiro parece ter a mesma profissão.

Uma vez, Amacie Nasruddin e sua mulher estavam pescando, e era uma zona restringida; só podiam pescar ali as pessoas autorizadas. de repente apareceu um policial, de modo que a mulher de Amacie disse: «Amacie, você tem a permissão, assim sal correndo. Enquanto isso, eu me escapulirei».

Assim Amacie começou a correr. Correu e correu e correu, e o policial lhe seguiu. É obvio, Amacie deixou ali a sua mulher, e o policial seguiu a ele. Amacie correu e correu até que sentiu que lhe ia estalar o coração. Mas para então o policial lhe tinha pego. O policial também estava suando, e disse: «Onde está sua permissão?». Assim Amacie lhe ensinou seus papéis. O policial os olhou e estavam como deve ser. Assim disse: «por que corria, Nasruddin? por que saiu correndo?».

Nasruddin disse: «Está-me tratando um médico, e diz que corra um quilômetro depois de cada comida».

O policial disse: «Muito bem, mas viu que eu estava correndo detrás de ti, te perseguindo, gritando, assim por que não te parou?».

Nasruddin disse: «Pensei que possivelmente também te tratava o mesmo médico».

É lógico; é o que está acontecendo. Tudo o que vê seu redor é mais um reflexo de ti que de algo real. Vê-te ti mesmo refletido em todas partes. No momento em que troca, o reflexo troca. No momento em que te volta totalmente silencioso, o mundo inteiro se volta silencioso. O mundo não é uma atadura; a atadura é um reflexo. E o mundo não é uma liberação; a liberação também é um reflexo.

Um Buda encontra o mundo inteiro em um estado de *nirvana*. Um Krishna encontra o mundo inteiro celebrando em êxtase, cheio de sorte; não há sofrimento. Mas o tantra diz que tudo o que vê é um reflexo, a menos que tudo ver desapareça e só se veja o espelho sem nada refletido nele. Isso é a verdade.

Se se vir algo, é só um reflexo. A verdade é uma; as coisas que são muitas só podem ser reflexos. Uma vez que se compreende isto -não teoricamente, a não ser existencialmente, mediante a experiência-, está liberado; liberado tanto da atadura como da liberação. A Naropa perguntou alguém quando se iluminou: «alcançaste agora a liberação?». Naropa disse: «Sim e não. Sim, não estou pacote, e não, porque essa liberação era também um reflexo da atadura. Pensava nela devido à atadura».

Considera o desta maneira: está doente, e então deseja a saúde. Esse desejo de saúde forma parte de sua enfermidade. Se estiver realmente são, não desejará a saúde. Como foste desejar a? Se estiver realmente são, onde está o desejo? Que necessidade há? Se estiver realmente são, nunca sente que está são. Só as pessoas doentes, com doenças, sentem que estão sãs. Que necessidade há? Como vais sentir que está são? Se nascer são e alguma vez estiveste doente, poderá sentir sua saúde? A saúde está aí, mas não se pode sentir. Só pode sentir-se por contraste, mediante o oposto. Só mediante o oposto se sentem as coisas. Se estiver doente, pode sentir a saúde; e se está sentindo a saúde, recorda: ainda está doente.

De modo que Naropa diz: «Sim e não. "Sim" porque já não há nenhuma atadura, mas com a atadura também desapareceu a liberação; daí o "não". Forma parte dela. Agora estou além de ambas: nem com ataduras nem com liberação».

Não converta a religião em uma busca, em um desejo. Não converta *moksha*, a liberação, o *nirvana*, em um objeto do desejo. Acontece quando não há desejo.

Capítulo 46

O Caminho Tântrico para ser Livre dos Desejos

Perguntas

É o afã de liberação um desejo ou uma sede humana intrínseca?

Como pode um transformar-se sendo total em ações que são de ira e violência?

Pode nos dizer algo sobre a qualidade do dormir de um iluminado?

Primeira pergunta:

Disse ontem que o afã de liberação ou samadhi é também uma tensão e uma barreira, mas não é certo que não é um desejo a não ser uma aspiração: a sede intrínseca do ser humano?

Deve compreender o que significa o desejo, e as religiões lhe confundiram muito a respeito. Se desejas algo do mundo, chamam-no desejo. Se desejas algo do outro mundo, dão-lhe um nome diferente. Isto é absurdo. O desejo é o desejo! Dá igual qual seja o objeto do desejo. O objeto pode ser algo -deste mundo, material, ou de outro mundo, espiritual-; o fato de desejar segue sendo o mesmo.

Todo desejo é uma atadura. Inclusive se desejas a Deus, é uma atadura; inclusive se desejas a liberação, é uma atadura. E a liberação não pode acontecer a menos que este desejar desapareça totalmente. Assim, recorda, não pode desejar a liberação; isso é impossível, isso é contraditório. Pode deixar de ter desejos, e então acontece a liberação. Mas isso não é o resultado de seu desejo. Mas bem é uma consequência do no-desejo.

Assim tenta compreender o que é o desejo. Desejo significa que agora mesmo não está bem, não está a gosto. Neste mesmo momento não está a gosto contigo mesmo, e algo no futuro, se se cumprir, trará-te a paz. A satisfação está sempre no futuro; nunca está aqui e agora. Esta tensão da mente pelo futuro é o desejo. Desejo significa que não está no momento presente, e o único que existe é o momento presente. Está em alguma parte do futuro, e o futuro não existe. Nunca existiu, nunca existirá. Quão único existe é sempre o presente: este, momento.

Esta projeção de sua plenitude a algum momento futuro é o desejo. De modo que é irrelevante qual seja a plenitude futura. Pode que seja o reino de Deus, o céu, o *nirvana*, pode ser algo, mas se estiver no futuro, é desejo. E não pode desejar no presente; recorda: isso não é possível. No presente só pode ser, não pode desejar. Como vais desejar no presente?

O desejo te leva a futuro, à fantasia, aos sonhos. Por isso Buda insiste tanto em não ter desejos, porque só sem desejos entra na realidade. Com desejos, entra em sonhos. O futuro é um sonho, e quando planeja o futuro escolhe a frustração. Está destruindo a realidade de agora mesmo por algum sonho futuro, e este hábito da mente permanecerá contigo. está-se fortalecendo cada dia. De modo que quando chegar seu futuro, chegará em forma de presente, e sua mente voltará a ir-se a algum outro futuro. Inclusive se pudesse chegar a Deus, não estaria satisfeito. Tal como é, é impossível. Inclusive em presença do divino, terá-te ido ao futuro.

Sua mente está sempre indo-se ao futuro. Este movimento da mente ao futuro é o desejo. O desejo não tem que ver com nenhum objeto, com se desejas sexo ou desejas meditação: isso dá igual. O que conta é desejar, que desejas. Isso significa que não está aqui. Significa que não está no momento real, e o momento presente é a única porta à existência. O passado e o futuro não são portas, a não ser muros.

De maneira que não posso chamar espiritual a nenhum desejo. O desejo em si é mundano. O desejo é do mundo. Não há nenhum desejo espiritual; não pode havê-lo. Isso é um truque da mente, um engano. Não quer deixar de desejar, de modo que troca de objeto. Primeiro estava desejando riqueza, prestígio, poder. Agora diz que não deseja e que essas são coisas mundanas. As condenações, e condenações aos que as desejam. Agora deseja a Deus, o reino de Deus, o *nirvana*, *moksha*, o eterno, *sat-chit-anand*, o *Brahma*. Agora deseja isto, e se sente muito bem. Pensa que está transformado, mas não tem feito nada. Segue sendo o mesmo.

Só está fazendo truques contigo mesmo, e agora está em um embrulho ainda maior, porque pensa que isto não é desejar. Segue sendo o mesmo. A mente segue sendo a mesma; o funcionamento da mente segue sendo o mesmo. Ainda não está aqui. Os objetos do desejo trocaram, mas segue indo e sonhando, e o sonhar é o desejo..., não o objeto do desejo.

Assim tenta me compreender. Digo que todo desejo é mundano porque o desejo é o mundo. De modo que não é questão de trocar de desejo, não é questão de trocar de

objetos. É questão de uma mutação, de uma revolução do desejo ao no-desejo; do desejo ao no-desejo, não dos velhos desejos a desejos novos, não de desejos mundanos a desejos de outro mundo, de desejos materiais a desejos espirituais, não! A revolução é do desejo ao no-desejo!

Mas como ir do desejo ao no-desejo? Só pode ir se houver algum desejo. Se houver algum estímulo de ganho, alguma vantagem, algum benefício só então pode ir do desejo ao no-desejo, então não te está movendo absolutamente que com o no-desejo alcançará a sorte. Isso é certo -que com o no-desejo acontece a sorte eterna-, mas se te digo que com o no-desejo, obterá a felicidade eterna, converterá-o em objeto de desejo, e então não terá entendido nada absolutamente.

Não é um resultado, a não ser uma consequência uma compreensão profunda. De modo que trata de compreender que com desejo há desdita, não pense que já sabe. Não sabe; do contrário como é que entra no desejo? Ainda não tomaste consciência de que o desejo é desdita, o desejo é o inferno. Sei consciente! Quando desejar algo, sei consciente. Então entra no desejo com completa alerta, e então chega o inferno.

Todo desejo conduz à desdita, satisfaça-se ou não. Se se satisfizer, chega antes; se não se satisfaz demora mais; mas todo desejo conduz à desdita. Estate alerta a todo o processo, e te mova. Não há pressa, porque não se pode fazer nada depressa, e o crescimento espiritual não é possível com coisas. te mova lentamente, pacientemente. Em cada desejo e logo observa como cada desejo se converte em uma porta ao inferno. Se permanecer alerta, cedo ou tarde te dará conta de que o desejo é o inferno. No momento em que se toma consciência, não haverá desejo. de repente, os desejos desaparecerão, e estará em um estado de no-desejo. Não digo ausência de desejo, simplesmente «no-desejo».

Não pode praticá-lo; recorda: só os desejos podem ser praticados. Como vais praticar o no-desejo? Não pode praticá-lo; só pode praticar os desejos. Mas se estiver alerta tomará consciência de que levam a desdita, quando cada desejo leva a desdita, quando isto se volta uma tira de consciência para -não uma mera opinião e conhecimento, a não ser o fato de que tomaste consciência-, desejar desaparece, volta-se impossível. Como vais levar te a ti mesmo à desdita? Sempre está te levando a felicidade -pensando que o está fazendo- e está sempre entrando na desdita. Isto esteve acontecendo durante vistas e vistas. Sempre pensa que isto ou aquilo é a porta ao céu, e quando entraste te deste conta de que é o inferno. E isto foi assim sem exceção; sempre é assim.

Entra com atenção em cada desejo, e deixa que cada desejo te leve a desdita. Então, de repente, um dia te acontecerá a maturidade, acontecerá-te esta maturidade: dará-te conta de que todo desejo é desdita.

No momento em que te dá conta disso, deixa de desejar. Já não há necessidade de fazer nada; simplesmente, os desejos cessam, desvanecem-se, e está em um estado de no-desejo. Nesse no-desejo está o *nirvana*, está a sorte perfeita, absoluta. Pode chamá-la Deus, o reino de Deus ou o que queira chamá-la, mas recorda bem que não é um resultado de seus desejos. É uma consequência de não desejar, e não desejar não pode ser praticado.

Os que «praticam» não desejar se estão enganando a si mesmos. Há muitos por todo mundo -*bhikkus, sannyasins*- que estão praticando não desejar. Não pode praticar não desejar; nada negativa pode ser praticada. Por debaixo, estão desejando, estão desejando deus: a paz que acontecerá, a sorte que lhes está esperando em algum momento futuro além da morte. Estão desejando; só que chamam a seu desejo «desejo espiritual».

Pode te enganar a ti mesmo muito facilmente. As palavras são muito enganosas e pode racionalizar. A um veneno o chama «ambrósia», e quando o chama ambrósia, parece ambrósia. As palavras hipnotizam; isso é uma coisa. Mas esta percepção, esta tira de consciencia de que o desejo é desdita, deve ser tua.

Mary Stevens tem escrito em alguma parte que estava de visita em casa de uma amiga, e a filha de sua amiga era cega. Mary Stevens estava muito assombrada, porque a menina dizia coisas como: «É feio, eu não gosto», e «A cor deste vestido é muito bonito».

Como era cega, Mary Stevens lhe perguntou: «Como notas que alguém é feio e que uma cor é bonita?».

A menina disse: «Minhas irmãs me dizem isso.» Isto é conhecimento.

Buda há dito que o desejo é desdita e você segue repetindo-o. Isto é conhecimento, e você nunca viu que o desejo é desdita. Simplesmente lhe ouviste a Buda. Isto não serve. Simplesmente está desperdiçando sua vida e a oportunidade. Sua própria experiência pode te transformar; nenhuma outra coisa transforma. O conhecimento não pode ser emprestado. Se é emprestado, é falso. Parece conhecimento, mas não o é. Mas por que seguimos a um Buda ou a um Jesus...? por que? devido a nossa avareza. Olhamos os olhos da Buda e estão tão cheios de paz que surge a avareza, surge o desejo de obter isso. Buda é muito ditoso: em êxtase em todo momento. Surge um desejo de ser como Buda. Nós também desejamos semelhantes estados.

Então seguimos perguntando como conseguiu isto Buda, como acontece. O «como» cria muitos problemas, porque então Buda dirá que acontece no «no-desejo». E tem razão, *aconteceu* no no-desejo. Mas quando ouvimos que acontece no no-desejo, começamos a praticar o no-desejo, começamos a deixar os desejos, e todo o esforço é um desejo de ser como Buda.

Buda não estava tentando ser como outra pessoa; não estava pedindo ser um buda. Simplesmente estava tentando compreender sua própria desdita..., e quanto mais compreensão teve, mais desapareceu a desdita. Então, um dia chegou a compreender que o desejo é veneno. Se tiver desejo, é vítima dele; agora não há nenhuma possibilidade de que seja feliz alguma vez. Só pode ter esperança..., ter esperança e frustração; logo mais esperança e mais frustração: este será seu círculo. E quando está mais frustrado, tem mais esperança, porque esse é o único consolo. Segue indo ao futuro porque no presente sempre tem frustração, e a frustração chega devido a seu passado.

No passado, este presente era o futuro, e você tinha posta sua esperança nele. Agora é uma frustração. Então volta a pôr a esperança no futuro, e quando se voltar presente, voltará a te frustrar. Então voltará a ter esperança. Então, mais frustração, mais esperança, e com mais esperança, ainda mais frustração. É um círculo vicioso. Isto é a roda do *sansara*.

Mas nenhum buda pode te dar seus próprios olhos. E é bom que não lhe possa dar isso do contrário, seguirá sendo falso sempre, eternamente. Então nunca será autêntico. É bom sofrer, porque só mediante o sofrimento te voltará autêntico e real. Assim que o primeiro: entra em seus desejos para poder compreender o que realmente são. Padece o sofrimento que esteja oculto aí. Deixa que te seja revelado. Só isso é austeridade, só isso é *tapascharya*.

Naropa há dito que se pode estar alerta, todo desejo te leva a *nirvana*, e isto é o que quer dizer, porque se estiver alerta, sabe que todo desejo é desdita. E quando exploraste todos os rincões e frestas do desejo, de repente te pára. Nessa parada está o sucesso, e sempre está aí. Esse sucesso está sempre te esperando, esperando te encontrar no presente. Mas você nunca está no presente; sempre está sonhando. A realidade te

sustenta; está vivo porque é real, existe devido ao real. Mas segue indo ao irreal. O irreal é muito lhe hipnotizem.

ouvi uma piada judia. Dois velhos amigos se encontraram depois de muitíssimos anos. Então um amigo lhe disse ao outro: «Não te vi em vinte e cinco anos. Como está seu menino, seu filho Harry?».

O outro disse: «Isso é um filho. É um grande poeta.

Em todo o país se ouça sua voz, cantam-se suas canções, e os que entendem de poesia dizem que cedo ou tarde lhe darão o Prêmio Nobel».

O outro amigo disse: «iMaravilloso! e falam de seu segundo filho, Benny. Como vai?».

O amigo disse: «Estou muito contente com meu segundo filho. É um líder, um grande líder político. Tem milhares e milhares de seguidores, e estou seguro de que cedo ou tarde vai ser o primeiro-ministro deste país».

Então o amigo disse: «Caray! Que afortunado é! E o que tem que seu terceiro filho, Izzie?».

O pai ficou muito triste e disse: «Izzie? Izzie não trocou. É alfaiate. Mas te asseguro que se não fora pelo Izzie estaríamos todos morrendo de fome».

Mas o pai estava triste porque Izzie é só um alfaiate. E o poeta e o grande político, o grande líder... são sonhos. Izzie é a realidade..., o alfaiate. «Mas se não fora pelo Izzie, estaríamos todos morrendo de fome», disse.

Não poderia existir se não fora por este momento. *Isso* é real. Mas nunca está contente com ele. É feliz em seus sonhos do futuro sobre premio Nobel, primeiros ministros... Agora mesmo, «Izzi, é só alfaiate». Sua realidade está onde está enraizado; seus sonhos não são sua base. São falsos. Aceita sua realidade no momento presente. Percebe-a confronta-a seja a que seja, e não deixe que a mente se vá ao futuro. O futuro é desejo. Se puder esta aqui e agora, é um buda. Se não poder estar aqui e agora, então tudo é só um sonho.

E terá que voltar, porque os sonhos não podem te levar a nenhuma parte. Só podem te levar a esperança e a frustração, mas nada real acontece mediante eles. Mas recorda o que pinjente de que não pode imitar. Terá que passar pelo sofrimento. O sofrimento é o caminho. Desencarde-te, põe-te alerta, faz-te consciente. Quando mais consciente é, menos cheio de desejos está. Se for perfeitamente consciente, não acontece nenhum desejo, e a meditação não é outra coisa que consciencia perfeita.

Segunda pergunta:

Por favor, explica como é possível que alguém possa transformar-se espiritualmente sendo total em ações que são de ira, ódio e violência.

Sim, pode te transformar totalmente mediante a ira, mediante o ódio, mediante a violência. E não há outra maneira, porque existe na violência, na ira, na avareza, na paixão. Onde existe, *só* aí, começa o caminho. Não te direi que crie não-avareza contra sua avareza; direi-te que seja avaro totalmente, mas com total alerta mental; que seja violento, que te zangue, mas que seja total para que sofra totalmente, para que perceba todo seu veneno. Tem que passar pelo fogo. Ninguém mais pode passar por ti; não é possível nenhum representante. Terá que passar por isso, e sempre pensa que o fará algum outro.

Os cristãos seguem pensando que há salvação através do Jesus. Ainda não aconteceu. O mundo segue igual. passaram dois mil anos desde que Jesus foi crucificado, mas seguimos esperando que alguma outra pessoa sofra e alcancemos a

sorte. Não! Cada um tem que levar sua própria cruz. Jesus foi crucificado; ele alcançou seu objetivo. Você não pode alcançá-lo. Você terá que acontecer essa crucificação você mesmo. E esta é a crucificação: que tem ira, que tem paixão, que tem violência, que tem avareza, que tem ciúmes.

O que vais fazer com eles? A sociedade te ensina a criar o pólo contrário, tem avareza, assim reprime-a e cria uma mente não avara. Tem ira, assim reprime-a. Não te zangue. Empurra para trás a energia e sorri. O que acontece?

A ira se vai acumulando dentro de ti, e vai voltando cada vez mais irascível, porque cada vez se vai acumulando mais energia por dentro como ira... reprimida. converte-se em um depósito inconsciente, e contra esta ira segue sorrindo. Esse sorriso se volta falsa, porque quando a ira está batendo na porta por dentro, como vais poder sorrir? Pode sorrir, mas então será um sorriso falso.

De modo que está dividido em dois: um sorriso falso e uma ira real. O sorriso falso se volta sua personalidade, e a ira real segue sendo sua alma. Está dividido contra ti mesmo, e haverá uma luta constante. E não pode ser feliz com o sorriso falso. Não engana a ninguém. Não pode ser feliz com uma ira real escondida detrás e tratando sempre de sair. Um sorriso falso e uma ira real: esta é a situação. Tudo o que é bom é falso e tudo o que é mau é real. O real o leva dentro e o falso o mostra por fora. Isto é esquizofrênico, e todo homem se tornou esquizofrênico, dividido; não só dividido, mas também lutando constantemente consigo mesmo. Toda a vida e a energia se esbanja e se dissipa nesta luta. E a luta é estúpida, mas isto é o que está acontecendo.

O que estou sugirindo é que não crie nenhuma falsidade em torno de ti. O falso nunca te levará ao real; o falso te levará a mais falsidade. Não faça o falso, e permite que o real se expresse totalmente. Quando digo isto, pode que te assuste, porque tem violência e pode que queira matar a alguém. Assim quero dizer que vá e mate? Não! Medita com isso. Fecha sua habitação e deixa que chegue sua violência. Pode expressá-la com um travesseiro, com uma foto, com algo. Não há necessidade de ir matar a alguém, porque isso não vai ajudar. Isso criará mais problemas e uma cadeia.

No travesseiro, escreve o nome de seu inimigo ou de seu amigo..., e recorda: estamos mais furiosos com nossos amigos que com nossos inimigos. Ponha uma foto de sua mulher ou de seu marido sobre um travesseiro, e saca sua violência. Golpeia o travesseiro, arbusto o travesseiro, e faz tudo o que te surja. E não tenha a sensação de que está fazendo algo estúpido. Isto é o que quer fazer com o objeto real, e isso será mais estúpido. Não pense que isto é uma tolice. *Assim* é como é; é tolo, e não pode trocá-lo com apenas reprimi-lo. Olhe esta tolice, vê que assim é como é. te permita uma expressão total; manifesta-o tudo em ação. E se pode ser real, tomará consciencia: pela primeira vez da ira, da violência que escondeu dentro de ti. É um vulcão, e isto pode fazer erupção de ti em qualquer momento.

Em qualquer situação, o vulcão pode fazer erupção. Está fazendo erupção todos os dias. Alguém mata a alguém, e só um dia antes era tão normal como você. Ninguém tinha suspeitado nunca que ia ser um assassino. Ninguém suspeita de ti, e tiveste tantos pensamentos de assassinar em sua mente... Pensaste-o, planejaste-o muitas vezes. tiveste a idéia de assassinar a alguém ou de te matar a ti mesmo. Aconteceu-te se não ser absolutamente idiota. Os psicólogos dizem que um homem inteligente está exposto a pensar em suicidarse ao menos dez vezes em sua vida -ao menos dez vezes!-, e pensa dez mil vezes em assassinar a alguém. Nunca o faz; isso é outra coisa. Mas pode fazê-lo; a possibilidade sempre está aí.

Feixe de sua ira um ato total na meditação, e então vê o que acontece. Notará que chega de todo seu corpo. Se o permitir, então cada uma das células de seu corpo estará nisso. Cada poro, cada fibra de seu corpo se voltará violenta. Todo seu corpo estará em

uma situação louca. Voltará-te louco, mas permite-o, e não te refreie. te mova com o rio, e quando o ciclone tenha terminado, sentirá por primeira vez um centro profundo dentro de ti. Acontecerá uma calma sutil. Quando a ira se foi, não haverá arrependimento, porque não o tem feito a ninguém. Não haverá culpabilidade. Terá-te folgado. Quando se expulsa esta ira e chega o silêncio, esse silêncio é real, não forçado.

Pode-te sentar como um buda em *padmasaríá*, em uma postura yóguica. Pode te forçar a ti mesmo; mas o macaco interno segue saltando. Agora só o corpo está imóvel. A mente está mais louca que nunca. Sempre que se sinta a meditar, nota o que está acontecendo. Alguma vez tem tanto ruído por dentro como quando está meditando assim por que há tanto ruído sempre que medita? por que fica a mente tão errante? por que chegam tantos pensamentos em uma nuvem? É porque seu corpo está imóvel, e através desta imobilidade de seu corpo pode notar mais os dramalhões da mente. Há contraste.

Mas o silêncio forçado não serve para nada. Ou não o conseguirá, ou se o consegue, dormirá. Um silêncio forçado, se se conseguir, faz que durma. É bom pelo que concerne a dormir; de outra forma, é inútil. Um silêncio real acontece só quando alguma energia contida-se solta totalmente. A perturbação se devia a essa energia contida. Essa energia submetida estava tratando de fazer erupção; esse era o problema, essa era a perturbação interna. Quando se solta, desafoga-te.

Então todas as fibras de seu ser se relaxam.

Nessa relaxação pode dizer que está em um estado de não-ira. Não é contra a ira; é simplesmente ausência de ira. Recorda: o real é sempre a ausência, não o oposto: não o oposto! É sempre a ausência -uma ausência de avareza, uma ausência de sexo, uma ausência de ciúmes -, mas nessa ausência, sua realidade floresce porque a enfermidade se foi. Agora pode florescer sua saúde interna. E uma vez que comece a florescer, não acumulará ira. Só acumula ira porque te está perdendo a ti mesmo.

Em realidade, não está zangado com ninguém mais; está zangado dentro de ti mesmo. Mas segue projetando essa ira em outros; do contrário te voltará louco, assim segue encontrando desculpas. Em realidade, está zangado porque te está perdendo a ti mesmo, está-te perdendo seu destino. O que é possível para ti não está acontecendo, e por isso está zangado. Não te está acontecendo nada, e o tempo segue passando. A morte se está aproximando, e você segue tão insatisfeito como sempre, e não parece haver nenhuma possibilidade de que alcance a plenitude. devido a isto, devido a que não está realizando suas potencialidades, devido a que não chegaste a ser o que pode chegar a ser, está zangado, cheio de violência. E então segue encontrando desculpas.

Arroja sua ira a isto, a aquilo. Em realidade, não é uma questão de ira, e se o faz uma questão de ira, seu diagnóstico será errôneo. É uma questão de autorrealización. por que é um violento? por que é um destrutivo? Porque está zangado consigo mesmo, com seu mesmo ser; porque é. E então sente que está contra o mundo inteiro.

Um buda é silencioso, no-violento, não porque o tenha praticado, mas sim porque agora se realizou a si mesmo. Agora a flor chegou a seu florescimento total, de modo que não fica nada por liberar. Está repleto. Fica um simples agradecimento à existência. Já não há nenhuma queixa; nada está mau. Quando floresce realmente, tudo está bem; tudo é bom. devido a isto, Buda não é um revolucionário. Para ser um revolucionário, deve poder ver desdita, deve poder sentir toda a confusão que te rodeia, o inferno. Para ser um revolucionário, deve ter a sensação de que tudo está mau. Só então é um revolucionário. Buda esteve aqui, neste país, Mahavira esteve aqui, neste país, mas não foram revolucionários. por que? Surge a pergunta: por que?

Quando a gente está a gosto consigo mesmo, tudo é bom. Não pode ser destrutivo, só pode ser criativo. Sua revolução só pode ser criativa, e você não pode ver nada criativo. Quando alguém destrói algo..., só então é notícia; só então pode usá-lo.

A um Lenin lhe vê como um revolucionário, não como um buda. Agora há revolucionários por todo mundo, e seu número segue crescendo. E a razão...? É porque cada vez menos pessoas realizam seu potencial. São violentas e querem destruir; porque se não ter sentido em suas vidas, como vão sentir que sentou nas vidas de outros? Um Mahavira é inclusive consciente para evitar matar um inseto, para nem sequer matar um mosquito, porque, realizou-se a si mesmo. Agora sabe o que é possível inclusive para um mosquito. Um mosquito não é só um mosquito; é uma possibilidade. Há aí uma possibilidade infinita: este mosquito pode voltar-se divino. Não pode destruí-lo; é impossível. Só pode ajudar. O único que lhe interessa é como ajudar a que o potencial se volte real.

São só sementes. Há um grande destino oculto, mas nada está sendo realizado. O potencial está sendo desperdiçado; a semente segue sendo uma semente. Sentem ira. A geração moderna está muito mais zangada que as velhas gerações, porque há mais consciência da possibilidade e menos realização. Agora a nova geração sabe o que é possível, muito mais que a velha geração. Esta geração sabe que muitas coisas são possíveis. Mas não está acontecendo nada, e nada se está realizando, de modo que há mais frustração. Se não poder ser criativo, ao menos pode ser destrutivo; nota seu poder sendo destrutivo. A ira, a violência, são forças destrutivas. Estão pressentem porque não o está a criatividade.

Não esteja contra elas. Melhor, as ajude a sair. Não as reprima; deixa que se evaporem de ti. Então, o que pensa que é o oposto está presente. Quando se tiverem evaporado, de repente, dará-te conta de que há silêncio, de que há amor, de que há compaixão. Não têm que ser cultivados. São só como um riacho oculto nas rochas. Retira as rochas e o riacho começa a fluir. O riacho não está contra as rochas, não é o oposto das rochas. Com apenas a ausência das rochas, acontece a abertura e o riacho começa a fluir.

O amor está em ti como um riacho, a ira está em ti como uma rocha. Retira-a. Mas segue forçando-a a que fique dentro, cada vez mais dentro. Então está forçando também ao riacho a ir cada vez mais dentro. Tira esta rocha. Não há necessidade de golpear a ninguém com ela. Quer golpear a alguém porque não sabe como tiragem sem golpear a ninguém. Isto é o que estou ensinando: a atirá-la sem golpear a ninguém. Não é necessário golpear a ninguém. E se pode atirar esta rocha sem golpear a ninguém, todos se beneficiarão com isso. Pode que não esteja atirando a à cabeça de ninguém, mas estava sempre aí e outros o notam.

Quando está zangado, independentemente de como a reprima, sua ira se nota. Vibra nela; há uma tristeza sutil em torno de ti. Todo mundo se dá conta de que entrou alguma enfermidade. Todo mundo quer te deixar; volta-te repulsivo. Sua atitude mesma te dá um mau aroma. Pode que não seja consciente, mas os bioquímicos dizem que quando alguém está apaixonado ou zangado ou em um estado sexual, desprendem-se do corpo aromas distintos; realmente, não metaforicamente. Quando está zangado, emana de seu corpo um mau aroma. Quando está apaixonado, a qualidade é diferente. Na paixão sexual, desprende-se um aroma diferente.

Os animais se sentem atraídos pelo aroma; porque quando a fêmea está disposta, desprende-se um aroma sutil de suas glândulas sexuais e o macho se sente atraído. Sem esse aroma, a fêmea não está preparada. Por isso vê os cães cheirando-se: podem cheirar o sexo. Se estiver sexual, você também está emanando um aroma sutil. Se está zangado, também então..., porque se desprendem substâncias químicas diferentes no sistema

sanguíneo. Pode que ninguém o note conscientemente, mas inconscientemente todo mundo o nota. É uma carga..., repulsivo, destrutivo. Expulsa este veneno de seu sistema.

Assim recorda isto: é bom expulsá-lo em um espaço vazio. E o céu é o suficientemente grande; não lhe devolverá isso. Simplesmente o absorverá, e te terá folgado. Assim faz-o tudo meditativa e totalmente, inclusive a ira, inclusive a violência, inclusive o sexo. É fácil conceber como estar zangado a sós, mas também pode criar uma orgia sexual a sós meditativamente. E sua qualidade será diferente depois disso.

Quando estiver a sós, fecha sua habitação e feixe como se estivesse entrando no ato sexual. Deixa que todo seu corpo se mova. Salta e grita; faz tudo o que tenha vontades de fazer. Faz-o totalmente. te esqueça de tudo: das inibições sociais, etc. Entra no ato sexual a sós meditativamente, mas ponha toda sua sexualidade nisso.

Com a outra pessoa, a sociedade sempre está presente, porque a outra pessoa está presente. E é muito difícil estar em um estado de amor profundo tal que se sinta como se a outra pessoa não estivesse presente. Só em um estado de amor muito profundo, em uma intimidade muito profunda, é possível estar com seu amante ou amada *como se* ele ou ela não estivesse.

Isto é o que significa a intimidade: que está como se estivesse sozinho, sem medo ao outro, estando seu amante ou amada na habitação; então pode entrar no ato sexual totalmente; do contrário, o outro é sempre uma presença coibidora. A outra pessoa te está olhando: «O que vai pensar ela? O que vai pensar ele? O que está fazendo? te comportando como um animal?».

Esteve aqui uma senhora faz uns poucos dias. Veio a queixar-se de seu marido. Disse: «Não posso suportá-lo. Sempre que me ama, começa a comportar-se como um animal».

Quando o outro está presente, o outro te está olhando: «O que está fazendo?». E lhe ensinaram que há algumas costure que não devem fazer-se. Você coíbe; não pode atuar totalmente.

Se realmente houver amor, então pode atuar como se estivesse sozinho. E quando dois corpos se fazem um, têm um só ritmo. Então se perdeu a dualidade, e o sexo pode desatar-se totalmente. E não é como a ira; a ira sempre é feia, mas o sexo não sempre é feio. Às vezes é o mais belo que há..., mas só às vezes. Quando a união é perfeita, quando os dois se voltam um só ritmo, quando suas respirações se tornaram uma, e seu *prana*, sua energia, flui em um círculo, quando os dois desapareceram completamente e os dois corpos se tornaram uma totalidade, quando o negativo e o positivo, o masculino e o feminino, já não estão aí, então o sexo é o mais belo que há. Mas isso não é sempre assim.

Se não ser possível, pode levar seu ato sexual a um clímax de frenesi e loucura estando a sós, em um estado meditativo. Fecha a habitação, medita com isso, e deixa que seu corpo se mova como se não o estivesse controlando. Abandona todo controle!

Os cônjuges podem ser muito úteis, e particularmente no tantra: sua mulher, seu marido, seu amiga ou seu amigo pode ser muito útil se ambos estão experimentando profundamente. Então permitam cada um um descontrol total. Esqueçam a civilização, como se nunca tivesse existido; voltem para Jardim do Éden. Atirem essa maçã..., o fruto da árvore da ciência. Sede Adão e Eva no Paraíso antes de que fossem expulsos. Retornem! Sede inocentes como animais, e manifestem sua sexualidade em sua totalidade. Não voltarão a ser os mesmos.

Acontecerão duas coisas. A sexualidade desaparecerá. Pode que o sexo permaneça, mas a sexualidade desaparecerá completamente. E quando não há sexualidade, o sexo é divino. Quando não há ânsia cerebral, quando não está pensando nisso, quando se tornou uma simples participação -um ato total, um movimento de todo

seu ser, não só da mente-, é divino. Primeiro desaparecerá a sexualidade, e logo pode que também desapareça o sexo, porque uma vez que conhece seu núcleo mais profundo, pode alcançar esse núcleo sem sexo.

Mas não conhecesse esse núcleo mais profundo, assim que como vais alcançar o? O primeiro vislumbre chega mediante o sexo total. Uma vez que o conhece, o caminho se pode percorrer também de outras maneiras. Simplesmente olhando uma flor pode estar no mesmo êxtase no que está quando te une com seu casal em um clímax. Simplesmente olhando as estrelas pode entrar nele.

Uma vez que conhece o caminho, sabe que está dentro de ti. Seu casal só te ajuda a conhecê-lo, e você lhe ajuda a conhecê-lo. estejam dentro de ti! O outro era só uma provocação. O outro era só um desafio para te ajudar a conhecer algo que sempre esteve dentro de ti.

E isto é o que está acontecendo entre um professor e um discípulo. O professor só pode ser um desafio para ti, para mostrar o que sempre esteve oculto em ti. O professor não te está dando nada. *Não pode* dar; não há nada que dar. E tudo o que se pode dar não merece a pena, porque será só uma coisa.

O que não pode dar-se, mas sim só pode provocar-se, merece a pena. Um professor só está te provocando. Desafia-te para te ajudar a chegar a um ponto no que possa cair na conta de algo que já está aí. Uma vez que conhece isso, não há necessidade de um professor.

Pode que o sexo desapareça, mas primeiro desaparece a sexualidade. Então o sexo se volta um ato puro, inocente; então o sexo também desaparece. Então há *brahmacharya*, celibato. Não é o oposto ao sexo; é só sua ausência. E recorda esta diferença. Disto não é consciente.

As velhas religiões seguem condenando a ira e o sexo como se ambas as coisas fossem o mesmo ou como se ambas pertencessem à mesma categoria. Não é assim! A ira é destrutiva; o sexo é criativo. Todas as velhas religiões seguem condenando os de maneira similar, como se a ira e o sexo, a avareza e o sexo, o ciúmes e o sexo fossem similares. Não o são! O ciúmes são destrutivos, *sempre!* Nunca são criativos; nada pode resultar deles. A ira sempre é destrutiva, mas isso não é assim com o sexo! O sexo é a fonte da criatividade. O divino o usou para a criação. A sexualidade é como o ciúmes, a ira e a avareza: sempre é destrutiva. O sexo, não; mas não conhecemos o sexo puro; só conhecemos a sexualidade.

Uma pessoa que olhe uma foto pornográfica ou alguém que vai ver um filme de orgias sexuais, não está procurando sexo; está procurando sexualidade. Há duas pessoas que conheço que não podem fazer o amor com suas mulheres a menos que primeiro esquadrihem alguma revista ou livros ou fotos pornográficas. Quando vêem estas imagens, excitam-se. A esposa real não é nada para eles. Uma foto, um nu, resulta-lhes mais excitante. Essa excitação não está no ventre; essa excitação está na mente, na cabeça.

O sexo transferido à cabeça é sexualidade; pensar nisso é sexualidade. Vivê-lo é outra coisa, e se pode vivê-lo, pode transcenderlo. Algo vivida totalmente te leva mais à frente. Assim não lhe tenha medo a nada. *Vive-o!* Se pensar que é destrutivo para outros, entra nisso a sós, não o faça com outros. Se pensar que é criativo, então encontra um companheiro, encontra um amigo. Formem um casal, e entrem nisso totalmente. Se ainda notas que a presença do outro é coibidora, então pode fazê-lo a sós.

Última pergunta:

Sonha alguma vez uma pessoa iluminada? Pode nos dizer algo sobre a qualidade e a natureza do dormir de uma pessoa iluminada?

Não, uma pessoa iluminada não pode sonhar. E se você gosta de muito os sonhos, não te ilumine. iCuidado! Sonhar forma parte de dormir. O primeiro é que para que aconteça o sonho tem que dormir. Para ter sonhos correntes, tem que dormir. Dormido te volta inconsciente. Quando está inconsciente, podem acontecer os sonhos. Só acontecem quando está inconsciente.

Uma pessoa iluminada está consciente inclusive dormida. Não pode voltar-se inconsciente. Inclusive se lhe dá um anestésico

-clorofórmio ou algo pelo estilo- só sua periferia dorme. Ele permanece consciente; seu consciencia permanece consciente.

Krishna diz no Gita que enquanto todos estão dormidos, o iogue está acordado. Não é que os iogues não vão se dormir de noite eles também dormem, mas seu dormir tem uma qualidade diferente. Só seus corpos dormem, então seu dormir é belo. É um descanso.

Seu dormir não é um descanso. Pode inclusive que seja um grande esforço, e pode que pela manhã se sinta mais exausto do que se sentia de noite. Toda a noite dormindo e pela manhã se sente mais exausto... O que está passando? iEres um milagre!

Passou toda a noite em uma agitação interna. Seu corpo não esteve em repouso porque a mente estava muito ativa. E a atividade da mente supõe necessariamente um grande esforço para o corpo, porque sem o corpo, a mente não pode atuar. A atividade da mente significa uma atividade paralela para o corpo, de modo -que durante toda a noite seu corpo está movendo-se e está ativo. É por isso pelo que se sente mais cansado pela manhã.

O que significa que alguém se ilumina? Significa uma coisa: agora é perfeitamente consciente independentemente do que acontecer sua mente ele é consciente. E no momento em que é consciente, certas coisas cessam completamente. Cessam só mediante a consciencia. É como se esta habitação estivesse escura e traz uma vela a escuridão desaparecerá. Não tudo desaparecerá, estas estanterias seguirão aqui, e se estamos sentados aqui, seguiremos aqui. Ao trazer a vela, só desaparece a escuridão.

Quando alguém se ilumina, tem uma luz interna. Essa luz interna é a consciencia. Mediante esta consciencia, o dormir desaparece..., nada mais. Mas como o dormir desaparece, a qualidade de tudo troca. Agora, tudo o que vá fazer o fará em seu alerta perfeita, e o que necessita a inconsciência, como requisito prévio agora se volta impossível.

Não pode estar zangado; não porque tenha decidido não estar zangado: *não pode* estar zangado.

A ira só pode existir quando é inconsciente. Agora não há inconsciência, assim não está a base, e a ira não é possível. Não pode odiar; o ódio existe só quando é inconsciente. volta-se amor; não porque o tenha decidido. Quando há luz, quando há consciencia, o amor flui; é natural. Sonhar se volta impossível porque o sonho requer, acima de tudo, inconsciência, e ele não está inconsciente.

O discípulo da Buda, Ananda, disse-lhe, depois de dormir e viver na mesma habitação, no mesmo sítio que Buda: «Isto é um milagre; isto é muito estranho. Nunca te move quando está dormido». Buda permanecia sempre na mesma postura toda a noite. Da maneira em que dormia ao princípio, assim despertava, e sua mão permanecia no sítio exato no que a pôs.

Pode que tenha visto a imagem da Buda dormido. Sua postura se chama «a postura te jazam». Permanecia nesta mesma postura toda a noite. Ananda lhe observou

durante anos. Sempre que olhava a Buda dormindo, estava igual toda a noite. Assim Ananda lhe perguntou: «me diga, o que faz toda a noite? Permanece em uma postura...».

conta-se que Buda disse: «Só me movi uma vez estando dormido, mas então não era um buda. Justo antes, justo uns dias antes de que acontecesse a iluminação, movi-me estando dormido. Mas então de repente tomei consciencia e me perguntei: "por que me estou movendo?". Movi-me inconscientemente, sem me dar conta. Mas depois da iluminação não é necessário. Se quiser, posso-me mover, mas não é necessário. E o corpo está tão depravado...».

A consciencia penetra inclusive no dormir. Mas pode ter uma postura fixa toda a noite e não estará iluminado. Pode praticá-lo; não é difícil. Pode te forçar a ti mesmo; então em uns poucos dias será capaz de fazer isto. Mas não se trata disso. Se vir o Jesus movendo-se, não pense: «por que se move?». Depende. Se Jesus se mover enquanto está dormido, está consciente. Se quer mover-se, move-se.

Comigo acontece justo o contrário. antes de alcançar a consciencia, dormia sempre na mesma postura toda a noite. Não recordo me haver movido nunca. Mas após me estive movendo toda a noite. Inclusive cinco minutos em uma postura são suficientes para mim. Tenho que me mover uma e outra vez. Sou consciente de que, em realidade, isto não é dormir absolutamente. Assim depende. Mas nunca pode deduzir nada desde fora. Isto é só possível de dentro.

Para um iluminado, a consciencia permanecerá inclusive estando dormido, e então os sonhos não são possíveis. Requerem inconsciência; isso é uma coisa. E requerem experiências pendentes; isso é o segundo. E para um iluminado não há nenhuma experiência pendente, nenhuma experiência incompleta. Tudo está completo. comeu sua comida; agora não está pensando em voltar a comer. Quando tiver fome voltará a comer, mas enquanto isso não há nenhum pensamento referente a comer.

banhou-se; agora não está pensando no banheiro de amanhã. Quando chegar o momento, se estiver vivo, banhará-se. Se a situação o permitir, acontecerá, mas não há pensamentos. Há atos, mas não pensamentos a respeito deles.

O que está fazendo você? Está ensaiando constantemente: está ensaiando para amanhã como se fosse um ator e fosses representar para alguém.

por que está ensaiando? Quando chegar o momento, estará ali.

A pessoa iluminada vive no momento, no ato, e vive tão totalmente que o ato não fica incompleto. Se algo ficar incompleto, será completado em um sonho. O sonho é uma consumação. Acontece porque a mente não pode permitir que nada fique incompleto. Se algo estiver incompleto, há um desassossego interno. pergunta-se como completá-lo. Então o completas em um sonho, e fica tranqüilo. Inclusive se se completa em um sonho, para a mente é uma relaxação.

O que está sonhando? Simplesmente está completando seus atos incompletos, que não pôde completar durante o dia. Durante o dia pode que tenha desejado beijar a uma mulher, e não pôde fazê-lo. Agora a beijará em seus sonhos, e sua mente se sentirá relaxada; liberará-se bastante tensão.

Seu sonhar não é outra coisa que seu estado incompleto, e uma pessoa iluminada está completa. Independentemente do que esteja fazendo, está-o fazendo tão plenamente, tão totalmente, que não fica nada pendente. Não há nenhuma necessidade de sonhar. Sonhar de noite cessará e pensar durante o dia cessará.

Não é que se volte incapaz de pensar. Pode pensar se o necessita. Se lhe fizer uma pergunta, pensará imediatamente, mas não é necessário nenhum ensaio. Você pensa primeiro e logo responde, mas sua resposta é seu pensamento. Ele pensa e responde. Isso tampouco está bem dito, porque, em realidade, não há nenhum intervalo. É

simultâneo. Ele pensa em voz alta, mas não há nenhum ensaio, nenhum pensamento, nenhum sonho. Ele vive a vida. Pensando e sonhando te perde a vida.

Capítulo 47

Meditação Tântrica usando a Luz

Os Sutras

70 *Considera sua essência como raios de luz subindo de centro a centro pelas vértebras e assim se eleva a energia vital em ti.*

71 *Ou nos espaços entremédias, percebe isto como um relâmpago.*

72 *Percebe o cosmos como uma presença translúcida eterna.*

O homem pode ser considerado de três maneiras: do ponto de vista do normal, do anormal e do supranormal. A psicologia ocidental se ocupa basicamente do anormal, do patológico, do homem que tem cansado por debaixo do normal, que tem cansado por debaixo da norma. A psicologia oriental, o tantra e o ioga, consideram o homem do ponto de vista do supranormal: de alguém que foi além da norma. Ambos são anormais. que é patológico é anormal porque não está são, e alguém que é supranormal é anormal porque está *mais* são que qualquer ser humano normal. A diferença é do negativo e o positivo.

A psicologia ocidental se desenvolveu como parte da psicoterapia. Freud, Jung, Adler e outros psicólogos estavam tratando ao homem anormal, ao homem que está mentalmente doente. devido a isto, toda a atitude ocidental para o homem se tornou errônea. Freud estudava casos patológicos. É obvio, nenhum homem são ia a ele; só os que estavam doentes mentalmente. Ele os estudava, e devido a esse estudo pensou que agora compreendia ao homem. Os homens patológicos não são realmente homens; estão doentes, e algo apoiada em um estudo deles terá que ser profundamente errônea e daninha. Isto resultou daninho porque o homem é considerado de um ponto de vista patológico. Se se escolher um estado mental em particular e esse estado é mórbido, patológico, então toda a imagem do homem ficou apoiada na enfermidade. devido a esta atitude, toda a sociedade ocidental tem cansado: porque o homem doente é a base; pervertido-o se converteu no fundamento.

E se estudar só o anormal, não pode conceber nenhuma possibilidade de seres supranormales. Um buda é impossível para o Freud, inconcebível. Deve ser fictício, mitológico. Freud só entrou em contato com homens doentes que nem sequer são normais, e tudo o que diz sobre o homem normal está apoiado no estudo do homem anormal. É como um médico que esteja fazendo um estudo. Nenhuma pessoa sã irá a ele, não há necessidade. Só irá a gente doente. Estudando tanta gente falta de saúde, cria uma imagem do homem em sua mente, mas essa imagem não pode ser do homem. Não pode sê-lo porque o homem não é só enfermidades. E se bases seu conceito do homem nas enfermidades, toda a sociedade sofrerá.

A psicologia oriental, especialmente o tantra e o ioga, também tem um conceito do homem, mas esse conceito está apoiado no estudo do supranormal -Buda, Patanjali, Shankara, Nagarjuna, Kabir, Nanak -, em pessoas que alcançaram a cúpula da potencialidade e a possibilidade humanas. O mais baixo não foi considerado; só o mais alto. Se considerar o mais alto, sua mente se volta uma abertura; pode crescer, porque

agora sabe que são possíveis rádios de ação mais elevados. Se considerar o mais baixo, não é possível nenhum crescimento. Não há desafio. Se for normal, sente-se feliz. É suficiente que não está pervertido, que não está em um hospital psiquiátrico. Pode-te sentir bem, mas não há desafio.

Mas se buscas o supranormal, a possibilidade mais alta que pode alcançar, se alguém chegou a ser essa possibilidade, se essa possibilidade se tornou real em alguém, então se abre uma opção de crescimento. Pode crescer. Te apresenta um desafio, e não precisa estar satisfeito contigo mesmo. São possíveis rádios de ação mais elevados, e lhe estão chamando. Isto terá que compreendê-lo a fundo. Só então será concebível a psicologia do tantra. O que é não é o final. Está só no meio. Pode cair, pode te elevar. Seu crescimento não terminou. Não é o produto final; é só um passo. Algo está crescendo constantemente em ti.

O tantra concebe e base toda sua técnica nesta possibilidade de crescimento. E, recorda, a menos que chegue a ser o que pode chegar a ser, não alcançará a plenitude. *Deve* chegar a ser o que pode chegar a ser; é indispensável! Do contrário, estará frustrado, sentirá-se insignificante, parecerá-te que sua vida não tem nenhum objetivo. Pode seguir adiante, mas não pode haver nenhuma alegria nisso. E pode que tenha êxito em muitas outras coisas, mas fracassará contigo mesmo. E isto está acontecendo. Alguém se faz muito rico e todo mundo pensa que agora triunfou. Todos exceto ele mesmo pensam que triunfou. Ele conhece seu fracasso. Tem riqueza, mas fracassou. É um grande homem, um líder, um político. Todo mundo pensa que triunfou, mas fracassou. Este mundo é estranho: triunfa aos olhos de todos exceto aos teus próprios.

Vem gente a mim diariamente. Dizem que o têm tudo, mas agora o que? sentem-se fracassados, mas no que fracassaram? Por isso respeita às coisas externas, não fracassaram, assim por que sentem este fracasso? Sua potencialidade interna ficou em potência. Não floresceram. Não alcançaram o que Maslow chama «autorrealización».

São fracassados: fracassados internos, e em última instância, o que digam outros não tem sentido. O que tem sentido é o que sente. Se sentir que é um fracassado, outros podem pensar que é um Napoleón ou um Alejandro Magno, mas dá no mesmo. Mas bem, deprime-te mais. Todo mundo pensa que é um êxito, e já não pode dizer que não o é; mas sabe que não o é. Não pode te enganar a ti mesmo. Por isso respeita a autorrealización, não pode te enganar. cedo ou tarde terá que apelar a ti mesmo e sondar profundamente dentro de ti o que aconteceu. A vida foi desperdiçada. renunciaste a uma oportunidade e acumulado coisas que não significam nada.

A autorrealización alude ao topo mais alta de seu crescimento, em que pode sentir um fundo contente, em que pode dizer: «Este é meu destino, isto é para o que fui destinado, esta é a razão pela que estou aqui na Terra». Ao tantra lhe concerne esta autorrealización: como te ajudar a crescer mais. E recorda: ao tantra lhe interessa você, não os ideais. Ao tantra não lhe interessam os ideais; interessa-lhe você tal como é e como pode chegar a ser. Há uma grande diferencia. Tudo os ensinamentos têm que ver com ideais. Dizem que te volte como Buda, que te volte como Jesus, que te volte assim ou assim. Têm ideais, e você tem que te voltar como esses ideais. O tantra não tem nenhum ideal para ti. Seu ideal desconhecido está escondido dentro de ti; não te pode dar. Não tem que te voltar como Buda, não há necessidade. Um Buda é suficiente, e nenhuma repetição tem nenhum valor. A existência sempre é única, nunca repete; a repetição é aborrecida. A existência sempre é nova, eternamente nova, de modo que nem sequer Buda é repetido: um fenômeno tão belo fica sem repetir.

por que? Porque inclusive se um Buda é repetido, produzirá aborrecimento. Do que serve? Só o único é significativo; as cópias não são significativas. Só se for de primeira mão se cumpre seu destino. Se for de segunda mão, erraste.

De modo que o tantra nunca diz que seja assim ou assim; não há nenhum ideal. O tantra nunca fala de ideais; daí o nome de «tantra». O tantra fala de técnicas, nunca de ideais. Fala de *como* pode chegar a ser, nunca diz o que. Existe devido a esse como. Tantra significa técnica; a mesma palavra «tantra» significa técnica. ocupa-se de «como» te pode voltar, não se ocupa do «que». Esse «o que» o proverá seu crescimento. Simplesmente usa a técnica e, com o tempo, sua potencialidade interna se fará realidade. A possibilidade inexplorada se abrirá e, quando se abrir, cairá na conta do que é. E ninguém pode dizer o que é. A menos que chegue a sê-lo, ninguém pode predizer o que pode chegar a ser.

De maneira que o tantra só te dá técnicas, nunca ideais. Nisto se diferencia de tudo os ensinamentos morais. Os ensinamentos morais sempre lhe dão ideais. Inclusive se falarem de técnicas, essas técnicas são sempre para ideais específicos. O tantra não te dá nenhum ideal; você *é* o ideal, e seu futuro é desconhecido. Nenhum ideal do passado pode servir de ajuda, porque nada se pode repetir, e se se repete, não tem sentido.

Os monges Zen dizem que recorde e esteja alerta. Se te encontrar com a Buda em sua meditação, mata-o imediatamente; não permita que fique aí. Os monges Zen são seguidores da Buda e, entretanto, dizem que mate a Buda imediatamente se te encontrar com ele em sua meditação, porque a personalidade, o ideal da Buda, pode voltar-se tão lhe hipnotizem que pode que se esqueça de ti mesmo; e se se esquece de ti mesmo, erraste o caminho. Buda não é o ideal; você é o ideal, seu futuro desconhecido. Isso é o que terá que descobrir.

O tantra te dá técnicas de descobrimento. O tesouro está dentro de ti. Assim recorda este segundo ponto: é muito difícil acreditar que você é o ideal, difícil de acreditar para ti, porque todo mundo está te condenando. Ninguém te aceita, nem sequer você mesmo. Você segue te condenando a ti mesmo. Pensa sempre em função de ser como alguma outra pessoa, e isso é falso, perigoso. Se segue pensando assim, voltará-te uma falsificação, e tudo será falso. Sabe de onde procede a palavra inglesa *phony*, «falso»? Procede de «telefone». Nos inícios do telefone, a transmissão era tão falsa, tão irreal, que pelo telefone se ouvia uma voz real e uma voz falsa: uma voz falsa que era mecânica. A voz real se perdia; só nos inícios. Desde aí procede a palavra *phony*, «falso». Se está imitando a outra pessoa, voltará-te falso, não será real. Rodeará-te um dispositivo mecânico, e sua realidade, sua voz real, perderá-se. Assim não seja falso, sei real.

O tantra acredita em ti. Por isso há tão poucos que acreditam no tantra: porque ninguém acredita em si mesmo. O tantra acredita em ti e diz que você é o ideal, assim não imite a ninguém. A imitação criará uma pseudopersonalidade em torno de ti. Pode seguir vivendo com essa pseudopersonalidade pensando que é você mesmo, mas não o é. De modo que o segundo que terá que recordar é que não há nenhum ideal fixo. Não pode pensar em função do futuro; só pode pensar em função do presente: tão somente o futuro imediato no que pode crescer.

Não há nenhum futuro fixo, e é bom que não haja nenhum futuro fixo; do contrário, não haveria liberdade. Se houvesse um futuro fixo, o homem seria um robô. Não tem um futuro fixo. Tem muitíssimas possibilidades; pode crescer de muitas formas. Mas o único que te dará satisfação suprema é que cresça, que cresça de uma maneira que todo crescimento produza mais crescimento. As técnicas são úteis porque são científicas. Economizam-lhe divagações desnecessárias, tanteos desnecessários. Se não conhecer nenhuma técnica, demorará muitas vidas. Chegará ao objetivo, porque a energia vital que há dentro de ti se moverá, a menos que chegue ao ponto do que não é possível nenhum movimento. Seguirá indo ao topo mais alta, e essa é a razão pela que

alguém segue nascendo uma e outra vez. Abandonado a sua sorte, chegará; mas terá que viajar muitíssimo, e a viagem será muita pesada e aborrecido.

Com um professor, com técnicas científicas, pode ganhar muito tempo, oportunidade e energia. E às vezes, em uns segundos pode crescer tanto que nem sequer durante vistas poderão fazê-lo. Se se usar uma técnica correta, o crescimento explora, e estas técnicas foram usadas em milhares de anos de experimentos. Não foram ideadas por um só homem; foram ideadas por muitíssimos buscadores, e só a essência aparece aqui. Nestas cento e doze técnicas, abordaram-se todas as técnicas de todo o mundo. Não existe em nenhuma parte uma técnica que não tenha sido abordada nestas cento e doze; são toda a busca espiritual em essência. Mas todas as técnicas não são para todo mundo, assim terá que as provar. Só certas técnicas serão úteis para ti, e terá que as provar. Há duas maneiras: ou medindo você mesmo até que tropece com algo que comece a funcionar e comece a crescer, e então entre nisso; ou entrega a algum professor e ele descobre o que te virá bem. Estas são as duas maneiras. Pode escolher.

Agora as técnicas.

70 Visualiza raios de luz subindo por sua coluna vertebral.

Primeira técnica de luz: *Considera sua essência como raios de luz subindo de centro a centro pelas vértebras, e assim se eleva a energia vital em ti.*

Muitos métodos de ioga se apóiam nisto. Primeiro compreende o que é; logo a aplicação. As vértebras, a coluna são a base de seu corpo e de sua mente. Sua mente, sua cabeça, é a parte final de sua coluna. O corpo inteiro está enraizado na coluna. Se a coluna estiver jovem, você é jovem. Se a coluna estiver velha, você é velho. Se pode conservar jovem sua coluna, é difícil fazer-se velho. Tudo depende de sua coluna. Se sua coluna estiver viva, terá uma mente muito brilhante. Se sua coluna está embotada e morta, terá uma mente muito torpe. Todo o ioga tenta de muitas maneiras fazer que sua coluna esteja viva, brilhante, cheia de luz, jovem e fresca.

A coluna tem dois cabos: o princípio é o centro sexual, e o final é *sahasrar*, o sétimo centro na parte superior da cabeça. O princípio da coluna está conectado à terra, e o sexo é o mais terrestre que há em ti. Pelo centro do princípio de sua coluna está em contato com a natureza, com o que Sankhya chamou *prakriti*: a terra, o material. Pelo último centro, do segundo pólo, *sahasrar*, na cabeça, está em contato com o divino. Estes são os dois pólos de sua existência. Primeiro o sexo e logo o *sahasrar*. Em inglês não há palavra para *sahasrar*. Estes são os dois pólos. Sua vida estará orientada ou ao sexo ou a *sahasrar*. Sua energia estará fluindo para baixo, do centro sexual de volta à Terra, ou sua energia sairá pelo *sahasrar* ao cosmos. Do *sahasrar* flui à *Brahma*, à Existência absoluta. Do sexo flui para baixo à existência relativa. Estes são os dois fluxos, as duas possibilidades. A não ser que comece a fluir para cima, sua desdita nunca terá fim. Pode que tenha vislumbres da felicidade, mas só vislumbre..., e muito ilusórios.

Quando a energia comece a ir para cima, terá cada vez mais vislumbre reais. E uma vez que chegue ao *sahasrar* e saia por aí, terá a sorte absoluta. Isso é o *nirvana*. Então não há vislumbre; volta-te a sorte mesma. De modo que o único que conta para o ioga e o tantra é como mover a energia para cima pelas vértebras, pela coluna vertebral, como ajudá-la a ir contra a gravidade. Em sexo é muito fácil, porque obedece à gravidade. A Terra está atirando de tudo para baixo, de volta; sua energia sexual é atraída pela Terra. Pode que não o tenha *ouvido*, mas os astronautas o hão sentido:

assim que vão além da gravidade da Terra, não sentem muita sexualidade. Segundo o corpo perde peso, a sexualidade se dissolve, desaparece.

A Terra está atraindo sua energia vital para baixo, e isto é natural, porque a energia vital vem da Terra. Come e está criando energia vital dentro de ti; vem da Terra, e a Terra está atraindo a de volta. Tudo volta para sua fonte. E se continua movendo-se desta forma -a energia vital voltando uma e outra vez, e você te está movendo em círculo-, seguirá assim durante vistas e vistas. Pode seguir assim imensamente, a menos que dê um salto como os astronautas. Como os astronautas, tem que dar um salto de ir mais à frente do círculo. Então a pauta da gravidade da Terra se rompe. Pode romper-se!

As técnicas para poder rompê-la estão aqui; para que a energia possa mover-se verticalmente e se eleve dentro de ti, chegando a novos centros; para que possam revelar-se novas energias dentro de ti, te voltando uma pessoa nova com cada movimento. E no momento em que a energia sai por seu *sahasrar*, o pólo oposto do sexo, já não é um homem. Então não pertence a esta Terra; tornaste-te divino. Isto é o que quer dizer quando se diz que Krishna é Deus ou que Buda é Deus. Seus corpos são como o teu -seus corpos terão que cair doentes e terão que morrer-; tudo acontece em seus corpos como acontece a ti. Só uma coisa não está acontecendo em seus corpos que te está acontecendo a ti: a energia tem quebrado a pauta da gravidade.

Mas isso não pode vê-lo, não é visível para seus olhos. Mas, às vezes, quando está sentado ao lado de um buda, pode perceber isto. de repente nota um estalo de energia dentro de ti, e sua energia começa a ascender. Só então sabe que aconteceu algo. Com apenas estar em contato com um buda, sua energia começa a subir para o *sahasran*, Um buda é tão capitalista que inclusive a Terra é menos poderosa; não pode atrair sua energia para baixo. Os que notaram isto em torno de um Jesus, um Buda, um Krishna, chamaram-nos Deus. Têm uma fonte diferente de energia que é mais forte que a Terra.

Como se pode romper a pauta? Esta técnica é muito útil para romper a pauta. Primeiro compreende algo básico. Em primeiro lugar, se tiver observado, deve ter comprovado que sua energia sexual se move com a imaginação. Só mediante a imaginação começa a funcionar seu centro sexual. Em realidade, sem imaginação não pode funcionar. Por isso, se estiver apaixonado por alguém funciona melhor, porque com o amor entra a imaginação. Se não estar apaixonado, é muito difícil. Não funcionará.

Esta é a razão pela que na antigüidade não havia homens dedicados à prostituição, a não ser só mulheres. É difícil para um homem se não amar. E como vai amar só por dinheiro? Pode pagar a um homem para que tenha trato sexual contigo, mas se não ter fantasias contigo, não pode funcionar. As mulheres podem funcionar porque seu sexo é passivo. Em realidade, seu funcionamento não é necessário. Podem estar totalmente desapegadas; pode que não estejam sentindo nada absolutamente. Seus corpos podem simplesmente estar aí como cadáveres. Com uma prostituta não está fazendo o amor com um corpo real; só com um cadáver morto. Mas as mulheres podem ser prostitutas facilmente porque seu sexo é passivo.

O centro sexual funciona mediante a imaginação. Por isso pode ter ereções e ejaculações incluso em sonhos. São reais. Os sonhos são só imaginação. observou-se que todo homem, se estiver fisicamente em forma, terá ao menos dez ereções de noite. Com cada movimento da mente, com apenas um ligeiro pensamento de sexo, terá uma ereção.

Sua mente tem muitas energias, muitas faculdades, e uma delas é a vontade. Mas não pode ter sexo a vontade. Para o sexo, a vontade é impotente. Se tenta amar a alguém, notará que te tornaste impotente. Assim nunca o tente. A vontade nunca funciona com o sexo; só a imaginação funcionará. Imagina, e o centro sexual começará

a funcionar. por que estou pondo ênfase neste fato? Porque se a imaginação ajuda a que se mova a energia, então pode movê-la para cima ou para baixo com apenas a imaginação. Não pode mover seu sangue com a imaginação; não pode fazer nada mais no corpo com a imaginação. Mas a energia sexual se pode mover com a imaginação. Pode trocar sua direção.

Este sutra diz: *Considera sua essência como raios de luz* -pensa em ti mesmo, em seu ser como raios de luz- *subindo de centro a centro pelas vértebras* -por sua coluna-, *e assim se eleva a energia vital em ti*. O ioga dividiu sua coluna em sete centros. O primeiro é o centro sexual e o último é *sahasrar*, e entre estes dois há cinco centros. Alguns sistemas os dividem em nove, alguns em três, alguns em quatro. A divisão não é muito significativa; pode fazer sua própria divisão. Cinco centros são suficientes para trabalhar com eles; o primeiro é o centro sexual, o segundo está justo atrás do umbigo, o terceiro está justo atrás do coração, o quarto está entre as duas sobranceiras, justo no meio, em meio da frente. E o quinto, *sahasrar*, está justo na parte superior da cabeça. Estes cinco bastarão.

Este sutra diz: *te considere a ti mesmo...*, o que quer dizer que imagine a ti mesmo: fecha os olhos e imagine a ti mesmo como se fosse luz. isto não é só imaginação. Ao princípio o é, mas também é a realidade, porque tudo consiste em eletricidade. A ciência diz agora que tudo consiste em eletricidade, e o tantra sempre há dito que tudo consiste em partículas de luz: e você também. Por isso o Corán diz que Deus é luz.

Você é luz! Imagina primeiro que é raios de luz; logo leva sua imaginação ao centro sexual. Concentra sua atenção ali e sente que estão ascendendo raios de luz do centro sexual como se o centro sexual se converteu o uma fonte de luz e os raios de luz se estivessem movendo em um arrebatamento: subindo para o centro do umbigo. É necessária a divisão por que te resultará difícil conectar seu centro sexual com o *sahasrar*. De modo que serão úteis as divisões menores. Se pode conectar, não é necessária nenhuma divisão. Pode deixar todas as divisões do centro sexual para diante, e a energia, a força vital, ascenderá como luz para o *sahasrar*. Mas as divisões serão mais úteis porque sua mente pode conceber mais facilmente fragmentos mais pequenos.

De modo que simplesmente sente que a energia -que os raios de luz- estão subindo desde seu centro sexual a seu umbigo como um rio de luz. Logo seu umbigo se esquentará. Notas o calor; inclusive outros podem notar esse calor. Mediante você imaginação, a energia sexual terá começado a ascender. Quando sentir que o segundo centro, no umbigo, já se tornou uma fonte de luz, que os raios estão chegando e se estão acumulando aí, então começa a ir para o centro do coração. Quando a luz chegue ao centro do coração, quando estiverem chegando os raios, suas pulsações trocarão. Sua respiração se fará mais profunda, e seu coração se encherá de calidez. Segue para cima.

Considera sua essência como raios de luz subindo de centro a centro pelas vértebras, e assim se eleva a energia vital em ti. E quando sentir calidez, sentirá de uma vez uma «energia vital», uma nova vida que chega a ti, uma luz interior que ascende. A energia sexual tem duas partes: alguém é física e a outra é psíquica. Em seu corpo: tudo tem duas partes. Igual a seu corpo e mente, tudo tem duas partes dentro de ti: uma material e a outra espiritual. A energia sexual tem duas partes. A parte material é o sêmen; não pode ascender, não há nenhuma passagem para isso. devido a isto, muitos fisiologistas ocidentais dizem que os métodos do tantra e o ioga são uma tolice e os negam completamente. Como vai ascender a energia sexual? Não há passagem e a energia sexual não pode ascender. Têm razão e, não obstante, estão equivocados. O sêmen, a parte material, não pode ascender..., mas aí não acaba tudo. Em realidade, o sêmen é só a parte corporal da energia sexual; não é a energia sexual. A energia sexual é sua parte psíquica, e a parte psíquica pode ascender. E para essa parte psíquica, usa-se a

passagem espinhal: a passagem espinhal e seus centros. Mas isso terá que senti-lo, e suas sensações estão adormecidas.

Lembrança que certo psicoterapeuta escreveu em alguma parte a respeito de uma paciente, uma mulher. Lhe estava dizendo que sentisse algo, mas o psicoterapeuta notou que ela não estava sentindo, a não ser pensando em sentir; e isso é algo muito distinto. Assim é que o terapeuta pôs sua mão sobre a mão da mulher e a apertou, lhe dizendo que fechasse os olhos e lhe dissesse o que sentia. Ela disse imediatamente: «Sinto sua mão».

Mas o terapeuta disse: «Não, isto não é o que sente. Isto é o que está pensando, sua dedução. Pus minha mão sobre a sua; você diz que está sentindo minha mão. Mas não é assim. Isto é uma dedução. O que sente?».

Assim é que ela disse: «Sinto seus dedos».

O terapeuta disse de novo: «Não, isto não é sentir. Não deduza nada. Simplesmente fechamento os olhos e vá ao sítio onde está minha mão; logo, me diga o que sente».

Então ela disse: «OH! Me estava perdendo isso tudo. Sinto pressão e calor».

Quando uma mão te toca, não sente uma mão. Sente pressão e calor. A mão é só uma dedução; é intelecto, não sensação. Calor e pressão; essas são sensações. Agora ela estava sentindo. perdemos completamente a capacidade de sentir. Terá que desenvolvê-la; só então pode fazer semelhantes técnicas. Do contrário, não funcionarão. Simplesmente intelectualizará, pensará que está sentindo, e não acontecerá nada. Por isso a gente vem para mim e diz: «Diz-nos que esta técnica é tão significativa, mas não acontece nada». O tentaram, mas os falta uma dimensão: a dimensão de sentir. De modo que primeiro terá que desenvolvê-la, e há alguns métodos que pode provar.

Pode fazer uma coisa. Se tiver um menino pequeno em sua casa, segue ao menino por toda parte durante uma hora todos os dias. Será melhor e mais satisfatório que seguir a um buda. Deixa que o menino ande a quatro patas, e anda você também a quatro patas. Simplesmente segue ao menino andando a quatro patas, e sentirá por primeira vez uma nova energia vital chegando a ti. Voltará-te um menino de novo. Olhe ao menino e simplesmente faz o que ele faça. Irá a todos os rincões; tocará-o tudo; não só o tocará, mas também além o provará tudo com a língua, cheirá-o tudo. Simplesmente lhe siga e faz tudo o que faça.

Você também foi um menino uma vez; fez o mesmo. O menino está sentindo. Não está intelectualizando, não está pensando. Sente um aroma, assim vai ao rincão de que provém o aroma. Vê uma maçã, assim que a prova. Simplesmente prova você também como um menino. Observa quando estiver comendo a maçã, lhe olhe: está totalmente absorto nisso. O mundo inteiro desapareceu, o mundo já não existe: só a maçã. Nem sequer existe a maçã, nem existe o menino: só o comer. Simplesmente segue a um menino durante uma hora. Essa hora será tão enriquecedora que te voltará um menino de novo.

Seus mecanismos de defesa cessarão, sua couraça cairá, e começará a olhar o mundo como o olhe um menino: da dimensão de sentir. Quando sentir que já pode sentir, não pensar, desfrutará da textura do tapete sobre a que te esteja movendo como um menino, a pressão, a calidez..., e com apenas seguir inocentemente a um menino. O homem pode aprender muito dos meninos, e cedo ou tarde sua inocência real brotará, foi um menino uma vez e sabe o que significa sê-lo. Simplesmente o esqueceste.

O centro de sentir deve começar a funcionar; só então servirão para algo estas técnicas. De outra forma, seguirá pensando que a energia está ascendendo, mas não o sentirá. E se não sentir, a imaginação é impotente, inútil. Só uma imaginação que sinta te produzirá um resultado. Pode fazer muitas outras coisas e não há necessidade de fazer

um esforço específico para as levar a cabo. Quando for dormir, sente sua cama, sente o travesseiro: a frieza. Simplesmente entra em contato com ela, joga com o travesseiro.

Fecha os olhos e escuta o ruído do ar condicionado, ou do tráfego ou do relógio ou algo. Simplesmente escuta. Não ponha etiquetas, não diga nada. Não use a mente. Simplesmente vive na sensação. Pela manhã, no primeiro momento do despertar, quando sentir que já deixaste que dormir, não comece a pensar. Durante uns momentos pode voltar a ser um menino: inocente, fresco. Não comece a pensar. Não pense no que vais fazer e quando vai ao escritório e que trem vais agarrar. Não comece a pensar. Terá tempo suficiente para todas essas tolices. Espera. Durante uns, momentos, simplesmente escuta o ruído. Está cantando um pássaro, ou o vento está soprando entre as árvores, ou está chorando um menino, ou chegou o leiteiro e está fazendo sons, ou se está vertendo o leite. Algo que aconteça, sente-a. Sei sensível a ela, aberto a ela. Permite que te aconteça, e sua sensibilidade crescerá.

Quando estiver te dando uma ducha, sente-a por todo o corpo: cada gota de água que te toca. Sente o contato, a frieza, a calidez! Prova isto todo o dia sempre que ter a oportunidade, e em todas partes há uma oportunidade, em todas partes! Quando estiver simplesmente respirando, sente a respiração -seu movimento dentro de ti e sua saída-, sente-a! Simplesmente sente seu próprio corpo. Não o há sentido.

Temos muito medo a nossos próprios corpos. Ninguém touca seu próprio corpo de maneira carinhosa. Deste-lhe alguma vez um pouco de amor a seu próprio corpo? Toda a civilização tem medo a que alguém se toque a si mesmo, porque da infância tocar-se foi reprovado. Parece ser masturbatorio tocar-se a gente mesmo de forma carinhosa. Mas se não poder te tocar a ti mesmo de forma carinhosa, seu corpo se embotará e se entorpecerá. Já está assim. te toque os olhos com as Palmas. Sente o contato, e seus olhos se sentirão frescos e vivos imediatamente. Sente todo seu corpo. Sente o corpo de seu amante, o corpo de seu amigo. A massagem é boa. Dois amigos podem massagear o um ao outro e sentir mutuamente seus corpos. Voltarão-lhes mais sensíveis.

Cria sensibilidade, capacidade de sentir. Então te resultará fácil fazer estas técnicas, e então sentirá a «energia vital» subindo em ti. Não deixe esta energia em qualquer parte. Deixa que chegue ao *sahasrar*. Recorda isto: sempre que fazer este experimento, não o deixe pela metade. Tem que completá-lo. Toma precauções para que ninguém te incomode. Se deixar esta energia em alguma parte pelo meio, pode ser daninha. Tem que sair. Assim leva a à cabeça e sente como se sua cabeça se tornou uma abertura.

Na Índia representamos o *sahasrar* como um lótus. «*Sahasrar*» significa «de mil pétalas»: uma abertura de mil pétalas. Imagina o lótus com mil pétalas, aberto, e de cada pétala está saindo para o cosmos esta energia luminosa. De novo, isto é um ato de amor: esta vez não com a natureza, a não ser com o supremo. De novo é um orgasmo.

Há dois tipos de orgasmos: a gente é sexual, e o outro, espiritual. O sexual provém do centro mais baixo, e o espiritual, do centro mais alto. Com o mais alto te une ao mais alto e com o mais baixo te une ao mais baixo. Pode fazer este exercício incluso quando estiver de fato no ato sexual; podem fazê-lo-os dois membros do casal. Movam a energia para cima, e então o ato sexual se volta *tantra sadhana* se converte em meditação.

Mas não deixe a energia em algum centro no meio do corpo. Pode que venha alguém e terá assuntos que atender, ou haverá uma chamada de telefone e terá que parar. De modo que faz-o a uma hora em que ninguém te incomode, e não deixe a energia em nenhum centro. Do contrário, esse centro no que deixaste a energia se voltará uma ferida, e pode que crie muitas enfermidades mentais. Assim sei consciente;

se não, não faça isto. Este método requer privacidade absoluta e nenhuma perturbação, e terá que fazê-lo completamente. A energia deve chegar à cabeça, e deve sair por aí.

Terá várias experiências. Quando sentir que os raios estão começando a subir do centro sexual, terá ereções ou sensações no centro sexual. Vem para mim muchíssima gente muito assustada e atemorizada. Dizem que sempre que começam a meditar, quando começam a entrar profundamente, têm uma ereção. perguntam-se: «O que é isto?». Têm medo porque pensam que na meditação não deveria haver sexo. Mas não sabe como funciona a vida. É um bom sinal. Mostra que agora a energia está viva aí. Agora precisa mover-se. Assim não te assuste e não pense que algo vai mau. É um bom sinal. Quando começar a meditar, o centro sexual se voltará mais sensível, vivo, excitado, e ao princípio a excitação será igual a qualquer excitação sexual; mas só ao princípio. Segundo sua meditação se faça mais profunda, sentirá que a energia flui para cima. Quando a energia flui, o centro sexual se volta silencioso, menos excitado.

Quando a energia vá realmente ao *sahasrar*, não haverá nenhuma sensação; no centro sexual. Está totalmente acalmado e silencioso. tornou-se completamente fresco, e a calidez se foi à cabeça. E isto é físico. Quando o centro sexual está excitado, esquenta-se; sente esse calor, é físico. Quando a energia se mova, o centro sexual se esfriará mais e mais e mais, e a calidez se irá à cabeça.

Dará-te voltas a cabeça. Quando a energia vá à cabeça, sentirá um enjôo. Pode que, às vezes, inclusive sinta náuseas, porque a energia foi à cabeça pela primeira vez e sua cabeça não está familiarizada com ela. Tem que reajustar-se. Assim não te assuste. Às vezes pode que te deprima imediatamente, mas não te assuste. Pode acontecer. Se tanta energia se mover súbitamente e explora na cabeça, pode que te deprima. Mas esse desmaio não pode durar mais de uma hora. Em um prazo de uma hora, a energia automaticamente volta para trás ou sai. Não pode estar assim mais de uma hora. Digo uma hora, mas, de fato, é exatamente quarenta e oito minutos. Não pode durar mais. Nunca se viu em milhares de anos de experimentos, assim não tenha medo. Se te deprimir, está bem. depois desse enjôo, sentirá-se tão renovado que é como se tivesse estado dormindo pela primeira vez, dormindo da maneira mais profunda.

O ioga lhe dá um nome especial: *ioga tandra*, dormir yóguico. É muito profundo; vai a seu centro mais profundo. Mas não tenha medo. E se te esquenta a cabeça, é um bom sinal. Solta a energia. Sente como se sua cabeça se estivesse abrindo como uma flor de lótus: como se a energia estivesse saindo ao cosmos. Quando sair a energia, sentirá que chega a ti uma frieza. Nunca há sentido a frieza que chega depois desta calidez. Mas faz a técnica completamente; nunca a faça incompletamente.

71 Visualiza uma faísca de luz saltando de um chakra ao seguinte.

Segunda técnica de luz: *Ou nos espaços entremedias, percebe isto como um relâmpago.*

Este é um método muito similar, com uma ligeira diferença: *Ou nos espaços entremedias, percebe isto como um relâmpago.* Entre um centro e outro, conforme vão chegando os raios, pode senti-lo como um relâmpago: um salto de luz. Para algumas pessoas, o segundo será mais apropriado, e para outras, o primeiro. Por isso há uma modificação.

Há pessoas que não podem imaginar coisas gradualmente, e há pessoas que não podem imaginar coisas a saltos. Se pode pensar e imaginar gradualmente, então o primeiro método é bom. Mas se provas o primeiro método e de repente sente que os raios saltam diretamente de um centro ao seguinte, então não siga. O segundo é melhor

para ti. *Percebe isto como um relâmpago*: como uma faísca de luz saltando de um centro ao seguinte. E o segundo é mais real, porque, em realidade, a luz salta. Não há um crescimento gradual, passo a passo. A luz é um salto.

Observa a luz elétrica. Pensa que é constante, mas isso é ilusório. Há intervalos, mas os intervalos são tão breves que não pode detectá-los. A eletricidade chega a saltos. Um salto, e logo há um intervalo de escuridão. Outro salto, e logo há um intervalo de escuridão. Mas nunca percebe o intervalo porque o salto é muito rápido. Do contrário, há escuridão a cada momento. Há de novo um salto, chega a luz, logo outra vez escuridão. A luz dá saltos, nunca viaja. Para os que podem conceber os saltos, a segunda modificação é a melhor. *Ou nos espaços entremédias, percebe isto como um relâmpago*. Prova-o.

Se se sentir bem com os raios chegando gradualmente, está bem. Se não se sentir bem e os raios saltam, então te esqueça dos raios. Concebe isto como relâmpagos no céu, nas nuvens, saltando de um sítio a outro.

Para as mulheres, a primeira técnica será mais fácil, e para os homens, a segunda. A mente feminina pode conceber o gradual mais facilmente, e a masculina salta mais facilmente. A mente masculina é «saltitanta»; salta de uma coisa a outra. Há um sutil desassossego na mente masculina. A mente feminina tem um processo gradual; não é saltitanta. Por isso a lógica feminina e a masculina são muito diferentes. Um homem vai saltando de uma coisa a outra, e para isto mulheres é inconcebível. Para elas deve haver crescimento, crescimento gradual. Mas escolhe. as prove, e escolhe a que te pareça que é boa para ti.

Dois ou três coisas mais a respeito deste método. Com os relâmpagos pode que sintas tal calor que te pareça insuportável. Se sentir isso, não tente. Os relâmpagos podem te dar muito calor. Se sentir isto, que é insuportável, então não o tente. Então o primeiro método, se se sentir a gosto, é bom. Do contrário, não o tente com desassossego. Às vezes, a explosão pode ser tão grande que te dela assuste, e um vez que tenha medo nunca será capaz de voltar a fazê-lo. Então surge o medo.

De modo que terá que ser sempre consciente para não assustar-se de nada. Se sentir que surgir esse medo e que é muito para ti, não o tente. Então o primeiro método com os raios de luz é o melhor. Se sentir que inclusive com os raios de luz te esquenta muito – e isso depende, porque a gente é distinta-, concebe os raios frios, imagina os frios. Então, em vez de sentir calidez, sentirá uma frieza contudo. Esse também será efetivo. De modo que pode decidir; prova e decide. Recorda, com esta técnica, e com outras também, se se sentir muito inquieto ou algo te parece insuportável, não a faça. Há outros métodos, e pode que este não seja para ti. Perturbado innecesariamente por dentro, criará mais problemas que, os que resolverá.

Na Índia, devido a isto, desenvolvemos um ioga específico que chamamos *sahaj ioga*. *Sahaj* significa espontâneo, fácil, natural. te lembre sempre de *sahaj*. Se sentir que qualquer técnica chega a ti espontaneamente, se sentir mais afinidade com ela, se se sentir melhor com ela -mais são, mais vivo, mais em casa-, então este é o método para ti. Faz-o; pode ter confiança nele. Não crie problemas desnecessários. E o mecanismo interno é muito complexo. Se fizer algo que é muito para ti, pode que destrua muitas coisas. De maneira que é melhor fazer algo com o que sintas harmonia.

72 Sente a presença da existência eterna.

Terceira técnica de luz: *Percebe o cosmos como uma presença translúcida eterna*.

Isto também tem que ver com a luz: *Percebe o cosmos como uma presença translúcida eterna*. Se tiver tomado alguma droga, como o LSD ou algo pelo estilo, o mundo inteiro em torno de ti se volta um fenômeno luminoso de cores que são translúcidos, vivos. Isto não é devido ao LSD. O mundo é assim, mas seus olhos se embotaram. O LSD não está criando um mundo cheio de cor a seu redor; o mundo já está cheio de cor, ao mundo não lhe acontece nada mau. É um arco íris de cores: um mistério de cores e luz translúcida. Mas seus olhos estão embotados. Por isso nunca pode percebê-lo com semelhante colorido.

O LSD simplesmente te está desembotando os olhos. Não está fazendo que o mundo esteja cheio de cor; simplesmente está fazendo que seu embotamento se vá quimicamente, e então o mundo inteiro brota ante ti. É novo. Incluso uma cadeira corrente se volta um fenômeno maravilhoso. Um sapato no estou acostumado a adquirir novas cores, uma nova juventude. O ruído corrente do tráfico se volta musical. As árvores que viu sempre mas que nunca olhaste voltam a nascer, embora sempre tenha passado a seu lado e saiba que os viu. Cada folha de uma árvore é um milagre.

Assim é como é a realidade. Não é o LSD o que está criando esta realidade. O LSD simplesmente está destruindo seu embotamento, sua insensibilidade, e miras o mundo como a gente deveria olhar realmente. Mas o LSD pode te dar só um vislumbre, e se está sujeito a ele, cedo ou tarde nem sequer

o LSD será capaz de te desprender de seu embotamento. Necessitará dose maiores, e logo te voltará imune às dose maiores. E, em realidade, se então deixar o LSD ou outras drogas, o mundo será mais insosso que nunca. Então te voltará ainda mais insensível.

Faz só uns poucos dias veio para ver-me uma garota. Disse-me que não podia sentir nenhum orgasmo no ato de amor. provou com muitos homens, mas não pode ter nenhum orgasmo. O clímax nunca chega, e se sente frustrada. Assim que lhe pedi que me contasse toda sua vida amorosa e sexual: toda a história. Então descobri que tinha estado usando um vibrador elétrico. Agora os estão usando no Ocidente. Uma vez que usa um vibrador elétrico como um pênis masculino, nenhum homem pode te satisfazer, porque, ao fim e ao cabo, um vibrador elétrico é um vibrador elétrico. Então sua vagina e seus clitoris se embotarão, e o orgasmo se voltará impossível. Então não haverá nenhuma possibilidade de orgasmo. Agora necessitará um vibrador mais potente, e isto pode chegar a tal extremo que todo seu mecanismo sexual se volte pétreo. E isto está lhe acontecendo a cada um de nossos sentidos. Se usar algum dispositivo externo, embotará-te.

O LSD acabará te embotando, porque com ele não está crescendo. Se crescer *você*, então é um processo diferente. Então te volta mais sensível, e quando te volta mais sensível, o mundo se volta diferente. Agora pode sentir muitas coisas que nunca antes sentiu porque não foi sensível.

Esta técnica se apóia na sensibilidade interna. Primeiro aumenta sua sensibilidade. Fecha suas portas, ponha a habitação às escuras e acende uma vela pequena. Sente-se perto da vela em atitude muito amorosa; melhor, em atitude de oração. Reza, à vela: «te revele a mim». Date um banho, salpica água fria a seus olhos, e logo sente-se em disposição de oração ante a vela. Olha-a e te esqueça de todo o resto. Simplesmente olhe a pequena vela: chama-a e a vela. Segue olhando-a. Em cinco minutos perceberá que estão trocando muitas coisas na vela. Não estão trocando na vela; recorda: são seus olhos os que estão trocando.

Em uma atitude amorosa, alheio ao mundo inteiro, com total concentração, com um coração que sente, segue olhando a vela e a chama. Então descobrirá cores novas em torno da chama,

sombras novas das que nunca antes foi consciente de que estivessem aí. Estão aí; todo o arco íris está aí. Onde há luz, o arco íris está presente, porque a luz é todas as cores. Necessita uma sensibilidade sutil. Sente-a e segue olhando-a. Inclusive se começarem a cair as lágrimas, segue olhando-a. Essas lágrimas contribuirão a que seus olhos estejam mais frescos.

Às vezes, pode que sintas que a chama, a vela, tornou-se misteriosa. Não é a vela corrente que trouxe; cobrou um novo encanto, adquiriu uma sutil divindade. Segue fazendo isto. Pode fazê-lo também com muitas outras coisas.

Um de meus amigos me esteve contando que um grupo de cinco ou seis pessoas tinha estado experimentando com pedras. Eu lhes havia dito como experimentar, e logo me descreveram isso. Estiveram experimentando com pedras da borda de um rio isolado. Estiveram tratando de sentir com as mãos, com a cara, tocando as pedras com a língua, cheirando as pedras. Estiveram sentindo as pedras, de todas as maneiras possíveis: pedras correntes que encontraram na borda.

Provaram isto durante uma hora, cada um com uma pedra. E então, informou-me meu amigo, aconteceu um milagre. Todos disseram: «Posso ficar com esta pedra? Afeiçoei-me com ela!».

Uma pedra corrente! Se tiver uma relação afetuosa com ela, afeiçoará-te com ela. E se não ter essa sensibilidade, então inclusive com uma pessoa muito bela está como com uma pedra; não pode te afeiçoar.

A sensibilidade deve crescer. Todos seus sentidos devem avivar-se. Então pode experimentar com esta técnica. *Percebe o cosmos como uma, essência translúcida eterna.* Há luz em todas, em muitíssimas disposições, formas, a luz acontecendo em todas partes. *Mírala!* E há em todas partes porque todo o fenômeno se apóia no fundamento da luz. Olhe uma folha ou inclusive uma pedra, e, tarde cedo, perceberá que saem raios dela. Simplesmente espera pacientemente. Não tenha pressa, porque nada acontece quando tem pressa. Com pressa, está embotado. Espera em silêncio com algo, e descobrirá um novo fenômeno que sempre esteve, mas do que não estava alerta, do que não foi consciente.

Percebe o cosmos como uma presença translúcida eterna, e sua mente se voltará completamente silenciosa quando sentir a presença da existência eterna. Será simplesmente uma parte em uma nota na grande sinfonia. Não carrega, não tensão...; a gota tem cansado no oceano. Mas ao princípio será necessária uma grande imaginação, e é útil que esteja também tentando com algum adestramento da sensibilidade.

Pode provar de muitas maneiras. Simplesmente agarra a mão de alguém em sua mão. Com os olhos e sente a vida no outro. Sente-a, e que vá para ti. Sente sua própria vida e deixa vá para o outro. Sente-se junto a uma árvore e a casca da árvore. Fecha os olhos e sente a vida que surge na árvore, e troca imediatamente.

ouvi a respeito de um experimento. Um doutor estava experimentando com gente para ver se as sensações trocavam sua bioquímica. Agora informado que as sensações trocam a sua química imediatamente. Ele experimentou com grupo de doze pessoas. Recolheu sua urina antes do experimento, e a urina era corrente.

Cada pessoa foi submetida a um tipo diferente de estresse. A uma, mostraram-lhe um filme de tanta ira, violência, crueldade; era só um filme. Durante trinta e cinco minutos lhe mostraram um filme de terror. É obvio, suas emoções trocaram com o filme. Sentiu estresse. A outra mostraram um filme muito alegre. sentiu-se feliz. E o experimento seguiu desta maneira com doze pessoas. Logo voltaram a recolher sua urina, e a análise mostrou que a urina de todos era diferente. As substâncias químicas tinham trocado no corpo. A pessoa que sentiu terror, agora estava doente; a pessoa que

sentiu esperança, felicidade, alegria, agora estava sã. Sua urina era diferente, as substâncias químicas do corpo eram diferentes.

Não é consciente do que está fazendo contigo mesmo. Quando vais ver um filme de assassinatos, não sabe o que está fazendo. Está trocando a química de seu corpo. Se está lendo uma novela de detetives, não sabe o que está fazendo. Está-te matando a ti mesmo. Excitará-te, assustará-te, ficará tenso. Por isso desfruta da novela de detetives. quanto mais tenso te põe, mais desfruta. quanto mais suspense há sobre o que vai passar, mais te excita..., e está trocado a química de seu corpo.

Todas estas técnicas também trocam a química de seu corpo. Se perceber o mundo inteiro como cheio de vida, luz, então está trocando a química de seu corpo. E isto é uma reação em cadeia. Quando troca a química de seu corpo, pode olhar o mundo e parecerá mais vivo. E se parecer mais vivo, a química de seu corpo voltará a trocar, e então se volta uma cadeia.

Se este método se fizer durante três meses, estará vivendo em um mundo diferente, porque agora você será diferente.

Capítulo 48

A Potencialidade da Semente

Perguntas

Qual é a diferença entre uma inspiração e um ideal, e é mau para um buscador estar inspirado por alguém?

O que é normal, e por que há tanta patologia hoje em dia?

Como pode um «sentir» a consciencia a menos que alguém a obtenha, e como imaginar o que ainda não aconteceu?

Primeira pergunta:

Disse ontem à noite que um Krishna, um Cristo, um Buda, é o clímax da possibilidade e o crescimento humanos, e logo disse que a psicologia yóguica e tântrica não põe nenhum ideal ante o homem, e que, para o tantra, ter um ideal é um engano. Com este ponto de referência, explica, por favor, qual é a diferença entre uma inspiração e um ideal. Qual é o sentido da inspiração na vida de um buscador? Por favor, nos diga se inclusive ser inspirado por um grande homem é um engano no caminho de um meditador.

Um Buda, um krishna ou um Cristo não é um ideal para ti; não tem que lhes seguir. Se lhes seguir, perderá-lhe isso, e nunca alcançará sua própria natureza búdica. O estado búdico é o ideal, não Buda. O estado crístico é o ideal, não Jesus. O estado búdico é diferente a Buda; o estado crístico é diferente ao Jesus. Jesus é só um dos Cristos. Você pode chegar a ser um Cristo, mas nunca pode chegar a ser um Jesus. Pode te voltar um Buda, mas nunca pode te voltar Gautama. Gautama chegou a ser um buda e *você* pode chegar a ser um buda. O estado búdico é uma qualidade, é uma experiência! É obvio, quando Gautama se converteu em um buda, Gautama tinha sua própria individualidade. Você tem sua própria individualidade. Quando você te converta em um buda, estes dois budas não serão o mesmo. A experiência mais íntima será a mesma,

mas a expressão será diferente, absolutamente diferente. Não é possível nenhuma comparação. Só no núcleo mais íntimo serão o mesmo.

por que? Porque no centro mais íntimo não há individualidade. O indivíduo está na periferia. quanto mais profundo vai, mais se dissolve o indivíduo. No centro mais íntimo é como se não fosse ninguém. No centro mais íntimo é só um vazio profundo, uma nada: um *shunya*, um zero.

E devido a esta nada, não há diferença, porque dois nada não podem ser diferentes. Mas duas algas têm que ser diferentes. Duas «algas» nunca podem ser o mesmo e dois «nada» nunca podem ser diferentes. Quando um se volta absolutamente nada, um ponto zero, isso é similar em um Jesus, em um Krishna, em um Buda. Quando alcançar o supremo, alcançará este *shunya*, esta nada.

Mas sua personalidade, sua expressão desse êxtase, será diferente. Meera dançará; Buda nunca pode dançar. É impossível conceber a Buda dançando; parece absurdo. Mas Meera sentada sob uma árvore *bodhi*, como Buda, também parece algo absurdo. Perderá-o tudo; já não será Meera absolutamente, a não ser uma imitação. A Meera autêntica só pode ser concebida dançando em êxtase em sua própria loucura de amor. Essa é sua expressão. O centro mais íntimo é o mesmo. Na Buda sentado sob a árvore *bodhi* e Meera dançando em um êxtase louco, o centro mais íntimo é o mesmo. Na Meera dançando e na Buda sentado em silêncio como uma estátua, o centro mais íntimo é o mesmo, mas a periferia é diferente. A que dança e o que está sentado em silêncio estão só na periferia. Se entrar na Meera, quando for mais profundo a dança cessará, a Meera cessará. Se entrar no profundo da Buda, o sentar-se cessará, o Buda cessará assim que indivíduo.

Pode te voltar um buda, mas nunca pode te voltar um Gautama o Buda: isso é o que quer dizer. Não os converta em seus ideais; do contrário, começará a imitá-los. E o que pode fazer se imitar? Pode forçar algo desde fora, mas isso será um fenômeno falso. Voltará-te falso: só pintado. Parecerá como Buda: mais que Buda. Pode parecer, mas isso será só uma imagem, uma aparência; no fundo seguirá sendo o mesmo, e isto criará uma dualidade, um conflito, uma angústia interna, e estará sofrendo.

Só pode ser ditoso quando é autenticamente você mesmo. Nunca pode sentir felicidade quando está atuando como outra pessoa. Assim recorda a mensagem do tantra: *você* é o ideal. Não tem que imitar a ninguém; tem que te descobrir a ti mesmo. Olhando a Buda, não há necessidade de lhe imitar. Quando está olhando a Buda, no fundo de te toca a possibilidade de que pode acontecer algo do mais à frente. «Buda» é só um símbolo de que algo aconteceu a este homem; e se lhe pode acontecer a este homem, pode-lhe acontecer a *todo* homem. Então se revela toda a possibilidade da humanidade.

Em um Jesus, em uma Meera, em um Chaitanya, revela-se uma possibilidade, revela-se o futuro. Não lhes imite; mas bem, deixa que sua vida, seu ser, o fenômeno que está acontecendo, volte-se uma nova sede em ti, isso é tudo. Não deve estar contente contigo mesmo tal como é agora mesmo. Deixa que um buda se volte um descontentamento em ti, uma sede de transcender, de ir mais à frente, de entrar no desconhecido. Quando alcançar a cúpula do próprio ser, saberá o que aconteceu a Buda baixe árvore *bodhi* ou o que aconteceu ao Jesus na cruz, o que aconteceu a Meera quando dançava pelas ruas. Saberá, mas a expressão será a tua, própria. Não vais ser uma Meera ou um Buda ou um Jesus. vais ser você mesmo, e nunca, antes o foste. É único.

De modo que não se pode dizer nada; não é previsível. Ninguém pode dizer o que aconteceu, como o manifestará. Ninguém pode dizer se cantará, dançará, pintará ou permanecerá em silêncio. E é bom que não se possa dizer nada, que não se possa

predizer nada. Essa é a beleza. Se for possível que será assim ou assem, então será uma coisa mecânica.

As predições só são possíveis respeito dispositivos mecânicos. A consciencia humana é imprevisível; essa é sua liberdade. De modo, quando o tantra diz que não persiga ideais, não significa que negue a Buda. Não, não é a negação. Em realidade, é assim como pode encontrar sua própria natureza búdica. Seguindo a alguém lhe perderá isso. Seguindo seu próprio caminho, pode consegui-la, pode obtê-la.

Alguém foi a um professor Zen, Bokuju. O professor Bokuju era muito famoso, muito conhecido, um grande homem, assim que alguém perguntou: «Está seguindo realmente a seu professor?».

Bokuju disse: «Sim, estou-lhe seguindo». Mas o homem que fez a pergunta se turvou porque se sabia em todo o país que Bokuju não estava seguindo a seu professor absolutamente. Assim que o homem disse: «Está tentando me enganar? Todo mundo sabe e você também é consciente de que não está seguindo a seu professor absolutamente; entretanto, diz que lhe está seguindo. O que quer dizer?».

Bokuju disse: «Estou seguindo a meu professor, porque meu professor nunca seguiu a seu professor. Isso é o que aprendi que ele. Ele foi ele mesmo!».

Assim é como terá que seguir a um Buda, a um Jesus. Esta é a maneira! Eles são únicos! Se realmente lhes está seguindo, *você* deve ser único.

Buda nunca seguiu a ninguém, e só alcançou a iluminação no momento em que tinha deixado completamente de seguir. Quando se voltou ele mesmo, quando deixou de lado os caminhos, tudo os ensinamentos, todas as doutrinas, então pôde alcançá-la. Se lhe seguir, não lhe está seguindo. Não é paradoxal; só o parece. Se lhe seguir como uma rotina morta, se lhe imitar, não lhe está seguindo. Ele nunca seguiu a ninguém, e só assim pôde voltar uma cúspide. Lhe compreenda, não lhe siga; e então acontecerá um seguimento sutil. Mas isso é interno: não uma imitação.

Na grande obra do Nietzsche *Assim falava Zaratustra*, a última mensagem da Zaratustra a seus discípulos é: «Tomem cuidado comigo. Já lhes hei dito tudo o que lhes tinha que dizer. Agora tomem cuidado comigo. Não me sigam me esqueçam. me deixem e parte ».

Este é a última mensagem de todos os grandes professores. Nenhum grande professor querará te converter em uma marionete, porque então te está matando. Então é um assassino. Ajudará-te a ser você mesmo. E se não poder ser você mesmo na intimidade e a comunicação com seu professor, então onde será você mesmo?

O professor significa uma oportunidade para ti de ser você mesmo. Só as mentes pequenas, as mentes estreitas que simulam ser professores e que não são professores tratarão de impor-se sobre ti. Os grandes professores lhe ajudarão a crescer em seu próprio caminho, e os grandes professores criarão todo tipo de barreiras para que não caia na tentação de seguir. Criarão todo tipo de barreiras! Não lhe permitirão isso, porque terá a tendência de seguir. É fácil, a imitação é fácil; ser autêntico é árduo. E quando imita, não se sente responsável por isso; o professor é responsável. Nenhum grande professor permitiu nunca a ninguém que lhe imite. Criará todo tipo de obstáculos para que não possa lhe imitar. Levará-te a ti mesmo por todos os meios.

Isto recorda a um santo chinês que estava celebrando o aniversário da iluminação de seu professor. Tinham vindo muitos seguidores. Disseram: «Mas não tínhamos ouvido nunca que este homem fora seu professor. Nunca soubemos que pertencesse a este homem». Esse homem já estava morto.

Disseram: «Só hoje nos inteiramos que celebrasse o dia da iluminação de seu professor. Este homem era seu professor? Mas Como? Nunca lhe vimos com ele!».

O santo respondeu: «Estive com ele, mas ele se negou a ser meu professor, e devido a sua negativa pude chegar a ser eu mesmo. Agora, tudo o que sou é devido a sua negativa. Sou seu discípulo. não podia me haver aceito; então eu teria posto toda a responsabilidade sobre seus ombros. Mas ele se negou, e ele era o último. Não havia comparação. Quando recusou, eu não podia ir a ninguém mais, porque ele era o único refúgio. Se ele se negava, não tinha sentido, não tinha objeto ir a nenhuma parte. Deixei de ir a ninguém. O era o último. Se me tivesse aceito, eu me teria esquecido de mim mesmo. Mas se negou, e se negou muito grosseiramente. A negativa supôs uma comoção e um desafio, e decidi que já não iria a ninguém. Se este homem tinha recusado, então não havia ninguém a quem merecesse a pena ir. Então comecei a trabalhar a sós, e só então caí na conta. Com o tempo, de por que tinha recusado. Tinha-me arrojado mesmo, e só então soube que me tinha aceito. Se não, por que ia recusar?

Isto parece contraditório, mas assim é como funciona o mecanismo mais profundo da consciencia. Os professores são misteriosos. Não pode julgá-los; não pode estar seguro do que estão fazendo a menos que aconteça todo isso. Só então, retrospectivamente, será capaz de saber o que estavam fazendo. Agora é impossível. Em metade do caminho não pode julgar o que está acontecendo, o que se está fazendo. Mas uma coisa é segura: a imitação não pode ser permitida.

A inspiração é outra coisa. Mediante a inspiração começa a viagem; não algum esforço por copiar. Vai por seu próprio caminho. A inspiração é simplesmente um desafio. Surge uma sede, e então te põe em movimento.

O tantra diz que te inspire, mas que não te volte um imitador. Recorda sempre que você é sua própria meta. Ninguém mais pode sê-lo, e a menos que alcance o ponto do que possa dizer: «cumpri meu destino e agora estou repleto», não pares. Segue transcendendo, segue descontente, segue avançando. E se não pôr nenhum ideal, pode ser enriquecido por todos.

Assim que te obceca com um ideal, fecha-te. Se te obcecar com a Buda, então Jesus não é para ti, então como vai ser para ti Mahoma? Então está obcecado com um ideal; então está tratando de imitá-lo. Então todos os contrários, todos os diferentes são antagônicos em sua mente. Como vai conceber um seguidor da Mahavira estar aberto a Mahoma? É impossível. É totalmente diferente. Não só diferentes; são contrários. Parecem pólos opostos. Se os puser a ambos em sua mente, estará em um fundo conflito, de modo que não os pode pôr a ambos.

Por isso os seguidores sempre são inimigos de outros seguidores. Criam inimizade no mundo. Um hindu não pode conceber que Mahoma possa estar iluminado; um maometano não pode conceber que Mahavira possa estar iluminado, que Jesus possa estar iluminado. Jesus parece tão triste e Krishna parece tão ditoso. A sorte da Krishna e a tristeza do Jesus são pólos opostos totais. Os seguidores do Jesus não podem conceber que Krishna esteja iluminado. Tanto sofrimento no mundo e ele está tocando a flauta? Parece ser muito egoísta. O mundo inteiro está sofrendo, e ele segue dançando com seus *gopis*?

Os seguidores do Jesus pensarão que isto é profano..., mas digo «os seguidores». Um Jesus e um Buda e um Krishna podem existir juntos sem nenhum problema, sem nenhum conflito. Mas bem desfrutarão muitíssimo mutuamente; mas não seguidores por que? por que é isto assim? Isto é assim, porque há uma profunda razão psicológica, um seguidor não está interessado na Mahoma ou Mahavira; está interessado em si mesmo. Se pensar que ambos são bons, estará em dificuldades. Então a quem seguir e o que fazer? Mahoma tem a espada na mão e Mahavira diz que inclusive matar um inseto significa que terá que sofrer durante vistas. Mahoma está com sua espada, assim que o que fazer? Mahoma vai à guerra, e Mahavira escapa completamente da vida. escapa

tanto que não tem medo incluso de respirar, porque ao respirar acaba com muitas, muitíssimas vidas. O medo de respirar e Mahoma vai à guerra.

Como vai criar espaço para o oposto, um seguidor de qualquer dos dois? Então o coração se dividirá e estará em um conflito de meio. Para evitar isto, diz que todos outros estão equivocados e que só isto está no correto. Mas isto é seu problema. *Isto* se cria porque está tratando de imitar. Não é necessário. Se for um imitador, então pode provar o de muitos rios e muitos poços, e não há nenhum problema se o sabor diferir. Antes bem, está aberto. Enriquece-te com isso. Então está aberto a Mahoma e a Mahavira e a Cristo e a Zaratustra a todo mundo. Todos eles lhe inspirarão para ti mesmo. Não são ideais; todos eles lhe ajudam a ser você mesmo. Não se estão apontando a si mesmos, estão apontando para ti de maneiras diferentes, com métodos diferentes. Estão apontando a um objetivo, e esse objetivo é *você*.

Laura Huxley tem escrito um livro. titula-se *não é o objetivo*. Mas eu te digo que você é o objetivo de todos eles: da Buda, da Mahavira, da Krishna, de Cristo. Todos assinalam para ti. Você é o objetivo, você é a meta. Através de ti, está-o tentando, pugnando por alcançar uma cúpula única. te alegre disso! Estate agradecido por isso! A vida está tentando alcançar um objetivo único através de ti, e esse objetivo só pode alcançar-se através de ti. Ninguém mais pode alcançá-lo. Você está destinado a isso. Assim não perca o tempo seguindo a outros. Mas isso não significa que não te inspire. Em realidade, se não estar seguindo a ninguém, pode-te inspirar facilmente. Se está seguindo, ficaste-te adormecido. Não te inspirará; seguir é estar fechado.

Segunda pergunta:

Falou de que a psicologia ocidental está enraizada em conceitos freudianos da patologia, e de que a psicologia oriental usa o supranormal como base da que avaliar ao homem. Mas quando Miro a meu redor no mundo moderno, vejo que a maioria da gente encaixa nas categorias da patologia do Freud. Um entre um milhão encaixa na categoria do supranormal, e um pequeno número encaixa realmente no ideal social da normalidade. por que há tanta patologia hoje em dia e o que é o que você consideraria a definição do normal?

Terá que compreender muitas coisas. Não é assim; não é que haja muito poucos homens que alcancem suas cúspides. Há muitos, mas não tem olhos para vê-los. Sempre que miras a seu redor, vê o que pode ver. Como vais ver o que não pode ver? Sua capacidade para ver determina muitas coisas. Ouve o que pode ouvir, não o que há aí. Se passar um buda, pode que não seja capaz de lhe reconhecer. E estava realmente aí quando passou Buda, mas lhe perdeu isso. Estava ali! Estava ali quando Jesus estava vivo, mas lhe crucificou. É difícil ver, porque vê sua própria maneira. Tem conceitos, tem categorias, tem atitudes. Olha a um Buda e um Jesus através deles.

Jesus te pareceu um criminoso. Quando Jesus foi crucificado, foi crucificado com dois criminais; a cada lado havia um ladrão. Foram crucificadas três pessoas juntas, e Jesus estava entre dois ladrões. por que? Lhe considerou de algum modo um criminoso imoral, e você estava aí para julgar. Inclusive se Jesus viesse agora mesmo, voltaria-lhe a julgar da mesma maneira, porque seu julgamento, seu critério, não trocou.

Jesus viveu e se hospedou com todos e qualquer. ficou em casa de uma prostituta, e todo o povo ficou contra ele. Mas seus valores eram diferentes. A prostituta chegou, lavou-lhe os pés com suas lágrimas e disse: «Sou culpado. Sou uma pecador e você é minha única esperança. Se vier a meu lar, liberarei-me de minha culpa. Voltarei a estar viva. Se Jesus pode vir a minha casa, então sou aceita».

Assim é que Jesus foi. hospedou-se ali, mas todo o povo ficou contra ele. Que tipo de homem é este, que fica com uma prostituta? Mas para o Jesus, o amor é o que importa, e ninguém lhe tinha feito nunca um convite tão amoroso. Não podia dizer que não. E se Jesus houvesse dito que não, não teria sido um homem iluminado. Então simplesmente teria estado procurando a respeitabilidade social. Ele *não* estava procurando a respeitabilidade.

Em outro sítio, todo o povo foi ao Jesus com uma mulher que tinha pecado. No Antigo Testamento está escrito que se alguém sarda, deveria ser lapidado até morrer. Não é que *ele* deva ser lapidado, mas sim *ela* deve ser lapidada, porque só as mulheres pecam; o homem nunca peca..., porque todas estas Escrituras estão escritas por homens. E isto era um grande problema, assim é que consultaram ao Jesus sobre isso. Estavam-lhe tendendo uma armadilha, porque se Jesus dizia: «Não, não matem a esta mulher, não lhes erijam em juizes», então podiam dizer: «Está contra as Escrituras». E se Jesus dizia: «Sim, matem a esta mulher, apedrejem», então diriam: «O que foi que sua mensagem "Amem a seus inimigos", e o que foi que sua mensagem "Não julguem e não serão julgados"?».

De modo que lhe estavam tendendo uma armadilha. Estavam criando um dilema, um dilema lógico. Dissesse o que dissesse Jesus, agarrariam-lhe. Mas não pode agarrar a um homem iluminado; é impossível. É impossível, e quanto mais trate de lhe apanhar..., mais apanhado ficará você com ele. De modo que Jesus disse: «A Escritura é totalmente correta. Mas que dêem um passo adiante os que nunca tenham pecado. Agarrem pedras nas mãos e assassinem a esta mulher, mas só os que nunca tenham pecado». A multidão começou a dispersar-se. Os que estavam diante começaram a ir-se para atrás, porque quem ia lapidar a esta mulher?

Mas se voltaram inimigos do Jesus. E quando digo «eles», refiro a ti. Você sempre estiveste aí. Não pode reconhecer, não pode ver. Está cego! Por isso te parece sempre que o mundo é mau e que não há iluminação..., que todo mundo é patológico. Não é assim, mas só vê patologia porque você é patológico. Pode compreender a enfermidade porque está doente. Não pode compreender a saúde porque nunca estiveste são. A linguagem da saúde simplesmente te escapa.

ouvi a respeito de um místico judeu, Baal Shem. Alguém veio a lhe perguntar: «O que é mais importante, o que é mais valioso: a riqueza ou a sabedoria?».

O homem estava fazendo essa pergunta com um motivo, assim Baal Shem riu e disse: «É obvio, a sabedoria é mais importante, mais valiosa».

Então o homem disse: «Então, Baal Shem, a segunda pergunta: Sempre te vejo ti, o sábio, indo aos ricos. Sempre vai a casa dos ricos. Nunca vi a um rico indo a ti, o sábio, e diz que a sabedoria é mais valiosa que a riqueza. Então me explique este fenômeno».

Baal Shem riu e disse: «Sim, os sábios vão aos ricos porque são sábios e conhecem o valor da riqueza, e os ricos som só ricos -simplesmente ricos e nada mais- e não podem compreender o valor da sabedoria. É obvio, vou porque conheço o valor da riqueza. E esses homens idiotas? São simplesmente ricos; nada mais. Não podem compreender o valor da sabedoria assim nunca vêm para mim».

Se vir um santo indo a um palácio, diz «Muito bem! Este homem não é um santo». Se acabou, porque miras através de seus próprios olhos, riqueza tem um significado para ti. Só pode seguir a um santo que renuncie à riqueza porque está obcecado com a riqueza. Olha através de ti mesmo, e tudo o que diz é mais sobre ti mesmo que sobre ninguém mais. É sempre sobre ti, você é a referência. Quando diz que Buda está iluminado, não é isso o que quer dizer. Simplesmente quer dizer: «Não me parece que esteja iluminado».

Mas quem é você? E depende sua iluminação de modo algum de sua atitude, de seu enfoque, de seu ponto de vista? Você tem categorias fixas de pensamento e não deixa das usar. A patologia é reconhecível para ti, mas a iluminação, não. E não pode compreender o que está por cima de..., recorda: só pode compreender o que está debaixo de ti ou, no máximo, ao mesmo nível. Não pode compreender o que está mais alto; isso é impossível. Para compreender o que está mais alto, terá que te elevar. Pode compreender o que é mais baixo.

Considera o desta forma: um louco não pode te compreender. A um louco resulta impossível te compreender; ele olhe através de sua loucura, mas você pode compreender a um louco. Está por debaixo de ti. O ser humano normal pode compreender quão anormais foram mais abaixo, que se tornaram patológicos, mas não pode compreender aos que estão por cima. Inclusive um Freud tem medo.

Jung tem escrito em suas memórias que uma vez lhe aconteceu que quis analisar os sonhos do Freud. Era um dos discípulos mais importantes Freud. Estavam viajando aos Estados Unidos em navio, de maneira que estiveram juntos durante muitos dias. Um dia, Jung se armou de valor. Naqueles tempos, era o discípulo mais íntimo, e perguntou ao Freud: «Eu gostaria de analisar seus sonhos, assim me conte qualquer sonho. Passaremos juntos muitíssimos dias, assim que o analisarei».

O que disse Freud? Freud disse: «O que quer dizer? Se analisar meus sonhos, perderei minha autoridade. Não posso te contar meus sonhos». Se assustou tanto porque em seus sonhos poderia manifestá-la mesma patologia, as mesmas enfermidades que ele está pondo de manifesto nos sonhos de outros. Disse: «Não posso perder minha autoridade, não posso te falar de meus sonhos».

Freud, o psicólogo mais insigne de sua época, é propenso a todas as enfermidades às que é propenso qualquer outro. Quando Jung lhe disse: «vou deixar te», caiu de sua cadeira e perdeu o sentido. deprimiu-se. Permaneceu inconsciente durante horas, porque estava tão pasmado ante a idéia de que um discípulo lhe abandonasse, de que um discípulo lhe dissesse: «vou deixar te».

Se disser a um buda: «vou deixar te», pode conceber que caia e perca o sentido? Inclusive se lhe abandona a totalidade de seus dez mil discípulos, sentirá-se feliz..., tão feliz que perceberá que é bom que vão. por que seus psicólogos também são como vós. Não estão por cima. Têm os mesmos problemas, de modo que um psicólogo vai a outro psicólogo para ser analisado. Não é como um médico que vai a outro médico para ser tratado. Para os médicos está bem; lhes pode perdoar. Mas para os psicólogos parece absurdo. Um psicólogo que vai a outro para ser analisado? O que significa isto? É um homem corrente. A psicologia é só uma profissão.

Buda não tem nenhuma profissão, não é um homem corrente. despertou a uma nova realidade; alcançou um novo estado de ser. Agora pode olhar de uma cúspide. Pode te compreender, mas você não pode lhe compreender a ele. E o tente como o tento, é realmente impossível fazer que lhe compreenda. Seguirá malentendiéndole a menos que não fique aceso de suas palavras, mas sim de sua personalidade; a menos que fique aceso de seu magnetismo, não de suas palavras. A menos que te volte como uma parte de ferro e fique aceso de seu magnetismo, não poderá lhe compreender; lhe interpretará mal. Por isso não pode ver. Mas o mundo sempre tem suas pessoas iluminadas. A patologia é reconhecida porque somos patológicos, de modo que podemos vê-la e compreendê-la.

Em segundo lugar, inclusive se só há um, um só ser humano que obteve a iluminação ao longo da história humana, inclusive se só há um buda, ele é suficiente para te mostrar a possibilidade. Se pode lhe acontecer a um ser humano, por que não vai poder te acontecer a ti? Se uma semente se pode voltar uma flor, então toda semente

tem a potencialidade de voltar uma flor. Pode que seja só uma semente, mas agora conhece seu futuro. Agora é consciente de que é possível muito mais.

Mas está acontecendo o contrário com a mente humana. Sempre esteve acontecendo. Vê um casulo que logo se rompe, e então sai a mariposa. Com o homem parece ocorrer justo o contrário. O homem nasce sendo como uma mariposa, e logo entra no casulo. Todo menino é mais um buda que o que voltará a ser. Olhe a um menino, olhe seus olhos. São mais como os de um buda que os olhos de qualquer adulto. A maneira em que se sinta, a maneira em que se move: a graça, a beleza, o viver no momento; inclusive sua ira é bela. É tão total. E sempre que algo é total é belo.

Olhe a um menino zangado saltando e gritando. Simplesmente olhe! Não se preocupe por ti mesmo, porque te está incomodando. Observa o fenômeno. A ira é bela: porque o menino está tão totalmente nela que não fica nada pendente. Ele é a ira, e é tão autêntico que nada fica reprimido. Não está refreando-se; converteu-se na ira. Olhe ao menino quando ama, quando te dá a bem-vinda, quando se aproxima de ti: é como um buda. Mas logo lhe ajudará, a sociedade lhe ajudará a entrar no casulo, e então morrerá nele.

Do berço vamos imediatamente à tumba. Por isso há tanta patologia, porque a ninguém lhe permite ser natural. força-se a patologia.

É enjaulado, aprisionado em uma pauta morta, e então seu ser espontâneo sofre, e não pode sair disto. Por isso há tanta patologia. Esta patologia a cria o homem; e quanto mais civilizado se volta o homem, mais patológico se volta. De modo que agora este é o critério: se em seu país há menos loucos, tenha muito claro que são menos civilizados. Se em seu país está aumentando o número de loucos, e todo mundo está enlouquecendo e todo mundo vai ao psicanalista, tenha muito claro que são o país mais civilizado do mundo.

Quando algum país chegue ao ponto ótimo, todos seus habitantes se tornaram loucos. A civilização te volta louco porque não te permite ser seu ser natural. Tudo é reprimido, e com a repressão todo é alterado. Nem sequer pode respirar naturalmente; todo o resto está fora de consideração. Nem sequer sua respiração é natural. Não pode respirar fundo porque a sociedade não te permite que respire fundo.

Respira fundo, porque se respirar fundo não pode reprimir seus instintos. Se quer reprimir algo, pode observar as mudanças que se produzem em sua respiração. Se está zangado e quer reprimi-lo, o que fará? Deixará imediatamente de respirar. Com a ira, a respiração se faz profunda, porque a ira requererá um fluxo quente de sangue dentro de ti, a ira requererá mais oxigênio. A ira requererá certas mudanças químicas dentro de ti, e essas mudanças se produzem mediante a respiração. De modo que quando se sentir zangado e queira reprimi-lo, não poderá respirar naturalmente. Respirará levemente.

Olhe a um menino e lhe diga que não faça algo. Imediatamente, sua respiração se fará superficial. Então não poderá respirar fundo, porque se respirar fundo não pode te obedecer. Então fará o que queira. De modo que ninguém está sequer respirando fundo. Se respirar fundo, seu centro sexual é mais depravado de dentro, e a sociedade está em contra isso. Respira levemente, levemente. Não respire fundo, assim não toca o centro sexual!

Em realidade, o homem civilizado se tornou incapaz de ter um orgasmo sexual profundo porque não pode respirar fundo. No ato de amar sua respiração deve ser tão funda que todo seu corpo se envolva. Do contrário, não alcançará o orgasmo, e então se sentirá frustrado. Assim que muita gente vem a me dizer: «Não há agradar no sexo. Seguimo-lo fazendo como alguma coisa mecânico, e a energia simplesmente se perde. Depois nos sentimos frustrados, deprimidos». A causa não é o sexo, a causa é só que

não está entrando totalmente nisso. volta-se algo louco de modo que só se solta sêmen. Então se sentem débeis, e não ganham nada com isso.

Se o corpo inteiro se envolver como um animal, se cada célula do corpo se excitar e começa a estremecer-se, se o corpo inteiro se voltar como uma força elétrica e sente, se ficar sem ego, sem cabeça, e já não há pensamento, se for o corpo movendo-se com um ritmo, vibrando com um ritmo, então obterá um profundo prazer com isso, sentirá-se deprimido; em certo sentido, repleto.

Mas isto não pode acontecer porque não pode respirar fundo. Tem tanto medo... Olhe o corpo. O corpo tem dois pólos. Um pólo é para a entrada: a cabeça é para a entrada. O pólo superior é para a entrada de comida, ar, impressões, pensamentos, algo. Ingerir por parte superior; este é um pólo. A parte baixa do corpo é para soltar. Não é para ingerir; não pode ingerir nada pela parte baixa. A parte baixas para soltar, para relaxar-se. Ingerir pela parte alta, e pela parte baixa, soltas.

Mas o homem civilizado só ingere; nunca solta. Isso cria patologia. Volta-te louco. É como comer e logo seguir acumulando a comida, sem defecar jamais. Voltará-te louco. Terá que usar o outro pólo. Se alguém for um avaro, imediatamente se constipa. Olhe a um avaro: padecerá de constipação. A mesquinha é uma espécie de constipação espiritual. Assim segue a provendo, não deixa nada.

Os que estão contra o sexo sem saber o que estão fazendo são avaros. Seguem ingerindo comida, mas não dão saída para a energia sexual. Então se voltam loucos. Não há necessidade de soltá-la só pelo centro sexual. Há outra possibilidade: deixá-la sair pelo *sahasrar*, o centro mais alto, na parte superior da cabeça. Isso é o que insígnia o tantra. Mas terá que deixá-la sair, não pode a provendá-la. No mundo não se pode a provender nada. O mundo é um movimento, é um rio. Toma e dá. Se tomadas e nunca dá, voltará-te louco.

Isso é o que está acontecendo: todo mundo está tomando e ninguém está dando. Assusta-te quando chega o momento de dar. Só quer tomar; inclusive no amor. Quer que alguém te ame. A necessidade básica é que ame a alguém; então te liberará. Se alguém te amar, isso não ajudará, porque então está ingerindo outra vez. Terá que equilibrar estes dois pólos; então acontece a saúde. E isso é ao que eu chamo um ser normal. Um ser normal é aquele cujo tomar e dar são paralelos, estão equilibrados. Ele é normal.

Chamo anormal ao homem cujo tomar é excessivo e cujo dar está desequilibrado. Não está deixando sair nada. Inclusive se às vezes dá algo, terá que lhe forçar. Não sai dele. Pode lhe arrebatar algo, pode lhe obrigar a que dê, mas ele não dará. Seu dar é como um enema; não é natural. Pode lhe forçar para que defeque. Mas *ele* não está defecando, não está preparado. É anormal seguir a provendo-o tudo. Então te voltará louco, porque todo o sistema se altera. Isso é anormal, e supranormal é o que dá e nunca toma.

Há três coisas: o anormal que toma e nunca dá, o normal cujo dar e tomar estão equilibrados, e o supranormal que nunca toma e só dá. Um buda sempre dá; um louco sempre toma. É o pólo oposto de um buda. Se ambos os pólos estão equilibrados, é um homem normal. Ao menos sei normal, porque se não poder ser normal, cairá e te voltará anormal.

Por isso todas as religiões põem tanto ênfase em *dana*, dar. Dá! Seja o que seja, dá, e não pense em função de receber. Então te voltará supranormal. Mas isso é algo muito remoto. Primeiro sei normal, te equilibre. Tudo o que tome, devolva-lhe ao mundo. Sei simplesmente a passagem. Não a provende. Assim nunca te voltará louco, nunca estará neurótico, esquizofrênico, sicótico, ou como quer chamá-lo.

Minha definição de um homem normal é alguém equilibrado, absolutamente equilibrado. Toma ar e logo deixa que saia. A respiração entrante e a respiração saliente são iguais: estão equilibradas. Tenta estar equilibrado, e recorda sempre que deve devolver o que recebeste. Estará vivo, são, silencioso, em paz, feliz. Acontecerá-te um ritmo profundo, e este ritmo acontece mediante um equilíbrio de dar e tomar.

Mas seguimos pensando em função de tomar mais e mais. Tudo o que tome sem voltar a dá-lo criará perturbação, tensão, sofrimento. Voltará-te um inferno. antes de tomar algo, pensa sempre em deixar sair algo. observaste que sempre põe a ênfase na respiração que entra? Nunca põe a ênfase na respiração que sai. Toma ar, e logo o corpo o expulsa. Investe-o: será mais normal. Ponha a ênfase na respiração saliente. Faz sair todo o ar que possa, e deixa que o corpo tome ar.

Quando toma e não te relaxaste, seus pulmões se enchem de anidrido carbônico. Então segue tomando, e nunca deixa sair todo o ar dos pulmões. Segue empurrando para dentro o anidrido carbônico. Então sua respiração se volta superficial, e os pulmões se enchem totalmente de anidrido carbônico. Primeiro faz que saia, e te esqueça de tomar. O corpo se ocupará disso por si mesmo. O corpo tem sua própria sabedoria, e é mais sábio que você. Faz que saia a respiração e te esqueça de tomar. Não tenha medo, não te vais morrer. O corpo tomará ar, e tomará tudo o que seja necessário. Tomará tanto como tenha tirado, e haverá um equilíbrio. Se você tomar, alterará o equilíbrio, porque está presente a mente acopiadora.

estive em muitíssimas casas e vi que a gente armazenou tantas coisas que não pode viver, não há espaço para viver; e segue aprovisionando. Seguem acumulando, e pensam que algum dia as coisas serão necessárias. O que não seja necessário não o acumule. E se algo o necessita alguém mais que você, é melhor que o dê. Dá sempre, e não será patológico. Todas as civilizações antigas se apoiavam em *dana*, em dar, e esta civilização moderna está apoiada em aprovisionar. Por isso há mais gente voltando-se anormal, neurótica. Todo mundo está perguntando onde conseguir, e ninguém está perguntando onde ir dar, a quem dar.

Última pergunta:

Todos os dias, em seus bate-papos, falas da consciencia: consciencia total, consciencia ininterrupta, etc. Disse também que não se pode conseguir com a mente, repetindo um pensamento; que terá que senti-la. Mas como pode um sentir a menos que alguém a obtenha? Qual é a sensação precursora do lucro? Como imaginar ou projetar o que ainda não aconteceu? Acontece isso também excluindo a mente? Qual é o processo íntegro? Como pode fazer-se factível?

Quando digo que a consciencia não se pode obter com a mente, quero dizer que não pode obtê-la pensando nela. Pode seguir pensando e pensando nela, mas estará te movendo em círculo.

Quando digo que não se pode obter com a mente, quero dizer que não se pode conseguir pensando. Tem que praticá-la, tem que *fazê-la*. Só pode obter-se fazendo, não pensando; isso é o primeiro. Assim não siga pensando no que é a consciencia, como obtê-la ou qual será o resultado. Não siga pensando; começa a fazer.

Quando andar pela rua, anda com consciencia. É difícil e segue te esquecendo, mas não tenha medo. Cada vez que volte a te lembrar, ponha alerta. Dá cada passo em completa alerta, deliberadamente, permanecendo com o passo, sem permitir que a mente se vá a alguma outra parte. Quando estiver comendo, come; mastiga com consciencia. Independentemente do que esteja fazendo, não o faça mecanicamente..., e então é

diferente. E quando digo que só pode sentir-se, isto é o que quero dizer: por exemplo, posso levantar a mão mecanicamente, mas também posso levantar a mão com completa alerta. Minha mente é consciente de que minha mão está sendo levantada. Faz-o, prova-o: uma vez mecanicamente e logo com alerta. Notará a mudança. A qualidade troca imediatamente.

Caminha com alerta, e caminhará de maneira diferente; seu andar adquire uma graça diferente. Move-te mais devagar, com mais beleza. Se caminhar mecanicamente, só porque sabe andar e não há necessidade de estar alerta, então o andar é feio, não tem nenhum encanto. Independentemente do que esteja fazendo, faz-o com alerta, e sente a diferença. Quando digo «sente», quero dizer que observe. Primeiro faz-o mecanicamente e logo com consciencia, e sente a diferença. E poderá sentir a diferença.

Por exemplo, se comer com consciencia, então não pode comer mais do que é necessário para o corpo. A gente segue vindo a me dizer: «nos ponha a dieta. Estou ganhando peso constantemente, o corpo está a provisionando continuamente. Ponha-nos a dieta».

Eu lhes digo: «Não pense na dieta; pensa na consciencia. te pondo a dieta não acontecerá nada. Não pode fazê-lo. Fará-o um dia, e ao dia seguinte o terá deixado. Não pode seguir com isso. Melhor, come com consciencia».

A qualidade troca. Se comer com consciencia, mastigará mais. Com hábitos inconscientes, mecânicos, simplesmente segue colocando coisas em seu estômago à força. Não mastiga absolutamente; simplesmente está te abarrotando. Então não há nenhum prazer, e como não há prazer, necessita mais comida para obter o prazer. Não saboreia, de modo que necessita mais comida.

Simplesmente estate alerta e vê o que acontece. Se estiver alerta, mastigará mais, e saboreará mais, sentirá o prazer de comer, e levará mais tempo. Se demorar meia hora em comer, então, comendo a mesma quantidade de comida com completa alerta, necessitará hora e meia: três vezes mais de tempo. Em meia hora terá comido só um terço da quantidade, e se sentirá mais satisfeito; terá desfrutado mais a comida. E quando o corpo desfruta, diz-te quando parar. Quando o corpo não desfrutou absolutamente, nunca te diz quando parar, de modo que segue. Então o corpo se embota. Nunca ouve o que está dizendo o corpo.

Está comendo sem estar presente nisso; isso cria o problema. Estate presente, e todo o processo irá mais devagar. O corpo dirá por si mesmo: «Já basta!». E quando o corpo o diz, esse é o momento adequado. Se for consciente, não pode transgredir a ordem do corpo. Parará. Assim deixa que seu corpo diga algo. O corpo está dizendo coisas em todo momento, mas você não está presente para as ouvir. Estate alerta e as ouvirá.

Quando digo: «Sente-a», já sei que é difícil. Como vais sentir a consciencia sem ser consciente? Não estou dizendo que possa sentir a iluminação da Buda agora mesmo, mas terá que começar em alguma parte. Pode que não consiga todo o oceano, mas uma gota -só uma gota- proporcionará-te o gosto, e o gosto é o mesmo. Se tomadas consciencia embora seja por um só momento, terá saboreado o estado búdico. É momentâneo, um vislumbre disso, mas agora sabe mais. E isto nunca te acontecerá pensando; só acontecerá sentindo.

A ênfase está em sentir, porque a ênfase está na experiência «vivida». Pensar é falso; pode seguir pensando sobre o amor e criando teorias, pode inclusive obter um doutorado com uma tese sobre o amor, sobre o que é o amor... sem estar nunca apaixonado. Pode que não saiba o que é o amor; pode que nunca o haja sentido. Pode aumentar seus conhecimentos sem crescer em seu ser de forma alguma. E estas são duas

dimensões diferentes. Pode seguir aumentando seus conhecimentos. Sua cabeça seguirá voltando-se cada vez mais grande, mas você seguirá sendo o mesmo ser diminuto.

Então nada está crescendo realmente: é só uma acumulação. Quando começa a sentir coisas, acréscimo, seu ser cresce. E terá que começar em alguma parte, assim começa! Haverá enganos; terá que havê-los. Seguirá te esquecendo; é natural. Mas não te frustre, não descarte o esforço dizendo: «Não posso fazê-lo». *Pode fazê-lo!*

Existe em ti a mesma possibilidade que existiu no Jesus ou na Buda. É a semente; não te falta nada absolutamente. É uma configuração, é um tudo caótico; tudo está aí. Pode te voltar um buda. mas é necessária uma reorganização de suas qualidades.

Agora mesmo é caótico porque não há configuração. A configuração chega quando começa a ser consciente. Só sendo consciente começam a ficar em ordem as coisas, e este caos que é se converte em uma sinfonia.

Capítulo 49

Obrar com a Consciencia

Os Sutras

73 No verão, quando vir o céu inteiro incessantemente claro, entra em semelhante claridade.

74 Shakti, vê todo o espaço como se já estivesse absorvido em sua própria cabeça no brilho.

75 Em estado de vigília, dormindo, sonhando, te conheça como luz.

Quando lhe Miro aos olhos nunca vejo aí: é como se estivesse ausente. Existe ausentemente, e este é o núcleo de todo sofrimento. Pode estar vivo sem estar presente absolutamente, e se não estar presente, sua existência se voltará um aborrecimento. E isto é o que aconteceu. Assim é que quando lhe Miro aos olhos, não te encontro aí. Ainda não chegaste, ainda tem que ser. A situação está aí, e a possibilidade está aí -você pode estar aí em qualquer momento-, mas ainda não o está.

Tomar consciencia desta ausência é começar uma viagem para a meditação, para a transcendencia. Se for consciente de que, de alguma forma, está ausente..., existe mas não sabe por que, não sabe como, nem sequer sabe quem existe dentro de ti. Esta falta de consciencia cria todo o sofrimento, porque, sem sabê-lo, tudo o que faça trará consigo o sofrimento. O básico não é o que faz; o importante é se o nasce com sua presença ou com sua ausência.

Faça o que faça, se pode fazê-lo com sua presença total, sua vida se voltará enlevada; será uma sorte. Se fizer algo sem sua presença, ausentemente, sua vida será um sofrimento: tem que sê-lo. O inferno significa sua ausência.

De modo que há dois tipos de buscadores: um tipo de buscador está sempre em busca do que fazer. Esse buscador está em um caminho errôneo, porque não se trata absolutamente de fazer. trata-se de ser: o que ser, como ser.

Assim não pense nunca do ponto de vista da ação e de fazer, porque, faça o que faça, se você estiver ausente não terá sentido.

Dará igual a esteja no mundo ou que viva em um monastério, que funcione entre a multidão ou em um ponto isolado dos Himalayas. Estará ausente aqui e estará ausente

ali, e faça o que faça -entre a multidão ou isolado- trará consigo sofrimento. Se não estar presente, então tudo o que faz está mau.

O segundo tipo, e o tipo correto, de buscador, não anda em busca do que fazer, anda em busca de como ser. O primeiro é como ser.

Um homem foi a Gautama o Buda. Estava cheio de compaixão, de comiseração, e perguntou a Gautama o Buda: «O que posso fazer para ajudar ao mundo?».

diz-se que Buda riu e lhe disse ao homem: «Não pode fazer nada porque não é. Como vais poder fazer algo se não ser? Assim não pense no mundo. Não pense em como servir ao mundo, em como ajudar a outros». Buda disse: «Primeiro, sei; e se for, então, tudo o que faz se volta um serviço, volta-se uma oração, volta-se compaixão. Sua presença é o ponto decisivo. Seu ser é a revolução».

De modo que estes são os dois caminhos: o caminho da ação e o caminho da meditação. São diametralmente opostos. O caminho da ação se ocupa de ti basicamente assim que pessoa ativa, tratará de trocar suas ações; tratará de trocar seu caráter, seu moral, suas relações, mas nunca a ti. O caminho da meditação é diametralmente oposto. Não se ocupa de suas ações; ocupa-se direta e imediatamente de ti. O que faça é irrelevante. O relevante é o que é. E isso é básico e primário, porque toda ação se origina em ti.

Recorda: suas ações se podem trocar e modificar, inclusive se podem substituir com ações diametralmente opostas, mas não trocarão a ti. Nenhuma mudança externa trará consigo a revolução interna, porque o externo é superficial e o centro mais íntimo permanece sem tocar; o que faz não o toca. Mas à inversa se produz a revolução: se o centro mais íntimo for diferente, a superfície troca automaticamente. Assim pensa uma questão básica; só então podemos entrar nestas técnicas de meditação.

Não se preocupe pelo que esteja fazendo. Pode que isso seja um truque, pode que isso seja uma estratégia para escapar do problema real. Por exemplo, é violento. Pode fazer todo tipo de esforços para ser no-violento, pensando que se é no-violento te voltará religioso; que se é no-violento estará mais perto do divino. É cruel, e pode que faça todo tipo de esforços para ser compassivo.

Pode fazê-lo, e não trocará nada e seguirá sendo o mesmo. Sua crueldade se voltará uma parte de sua compaixão..., e isso é mais perigoso. Sua violência se voltará uma parte de sua não-violência; isso é mais sutil. Será violentamente no-violento. Sua não-violência terá toda a loucura da violência, e será cruel por meio de sua compaixão.

Inclusive pode que mate por compaixão; a gente matou. Há muitas guerras religiosas: lutam-se com um aspecto de compaixão. Pode matar muito compassivamente, muito não-violentamente; pode matar e assassinar amorosamente, porque está matando pelo bem da pessoa a que está matando. Está-lhe matando por si mesmo, por seu próprio bem, para lhe ajudar...

Pode trocar seus atos, e este esforço para trocar os atos pode que seja só uma estratégia para escapar da mudança básica. A mudança básica é este: primeiro tem que ser. Deve te voltar mais alerta, mais consciente de seu ser; só então chega a ti uma presença. Nunca sente a ti mesmo, e inclusive quando às vezes se sente, sente-se através de outros: mediante a excitação mediante a estimulação, mediante a reação.

É necessária outra pessoa, e por via da outra pessoa te pode sentir a ti mesmo. Isto é absurdo.

Sozinho, sem excitação, sem ninguém que faça de espelho, dorme, aborrece-te, nunca sente a ti mesmo. Não há presença. Vive de maneira ausente.

Esta existência ausente é a mente irreligiosa. te encher de sua própria presença, da luz de seu próprio ser, é te voltar religioso. Assim recorda isto como um ponto básico: que o que me interessa não são suas ações. O que faz é irrelevante. O que é -ausente,

presente, consciente, inconsciente- é o que me interessa. E estas técnicas nas que vamos entrar nos, são técnicas para te fazer mais presente, para te trazer para o aqui e agora.

Ou é necessária outra pessoa para te sentir a ti mesmo, ou é necessário o passado: mediante o passado, mediante lembranças passadas, pode sentir sua identidade. Ou é necessário o futuro: pode projetar nele seus sonhos. Pode projetar seus ideais, vistas futuras, *moksha*. Ou necessita lembranças passadas para sentir que é, ou necessita uma projeção futura, ou a outra pessoa, mas você sozinho nunca é suficiente. Esta é a enfermidade, e a não ser que você sozinho seja suficiente, nada será suficiente para ti. E uma vez que você sozinho te tornaste suficiente em ti mesmo, saíste vitorioso, a luta terminou. Já não voltará a haver sofrimento. chegou um ponto sem retorno.

além deste ponto há bem-aventurança, sorte eterna. antes deste ponto está exposto a sofrer, mas, extrañamente, todo o sofrimento é tua obra. É um milagre que crie seu próprio sofrimento. Ninguém mais o está criando. Se alguma outra pessoa o está criando, então é difícil transcendê-lo. Se o está criando o mundo, então o que pode fazer você? Mas contigo sim *pode* fazer algo, isso significa que ninguém mais está criando seu sofrimento: é seu próprio pesadelo. E estes são seus elementos básicos.

O primeiro: segue pensando que é, crie que é. Isto é simplesmente uma crença. Nunca te encontraste contigo mesmo, nunca estiveste cara a cara contigo mesmo; nunca encontraste a ti mesmo, não houve um encontro. Simplesmente crie que é. Descarta totalmente esta crença. Tenha muito claro que ainda tem que ser, que não é, porque com esta crença falsa nunca será capaz de te transformar. Com esta crença falsa toda sua vida se voltará falsa.

Gurdjieff estava acostumado a dizer a seus discípulos: «Não me pergunte o que fazer. Não pode fazer nada, porque para fazer algo primeiro será necessário você. E você não está presente, assim que como vais fazer o? Pode pensar em fazer, mas não pode fazer nada».

Estas técnicas são para te ajudar, para te trazer de volta; para te ajudar a criar uma situação em que te possa encontrar a ti mesmo. Terá que destruir muitas coisas: tudo o que é errôneo, tudo o que é falso. antes de que surja o real, o falso terá que ir-se; deve cessar. E estas são as idéias falsas: que é. Estas são as idéias falsas: que é uma alma, *atma*, que é *Brahma*. Não é que não o seja, mas estas idéias são falsas.

Gurdjieff teve que fazer insistência em que não tem alma. Contra todas as tradições, insistiu em que «o homem não tem alma. A alma é simplesmente uma possibilidade: pode ser, pode que não seja. Terá que consegui-la. É simplesmente uma semente».

E esta ênfase é boa. A possibilidade existe, a potencialidade está aí, mas ainda não é uma realidade. E seguimos lendo o Gita e os Upanishads e a Bíblia, e seguimos considerando que somos a alma: a semente pensando que é a árvore. A árvore está oculta nela, mas ainda tem que ser revelado. E é bom recordar que pode que siga sendo uma semente, e pode que morra sendo uma semente: porque a árvore não pode chegar, a árvore não pode brotar por si só. Tem que fazer algo conscientemente a respeito, porque só cresce mediante a consciencia.

Há dois tipos de crescimento. A gente é o crescimento inconsciente, natural: se se der a situação.

A coisa crescerá. Mas a alma, o *atma*, o ser mais íntimo, quão divino há dentro de ti, é um tipo de crescimento inteiramente diferente. Só cresce mediante a consciencia. Não é natural, a não ser sobrenatural.

Se se deixar à natureza mesma, não crescerá; se se deixar simplesmente à evolução, nunca evoluirá. Tem que fazer algo conscientemente, tem que fazer um esforço consciente a respeito, porque só cresce mediante a consciencia. Uma vez que a

consciência está enfocada nisso, o crescimento tem lugar. Estas técnicas são para te fazer mais consciente.

Agora entraremos nas técnicas.

73 Te volte a claridade do céu sem nuvens.

Primeira técnica: *No verão, quando vir o céu inteiro incessantemente claro, entra em semelhante claridade.*

No verão, quando vir o céu inteiro incessantemente claro, entra em semelhante claridade. A mente é confusão; não há claridade. E a mente sempre está amontoadá, sempre está nublada; nunca é um céu aberto, espaçoso, vazio. A mente não pode ser isso. Não pode fazer que sua mente esteja diáfana; não é a natureza da mente estar assim. A mente permanecerá pouco clara. Se pode deixar atrás a mente, se pode transcender a mente de repente e sair dela, acontecerá-te a claridade. Você pode ter claridade, mas a mente, não. Não há tal coisa: uma mente clara; nunca a houve e nunca a haverá. Mente significa falta de claridade, confusão.

Tenta compreender a estrutura da mente, e então esta técnica estará clara para ti. O que é a mente? Um processo contínuo de pensamento, uma procissão contínua de pensamentos -associados, não associados, relevantes, irrelevantes-, muitas impressões multidimensionais recolhimentos de todas partes. A vida inteira consiste em recolher, recolher pó. E isto segue e segue.

Nasce um menino. Um menino é diáfano porque não tem mente. No momento em que aparece a mente, entra a falta de claridade, a confusão. Um menino é claro, é claridade, mas terá que acumular conhecimentos, informação, cultura, religião, condicionamentos; necessários, úteis. Terá que recolher muitas coisas de todas partes, de muitas fontes: fontes opostas, contraditórias. Recolherá coisas de milhares e milhares de fontes. Então a mente se converterá em um mercado, uma multidão, e devido a tal quantidade de fontes, terá que haver confusão. E independentemente do que recolha, nada é seguro, porque o conhecimento é sempre algo que segue crescendo.

Lembrança que alguém me referiu uma anedota. Era um grande investigador, e me contou isto a respeito de um professor dele que lhe tinha dado classe durante cinco anos em uma universidade médica. O professor era um grande erudito em sua matéria. Quão último fez foi reunir a seus alunos e lhes dizer: «Tenho-lhes que ensinar uma coisa mais. De tudo o que lhes ensinei, só é correto cinquenta por cento, e o outros cinquenta por cento é absolutamente errôneo. Mas o problema é que não sei o que cinquenta por cento é correto e o que cinquenta por cento é incorreto; não sei».

Assim é todo o edifício do conhecimento. Nada é seguro, ninguém sabe, todo mundo está medindo. Criamos sistemas medindo, e há milhares, milhares de sistemas. Os hindus dizem uma coisa, os cristãos dizem outra, os muçulmanos outra distinta, todas contraditórias, todas contradizendo-se mutuamente; nenhum acordo, nenhuma certeza e todas estas fontes são as fontes de sua mente. Vai recolhendo: sua mente se volta uma chatarrería; terá que haver confusão. Só uma pessoa que não sabe muito pode estar segura. quanto mais saiba, menos seguro estará.

A gente, a gente primitiva, estava mais segura e aparentemente parecia ser mais diáfana. Não havia claridade: simplesmente inconsciência de quão feitos poderiam contradizê-los. Se a mente moderna estiver mais confusa, a razão disso é que mente moderna sabe mais. Se souber mais, está mais confuso, porque agora tem mais conhecimentos, e quanto mais sabe, menos seguro está. Só os idiotas podem estar seguros, só os idiotas podem ser dogmáticos, só os idiotas não duvidam nunca. quanto

mais sabe, menos terreno firme fica sob seus pés, mais dúbio te volta. O que quero dizer é que quanto mais cresce a mente, mais saberá que a natureza da mente é a confusão.

Quando digo que só os idiotas podem estar seguros, não quero dizer que um Buda é um idiota, porque não está vacilante. Recorda a diferença. Ele não está seguro, não está vacilante: simplesmente tem claridade. Com a mente, incerteza; ou a mente idiota, certeza. Sem mente, ambas as coisas desaparecem: a certeza e a incerteza.

Buda é uma claridade, um espaço, um espaço aberto. Não está seguro: não há nada do que estar seguro. Não está vacilante: não há nada sobre que vacilar. Só alguém que esteja procurando a certeza pode estar vacilante. A mente sempre é vacilante e sempre está procurando a certeza, sempre está confusa e sempre está procurando claridade. Um buda é alguém que deixou a mente; e com a mente, toda a confusão, toda a certeza, toda a incerteza, tudo se deixa.

Considera o desta maneira: seu consciencia é como o céu e sua mente é como as nuvens. O céu nunca é meio doido pelas nuvens. Vêm e vão; não deixam nenhum sinal. O céu permanece virgem: nenhuma evidência, nenhum rastro, nada das nuvens, nenhuma lembrança. As nuvens vêm e vão; o céu permanece inalterado. Isto é o que ocorre também dentro de ti: a consciencia permanece inalterada. Os pensamentos vêm e vão, as mentes se desenvolvem e desaparecem. E não pense que tem uma só mente; tem muitas mentes: é uma caterva. Suas mentes seguem trocando.

É comunista, de modo que tem um certo tipo de mente. Pode deixá-lo e te fazer anticomunista. Então tem uma mente diferente; não só diferente, mas também justo a oposta. Pode seguir trocando de mente como de roupa. E segue trocando. Pode que não seja consciente disso: estas nuvens vêm e vão. A claridade pode obter-se se tomadas consciencia do céu. Não te centre nas nuvens e te centre no céu. Esta técnica diz: *No verão, quando vir o céu inteiro incessantemente claro, entra em semelhante claridade.*

Medita com o céu: um céu do verão sem nuvens, incessantemente vazio e claro, sem nada que se mova nele, totalmente virginal. Contempla-o, medita com ele e entra nesta claridade. te volte esta claridade, esta claridade espacial.

Se meditar com o céu aberto, sem nuvens, de repente notará que a mente está desaparecendo, que a mente está cessando. Haverá lacunas. de repente tomará consciencia de que é como se o céu claro tivesse entrado também em ti. Haverá intervalos. Por um tempo, os pensamentos cessarão: como se o tráfico tivesse cessado e não se movesse nenhum.

Ao princípio será só durante uns momentos, mas inclusive esses momentos são transformantes. À larga, a mente irá mais devagar; aparecerão lacunas maiores. Durante minutos seguidos não haverá nenhum pensamento, nenhuma nuvem. E quando não há nenhum pensamento, nenhuma nuvem, o céu externo e o interno se fazem um, porque só o pensamento é a barreira, só o pensamento cria o muro; só devido ao pensamento o externo é externo e o interno é interno. Quando não há pensamento, o externo e o interno perdem seus confine, fazem-se um. Em realidade, confine-os nunca existiram. Surgiram à vista devido ao pensamento, a barreira.

Meditar com o céu é formoso. te tombe para te esquecer da Terra; te tenda de costas em uma praia solitária, em algum campo, e simplesmente olhe o céu. Mas um céu claro será útil: sem nuvens, sem fim. E simplesmente olhando, olhando fixamente o céu, sente sua claridade -a ausência de nuvens, o espaço ilimitado-, e então entra nessa claridade, te faça um com ela. Sente que te tornaste o céu, o espaço.

Ao princípio, se só meditar com o céu aberto, sem fazer nada mais, começarão a aparecer intervalos, porque tudo o que vê entra em ti. Tudo o que vê te toca por dentro; tudo o que vê fica delineado, refletido.

Vê um edifício. Não pode simplesmente vê-lo; imediatamente, algo começa a acontecer dentro de ti. Vê um homem, a uma mulher; vê um carro..., vê algo. Não está só fora; algo se pôs em marcha por dentro, o reflexo, e começaste a reagir a isso. De modo que tudo o que vê te molda, faz-te, modifica-te, cria-te. O externo está constantemente relacionado com o interno.

Olhar o céu aberto é bom. O espaço em si é belo, sem limites. Seus próprios limites desaparecerão, porque o céu ilimitado se refletirá dentro de ti. E será bom se pode olhar sem piscar. Se miras sem piscar..., porque se piscar, seu processo de pensamento continuará. Olhe sem piscar. Olhe o vazio, entra nesse vazio, sente que te tem feito um com ele, e em qualquer momento o céu entrará em ti.

Primeiro entra você no céu e logo o céu entra em ti. E há um encontro: o céu interno se une ao céu externo. Nesse encontro há realização. Nesse encontro não há mente, porque o encontro só pode ocorrer quando a mente não está presente. Nesse encontro, pela primeira vez não é sua mente. Não há confusão. A confusão não pode existir sem a mente. Não há desdita, porque a desdita tampouco pode existir sem a mente.

observaste este fato alguma vez ou não: que a desdita não pode existir sem sua mente? Não pode ser desventurado sem sua mente. Falta a fonte mesma. Quem te proverá esta desdita? Quem te fará desventurado? E isto também é verdade em sentido oposto: não pode ser desventurado sem sua mente e não pode ser ditoso com sua mente. A mente nunca pode ser a fonte da sorte.

De modo que se o céu interno e o externo se juntam e desaparece a mente, embora seja por um momento te encherá de uma nova vida. A qualidade dessa vida é absolutamente diferente. É vida eterna, sem poluir pela morte, sem poluir por nenhum medo. Nesse encontro estará aqui e agora, no presente; porque o passado pertence aos pensamentos, o futuro pertence aos pensamentos. O passado e o futuro formam parte de sua mente. O presente é a existência: não forma parte de sua mente.

Este momento não pertence a sua mente. O momento que se foi lhe pertence, o momento que está por chegar pertence a sua mente. Este momento nunca te pertence. Mas bem, você pertence a este momento. Existe aqui; agora e aqui mesmo. Sua mente existe em alguma outra parte, sempre em alguma outra parte.

te descarregue a ti mesmo.

Estive lendo sobre um místico sufí. Estava viajando por um atalho solitário, o caminho estava deserto, e viu um camponês com seu carro de bois. O carro estava entupido no barro. O caminho era teimoso. O camponês estava levando uma grande carga de maçãs em seu carro de bois, mas em alguma parte do caminho teimoso, o tabuleiro de sujeição do carromato se soltou e as maçãs se esparramaram. Mas ele não se deu conta; o camponês não se deu conta.

Quando o carro se entupiu no barro, por um momento, tentou tirá-lo de algum modo, mas todas suas forças foram em vão, assim pensou: «Ah, devo descarregar meu carro; então possivelmente possa desentupi-lo.» Olhou atrás. Logo que ficava uma dúzia de maçãs: a carga já se descarregou. Pode imaginar sua desdita. O sufí conta em suas memórias que o exasperado camponês fez um comentário: «¡Atascado, caray! ¡Atascado! E sem uma maldita coisa que descarregar!». A única possibilidade era que, se podia descarregar o carro, poderia sair; mas agora, nada que descarregar!

Felizmente, você não está entupido dessa maneira. Pode descarregar: seu carro está muito carregado. Pode descarregar a mente, e no momento em que a mente não está, voa; volta-te capaz de voar.

Esta técnica -olhar a claridade do céu e fazer-se um com ela é uma das mais praticadas. Isto o usaram muitas tradições. E é muito útil particularmente para a mente

moderna porque não fica nada na Terra. Na Terra não fica nada com o que meditar: só o céu, olha a seu redor, tudo está feito pelo homem, tudo é limitado, com um limite, uma limitação. Só o céu está ainda, felizmente, aberto para meditar com ele. ..

Prova esta técnica; resultará útil. Mas recorda três coisas. Uma: não pisque; olhe fixamente. Inclusive se os olhos lhe começam a doer e lhe caem as lágrimas, não se preocupe. Inclusive essas lágrimas formarão parte da descarga; serão úteis.

Essas lágrimas refrescarão seus olhos e os farão mais inocentes: banharão-os. Você segue olhando.

O segundo: não pense no céu, recorda. Pode começar a pensar no céu. Pode recordar muitos poemas, belos poemas sobre o céu: então perderá a oportunidade. Não deve pensar no céu, tem que entrar nele, tem que te fazer um com ele; porque se começar a pensar nele, cria-se de novo uma barreira. Está te perdendo o céu de novo, e está encerrado outra vez em sua própria mente. Não pense no céu. Sei o céu. Simplesmente olhe e entra no céu, e deixa o que céu entre em ti. Se entrar no céu, o céu entrará em ti imediatamente.

Como o pode fazer? Como fará... este entrar no céu? Simplesmente segue olhando cada vez mais longe. Segue olhando: como se estivesse tratando de encontrar o limite. Entra profundamente. Aprofunda tudo o que possa. Esse mesmo movimento romperá a barreira. E este método deveria praticar-se durante ao menos quarenta minutos; menos que isso não servirá, não resultará muito útil.

Quando realmente sentir que te tem feito um, então pode fechar os olhos. Quando o céu tenha entrado em ti, pode fechar os olhos. Poderá vê-lo também dentro. Então não há necessidade. De modo que só depois de quarenta minutos, quando sentir que aconteceu a unidade e que há uma comunhão e que te tornaste parte dele e que já não está a mente, fecha os olhos e permanece com o céu dentro de ti.

A claridade ajudará ao terceiro ponto: *entra em semelhante claridade*. A claridade ajudará: o céu sem poluir, sem nuvens. Simplesmente sei consciente da claridade que há a seu redor. Não pense nela; simplesmente sei consciente da claridade, a pureza, a inocência. Estas palavras não são para que as repita. Tem que as sentir em vez das pensar. E uma vez que olhe o céu, a sensação virá, porque não tem que imaginar estas coisas: estão aí. Se miras, começarão a te ocorrer.

O céu é puro, o mais puro que há na existência. Nada o faz impuro. Os mundos vêm e vão, há Terras e logo desaparecem, e o céu permanece puro. A pureza existe. Não precisa projetá-la; simplesmente tem que senti-la -ser vulnerável a ela para poder senti-la- e a claridade está aí. Deixa que o céu te aconteça. Não pode forçá-lo; só pode permitir que aconteça.

Todas as meditações são realmente permitir que algo aconteça. Nunca pense do ponto de vista da agressão, nunca pense em função de forçar algo. Não pode forçar nada. Em realidade, criaste toda a desdita porque estiveste tratando de forçar. Não se pode forçar nada, mas pode deixar que aconteçam as coisas. Sei feminino. Deixa que aconteçam as coisas. Sei passivo. O céu é absolutamente passivo: não faz nada absolutamente, tão somente permanece aí. Simplesmente sei passivo e permanece sob o céu -vulnerável, aberto, feminino, sem nenhuma agressão por sua parte-, e então o céu penetrará em ti.

No verão, quando vir o céu inteiro incessantemente claro, entra em semelhante claridade.

Mas o que pode fazer se não ser verão? -Se o céu está nublado, se não estar claro, então fecha, os olhos e entra no céu interno. Simplesmente fecha os olhos, e se vir

alguns pensamentos, véus como se fossem nuvens flutuando no céu. Sei consciente do fundo, o céu, e sei indiferente aos pensamentos.

Estamos muito ocupados com os pensamentos e nunca somos conscientes das lacunas. Passa um pensamento e, antes de que entre outro, há um intervalo: nesse intervalo está o céu. Então, quando não há pensamento, o que há? Há o vazio. De modo que se o céu está nublado -não é verão e se o céu não estiver clarocierra os olhos, enfoca sua mente no mais profundo, o céu interno no que os pensamentos vêm e vão. Não Prestes muita atenção aos pensamentos; disposta atenção ao espaço em que se movem.

Por exemplo, estamos sentados nesta habitação. Posso olhar esta habitação de duas maneiras. Ou lhe Miro a ti, de maneira que sou indiferente ao espaço no que está, ao espaço, ao recinto no que está -você Miro a ti, enfoco minha mente em ti, que está aqui, e não na habitação em que está-, ou posso trocar de enfoque: posso olhar a habitação, e me volto indiferente a ti. Você está aqui, mas minha ênfase, meu enfoque, está na habitação. Então toda a perspectiva troca.

Simplesmente faz isto no mundo interno. Olhe o espaço. Os pensamentos se estão movendo nele: sei indiferente a eles, não os Prestes atenção. Estão aí; toma nota de que estão aí, movendo-se. O tráfico está movendo-se na rua. Olhe a rua e sei indiferente ao tráfico. Não olhe a ver quem está passando; simplesmente tenha conhecimento de que algo está acontecendo e sei consciente do espaço no que está passando. Então o céu estival acontece dentro.

Não há necessidade de esperar a que chegue o verão, porque nossas mentes são de tal maneira que podem encontrar qualquer desculpa. Dirão: «Não é verão, e inclusive se for verão, o céu não está claro».

74 Sente todo o universo em sua cabeça.

Segunda técnica: *Shakti, vê todo o espaço como se já estivesse absorvido em sua própria cabeça no brilho.*

Vê todo o espaço como se já estivesse absorvido em sua própria cabeça no brilho. Para esta técnica, fecha os olhos. Quando a fizer, fecha os olhos e sente que todo o universo está absorvido em sua própria cabeça. Será difícil ao princípio. É uma das técnicas avançadas, de modo que será bom ir para ela por etapas. Faz uma coisa: se quer fazer esta técnica, começa por etapas.

Primeiro: quando for dormir, quando estiver preparado para dormir, te deite em sua cama, fecha os olhos e sente onde estão seus pés. Se medir um metro oitenta, ou um metro cinquenta, simplesmente sente onde estão seus pés, onde está a demarcação. Logo imagina uma coisa: crescestes quinze centímetros. Sua altura aumentou. tem quinze centímetros mais. Sente isto com olhos fechados. Em sua imaginação, sente que mede quinze centímetros mais.

Logo o segundo passo: sente sua cabeça, onde está, por dentro, e logo sente que sua cabeça também se tornou quinze centímetros mais larga. Quando puder sentir isto, tudo será fácil. Então aumenta-o mais. Sente que mede três metros e médio; ou que enche toda a habitação. Agora, em sua imaginação, está tocando as paredes: encheste toda a habitação. Logo, progressivamente, sente que toda a casa entrou em ti. E uma vez que faz a isso, é muito fácil. Se pode crescer quinze centímetros, tudo é fácil então. Se pode sentir que não mede um metro cinquenta a não ser um metro sessenta e cinco, então nada é difícil; esta técnica será fácil.

Segue sentindo isso durante três dias; logo durante outros três dias, sente que encheste a habitação. É um adestramento da imaginação. Logo, durante três dias, toda a

casa dentro de ti; logo, durante três dias, tornaste-te o céu. Então esta técnica será muito fácil.

Shakti, vê todo o espaço como se já estivesse absorvido em sua própria cabeça no brilho.

Então pode fechar os olhos e sentir que todo o céu, todo o espaço, é absorvido na cabeça. No momento em que sente isto, a mente desaparece, porque a mente necessita um espaço muito estreito. A mente não pode existir em semelhante amplitude; simplesmente desaparece. Em semelhante imensidão, a mente é impossível. a mente só pode ser estreita, limitada. Em semelhante espaço infinito, não há lugar para que exista a mente.

Esta técnica é boa. de repente, a mente se prata e está o espaço. Pode sentir isto em menos de três meses. Toda sua vida será diferente. Mas balança para isso passo a passo, porque às vezes, com esta técnica, a gente se volta louca, perde o equilíbrio. É tão tremendo, o impacto é tão tremendo...; de repente, se cair na conta de que sua cabeça absorveu todo o espaço, e vê estrelas e luas movendo-se dentro de ti, todo o universo, pode que te enjoe. Em muitas tradições, esta técnica se usa com muita cautela.

Um dos místicos índios deste século, Ramateertha, usou esta técnica, e muitos suspeitam, muitos dos que sabem suspeitam que se suicidou devido a esta técnica. Para ele não foi um suicídio, porque para ele -um que soube que todo o espaço está dentro dele- o suicídio é impossível, não pode acontecer. Não há ninguém aí para suicidarse. Mas para outros, para os que observavam desde fora, foi um suicídio.

Começou a sentir que todo o universo se movia dentro dele, dentro de sua cabeça. Seus discípulos pensaram que estava falando poeticamente. Logo começou a lhes parecer que se tornou louco, porque começou a afirmar que ele era o universo e que tudo estava dentro dele. E logo, um dia se atirou a um rio do ravina de uma montanha. antes de saltar escreveu um formoso poema que dizia: «Tornei-me o universo. Agora sinto este corpo como uma carga, desnecessário, assim que o vou devolver. Já não é necessário nenhum confine. Converti-me no *Brahman* ilimitado».

Alguém com formação psiquiátrica pensará que se tornou louco, que isto é simplesmente neurose, mas alguém que conheça dimensões mais profundas da consciencia humana -dirá que se tornou um *mukta*, um iluminado. Mas para a mente corrente é um suicídio.

Com semelhantes técnicas há perigo. Por isso digo que vá a elas gradualmente, porque não sabe... Tudo é possível. Às vezes não é consciente de sua própria potencialidade, às vezes não sabe quão preparado está, e às vezes pode acontecer. Assim faz-o por etapas.

Primeiro mede sua imaginação com coisas pequenas: que o corpo se tornou maior ou que se tornou mais pequeno. Pode ir em ambos os sentidos. Mede um metro cinqüenta: sente que agora mede um metro vinte, um metro, sessenta centímetros, trinta centímetros; tornaste-te uma semente...

Isto é só um adestramento; só um adestramento para que possa sentir o que quiser sentir. Sua mente interna tem absoluta liberdade de sentir; nada lhe pode impedir de sentir algo. É sua sensação. Pode crescer e te fazer mais pequeno. de repente toma consciencia de que é você.

E se pode trabalhar bem com isto, pode sair de seu corpo muito facilmente. Se pode crescer e te voltar pequeno com a imaginação, é capaz de te sair do corpo. Simplesmente imagina que está fora de seu corpo, e o estará; mas não imediatamente.

Primeiro prova com passos pequenos, e logo, quando sentir que está a gosto e que não te assusta, sente que enche toda a habitação: sentirá realmente o contato com as paredes, e então sente que toda a casa está dentro de ti, sentirá-a dentro de ti. E logo, segue. Logo, com o tempo, chega a sentir o céu na cabeça. E uma vez que sente que o céu está em sua cabeça, absorvido nela, a mente simplesmente desaparece. Não tem nada que fazer ali.

Para esta técnica é bom estar com alguém: estar com um professor, ou estar com um amigo. Não a faça sozinho. Alguém deve estar ali para te cuidar, para te observar. Este é um método de escola. Quando há muitas pessoas trabalhando em uma escola, é muito fácil, menos lesivo, menos perigoso; porque quando o céu explore em seu interior, pode que durante muitos dias não tome consciencia de seu corpo. Pode que não saia, pode que esteja muito absorto na sensação, porque o tempo desaparece; não pode perceber quanto tempo transcorreu. O corpo desaparece; não pode sentir o corpo. Volta-te o céu. Alguém deve cuidar de seu corpo; serão necessários cuidados muito amorosos.

De modo que com um professor, ou com um grupo, esta técnica é menos lesiva e menos perigosa. E com um grupo que sabe o que é possível: o que pode acontecer e o que se deveria fazer..., porque em um estado mental semelhante acordadas de repente; pode -que te volte louco, porque fará falta tempo para que volte sua mente. Se voltar súbitamente ao corpo, seu sistema nervoso não pode suportá-lo. Não está feito para isso. Terá que adestrá-lo. Assim não a faça sozinho. Pode fazê-la em um grupo, com uns poucos amigos, em um lugar isolado. E faz-o por etapas, não súbitamente.

75 Te recorde a ti mesmo como luz.

Terceira técnica: *Em estado de vigília, dormindo, sonhando, te conheça como luz.*

Em estado de vigília, dormindo, sonhando, te conheça como luz. Primeiro começa em estado de vigília. O ioga e o tantra dividem a vida da mente do homem em três partes; a vida da mente, recorda. Dividem a mente em três partes: a vigília, dormir, sonhar. Estas não são as divisões de seu consciencia, a não ser as divisões de sua mente, e a consciencia é o quarto.

No Oriente não lhe deram nenhum nome; chamam-na simplesmente o quarto, *turiya*. As outras três têm nome. São as nuvens; as pode designar: uma nuvem em estado de vigília, uma nuvem dormida e uma nuvem que sonha. Todas são nuvens, e ao espaço em que se movem -o céu- não lhe dá nome; fica simplesmente como o quarto.

A psicologia ocidental tomou, só recentemente, consciencia da dimensão do sonho. Em realidade, só com o Freud se voltou importante sonhar. Mas, entre os hindus, este é um dos conceitos mais antigos: não pode conhecer realmente a um homem a menos que saiba o que faz em seus sonhos. Porque tudo o que faça em suas horas de vigília está mais ou menos exposto a ser falsa, uma representação, porque no estado de vigília de sua mente se vê obrigado a fazer muitas coisas.

Não é livre. A sociedade está aí; há regras, há moralidades. Está lutando constantemente com seus próprios desejos: reprimindo-os, modificando-os, adaptando-os ao molde que permite a sociedade. E a sociedade nunca te permite que seja seu ser total; a sociedade escolhe. Isso é o que significa uma cultura: cultura significa eleição.

Toda cultura é um condicionamento: uma eleição de certas coisas e uma negação de certas coisas. Seu ser total não é aceito em nenhuma parte; não o é, em nenhuma parte. Certos aspectos são aceitos aqui, certos aspectos são aceitos ali, neste país ou naquele, mas em nenhuma parte é aceito o ser humano total. De modo que consciencia da vigília está avocada a ser falsa, fictícia, artificial, forçada. Não é real nisso, só um

ator; não é espontâneo, manipulado. Só em sonhos é livre; só em sonhos é autenticamente você mesmo.

Em seus sonhos pode fazer o que quer. Não concerne a ninguém; está sozinho. Ninguém pode entrar, ninguém pode olhar seus sonhos. E a ninguém importa: o que faça em seus sonhos é teu assunto; não concerne a ninguém. São absolutamente privados. Como são absolutamente privados e não se relacionam com ninguém, pode ser livre. De modo que a não ser que se conheçam seus sonhos, não se pode conhecer, seu rosto real. Os hindus foram conscientes disso: terá que penetrar nos sonhos. Mas ainda são nuvens: privadas, é óbvio; mais livres, mas, mesmo assim, nuvens, e também terá que ir além deles.

Estes são os três estados: vigília, dormir e sonhar. Sonhar se voltou primitivo com o Freud. Agora estão ocupando-se de dormir. Agora há muitos laboratórios no Ocidente investigando o que é dormir, porque parece muito estranho que não saibam mas lá do o que é dormir. Ainda não se sabe cientificamente o que te acontece quando dorme.

E se não podermos saber o que é dormir, será difícil saber o que é o homem, porque passa dormindo um terço de sua vida. Um terço de sua vida! Se for viver sessenta anos, passará vinte anos dormindo. É uma parte muito importante. O que está fazendo enquanto está dormido? Está ocorrendo algo misterioso, e é tão essencial que a vida não é possível sem isso. Está acontecendo algo profundo, mas não é consciente.

Em estado de vigília, é uma pessoa diferente; sonhando, também é uma pessoa diferente. Profundamente dormido, é de novo uma pessoa diferente. Não te lembra nem sequer de seu nome enquanto está profundamente dormido. Não sabe se for muçulmano ou cristão ou hindu. Profundamente dormido, não pode responder quem é; rico ou pobre..., nenhuma identidade, nenhuma imagem.

Na capa da vigília existe com a sociedade. Na capa de sonhar existe com seus próprios desejos. Profundamente dormido existe com a natureza, no fundo do útero da natureza. E o ioga e o tantra dizem que só além destes três estados existe em *Brahma*, na totalidade cósmica. De modo que terá que cruzar, passar, estes transcender três estados.

Há uma diferença. Agora a psicologia ocidental está interessada em estudar estes estados. Os buscadores orientais estavam interessados nestes estados, mas não em estudá-los. Só estavam interessados em saber como transcenderlos. Esta técnica é uma técnica transcendental.

Em estado de vigília, dormindo, sonhando, te conheça como luz.

Muito difícil. Tem que começar com a vigília. Como vais lembrar te em sonhos? Pode criar um sonho conscientemente? Pode manipular um sonho? Pode ter seus próprios sonhos segundo seus próprios desejos? Não pode. Que impotente é o homem! Nem sequer pode criar um sonho próprio. Os sonhos também lhe acontecem; está necessitado. Mas há certas técnicas mediante as quais se podem criar sonhos, e essas técnicas são muito úteis para transcender, porque se pode criar, então pode transcender. Mas terá que começar com a vigília.

Em estado de vigília -te movendo, comendo, trabalhando- te recorde a ti mesmo como luz. Como se em seu coração houvesse uma chama ardendo, e seu corpo não fora mais que o aura em torno da chama. Imagina-o. Em seu coração está ardendo uma chama, e seu corpo não é mais que um aura de luz em torno da chama. Deixa que penetre profundamente em sua mente e seu consciencia. te embeba disso.

Tomará tempo, mas se segue pensando nisso, sentindo-o, imaginando-o, em certo prazo será capaz de recordá-lo todo o dia. Em estado de vigília, andando pela rua, é uma

chama que se move. Ninguém mais será consciente disso ao princípio, mas se continuar, depois de três meses outros também se darão conta. E só então, quando outros se dão conta, pode estar a gosto. Não o diga a ninguém. Simplesmente imagina uma chama, e seu corpo como o aura em torno dela. Não um corpo físico, a não ser um corpo elétrico. Segue fazendo-o.

Se perseverar, em três meses, pouco mais ou menos, outros se darão conta de que algo te aconteceu. Notarão uma luz sutil em torno de ti. Quando te aproximar a eles, sentirão uma calidez diferente.

Se os toucas, sentirão um contato ardente. Darão-se conta de que te está acontecendo algo estranho. Não o diga a ninguém. Quando outros se dêem conta, então te pode sentir a gosto, e pode entrar na segunda etapa; não antes.

A segunda etapa é levá-lo aos sonhos. Agora pode levá-lo aos sonhos. tornou-se uma realidade. Já não é imaginação. Mediante a imaginação revelaste uma realidade. É real. Tudo consiste em luz. É luz -inconsciente do fato- porque toda partícula de matéria é luz.

Os cientistas dizem que consiste em elétrons. É o mesmo. A luz é a fonte de tudo. Você também é luz condensada; mediante a imaginação simplesmente está revelando uma realidade. te embeba disso; e quando estiver muito cheio disso, pode levá-lo aos sonhos; não antes.

Então, quando te estiver dormindo, segue pensando na chama, segue vendo-a, sentindo que é luz. Recordando-o..., recordando..., recordando... ficará dormido. E a lembrança continua. Ao princípio começará a ter sonhos nos que sentirá que tem uma chama dentro, que é luz. Com o tempo, também te moverá nos sonhos com a mesma sensação. E uma vez que esta sensação entre nos sonhos, os sonhos começarão a desaparecer. Os sonhos começarão a desaparecer: haverá cada vez menos sonhos e poderá dormir profundo.

Quando esta realidade fique de manifesto em todos seus sonhos -que é luz, uma chama, uma chama ardente-, todos os sonhos desaparecerão. Só quando desaparecerem os sonhos pode levar esta sensação ao dormir, nunca antes. Agora está na porta. Quando os sonhos desapareceram e recorda a ti mesmo como uma chama, está na porta do dormir. Agora pode entrar com a sensação. E uma vez que dorme com a sensação de que é uma chama, será consciente disso: agora o dormir só acontecerá a seu corpo, não a ti.

Esta técnica é para te ajudar a ir além destes três estados. Se pode ser consciente de que é uma chama, uma luz, que o dormir não te está acontecendo a ti, você está consciente. Está realizando um esforço consciente. Agora está cristalizado em torno dessa chama. O corpo está dormido; você, não.

Isto é o que diz Krishna no Gita: que os iogues nunca dormem. Enquanto outros dormem, eles estão acordados. Não é que seus corpos nunca durmam. Seus corpos dormem..., mas só os corpos. Os corpos necessitam descanso, a consciencia não necessita descanso; é porque os corpos são mecanismos. A consciencia não é um mecanismo. Os corpos necessitam combustível, necessitam descanso. Por isso nascem, são jovens logo envelhecem, e depois morrem. A consciencia nunca nasce, nunca envelhece, nunca morre. Não necessita combustível, não necessita descanso. É energia pura, energia perpétua, eterna.

Se pode cruzar as portas de dormir com esta imagem da chama e a luz, nunca voltará a dormir; só descansará o corpo. E enquanto o corpo esteja dormindo, você saberá. Uma vez que acontece isto, tornaste-te o quarto. Agora a vigília e sonhar e dormir são partes da mente. São partes, você te tornaste o quarto: alguém que passou por todas elas e não é nenhuma delas.

Em realidade, isto é muito simples. Se estiver no estado de vigília, e logo entra nos sonhos, não pode ser nenhuma das duas coisas. Se for o estado de vigília, então como vais poder sonhar? E se for o estado de sonhar, como vais entrar em um dormir no que não há sonhos? Deve ser um viajante, e estes estados devem ser estações, de modo que pode ir daqui a ali e voltar de novo. Pela manhã entrará no estado de vigília.

Estes são estados, e o que se move entre estes estados é você. Mas esse você é o quarto..., e esse quarto é o que chamas divino, esse quarto é o que chamas o elemento imortal, a vida eterna.

Em estado de vigília, dormindo, sonhando, te conheça como luz.

Esta é uma técnica muito formosa. Mas primeiro prova-a em estado de vigília. E recorda: quando outros se dêem conta..., só então tiveste êxito nela. Darão-se conta. Então pode entrar no sonho, e logo no dormir, e logo pode despertar ao que é: o quarto.

Capítulo 50

Ir às Raízes

Perguntas

Não é um engano ignorar completamente o externo?

Não são todas as técnicas de meditação um «fazer»?

Não conduz à claridade o crescimento da mente?

por que continuamos criando sofrimento?

Primeira pergunta:

Disse ontem à noite que trocando o externo, o interno permanece sem trocar, sem transformar. Mas não é certo que a comida adequada, o trabalho adequado, o dormir adequado, as ações e condutas adequadas também são fatores importantes na transformação interna? Não é um engano ignorar completamente o externo?

O externo não pode trocar o interno, mas o externo pode ajudar, ou pode dificultar. O externo pode criar uma situação em que o interno possa estalar mais facilmente. O que terá que recordar é isto: que a transformação externa não é a interna. Inclusive se o tem feito tudo. E a situação está aí, o interno não vai estalar. A situação é necessária, é útil, mas não é a transformação. E os que se enfrascan no externo...

O externo é um fenômeno enorme. Pode seguir trocando durante vistas e nunca estará satisfeito, e sempre ficará algo por trocar, porque, a menos que troque o interno, o externo nunca pode ser perfeito. Pode seguir trocando-o e polindo-o e acondicionando-o. Nunca se sentirá satisfeito, nunca chegará a uma situação em que possa sentir: «Agora o

campo está preparado». Tantos desperdiçaram suas vidas...

Se sua mente se obcecar com o *externo*: com a comida, com a roupa, com o comportamento... Não estou dizendo que os descuide. Não, o que estou dizendo é que não te obceque com eles. Podem ser úteis, mas se podem voltar grandes obstáculos se sua mente se obcecar. Então se converte em um escapamento, então está postergando a

mudança interna. E pode seguir trocando o externo. O interno nem sequer é meio doido por isso; o interno permanece igual.

Pode que tenha ouvido uma antiga fábula a Índia. Na Panchtantra se diz que um camundongo lhe tinha muito medo a um gato; continuamente assustado, ansioso. Não podia dormir, sonhava com o gato e tremia. Um mago, por compaixão, converteu ao camundongo em gato. O externo trocou, mas imediatamente o camundongo que havia dentro do gato se assustou de um cão. A ansiedade era a mesma; só tinha trocado o objeto. Antes era o gato; agora era o cão. O tremor continuou, a angústia continuou, os sonhos ainda eram de medo.

De modo que o mago converteu ao gato em cão. Imediatamente, o cão se assustou do tigre, porque o camundongo que levava dentro seguia sendo o mesmo. O camundongo não tinha trocado; só os corpos, o externo. Permaneceu a mesma ansiedade, a mesma enfermidade, o mesmo medo. O mago converteu ao cão em tigre. Imediatamente, o camundongo que havia dentro do tigre se assustou de um caçador. Assim é que o mago lhe disse ao camundongo: «Agora volta a ser um camundongo, porque posso trocar seu corpo, mas não posso te trocar a ti. Tem coração de camundongo, de modo que o que posso fazer? Coração de camundongo!».

Pode seguir trocando o externo, mas o coração de camundongo segue sendo o mesmo. E esse coração cria os problemas. A aparência trocará, a forma trocará, mas a substância seguirá sendo a mesma. E dá no mesmo que lhe tenha medo a um gato, ou a um cão, ou a um tigre. A questão não é que a quem lhe tenha medo; a questão é que tem medo.

A ênfase -minha ênfase- está em que deve permanecer consciente de que seu esforço externo não deveria voltar um substituto da transformação interna... Isto é uma coisa. Usa toda a ajuda que possa. É bom comer a comida adequada, mas é uma tolice e uma loucura obcecar-se com a comida. É bom ter o comportamento adequado, mas é neurótico obcecar-se com ele. Não deveria te voltar louco por nada.

Na Índia há muitas seitas de sannyasins que estão obcecadas com a comida. passam-se o dia inteiro pensado tão somente na comida: o que comer e que não comer; quem deveria preparar a comida e quem não deveria preparar a comida. Uma vez estive viajando com um sannyasin. Só tomava leite, e só leite de vaca, e só de vacas que fossem brancas; se não, passava sem comer. Este homem está louco.

Recorda isto: que o interno é importante, significativo. O externo é útil, é bom, mas não deve te centrar nisso. Não se deve voltar tão importante que se esqueça o interno. O interno deve seguir sendo o interno e o central; e o externo, se for possível, deveria valorar-se simplesmente como uma ajuda.

Não o ignore completamente. Não há necessidade de ignorá-lo, porque, em realidade, o externo também forma parte do interno. Não é algo oposto a isso, não é algo contrário a isso, não é um pouco imposto a ti: é você. Mas o interno é o central, e o externo é a periferia. De modo que lhe dê a importância que requeira uma periferia, que requeira uma circunferência, que requeira um confine..., mas o confine não é a casa. Assim cuida-o, mas não te volte louco por ele.

Nossa mente sempre está tentando procurar escapamentos. Se puder enfrascarte na comida, no sexo, na roupa, no corpo, sua mente estará a gosto, porque agora não está indo para o interno. Agora não há necessidade de destruir a mente, de ir além da mente. Com a mudança de comida pode existir a mesma mente. Pode que coma isto ou o outro: pode existir a mesma mente. Só quando vai para dentro..., quanto mais dentro chega, mais tem que cessar esta mente que tem. O caminho interno é o caminho para a no-mente.

A mente se assusta. Tratará de procurar algum escapamento: algo que fazer com o externo. Então a mente pode existir tal como é. Dá igual o que faça. É irrelevante o que faça: esta mente pode existir, e esta mente pode arrumar-lhe para seguir sendo a mesma. E às vezes, quando luta contra a saída natural, sua mente encontra algumas saídas perversas que são mais perigosas. Em vez de ser uma ajuda, converterão-se em obstáculos.

ouvi que Amacie Nasruddin caiu pelas escadas de sua casa. rompeu-se a perna, assim que a engessaram, e lhe disseram que não subisse nem descresse pelas escadas durante três meses. depois de três meses, foi ao médico e lhe tiraram o gesso. Amacie perguntou: «Posso subir e descer pelas escadas agora?».

O médico disse: «Agora sim. Está você perfeitamente bem».

Amacie disse: «Agora sou muito feliz, doutor. Não pode você imaginar que feliz sou. Era tão molesto subir e baixar o tubos todo o dia. Durante três meses, subindo e baixando todo o dia pelo tubo de deságüe...; era tão molesto, e toda a vizinhança ria de mim. Mas você me havia dito que não subisse nem descresse pelas escadas, assim tive que me arrumar isso Esto es lo que está haciendo todo el mundo. Si se bloquea una salida, entonces tiene que ocurrir una perversión. Y no conoces las estrategias de la mente... Son muy astutas y muy sutiles. La gente viene a mí con sus problemas. Los problemas parecen obvios, pero no es así. ¡Todos los problemas parecen obvios, claros, pero no es así. En lo más profundo está oculta otra cosa, y a menos que esa otra cosa se conozca, se descarte, se trascienda, el problema permanecerá. Cambiará de forma.

Isto é o que está fazendo todo mundo. Se se bloquear uma saída, então tem que ocorrer uma perversão. E não conhece as estratégias da mente... São muito ardilosas e muito sutis. A gente vem para mim com seus problemas. Os problemas parecem óbvios, mas não é assim. ¡Todos os problemas parecem óbvios, claros, mas não é assim. No mais profundo está oculta outra coisa, e a menos que essa outra coisa se conheça, descarte-se, se trascienda, o problema permanecerá. Trocará de forma.

Alguém fuma muito e quer deixá-lo. Mas fumar em si não é o problema; o problema é outra coisa. Pode deixar de fumar, mas o problema permanecerá, e terá que sair de outro modo. Quando fuma? Quando está ansioso, nervoso, começa a fumar, e fumar te ajuda. Sente-se mais seguro de ti mesmo, sente-se mais depravado.

Com apenas deixar de fumar, seu nervosismo não trocará. Sentirá-se nervoso, sentirá-se ansioso; virá a ansiedade. Então fará outra coisa. E pode encontrar algo que seja um substituto belo; parece tão diferente... Pode fazer algo. Pode usar um *mantra* em vez de fumar, e quando se sentir nervoso pode dizer: «RAM, RAM, RAM»...; algo continuamente.

O que está fazendo ao fumar? É um *mantra*. Aspira a fumaça e o exalta, aspira-o e o exalta... volta-se algo repetitivo. devido à repetição, sente-se depravado. Repete algo e acontecerá o mesmo. Mas se está usando um mantra e dizendo «RAM, RAM, RAM», ninguém dirá que está fazendo algo mau. E o problema é o mesmo.

O problema não trocou; só trocasse que truque. Antes o fazia com a fumaça; agora o faz com uma palavra. A repetição ajuda; qualquer tolice ajudará. Só tem que repeti-la continuamente. Quando repete algo, relaxa, porque cria uma espécie de aborrecimento. O aborrecimento é relaxante. Pode fazer algo que crie uma espécie de aborrecimento. O aborrecimento é relaxante. Pode fazer algo que produza aborrecimento.

Se fumar, todo mundo dirá que isso é mau, e se estiver salmodiando um *mantra*, ninguém dirá que: isso é mau. Mas se o problema é o mesmo, eu te digo que isso também é mau; inclusive é mais perigoso que o de antes, porque ao fumar foi consciente de que era mau. Agora, ao repetir o *mantra* não é consciente, e esta enfermidade da que não é consciente é mais perigosa e mais daninha.

Pode fazer algo na superfície, mas a não ser que se troquem as raízes mais profundas, não acontece nada. Assim é que com o externo recorda isto: sei consciente disso, e vê da superfície para as raízes e encontra a raiz: por que está nervoso? Alguém está comendo muito. Pode deixar de fazê-lo. Pode te forçar a ti mesmo a não comer muito. Mas por que come muito? por que? Porque isto não é uma necessidade corporal, de modo que a mente está interferindo em alguma parte. Terá que fazer algo com a mente; não é uma questão do corpo. por que segue te abarrotando?

A obsessão excessiva com a comida é uma necessidade de amor. Se não ser amado devidamente, comerá mais. Se é amado e pode amar, comerá menos. Quando alguém te ama, não pode comer mais. O amor te enche tanto que não se sente vazio. Quando não há amor, sente-se vazio; terá que engolir algo: segue forçando a comida.

E há muitas razões, razões básicas, para isso, porque o primeiro encontro de um menino com o amor e a comida é simultâneo. Do mesmo peito, da mesma mãe, obtém comida e amor: a comida e o amor ficam associados. Se a mãe for amorosa, o menino nunca tomará, muita leite. Não há necessidade. Está sempre seguro de seu amor; sabe que terá comida quando a necessitar, terá leite, a mãe estará ali. sente-se seguro. Mas se a mãe não é amorosa, então se sente inseguro. Então não sabe se, quando tiver fome, terá comida, porque não há amor. Comerá mais. E isto continuará. Converterá-se em uma raiz inconsciente.

De modo que pode seguir trocando de comida -come isto, come isso, não coma isto-, mas dá no mesmo, porque a raiz básica segue aí. Então, se deixar de te abarrotar de comida, começará a te abarrotar de alguma outra coisa. E há muitas maneiras. Se deixar de comer muito pode que comece a amontoar dinheiro. Também então tem que te encher de algo; então segue aprovisionando dinheiro.

Observa profundamente, e verá que uma pessoa que acumula dinheiro nunca está apaixonada, não pode está-lo, porque a acumulação de dinheiro é, em realidade, um sucedâneo. Agora se sente segura com o dinheiro. Quando é amado não há insegurança; com o amor desaparece o medo. Com o amor não há futuro, não passou. Este momento é suficiente, este mesmo momento é a eternidade. É aceito. Não há ansiedade pelo futuro, por isso acontecerá amanhã: não há amanhã no amor.

Mas se não haver amor; então há amanhã. O que acontecerá? Acumula dinheiro, porque não pode confiar nas pessoas. Assim confia nas coisas, confia no dinheiro e na riqueza. Há gente que diz: «Doa seu dinheiro. Não acumule dinheiro. Não te apegue ao dinheiro». Mas isso é superficial, porque a necessidade interna seguirá igual: então começará a acumular alguma outra coisa.

Deixa uma saída e terá que criar outra..., a menos que se eliminem as raízes. Assim não se preocupe muito pelo externo. Sei consciente de como é sua personalidade externa. Sei consciente disso, estate alerta, e da periferia vê sempre às raízes para encontrar que causa há ali. Independentemente de quão perturbadoras sejam, vá às raízes. Uma vez que chegue a conhecer as raízes, uma vez que tire a luz as raízes..., recorda esta lei: as raízes só podem existir na escuridão; não só as raízes das árvores, mas também as raízes de algo. Só podem existir na escuridão. Uma vez que as sacas à luz, morrem.

Assim começa com sua periferia; escava profundamente e vá às raízes, e traz as raízes a consciencia, as tire a luz. Uma vez que tenha chegado à raiz, esta simplesmente desaparecerá.

Não tem que fazer nada com ela. Só tem que fazer algo porque não sabe qual é o problema. Um problema compreendido corretamente, desaparece. A compreensão correta de um problema, a compreensão básica de um problema, converte-se no desaparecimento do mesmo. Isto é o primeiro.

O segundo: tudo o que faz é superficial; não é você em sua totalidade. Assim, não julgue a um homem por suas ações, porque a ação é muito atômica. Vê uma pessoa zangada, e pode julgar que este homem está cheio de ódio, violência, vingança. Mas um momento depois a ira desaparece; o homem se volta extremamente amoroso, e em seu rosto há uma perfume diferente, um florescimento diferente. A ira era um átomo. Não julgue a todo o homem. Mas este amor também é atômico. Não julgue a todo o homem por este amor.

Tudo o que tem feito não é sua soma total. Suas ações são sempre atômicas; são parte de ti, é obvio, mas sua totalidade as transcende. Pode ser diferente imediatamente. E tudo o que se sabe de ti é por sua conduta, por suas ações, por suas obras; pode ser contraditório. Pode que tenha sido um santo: pode te voltar um pecador neste mesmo momento. Ninguém podia imaginar-se que você, um santo, pudesse fazer isto. Pode fazê-lo. Não é inconcebível. Pode que tenha sido um pecador até este momento, e ao momento seguinte pode sair disso.

O que estou dizendo é que seu interior é tão extenso e tão grande que não se pode julgar por seu exterior. Seu exterior sempre é superficial, acidental. Repetirei-o. Seu exterior é sempre acidental, seu interior é a essência. Assim recorda descobrir o interno, e não te enrede no externo.

Uma coisa mais: o externo sempre é do passado. Sempre está morto, porque o que tem feito, feito está. Sempre é do passado, nunca está vivo. O interno sempre está vivo, sempre está aqui e agora, e o externo sempre está morto. Se me conhecer -tudo o que tenho feito e dito-, conhece meu passado, não me conhece. Eu estou aqui, vivo. Esse é meu foco interno, tudo o que saiba sobre mim é só o externo. Está morto, já não existe.

Observa-o em sua própria consciencia. O que tem feito não te ata. Já não existe, em realidade; é só uma lembrança. E você é maior que isso. Tem infinitas possibilidades. Foi tão somente acidental que seja um pecador ou um santo. Foi tão somente acidental que seja cristão ou hindu. Mas seu ser mais íntimo não é acidental; é essencial.

A ênfase na interna é a ênfase no essencial. E o interno permanece livre, é liberdade. O externo é uma escravidão, porque só pode conhecer o externo quando aconteceu; então não pode fazer nada com respeito a isso. O que pode fazer nada com respeito ao passado? Não pode desfazer-se; não pode dar marcha atrás. Não pode fazer nada com o passado; é uma escravidão.

Se o compreender corretamente, então pode compreender a teoria do *carma*, a teoria das ações. Esta teoria -uma das partes mais essenciais do entendimento hindu- é que, a menos que vá além dos *carmas*, não é livre; a menos que tenha ido além de todas as ações, permanecerá escravo. Não Prestes muita atenção ao externo, não te obceque com isso. Usa-o como uma ajuda, mas recorda continuamente que tem que descobrir o interno.

Estas técnicas das que estamos falando aqui são para o interno, para descobri-lo. Direi-te uma coisa. houve tradições... Por exemplo, uma das tradições religiosas mais importantes foi o jainismo. Mas o jainismo disposta muita atenção ao externo, muita; tanto é assim esquecem completamente que existe algo, como a meditação, que existe algo como a ciência do ioga. Esquecem-no completamente.

Estão obcecados com a comida, com as vestimentas, dormindo, contudo..., mas não com nenhum esforço encaminhado à meditação. Não é que não houvesse meditação originalmente em sua tradição, porque nenhuma religião pode nascer sem ela, mas em algum momento se obcecarem com o externo. voltou-se tão importante que esqueceram completamente que toda esta situação é só uma ajuda; não é o objetivo.

O que come não é o objetivo. O que é é o objetivo. É bom que seus hábitos alimentários lhe ajudem a descobrir o ser. Isso é bom. Mas se te obceca com a comida, pensando continuamente nela, então não entendeste nada. Então é um viciado na comida. Está louco, neurótico.

Segunda pergunta:

I

Não é certo que todas as técnicas de meditação são, em realidade, ações que levam a buscador a seu ser?

Em certo sentido, sim; em um sentido mais profundo, não. As técnicas de meditação são ações, porque te aconselha que faça algo. Inclusive meditar é fazer algo, inclusive sentar-se em silêncio é fazer algo, inclusive não fazer nada é uma espécie de fazer. De modo que em um sentido superficial, todas as técnicas de meditação são ações. Mas em um sentido mais profundo, não o são, porque se tiver êxito com elas, a ação desaparece.

Só ao princípio parece um esforço. Se tiver êxito com isso, o esforço desaparece e todo isso se volta espontâneo e sem esforço. Se tiver êxito com isso, não é uma ação. Então não é necessário nenhum esforço por sua parte. volta-se como a respiração: está aí. Mas ao princípio terá que haver um esforço, porque a mente não pode fazer nada que não seja um esforço. Se lhe disser que o faça sem esforço, todo isso parece absurdo.

No Zen, onde fica muita ênfase na ausência de esforço, os professores dizem a seus discípulos: «Simplesmente sente-se. Não faça nada». E o discípulo o tenta. É obvio, o que pode fazer a não ser tentar? O discípulo tenta simplesmente sentar-se, e tenta simplesmente sentar-se, e tenta não fazer nada mais, e então o professor lhe dá um golpe na cabeça com sua vara e lhe diz: «Não faça isso! Não te hei dito que tente te sentar, porque isso se converte em um esforço. E não tente fazer nada, porque isso é um tipo de ação. Simplesmente, sente-se!».

Se te disser que simplesmente se sente, o que fará? Fará algo que fará que isso não seja simplesmente sentar-se; surgirá um esforço. Sentará-se com esforço, haverá uma tensão. Não pode simplesmente te sentar. Parece estranho, mas no momento em que tenta simplesmente te sentar, tornou-se algo complexo. O esforço mesmo por simplesmente lhe sentar o faz complexo. De modo que o que fazer?

Passam os anos e o discípulo segue sentando-se e sendo imputado, censurado pelo professor, que lhe diz que não entendeu nada. Mas ele simplesmente segue, segue, segue, e todos os dias fracassa, porque há esforço. E não pode enganar ao professor. Mas um dia, sentado pacientemente, inclusive esta consciência de sentar-se simplesmente desaparece. Um dia, de repente, está sentado -como uma árvore ou como uma rocha- sem fazer nada. E então o professor diz: «Esta é a postura correta. Agora o obtiveste. Agora recorda isto: esta é a forma de sentar-se». Mas se requer paciência e um prolongado esforço para conseguir a ausência de esforço.

Ao princípio, haverá esforço, estará fazendo algo, mas só ao princípio, como um mal necessário. Mas tem que recordar constantemente que tem que ir mais à frente. Deve chegar um momento em que não esteja fazendo nada com respeito à meditação: simplesmente está aí e acontece; simplesmente está sentado ou de pé, e acontece; sem faz nada, simplesmente sendo consciente, acontece.

Todas estas técnicas são somente para te ajudar a chegar a um momento sem esforço. A transformação interna, a realização interna, não pode ocorrer mediante o esforço, porque o esforço é um tipo de tensão. Com esforço não pode estar totalmente

depravado; o esforço se converterá em uma barreira. Mantendo isto em um segundo plano da mente, se fizer esforço, com o tempo poderá também deixá-lo.

É como nadar. Se souber algo a respeito de nadar sabe que ao princípio tem que fazer esforço mas só ao princípio. Uma vez que faz a isso, uma vez que sabe o que é, já não há esforço, pode nadar sem esforço. E nem sequer um bom nadador pode dizer o que é nadar, o que está fazendo exatamente. Não pode te explicar o que está fazendo. Em realidade, não está fazendo nada. Simplesmente se está abandonando a uma relação profundamente sensível com a água, com o rio. O realidade, não está fazendo nada. E, entretanto está fazendo; ainda não é um nadador perito: é só um *amateur*, ainda está aprendendo.

Contarei-te uma anedota. Na Birmania, um monge budista recebeu a ordem de realizar um desenho para o novo templo, especialmente para a porta de entrada. Assim é que esteve fazendo muitos esboços. Tinha um discípulo com muito talento, assim que disse a esse discípulo que estivesse a seu lado. Enquanto ele fazia o desenho, o discípulo simplesmente tinha que olhar, e se gostava, tinha que dizer que estava bem, que era bom. Se não gostava, tinha que dizer que não. E o professor disse: «Só quando disser que sim, enviarei o desenho. Se segue dizendo que não desprezarei o desenho e criarei um novo».

Centenas de esboços foram desprezados desta maneira. Passaram três meses. Inclusive o professor se assustou, mas tinha dado sua palavra, assim tinha que cumpri-la. O discípulo estava ali, o professor fazia o desenho, e então o discípulo dizia que não. O professor começava outro.

Um dia, a tinta estava a ponto de acabar-se, assim que o professor disse: «Sal a procurar mais tinta». O discípulo saiu. O professor se esqueceu dele, de sua presença, e começou a desenhar sem esforço. Sua presença era o problema. Não ia em nenhum momento da mente que o discípulo estava aí, julgando. Estava constantemente perguntando-se se lhe ia gostar ou não, se o desprezaria de novo. Isto criava uma ansiedade interna e o professor não podia ser espontâneo.

O discípulo saiu. O desenho foi completado. O discípulo entrou e disse: «Excelente! Mas por que não pôde fazê-lo antes?».

O professor disse: «Agora compreendo por que: porque você estava aqui. devido a ti: estava fazendo um esforço para conseguir sua aprovação. O esforço o desbaratava tudo. Não podia ser natural, não podia fluir, não podia me esquecer de mim mesmo devido a ti».

Sempre que está fazendo meditação, o esforço mesmo de estar fazendo-a, a idéia mesma de obtê-la, é a barreira. Sei consciente disso. Segue fazendo, e sei consciente disso. Chegará um dia..., com apenas ter paciência, chega um dia em que não há esforço. Em realidade, você não está; só está a meditação. Pode que leve muito tempo. Não se pode predizer; ninguém pode dizer quando acontecerá. Porque se algo deve obter-se com esforço, pode-se predizer: que se fizer tal esforço, obterá-o. Mas a meditação só terá êxito quando chegar a não fazer nenhum esforço. Por isso não se pode predizer nada, não se pode dizer nada com respeito a quando o obterá. Pode que tenha êxito neste mesmo momento, e pode que não o tenha em vistas.

Todo isso depende de uma coisa: quando seu esforço cesse e te volte espontâneo, quando sua meditação não seja um ato mas sim se volte seu ser, quando sua meditação seja como o amor...

Não pode fazer nada com respeito ao amor, ou sim? Se fizer algo, falsifica-o. Voltará-se artificial. Não irá muito fundo. Não estará nele. Voltará-se como uma atualidade. O amor é: não pode fazer nada com respeito a ele.

Tampouco pode fazer nada com respeito à meditação. Mas não quero dizer que não faça nada, porque então seguirá sendo o que é.

Tem que fazer algo perfeitamente consciente de que com apenas fazê-lo não o obterá. Fazer será necessário ao princípio. Não se pode deixar; terá que passar por isso. Mas terá que acontecer isso, terá que transcenderlo, e terá que conseguir chegar a flutuar sem esforço.

O caminho é árduo e muito contraditório. Não se pode encontrar nada mais contraditório que a meditação; contraditório porque terá que começar com um esforço e terá que terminar sem esforço. Mas acontece. Pode que não seja capaz de conceber logicamente como acontece, mas acontece na experiência. Chega um dia em que te farta de seu esforço. O esforço cessa.

A Buda aconteceu desta maneira. Durante seis anos esteve fazendo todo esforço imaginável. Nenhum ser humano esteve tão obcecado iluminando-se. Fez tudo o que podia fazer. Foi de um professor a outro, e tudo o que lhe ensinaram o fez à perfeição.

Esse era o problema, porque nenhum professor podia lhe dizer: «Não o está fazendo bem; por isso não o está obtendo». Isso era impossível. Estava-o fazendo melhor que nenhum professor, de modo que os professores tinham que confessar. Diziam: Isto é o que podemos ensinar. além disto, não sabemos, assim vá a algum outro sítio».

Era um discípulo perigoso..., e só os discípulos perigosos o obtêm. Estudou tudo o que era possível. Tudo o que lhe diziam o fazia..., exatamente como o diziam. E logo ia ao professor e dizia: «Tenho-o feito, mas não aconteceu nada. Assim que o que é o seguinte?».

Os professores diziam: «Vá a alguma outra parte.

Há um professor nos Himalayas; vete ali». Ou «Há um professor em um bosque; vete ali. Nós não sabemos mais».

Esteve daqui para lá durante seis anos. Fez tudo o que se pode fazer, tudo o que é humanamente possível, e então se fartou. Todo o assunto lhe pareceu vão, baldio, sem sentido. Uma noite suspendeu todos os esforços. Estava sentado sob a árvore *bodhi*, e disse: «Agora tudo terminou. Não há nada no mundo, e nesta busca espiritual tampouco há nada. Já não há nada que possa fazer. Tudo terminou; não só este mundo, mas também também o outro». de repente, todos os esforços cessaram. Estava vazio. Porque quando não há nada a fazer, a mente não pode mover-se. A mente só se move porque há algo que fazer: alguma motivação, algum objetivo. A mente se move porque algo é possível, algo se pode obter, o futuro. Se não hoje, então amanhã, mas existe a possibilidade de que alguém o obtenha: a mente se move.

Essa noite Buda chegou a um ponto morto. Em realidade, morreu nesse momento, porque não havia futuro. Não havia nada que obter, e nada podia obter-se: «Tenho-o feito tudo. O mundo inteiro é vão e esta existência é um pesadelo». Não só o mundo material se tornou vão; o espiritual, também. relaxou-se. Não é que fizesse algo para relaxar-se; isto é o que terá que compreender: não havia nada em relação ao que estar tenso; portanto, relaxou-se. Não houve nenhum esforço por sua parte por relaxar-se.

Sob a árvore *bodhi*, não estava tentando conseguir a relaxação. Não havia nada que fazer, nada pelo que estar tenso, nada que desejar, nenhum futuro, nenhuma esperança. Não tinha a menor esperança essa noite: relaxou-se. A relaxação aconteceu. Você não pode te relaxar, porque ainda fica isto ou o outro por obter. Isso segue estimulando sua mente; segue dando mais e mais e mais voltas. de repente, as voltas cessaram, a roda se parou: buda se relaxou e dormiu.

Pela manhã, quando despertou, estava-se pondo a última estrela. Olhou como desaparecia a última estrela, e ao desaparecer a última estrela, ele desapareceu

completamente, voltou-se um iluminado. Então a gente começou a lhe perguntar: «Como obteve isto? Como? Com que método?».

Agora podem compreender o apuro da Buda. Se dizia que o tinha obtido mediante algum método, então caía no engano, porque só o obteve quando não houve nenhum método. Se dizia que o tinha obtido mediante o esforço, então não estava no certo, porque só o obteve quando não houve nenhum esforço. Mas se dizia: «Não tenha nenhum esforço e o obterá», então também se equivocava, porque seu não-esforço eram como esses trasfondo seis anos de esforço. Sem esse esforço, sem esses seis anos de esforço árdus não poderia ter alcançado este estado de não-esforço. Só devido a esse esforço louco chegou a uma cúpula, e já não havia nenhum sítio ao que ir e se relaxou e caiu ao vale.

Isto terá que recordá-lo por muitas razões. O esforço espiritual é o fenômeno mais contraditório. Terá que fazer esforço, com completa consciencia de que não se pode obter nada mediante o esforço. Terá que fazer esforço tão somente para obter o não-esforço, só para alcançar um estado no que não há esforço. Mas não relaxe seu esforço, porque se te relaxa, nunca alcançará essa relaxação que chegou a Buda. Segue fazendo todo tipo de esforços, para que chegue automaticamente um momento no que por seu esforço chegou a um ponto em que te aconteça a relaxação.

Por exemplo, pode considerar o de uma forma diferente. A meu entender, no Ocidente o que foi o ponto central: a satisfação do ego, desenvolvimento do ego, a consecução de um ego que te foi dado com todo o esforço ocidental. No Oriente o foi obter a ausência de ego, como ser não-ego, como te esquecer, te entregar, dissolver completamente a ti mesmo para não ser. Oriente esteve tentando conseguir o estado sem ego. Ocidente esteve tentando conseguir o ego perfeito. Mas este é o caráter contraditório, das coisas: se não ter um ego muito desenvolvido, não te pode entregar. Só pode te entregar se tiver um ego perfeitamente definido. Do contrário, não te pode entregar, porque quem se entregará?

De modo que, para mim, ambos estão pela metade e ambos estão sofrendo: Oriente e Ocidente. Porque Oriente tomou a ausência de ego, que é a parte final, e falta a parte inicial.

Quem entregará o ego? Falta o topo, de modo que quem criará o vale? O vale só se cria em torno de um topo. Quanto maior é o topo, mais profundo é o vale. Se não ter ego, ou tem um muito morno, entrega-a não é possível; ou sua entrega será uma entrega morna, média. Não acontecerá nada com ela; não haverá nenhuma explosão.

No Ocidente se pôs insistência na parte inicial. De modo que pode seguir crescendo com seu ego. Isso produzirá mais e mais ansiedade. E quando o criaste realmente, não sabe o que fazer com ele, porque falta a parte final.

Para mim, a busca espiritual é ambas as coisas. Cria um grande topo, cria um ego perfeito, tão somente para dissolvê-lo. Isso parece absurdo: tão somente para dissolvê-lo, tão somente para obter uma profunda entrega, tão somente para perdê-lo em alguma parte. E não pode perder nada que não tenha. De modo que, a meu entender, terá que adestrar à humanidade para estas duas coisas de uma vez: ajudar a todo mundo a criar um ego perfeito, um ego satisfeito -mas isto é só a metade da viagem-, e logo, lhes ajudar a entregá-lo.

Quanto maior seja o topo, mais profundo será o vale. quanto mais alto seja o ego, mais profunda será sua entrega. E isto é para tudo. No caminho espiritual, recorda esta contínua contradição. Não a esqueça nem um só momento. te volte um perfeito egoísta para poder te entregar, para poder te dissolver, te fundir. Faz todo o esforço que possa, tão somente para alcançar um ponto no que o esforço te deixe e esteja totalmente em um estado sem esforço.

Terceira pergunta:

Disse ontem à noite que quanto mais cresce a mente, mais sabemos que a natureza da mente é a confusão. Mas não é certo que este crescimento da mente conduz também à claridade?

Tudo o que acabo de dizer está relacionado com isto.

Sim, conduz à claridade, mas só quando tem uma mente muito amadurecida tomadas consciencia de que está confuso. Inclusive para tomar consciencia de que a mente é confusão, é necessária uma mente muito desenvolvida. Os que não são conscientes de que sua mente é confusão não são realmente mente amadurecidas. São infantis, pueris, ainda se estão desenvolvendo. Só uma mente muito amadurecida pode tomar consciencia da qualidade da mente, de que é confusão. E só quando desenvolveste a mente é possível a meditação, porque a meditação é o objetivo oposto.

Meditação significa no-mente. Mas como vais obter uma no-mente se não ter obtido uma mente? Assim consegue uma mente só para deixá-la. E não pense que do que serve conseguir uma mente? se ao final terá que alcançar um estado de no-mente. Se não conseguir ter uma mente, o supremo não te vai acontecer. Só pode acontecer se tiver mente. Assim é que não estou contra a mente, não estou em contra do intelecto. Em realidade, não estou contra nada. Estou a favor de tudo, porque tudo pode usar-se para chegar ao pólo oposto.

Há uma polaridade, e o pólo oposto não pode ser alcançado se não haver polaridade. Um louco não pode meditar. por que? Porque não tem mente. Mas esta no-mente não é a no-mente da Buda. No-mente-a pode ter duas dimensões: por debaixo da mente e por cima da mente. O que está em cima da mente é no-mente, e o que está debaixo da mente também é no-mente. Pode cair por debaixo da mente: não há mente, mas isso não é a meditação. Tem que ir além da mente; só então se obtém a no-mente da Buda. E recorda-o sempre, porque são tão similares que pode mal entender toda a questão. São muito similares.

Por exemplo, um menino é inocente. Um santo também é inocente -um Jesus ou um Krishna-, mas sua inocência não é infantil. É como de menino, mas não infantil; porque um menino só é inocente porque é ignorante. Só é inocente como algo negativo, uma ausência. cedo ou tarde tudo fará erupção; é um vulcão esperando a fazer erupção. A inocência é só o silêncio antes de que o vulcão entre em erupção.

Um santo é alguém que foi mais à frente. A erupção aconteceu; o vulcão está em silêncio de novo. Mas este silêncio é diferente. O primeiro silêncio estava muito carregado; algo estava presente nele. O silêncio estava só na superfície; no fundo o menino estava preparando-se para ser perturbado. O santo atravessou a perturbação. O ciclone passou. Este silêncio, a inocência, parece similar, mas há uma profunda diferença.

De modo que, às vezes, um idiota também pode parecer um santo. E os idiotas são como Santos; não são ardilosos. Para ser ardiloso se requer inteligência. Não são calculadores; para ser calculador é necessário ter mente. Os idiotas são simples, inocentes, não ladinos, não calculadores. Não podem enganar a ninguém. Não é que não gostem de fazê-lo, mas sim não podem. Falta-lhes a capacidade mesma. Parecem Santos e, às vezes, os Santos parecem idiotas, porque tornou a acontecer o mesmo, em uma dimensão diferente, inteiramente diferente.

Pode cair por debaixo da mente; então também acontece uma no-mente. Mas isso não é a meditação; simplesmente perdeste inclusive essa mente que ia ser um passo para

a meditação. Assim é que não estou contra a mente. Desenvolve a mente, desenvolve o intelecto, mas lembra bem: isto é só um meio, e um meio que terá que abandonar, desprezar. Terá que usá-lo como um navio. Quando chega à outra borda, abandona o navio. Se esquece completamente do navio.

Última pergunta:

Muito freqüentemente notamos que criamos nossos próprios sofrimentos. por que continuamos criando-os, apesar disso? E quando e como deixa um de criar seu próprio sofrimento?

O primeiro, e muito básico, que terá que compreender é que quando diz: *Muito freqüentemente notamos que criamos nossos próprios sofrimentos*, isto não é assim. Nunca nota realmente que é o criador de seu próprio sofrimento. Pode que pense que sim, porque lhe ensinaram isso; porque durante séculos e séculos os professores estiveram ensinando que você é o criador de seu próprio sofrimento e que ninguém mais é responsável.

ouviste estas coisas, tem lido estas coisas. tornaram-se parte integral de ti, tornaram-se seu condicionamento inconsciente, de maneira que às vezes repete como um louro: *Nós criamos nossos próprios sofrimentos*. Mas isto não é o que você nota, não é algo que você percebe, porque se o percebe, então o outro é impossível. Então não pode dizer: *por que continuamos criando-os, apesar disso?*

Se realmente o advertir, e se for sua própria percepção que é o criador de seu próprio sofrimento, pode parar em qualquer momento..., a não ser que queira criá-lo, a não ser que o desfrute, a não ser que seja masoquista. Então tudo está bem; então não importa. Se disser: «Desfruto com meu sofrimento», então está bem; pode seguir criando-o. Mas se disser: «Sofro e quero transcendê-lo. Quero concluí-lo por completo; e compreendo que sou o criador», então está em um engano. Não o compreende.

conta-se que Sócrates há dito que o conhecimento é virtude. E houve uma prolongada discussão durante estes dois mil anos a respeito de se Sócrates estava no certo ou não: o conhecimento é virtude. Sócrates diz que uma vez que sabe algo, não pode fazer algo contrário a isso. Se souber que a ira é sofrimento, não pode te zangar. Isto é o que Sócrates quer dizer: o conhecimento é virtude. Não pode dizer: «Sei que a ira é má; entretanto, entro nela. O que devo fazer agora respeito a isso?». Sócrates diz que o primeiro é errôneo. Não sabe que a ira é má; por isso segue entrando nela. Se souber, não pode entrar nela. Como vai contra seu próprio conhecimento?

Sei que se colocar a mão no fogo me vai doer. Se souber, não posso colocar a mão nele. Mas se outra pessoa me há isso dito, se o ouvi através da tradição, se tiver lido nas Escrituras que o fogo queima e não conheço o fogo, e não conheço nenhuma experiência similar..., só então posso colocar a mão no fogo; e só uma vez.

Pode concebê-lo: que tenha metido a mão no fogo e que te tenha queimado e tenha sofrido, e vás perguntar outra vez. «Sei que o fogo queima, mas apesar disso, sigo colocando a mão no fogo. O que devo fazer?». Quem acreditará que sabe? E que tipo de conhecimento é este? Se sua própria experiência de te queimar e sofrer não pode te deter, nada vai deter te. Já não há nenhuma possibilidade, porque se perdeu a última possibilidade. Mas ninguém pode perdê-la; isso é impossível.

Sócrates tem razão, e todos os que souberam estarão de acordo com o Sócrates; esse acordo contém algo muito profundo. Uma vez que sabe... Mas lembra: o conhecimento deve ser teu. Um conhecimento emprestado não servirá; o conhecimento emprestado é inútil. A não ser que seja sua própria experiência, não te vai trocar. As experiências de outros não servem de nada.

ouviste que é o criador de seu próprio sofrimento, mas isto está só na mente. Não entrou em seu ser, não é seu próprio conhecimento. De modo que quando está falando disso, pode falar disso cerebralmente, mas quando acontecer o fenômeno real, se esquecerá, e te comportará da forma que sabe, não da forma que sabem outros.

Quando está a gosto, tranquilo, sereno, falando calmadamente da ira, pode dizer que é veneno, que é uma enfermidade, um mal. Mas quando alguém te zanga, então ocorre uma mudança completa. Já não é uma conversação intelectual; agora está envolto. E no momento em que te envolve, zanga-te. Depois, retrospectivamente, quando voltar a te acalmar, recordará de novo, sua mente começará a funcionar outra vez, e dirá: «Isso esteve mau. Não esteve bem que fizesse isso. Eu sei que a ira é má».

Quem é este «eu»? Só o intelecto, só a mente superficial. Não sabe; porque quando alguém te zanga, despreza esta mente. É útil para uma conversação, mas quando surge uma situação real, só o conhecimento real ajudará. Quando não se apresenta a situação, pode seguir. Inclusive em uma conversação pode surgir a situação real. O outro pode te contradizer tanto que te chegue a zangar, e então se esquecerá.

O conhecimento real significa o que te aconteceu. Não ouviste a respeito disso, não tem lido a respeito disso, não recolheste informação a respeito disso; é sua própria experiência. E então não há dúvida, porque depois disso não pode ir contra isso. Não é que tenha que fazer um esforço para não ir contra isso; simplesmente não pode ir contra isso.

Como vou poder? Quando sei que isto é uma parede e quero sair desta habitação, como vou tentar passar pela parede? Sei que isto é uma parede, assim procurarei a porta. Só um cego tentará sair atravessando a parede. Tenho olhos, vejo que é uma parede e que é uma porta. Mas se intento entrar na parede e te digo: «Sei muito bem onde está a porta, e sei que isto é uma parede, mas apesar disso, como posso deixar de tentar entrar nesta parede?», então isso significa que a mim essa porta parece falsa. Outros me têm dito que essa é a porta, mas, por minha parte, sei que essa porta é falsa. E outros me têm dito que isso é uma parede, mas, até onde eu percebo, vejo a porta aqui, nesta parede, e por isso o tento.

Nesta situação, tem que fazer uma distinção precisa entre o que sabe e o que acumulaste como conhecimento. Não confie na informação. Da melhor das fontes - inclusive se a recolhe da melhor das fontes-, a informação é informação. Inclusive se lhe diz isso um buda, não é teu próprio, e não te vai ajudar em modo algum. Mas pode seguir pensando que é seu conhecimento, e este mal-entendido consumirá sua energia, seu tempo e sua vida.

O básico não é perguntar o que fazer para que não se crie sofrimento. O básico é saber que você é o criador de seu sofrimento. A próxima vez, quando se presente uma situação real e esteja sofrendo, recorda averiguar se você for a causa. E se

pode te precaver de que você é a causa, o sofrimento desaparece, e não voltará a apresentar o mesmo sofrimento; impossível.

Mas não engane a ti mesmo. Pode fazê-lo; por isso o digo. Quando está sofrendo, pode dizer: «Sim, sei que eu criei este sofrimento», mas no fundo sabe que o criou outra pessoa. Criou-o sua mulher, criou-o seu marido, criou-o alguma outra pessoa, e isto é simplesmente um consolo porque não pode fazer nada. Consola a ti mesmo: «Ninguém o criou, criei-o eu mesmo, e com o tempo deixarei de fazê-lo». I

Mas o conhecimento é uma transformação foto instantânea; não há nenhum «com o tempo». Se compreender que o criaste você, cessará imediatamente. Não voltará a surgir. Se voltar, isso significa que o conhecimento não foi profundo. De modo que não há necessidade de averiguar o que fazer, e como deixar de criá-lo. O único necessário é ir ao fundo e descobrir quem é realmente a causa disso.

Se outros forem a causa, então não lhe pode pôr fim, porque não pode trocar o mundo inteiro. Só se você for a causa lhe pode pôr fim. Por isso insisto em que só a religião pode conduzir à humanidade à cessação do sofrimento. Nenhuma outra coisa pode fazê-lo, porque todos outros acreditam que o sofrimento o causam outros; só a religião diz que o sofrimento o causa você. De maneira que a religião te faz o dono de seu destino. Você é a causa de seu sofrimento; portanto, *você* pode ser a causa de sua sorte.